

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS – GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

ENCONTRO DE BANDEIRAS: o ciclo festivo do Triângulo Mineiro

MÁRCIO BONESSO

SÃO CARLOS
2006

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS – GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

ENCONTRO DE BANDEIRAS: o ciclo festivo do Triângulo Mineiro

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de São Carlos como exigência parcial para a obtenção do título de mestre em Ciências Sociais sob a orientação do prof. Dr. Luiz Henrique de Toledo.
(Campo de pesquisa: Antropologia)

SÃO CARLOS
2006

**Ficha catalográfica elaborada pelo DePT da
Biblioteca Comunitária da UFSCar**

B712eb

Bonesso, Márcio.

Encontro de Bandeiras: o ciclo festivo do Triângulo Mineiro, São Carlos, Estado de São Paulo / Márcio Bonesso. -- São Carlos : UFSCar, 2007.
199 p.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal de São Carlos, 2006.

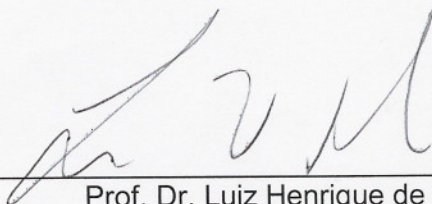
1. Antropologia. 2. Festas religiosas. 3. Rituais. 4. Cultura popular. 5. Folia de Reis. 6. Romarias. I. Título.

CDD: 301 (20^a)

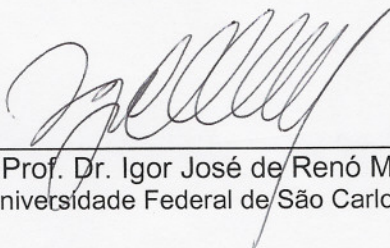
BANCA EXAMINADORA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE

Márcio Bonesso

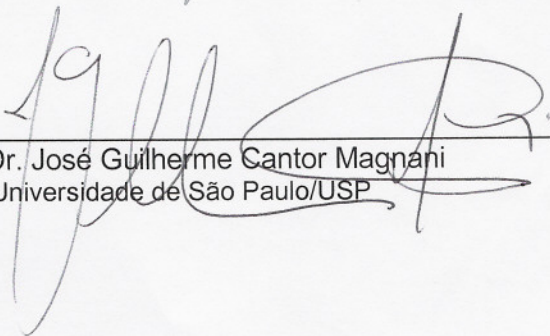
22/02/2006



Prof. Dr. Luiz Henrique de Toledo
Orientador e Presidente
Universidade Federal de São Carlos/UFSCar



Prof. Dr. Igor José de Renó Machado
Universidade Federal de São Carlos/UFSCar



Prof. Dr. José Guilherme Cantor Magnani
Universidade de São Paulo/USP

Orientador
Prof. Dr. Luiz Henrique de Toledo

Dedico esse trabalho a toda minha família

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar ao meu pai, minha mãe e a minha família por toda “infra e super estrutura” que me deram ao longo da vida. Agradeço a todos os romeiros, foliões, congadeiros, devotos e demais pessoas (mendigos, comerciantes, padres, assistentes sociais, voluntários, hansenianos...) que fizeram parte desta pesquisa.

Agradeço também aos meus professores do programa de Pós-graduação da UFSCar, especialmente meu orientador Luiz Henrique de Toledo que topou trabalhar com um *outsider* mineiro num tema que ainda por cima não é o seu. À banca examinadora composta pelos professores doutores José Guilherme Cantor Magnani e Igor José de Renó Machado. Aos professores Piero Leirnier, Maria da Glória Bonelli, Tânia Pelegrini, Karl Monsma pelas aulas e Jorge Vilela pelas dicas na qualificação. Agradeço a todos meus colegas de sala e de república, especialmente a amiga Milene Peixoto de Ávila. À FAPESP, que financiou dois anos desta pesquisa e ao parecerista da FAPESP que fez muitas críticas interessantes sobre meu trabalho.

Também não posso esquecer os professores da graduação da Universidade Federal de Uberlândia, especialmente ao meu ex-orientador João Marcos Alem, que me colocou e me ensinou muita coisa dessa vida de pesquisador e a todos os professores que me formaram cientista social, sobretudo Antônio Ricardo Michelloto, Paulo Roberto Albieri Nery, José Carlos Gomes da Silva, Eliane Schmaltz, Nízia Alvarenga, Mônica Abdala, Edílson Graciolli, Adalberto Paranhos, Elisabeth Guimarães e João Batista, que também contribuíram diretamente para o desenvolvimento desta pesquisa. Agradeço também ao professor Carlos Rodrigues Brandão pela disciplina que ofereceu como professor visitante do programa de pós-graduação da geografia da UFU.

Agradeço o amigo Danilo Bernardes que fez a revisão e ao Gilson Goulart pela diagramação e *design*; em especial às amigas Clarissa Andrade Souza, Fabíola Benfica Marra, Karla Bessa, Mariana Pinto Cortes e a todos meus amigos de graduação, da Amarelinha, da música, do universo jambolão, da capoeira e do futebol.

RESUMO

Esta pesquisa é um estudo etnográfico de Folia de Reis que abarca além dos rituais e práticas que criam suas condições de existência, os espaços de sociabilidade que lhe são contíguos. Portanto, descreve e interpreta tanto os elementos religiosos, que lhe caracterizam como uma das festas católicas de maior relevância, pois celebra justamente os santos reis, quanto aqueles que configuram uma nova dinâmica de ritmo, musicalidade e sentimentos que vêm e vão do cotidiano dos foliões para o repertório e estrutura da festa e, ao mesmo tempo, da festa para suas vidas.

A cidade de Romaria foi tomada como referência e ponto de partida para análise de outras festas da região do Triângulo Mineiro por ser justamente o lugar que reúne o universo mais diverso de fiéis e foliões e, de certo modo, um pólo de onde irradia um jeito de organizar e disseminar as festas (congadas, cavalhadas, folia de reis, dentre outras). A partir da década de 70, uma nova configuração de festas – os *encontros de folias de reis* - surgiu na cidade e se irradiou para várias outras cidades da região. Com a criação desses encontros uma nova forma de organização das folias de reis também surgiu – as *associações de folias de reis* – organização social de vários grupos de uma mesma cidade numa estrutura burocrática.

Outro foco deste trabalho é o diálogo com os intermediários culturais, tais como jornalistas, pesquisadores, músicos e artistas em geral que fazem das festas um ponto de partida para o que consideram ser a cultura popular. Destes intermediários, destaca-se a atuação de músicos que utilizam a linguagem das folias de reis e o trabalho de definições e caracterizações escritas criadas por jornalistas e pesquisadores. Em outras palavras, tanto o estudo etnográfico das Folias de Reis quanto da atuação dos intermediários culturais da região permitiram um debate teórico-conceitual que trouxe à tona uma reflexão sobre como a Antropologia, em outros estudos sobre religião, cultura popular e festas em geral tem mobilizado uma metodologia que permite compreender

práticas e subjetividades sem aprisioná-las na rede da hiper significação política permitindo, assim, um olhar ao mesmo tempo, desarmado e crítico. Só assim é possível perceber vida nas flores de plástico e seda que adornam as violas e os arcos que embalam e constituem passagem entre os territórios do sagrado e do profano e fazem da festa uma folia, de reis destronados.

ABSTRACT

This research is an ethnographic study of “Folia de Reis” , (a kind of catholic party of kings and merry-makers) that analyzes more than their rituals and practices, but also embraces the social spaces that comprise it. This work describes and interprets the religious factions of the party celebrating the Saint’s kings, as essential elements that together configure a new dynamic of rhythm, musicality, and feelings that pass from the daily life of the folioes (merry-makers) to the party itself, and from the party into their lives.

The city of Romaria is the major reference and departure point of the study because it is exactly the place from where many other parties were inspired and organized by other nearby towns. Romaria is also a place that receives very diverse and interesting types of people, who come to participate of the parties that occur here throughout the year, such as Cavalhadas, congadas, folia de reis, and so on. The bureaucratic organizations that institutionalize the party and their relationship with the community and with the church hierarchy are other aspects that are related to Romaria’s position as the central and most important catholic city within all of the Triangulo Mineiro region.

The last subject of this study is the dialog between the figures of the cultural intermediate such as journalists, researchers, musicians, and artists that in general make this religious party the starting point to approaching and understanding the popular culture. This research will underline the musicians acting and criticizes the *maniqueist* sight of authentic culture, mass culture, erudite culture, and popular culture. Together, the action of cultural intermediates and the ethnographic study of Folia de reis provides a conceptual and theoretic reflection that questions how Anthropology, as a form of knowledge, is building a new methodology that allows us to understand the practices and subjectivities without fixing them in a hyperpolitical signification, while, on the other hand, maintaining a critical viewpoint. Only in this manner is possible to perceive life in the plastic flowers that adorn the guitars and the arcs as the passing territory between the sacred and the mundane, and as the constitutive part of the party that makes the party merry, and makes the merry-makers kings without royalty.

Lista de Figuras

Figura 1 – Mapa do Triangulo Mineiro.....	26
Figura 2 – Palhaço Edivaldo de Monte Carmelo.....	53
Figura 3 – Palhaço Seu Rafael de Uberlândia.....	53
Figura 4 – Palhaços de Araguari.....	53
Figura 5 – Seu Cláudio Palhaço de Uberlândia em Romaria.....	54
Figura 6 – Palhaço Gaspar recebendo esmola em Romaria.....	54
Figura 7 – Palhaços de Monte Carmelo, Gaspar e Gasparina.....	54
Figura 8 – Folia do Oriente para Belém, apresentando-se no palanque em Romaira.	55
Figura 9 – Alferes Dona Maria Alice benzendo a folia e devotos na Jornada realizada para o voto de seu filho, bairro Morada Nova, Uberlândia.....	55
Figura 10 – A caixeira D. Divina com seu sobrinho, também caixeiro, na Capela dos Santos Reis em Uberlândia.....	56
Figura 11 – Seu Alair presidente da Associação das Folias de Reis de Uberlândia no encontro em Romaria.....	56
Figura 12 – Passagem do primeiro arco.....	91
Figura 13 – Os três reis magos.....	91
Figura 14 – Seu Norberto Nunes, fundador do encontro.....	91
Figura 15 – Preparação do almoço gratuito.....	91
Figura 16 – Devoto.....	92
Figura 17 – Folião com quadro de Santo Reis.....	92
Figura 18 – Sanfoneiro em cantoria.....	92
Figura 19 – Percussionista e alferes.....	92
Figura 20 e 21 – Folia de Reis do Capitão Batata.....	93
Figura 22 – Violino na Folia de Reis.....	93
Figura 23 – Pedagogia da Folia de Reis.....	93
Figura 24 – Tocador de puíta.....	94
Figura 25 – Seu Gaspar, presidente da Associação de Folias de Reis.....	94
Figura 26 – Alferes com bandeira.....	94
Figura 27 – Seu Brechó, presidente da Associação da Gruta.....	94
Figura 28 – Benção na cozinha.....	95
Figura 29 – Bandeiras na Lapinha.....	95
Figura 30 – Festeira chegando à Igreja.....	95
Figura 31 – Passagem da folia e devotos.....	95
Figura 32 – Santuário de Nossa da Abadia da Água Suja.....	138
Figura 33 – Vista geral da praça do Santuário.....	138
Figura 34 – Vista interna do Santuário.....	138
Figura 35 – Romeiros na BR 365.....	139
Figura 36 – Seu Charqueada pessoa muito querida na região.....	139
Figura 37 – Barraca de assistência aos romeiros mantida pela prefeitura de Uberlândia.....	140
Figura 38 – Em baixo à direita água quente para lavar os pés dos romeiros.....	140
Figura 39 – Romeiro lavando os pés com solução de água, manjericão e eucalipto.....	141
Figura 40 – Enfermeira atendendo a romeiro.....	141
Figura 41 – Romeiros descansando na barraca.....	142
Figura 42 – Pároco de Romaria Geraldo Magela.....	142
Figura 43 – Tecladista da folia Pena Branca.....	143
Figura 44 – Pedinte Seu José da Cidade de Romaria.....	143
Figura 45 – Barraca de mercadorias diversificadas em Romaria.....	144
Figura 46 – Barraca de bebidas em Romaria.....	144
Figura 47 – Capa do CD do Grupo Trem das Gerais.....	179
Figura 48 – Capa do CD do Projeto EmCantar.....	179
Figura 49 – Capa do CD Cantiga do Cerrado.....	180
Figura 50 – Capa do CD Encontro das Folias de Reis.....	180
Figura 51 – Capa do CD Zé Renato e João Clemente.....	181
Figuras 52 e 53 – Músicos regionais Luiz Salgado e Grupo Trem das Gerais.....	181

SUMÁRIO

Introdução.....	11
A Trajetória de Campo.....	15
Folia de teorias.....	19
Os Capítulos.....	24
Capítulo 1	
As Folias de Reis no Triângulo Mineiro (MG).....	27
Identificando os foliões.....	27
Os músicos e as músicas.....	34
As jornadas do Oriente para Belém.....	37
Pobres, mulheres, idosos, jovens e crianças nas folias de reis.....	52
Capítulo 2	
As Associações e os Encontros de Folias de Reis no Triângulo Mineiro (MG).....	56
As associações religiosas de leigos no catolicismo popular.....	59
Uberlândia: O mito da predestinação moderna e as associações leigas.....	63
As associações e os encontros de folia de reis em Uberlândia.....	67
As produções e os rituais dos encontros das folias de reis no Triângulo Mineiro.....	72
Capítulo 3	
Romeiros da Água Suja: os caminhantes da cultura popular em Romaria (MG).....	90
A devoção a N.S. da Abadia.....	101
A produção do ciclo de eventos em Romaria.....	102
Os encontros de folias de reis.....	103
As romarias.....	111
Os encontros de congos, catupés, moçambiques e marujos.....	121
As cavalhadas de São Benedito.....	128
Capítulo 4	
A Cultura Popular dos Intermediários Culturais.....	131
As definições de alguns acadêmicos, foliões, folcloristas, jornalistas, músicos e pesquisadores sobre as folias de reis e suas origens.....	135
As músicas caipiras, sertanejas e as folias de reis.....	140
A cena da música regional em Uberlândia e cidades do entorno.....	147
Bibliografia.....	165
Anexos.....	171

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa é resultado de um estudo sobre as festas do catolicismo popular na região do Triângulo Mineiro, Minas Gerais, que começou em agosto de 1997 e que culminou na monografia “*Romeiros da Água Suja: Os caminhantes das culturas populares em Romaria -MG*” (2000), apresentada ao Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de Uberlândia para a obtenção do título de bacharel.

O trabalho nesta etapa inicial foi fruto de um estudo etnográfico de três anos e meio, sendo dois anos com o apoio de duas bolsas de iniciação científica do CNPq/Pibic, sobre o ciclo das festas religiosas que ocorre no santuário de Nossa Senhora da Abadia de Água Suja, situado na cidade de Romaria.¹

Cidade sagrada da região do Triângulo Mineiro, Romaria nasceu dos garimpos de diamantes, em 1867. A exploração rudimentar transformou o manancial de águas límpidas em um córrego barrento, dando origem ao nome do povoado – Água Suja. Com a decadência das minas diamantíferas, a lenta expansão da agropecuária e a crescente expansão das romarias e outras festas que foram se acoplando à cidade, o santuário de N. S. da Abadia da Água Suja representa um dos núcleos mais importantes do catolicismo popular para a região.

Ele é procurado praticamente o ano todo para diversos eventos religiosos, incluindo romarias especiais, nos últimos meses do ano; encontros de folia de reis, no segundo domingo de janeiro; encontros de congadas, no último domingo de maio e as cavalhadas, nas duas últimas semanas de junho; mas a principal festa são as romarias à Nossa Senhora da Abadia, que ocorrem nas duas primeiras semanas do mês de agosto, culminando no dia 15, dia da santa padroeira dos romeiros.

¹ Nos últimos 6 meses de 1997 e no primeiro ano de bolsa (1998/99) estudei as romarias de agosto. Com a renovação da bolsa (1999/2000), estendi a pesquisa para os demais eventos que formam *o ciclo de festas* da cidade.

Neste evento, grande parte das pessoas peregrina a pé, dezenas e até centenas de quilômetros. A maioria dos romeiros caminha em estradas cheias de caminhões, todas esburacadas e com alguns trechos sem acostamento. Saem em direção a Romaria por volta do dia 6 de agosto, aumentando intensamente o movimento nos finais de semana. No santuário de N. S. da Abadia a heterogeneidade social dos romeiros manifesta, simultaneamente, sua diversidade cultural, podendo ser observada uma variedade de práticas ritualísticas a partir do evento principal, a romaria.

Outras pessoas se deslocam com a finalidade de montar barracas comerciais, sendo que um enorme *shopping center* popular é formado em quase todas as ruas da cidade. Moradores aproveitam para alugar calçadas, cômodos, garagens, instalações sanitárias, entre outros serviços. Pessoas da terra retornam para visitar familiares e louvar a santa padroeira. Grupos de mendigos e hansenianos também vão para cidade para esmolarem, grande parte chega em caravanas organizadas. Os bares da cidade ficam sempre cheios, muitos funcionam somente em épocas de romaria. Uma quantidade indescritível de pessoas se relacionam com e no evento. Assim, durante o período da festa, o pequeno sítio rural de aproximadamente 2.000 habitantes vira um grande acampamento urbano, onde se pode observar a efervescência das múltiplas práticas ali reunidas.

A partir desse estudo, que iniciou com a grande festa de agosto e que depois incorporou todo o ciclo de eventos da cidade, comecei a perceber como que as festas de Santos Reis e as festas dos santos negros Nossa Senhora do Rosário e São Benedito estão se configurando de maneira diferente, por meio de *encontros*. Na região do Triângulo Mineiro a produção desses *encontros* de folias de reis e do congado é realizada em inúmeras cidades, muitas com calendário fixo, facilitando a ida de grupos de outras cidades e formando um importante *circuito de encontros* programados.

O primeiro *encontro* que se tem notícia foi realizado em 1977 na cidade de Romaria, coincidentemente, foi de folia de reis e congado, juntos. No segundo ano os organizadores e os participantes decidiram separar o evento, ficando o *encontro* de folias de reis para o segundo domingo de janeiro e o de congado no último domingo de maio, datas que se mantêm até hoje. A partir daí, inúmeras cidades também começaram a realizar seus *encontros* influenciados pelos de Romaria.

Com a ida a vários *encontros* nessas outras cidades, acabei percebendo a também recente formação das *associações de folias de reis*, espaço institucional no qual diversas companhias de reis da mesma cidade se agrupam em organizações sociais registradas em cartório, com estatuto e divisões de cargos, entre outras diversas funções. A *Associação das Folias de Reis de Uberlândia* foi a primeira associação criada na região, em 1986. A disseminação das *associações* para as outras cidades da região também foi rápida. Diferente das *Irmandades de N.S. do Rosário e São Benedito*, como aponta toda uma literatura das “irmandades” e das festas de santos negros, existem no Brasil desde a época colonial e se mantêm ativa até os dias de hoje, na região do Triângulo Mineiro, desempenhando diversas atividades para os grupos afro-descendentes, entre elas a de organizar os *encontros* de congados. Como veremos, os *encontros* e as associações de folias de reis são organizações recentes que iniciaram suas atividades nos fins da década de 70, diferente do congado.

Outro fator muito importante para o desenvolvimento da pesquisa foi a minha inserção no cenário da música regional. A partir de 2000 comecei a tocar com o grupo Mano Véio, atual Viola de Nóis, grupo uberlandense que acompanha o cantor e violeiro Pena Branca, que fazia dupla com seu irmão falecido Xavantinho. Em seguida comecei a tocar com outros grupos regionais como o Projeto EmCantar, o grupo Expresso Caipira que acompanha o cantor e compositor Luiz Salgado e a Orquestra de Violeiros de Uberlândia. Com essa nova experiência musical associada às leituras e questões ligadas a minha pesquisa de graduação, principalmente a relação dos produtores diretos e intermediários na produção das festas, comecei a compreender que vários intermediários não eram interessados apenas em produzir ou gerenciar esses eventos, mas também em participar e contracenar em certos rituais das festas. Com o início do mestrado e a longa permanência nesses grupos musicais, outra questão aparecia de maneira recorrente: como esses grupos musicais e outros intermediários culturais (ong’s, empresas privadas, jornalistas, folcloristas) utilizam da linguagem dessas manifestações religiosas para além de seus espaços festivos?

Assim, para além do objetivo geral de descrever a diversidade de rituais e de sujeitos que participam das festas populares, pretendi investigar as formas de sociabilidade e o impacto das novas estratégias de produção cultural implantadas pelos nativos ou pelos agentes intermediários nas festas de religiosidade popular católica, a

partir de uma análise relacional entre esses agentes. Dessa forma o objetivo geral se desdobrou em investigar e compreender:

- 1) os diversos rituais que compõe os encontros de folias de reis;
- 2) as relações entre os agentes sociais que estão envolvidos nesses rituais;
- 3) as diversas motivações, quer de âmbito público ou privado, que levaram esses agentes a participarem desses rituais;
- 4) as posições sociais que estão sendo ocupadas *no* campo de produção dos *encontros*;
- 5) as posições sociais de quem gestiona e/ou tutela as *associações* de folias de reis;
- 6) as diversas estratégias e as práticas sociais implantadas pelos *novos agentes intermediários*, nas festas, nos rituais e em outros espaços.

Como objetivo específico, pretendi:

- 1) fazer um mapeamento e um calendário das *associações* e dos *encontros* investigando as suas diferentes formas de gestões e de configurações de encontros, cuja finalidade foi avaliar em que medida a burocratização, enquanto recurso de poder material dos agentes, se torna também recurso simbólico para manter ou redefinir determinados sentidos das festas.
- 2) elaborar uma amostragem sobre o perfil sócio-econômico dos sujeitos componentes dos grupos de folias de reis para situar suas posições sociais. Aqui trata-se de analisar;
 - 2.1) em que medida as relações sociais das festas e as relações com os intermediários culturais de outras extratos sociais modificam a posição dos produtores diretos das festas e os reposicionam na estrutura de poder local.
 - 2.2) verificar se as diversas transformações que ocorreram na composição desses grupos, com a migração para as cidades e suas relações com novos agentes, modificaram sua posição econômica-social ou se eles continuam partilhando o *ethos* de classe popular. Dessa forma, pretendi analisar as participações de pessoas de posições sociais como proprietários de terras, profissionais liberais, empresários, funcionários públicos, professores e intelectuais.²
- 3) verificar quais são as estratégias dos músicos, artistas, intelectuais pesquisadores, educadores, empresários e políticos em promover, difundir e/ou “resgatar” essas práticas “folclóricas”.

² É bastante notável a presença de professores e estudantes universitários em ternos de congos, moçambiques e catupés, como parte do processo de apropriação simbólica que as classes médias fazem dos rituais populares.

A Trajetória no Campo

Estudei praticamente toda minha vida em colégio burguês de freira, mas tinha, ou pelo menos achava que tinha, uma visão bem crítica sobre o catolicismo e a religião em geral, sendo talvez esse um dos principais motivos para fazer graduação em ciências sociais. Na realidade minha idéia quando adolescente era virar um cientista crítico das religiões, mesmo sem saber direito o que era sociologia, antropologia e religião. Até que um dia, já na faculdade, fui pela primeira vez na cidade de Romaria com uma equipe de alunos e meu orientador de graduação.

Então - de uma maneira bem romântica – percebi que aquilo que estava presenciando: romeiros, mendigos, pessoas com várias mutilações, folias de reis, congadeiros e moçambiqueiros, músicas, danças, coloridos, cheiros diferentes, sacrifícios inimagináveis, tais como carregar uma grande cruz enorme de madeira por oitenta quilômetros, ou idosos em situações de risco, como um ancião de cem anos peregrinando de bicicleta “barra forte” ao lado de caminhões e estradas esburacadas. Era um outro tipo de catolicismo e de religião bem diferente daquele na qual fui educado e a partir dali tive uma grande vontade de estudar essas festividades nomeadas de cultura popular.

O estudo clássico do antropólogo americano Clifford Geertz *“Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura”* (1978) foi decisivo para essa escolha teórico-metodológica da pesquisa, ao demonstrar que o estudo etnográfico representa uma forma de conhecimento muito sofisticada, diferente do que é pensado por alguns cientistas políticos e sociólogos. O autor aponta para uma etnografia que não seja somente um conjunto de técnicas de pesquisa (relacionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, manter um diário), mas um tipo de esforço intelectual que representa um risco elaborado na forma daquilo que ficou conhecido por descrição densa. Como comenta Geertz ao explicar que a cultura é pública, o risco de se fazer uma etnografia é como tentar ler um manuscrito cheio de emendas, desvios, comentários tendenciosos que por mais frágil que seja, torna-se um instrumento metodológico poderoso. *“É um conjunto de texto que o antropólogo tenta ler por sobre os ombros do nativo”* (1978:321). Nesse sentido, o pesquisador não vai conhecer seu objeto apenas por meios estatísticos e documentais, mas também “em carne e osso”, mesmo que este

outro esteja bem próximo e partilhe com ele muitos dos valores e visão de mundo, estando ambos numa mesma cidade.

Como nesta época estava muito mais interessado nas abordagens estudadas por autores muito lidos na sociologia da religião, tais como Weber (1991), Bourdieu (1974), (1986), (1994) e Peter Berger (1995), comecei a me interessar e tentar articular mais essas discussões sociológicas com os estudos etnográficos sobre as festas religiosas, principalmente a partir de Carlos Rodrigues Brandão (1989), (1977), (1974), (1986), (1978), (1985), (1982) e Canclini (1982); aspectos metodológicos em Roberto Cardoso de Oliveira (1998), Ruth Cardoso (1997) e mais tarde com Marisa Peirano (1995) e José Guilherme Magnani (1996) e (2002).

Delimitei inicialmente apenas a romaria a N.S. da Abadia, festa grandiosa com vários sujeitos sociais e vasta bibliografia. Descobri, por meio de entrevistas, convivência nas estradas com os romeiros e pessoas que dão assistência, um aspecto maravilhoso nessas peregrinações (aquilo que apreenderia mais tarde na leitura de Turner (1974) sobre as *comunidades*). Ao mesmo tempo, vi coisas impressionantes na cidade: hansenianos, pessoas mutiladas ficando o dia inteiro pedindo esmola com crianças no colo, um enorme comércio *kitsch* cheio de produtos falsificados, importados, mas que também vendiam utensílios básicos e baratos para o dia a dia, “uma mão na roda” para os moradores, como comentavam alguns. Foi possível notar, ainda, a falta de paciência de alguns padres com os pedintes e a mudança no cheiro da cidade durante a festa. Comecei a ir sistematicamente à cidade de Romaria e a problematizar o que se tornaria objeto deste estudo.

O recorte da pesquisa aumentou para todo o ciclo de festas da cidade composta pelos encontros de Folias de Reis, encontros de Congados, Cavalhadas de São Benedito e a romaria a Nossa Senhora da Abadia. Isso gerou riscos enormes. Como estudar quatro festas diferentes com leituras, teorias e interpretações das mais variadas?

Apesar de ter me tornado um bacharel a pesquisa ficou cheia de problemas em função da vasta literatura sobre os temas, da fusão que tentei fazer entre perspectivas sociológicas e antropológicas, além dos temas transversais e o uso de conceitos de inspirações teóricas diversas, tais como cultura popular, festas, teoria dos rituais, raça, identidade, conceito de religião, intermediários culturais.

Por outro lado, a formulação para o projeto de mestrado estava caminhando bem: a grande amizade que fiz com vários foliões e congadeiros, as músicas, o grande material etnográfico que tinha em mãos e também por perceber através da experiência empírica um novo fato etnográfico e um novo objeto de estudo - a nova configuração de festas dos congados e das folias.

Todas estas experiências acabaram por me ajudar a delimitar melhor o eixo da pesquisa, e focar nos encontros de folias de reis. Talvez, por tocar instrumentos de cordas e também pelo grande número de pesquisadores do congado em relação aos pesquisadores de folias de reis, priorizei os estudos dessas manifestações sem querer perder de vista a relação e o trânsito com as outras festas, visto que muito foliões também são congadeiros e romeiros.

Optei, então, por focar a “Folia de Reis”, delimitar o objeto, mas estudar várias cidades. O objetivo principal dessa estratégia é compreender a rede de sociabilidade dessas festas de uma maneira mais ampla do que a colocada pela literatura mais recorrente sobre o tema. Quis compreender o circuito de eventos, as diversas formas e interação dos vários agentes sociais presentes nelas. Ao mesmo tempo, não queria perder de vista o ciclo de eventos que acontece na cidade de Romaria. Como muita coisa surgiu e acontece lá e a cidade é um centro aglutinador de devotos e irradiador dessas novas configurações de festa para toda a região, percebi a necessidade de manter o ciclo de festas de Romaria como uma espécie de elo entre as festas de folias de reis e as outras festas importantes do calendário do catolicismo popular na região.

Com a minha aprovação em 2003 no programa de pós graduação em ciências sociais da Universidade Federal de São Carlos e com uma bolsa de dois anos da Fapesp passei a fazer trabalhos de campo mais aprofundados em várias cidades da região, visitando periodicamente os encontros de Uberlândia, Araguari, Patrocínio e Indianópolis, além de ter visitado com menos frequência outras cidades como Uberaba, Coromandel, Araxá, Campos Altos, Serra do Salitre. Minha idéia era fazer um quadro etnográfico mais amplo dessas festas, visto que as maiorias das etnografias se restringiam ao estudo de uma festa em uma cidade. Ciente da perda de profundidade para ampliar e comparar um pouco mais quem são os agentes que participam dessas festas me surpreendi em saber que mesmo com um sofisticado grau de burocratização na organização desses eventos e com o interesse de inúmeros sujeitos intermediários em

participar e produzir tais eventos, a maioria das festas e das associações é organizada pelos próprios foliões.

Outro fator de surpresa na pesquisa foi constatar que mesmo com a criação de palcos e infra estrutura de *shows pop* além de outros elementos que aparentemente “transformariam essas festas religiosas em espetáculo da indústria cultural ou em comércio”, a relação de reciprocidade entre folia de reis/devotos/santos reis permanecia muito presente e da mesma maneira como acontece em pequenas festas em fazendas e nas periferias realizadas para se conseguir algum tipo de graça.

Sem a pretensa idéia politizada de idealizar as folias de reis como uma manifestação de resistência cultural ou de conformismo, no caso dos intermediários culturais “tomarem a produção da festa das mãos dos devotos e dos foliões”, constatei como os vários devotos utilizam o espaço desses encontros também para cumprir promessas além de outras motivações impossíveis de serem apreendidas no recorte analítico consciência/alienação. Na verdade, essas grandes festas servem atualmente como um espaço aglutinador de reciprocidade entre os três sujeitos da festa (folia/santos reis/devotos), pois agora vários devotos (e não só o festeiro caso mais comum nas festas menores) cumprem suas promessas e votos nesses espaços independente de quem a produz ou gestiona.

Durante o percurso do mestrado não me senti por satisfeito em estudar apenas as relações entre nativos e intermediários culturais nos espaços das festas. Pensava que, como fazia parte da cena da música regional e a maioria dos artistas dessa linhagem exaltavam em shows e nas gravações de cd a cultura popular, poderia me utilizar desta prerrogativa para fazer desta experiência também um campo de observação. Portanto, para além da atuação dos intermediários culturais nas festas, o campo musical possibilitou uma abertura do olhar etnográfico para interpretar como essas vivências musicais utilizam da linguagem da cultura popular para além do espaços festivos. Era uma oportunidade de realizar um trabalho um pouco diferente de outros sobre festas populares.

Folia de Teorias

Com o objetivo de identificar os agentes produtores diretos e intermediários das romarias e dos outros eventos acoplados ao ciclo de festas da cidade de Romaria, busquei na monografia “*Romeiros da Água Suja...*” compreender como se dá o processo de produção desses eventos e quais as posições sociais que esses produtores ocupam numa *economia das trocas simbólicas* do campo de produção das festas.

Contudo, esse recorte mais institucional sobre as festas me possibilitou uma aplicação “muito pura” e clara das noções de campo, *habitus*, violência simbólica, burocratização, investidura, porta-voz autorizado, entre outras noções, utilizadas pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu (1974, 1986, 1994).

Outros objetivos como identificar os demais sujeitos e compreender os diversos sentidos que orientam suas condutas nos rituais também foram verificados num plano de análise mais institucional. Novamente lancei mão da teoria de Pierre Bourdieu para compreender as lutas simbólicas que eram travadas nos rituais³ e junto a isso comecei a conhecer outras discussões mais antropológicas⁴ que me despertaram o interesse de estudar as festas numa perspectiva das teorias dos rituais. Afinal, percebi empiricamente que na maioria das situações rituais da festa as categorias “burdiesianas” se aplicavam em apenas alguns níveis de análise.

³ Em sua concepção, os rituais possuem uma expressiva eficácia simbólica de dar sentido a vida das pessoas, consagrá-las e diferenciá-las do restante do público. *Os ritos de instituição conseguem fazer crer aos indivíduos consagrados que eles possuem uma justificação para existir, ou melhor que sua existência serve para alguma coisa* (Bourdieu, 1982:106). Portanto, quando uma pessoa faz parte de um ritual ela se livra da insignificância. Os participantes são investidos de sentimentos, funções sociais, status, que dão sentido a sua vida. É importante perceber que, mesmo entre os participantes consagrados, existe uma ou algumas pessoas – o *porta voz autorizado* – que detêm o poder delegado pelo grupo participante, de nomear as funções de cada um presente e de representar a coletividade. A necessidade do *porta voz autorizado* é de se apresentar e de ser reconhecido como legítimo. Para isso deve agir com competência falando em nome da coletividade que está representando. Cada *porta voz* possui uma *investidura*, um investimento (gradações, cursos, dons divinos, carisma, competências, hereditariedade, etc.) naquilo que é especialista. A coletividade representada julga as nomeações do *porta voz* e caso suas decisões não sejam sancionadas ele perderá prestígio e tornará um *porta voz desautorizado*. Por outro lado, se a coletividade representada santificar suas nomeações o *porta voz* continuará sendo legitimado pelo grupo que representa.

⁴ Aqui vale mencionar as diversas obras de Brandão (1974), (1977), (1978), (1985), (1986), (1989); DaMatta (1990); Turner (1974); Steil (1996); Amaral (1998); Montes (1996-97); Soihet (1998); Cavalcanti (2002); Segalen (2002).

Havia processos rituais em que as “lutas simbólicas” não eram travadas, pelo contrário, as relações entre as pessoas eram permeadas muito mais por “trocas afetivas” ou as chamadas festas-potlatch, com diz Cavalcanti (2002). A partir da leitura de Segalen (2002), percebi que “*Pierre Bourdieu antes enfoca as personagens sociais centrais na cerimônia, aquelas que são instituídas, aquelas que instituem, eliminando o resto das ‘seqüências cerimoniais’, conforme as denomina Van Gennep*” (:52) eliminando também os demais sujeitos que participam dos rituais sem intenções de comando.

Então, percebi que outros tipos de trocas eram realizadas pelas pessoas *em festa*, bem aos moldes das relações de dádiva escritas por Marcel Mauss (2003). Como ele diz, na nossa moral ocidental há ainda uma atmosfera de dádiva onde existe uma dimensão com valor sentimental para além das classificações e trocas simbólicas em termos de compra e venda ou de lutas. Além disso, comecei a compreender que a própria idéia de dádiva incluía, além desse “valor sentimental”, uma dimensão de conflito quando algum sujeito quebra de alguma maneira a relação de troca.⁵ No caso específico das folias de reis é consenso entre foliões e devotos afirmar que santos reis é um santo muito milagroso, mas quando algum sujeito não cumpre o voto ou faz alguma coisa de mau agrado eles se tornam santos vingativos.

Portanto, a passagem da graduação para o mestrado, implicou numa revisão teórico-metodológica e num maior diálogo entre as teorias dos ritos de passagem de Turner (1974), DaMatta (1990), a obra de Mauss (2003) e uma literatura mais antropológica das festas brasileiras.

Assim, o estudo proposto se insere em uma discussão teórica da maior importância ao considerar que as relações sociais que ocorrem durante e no entorno da festa e outras relações fora da festa, que utilizam a linguagem das folias de reis, não se limitam unicamente ao campo religioso brasileiro ou à definição clássica do religioso. De acordo com Giumbelli (2002), as religiões e o conceito ‘religião’, como objetos antropológicos não devem levar em conta as representações criadas apenas pelo grupo de especialistas religiosos, mas relações, controvérsias e intervenções que, partindo de outros agentes sociais, efetivamente o atingem. Ao estudar as “seitas” na França e a Igreja Universal do reino de Deus no Brasil o antropólogo teve como principal objetivo

⁵ Sobre o assunto ler: Oliveira (1985), Martins (2002), Caillé (1998) e (2002) e Godbout (1999) e (1998).

fazer um deslocamento de foco, cujo resultado consistiu na observação direta das controvérsias públicas que se constituíram em torno de grupos identificados como religiosos.

Adotar o modelo de separação do religioso enquanto uma esfera autônoma de práticas e representações sociais jamais se realizou historicamente, por isso Giumbelli sugere que para se compreender os dispositivos de regulação do religioso necessitamos analisar as controvérsias deste campo com os demais campos: político, jornalístico, intelectual, etc. Da mesma maneira, desejamos compreender como as folias de reis se envolvem em redes de sociabilidades mais amplas, pouco notadas em trabalhos acadêmicos que descrevem apenas os agentes que participam das festas e os foliões. Um exemplo é a cidade de Uberlândia, um dos focos principais deste estudo, na qual inúmeros sujeitos contracenam com as folias de reis em dias de festas e em outros dias. Portanto, considero que as relações inter-pessoais e sociais da festa não se limitam unicamente ao campo religioso brasileiro, envolvendo, também, campos mais amplos, como o da *produção cultural brasileira* e campos específicos, como das *músicas folclóricas/caipiras/sertanejas*.

Os Capítulos

A dissertação contém quatro capítulos e para ordená-los decidi criar uma estratégia diferente. O mais óbvio seria começar descrevendo o ciclo de festas da cidade de Romaria, que iniciei na graduação e depois partir para os outros encontros, as associações e os intermediários culturais. No entanto, comecei a narrativa pelo meio, por alguns motivos que serão apresentados no decorrer do tópico.

No primeiro capítulo, apresento o primeiro motivo: discuto a formação e os personagens das folias de reis no âmbito interno e aos poucos vou ampliando sua rede de sociabilidade, demonstrando a relação folia de reis/devotos/santos reis. Para isso, identifiquei em primeiro lugar os personagens da folia; alferes, capitão, palhaço, músicos e instrumentistas. Em segundo lugar, fiz uma etnografia do grupo do *Oriente para Belém* de Uberlândia, para demonstrar como um grupo de folias de reis interage com santos reis e devotos. Por fim, decidi incorporar um tópico mais sociológico para

compreender o perfil do folião na região, por meio de questionários aplicados em Campos Altos e Romaria.

No capítulo dois pretendi ampliar mais ainda a rede de sociabilidade das folias, conectando a rede demonstrada no capítulo anterior com a nova configuração das festas – os encontros de folias de reis e as associações de Santos Reis. Nesse aspecto, considere necessário desfocar ligeiramente o objeto central da pesquisa e fazer uma inserção histórica sobre os estudos e a literatura das irmandades no Brasil. Afinal, toda literatura sobre o assunto aponta a existência de vários leigos católicos cuidando dessas irmandades, que possuíam sofisticadas estruturas burocráticas. Assim, essa literatura demonstra um aspecto contrário à literatura sobre cultura popular que interpreta as manifestações populares como manifestações espontâneas. Se observarmos bem, muito do catolicismo da época colonial foi gerenciado por leigos via irmandades de santos.

Mas a parte central do capítulo é a etnografia sobre a produção dos encontros, das associações e dos rituais em inúmeras cidades do Triângulo Mineiro e Brasília (DF), encontro que incorporei porque foi produzido por um produtor cultural nascido em Coromandel. As cidades etnografadas são: Uberlândia, Patrocínio, Araguari, Indianópolis, Araxá, Uberaba, Campos Altos e Coromandel. Para a leitura não ficar muito técnica decidi diversificar pontos diferentes em cidades diferentes.

No capítulo três escrevo sobre a cidade de Romaria colocando-a como uma espécie de exemplo emblemático das festas religiosas na região. Mostro como as festas tornaram-se importantes e essenciais para a economia da cidade, além de ser um núcleo de aglomeração de muitos católicos da região e do Brasil inteiro.

Depois descrevo o ciclo de eventos da cidade, mostrando a importância dessas festividades para os católicos da região. Faço uma descrição de cada festa. Nesse aspecto, vale confessar que as outras três festas do ciclo (romarias, congados, e cavalhadas) foram narradas de uma maneira mais simples. Decidi mantê-las para permitir ao leitor uma idéia do trânsito que alguns sujeitos fazem nessas festas e demonstrar também a importância delas para a cidade de Romaria e para os devotos do Triângulo Mineiro. Na verdade, não foi por uma escolha em detrimento das festas em si e sim porque aprofundá-las demandaria um estudo cujo tempo de duração do mestrado não pôde permitir. Somente por isso estas festas não tiveram o peso que mereciam.

Apesar das inúmeras sugestões de colocar esse capítulo como primeiro, decidi colocá-lo no meio para que o leitor saiba antes de ler a etnografia da cidade sagrada, quais são os personagens e a formação das redes de sociabilidade das folias de reis.

No quarto capítulo, faço uma breve discussão sobre como os intermediários culturais utilizam a linguagem das festas para além dos espaços festivos. Busco compreender como jornalistas, folcloristas e pesquisadores acadêmicos definem conceitualmente as folias de reis e tentam criar uma origem (im)precisa sobre essa manifestação. Ao ler reportagens sobre as folias de reis percebia como alguns jornalistas locais escreviam coisas totalmente distantes da realidade das folias de reis da região estudada. Com certeza, buscavam por meios de livros como do grande folclorista Câmara Cascudo, definições conceituais sobre as folias de reis diferentes dos fatos etnográficos da nossa região afinal, muitos desses folcloristas escreveram em épocas e regiões diferentes, utilizando outras simbologias tais como: outros instrumentos musicais, outras definições de funções rituais e de organização social do grupo.

Alguns trabalhos de folcloristas e acadêmicos, incluindo minha monografia, exageram ao tentar generalizar algumas coisas que são bem específicas e diversas, como por exemplo, a cor vermelha das fitas das folias. O pesquisador coleta uma ou duas informações sobre o significado da cor com um ou dois capitães e generaliza essa definição para todas as folias da região ou até mesmo para todas as folias do Brasil. Isso é muito comum.

Para finalizar este capítulo, escrevo sobre a cena da música regional tentando refletir sobre como os artistas vêem seus trabalhos, como os relacionam com a linguagem da cultura popular e como se distinguem das novas duplas sertanejas tão criticadas por eles. Ali, abordo o discurso bastante maniqueísta desses agentes atribuindo aspectos positivos para as manifestações populares e seus trabalhos e aspectos negativos para o trabalho das novas duplas sertanejas.

AS FOLIAS DE REIS NO TRIÂNGULO MINEIRO (MG)

Identificando os foliões

No dia 6 de janeiro, celebra-se em vários países de tradição católica o dia dos Reis Magos. As referências míticas a esses personagens estão numa pequena passagem bíblica sobre o nascimento de Jesus, escrita por Mateus.⁶ Na Europa Medieval, as produções de autos natalinos eram comuns e incluíam os reis Magos como personagens solenes. Em Portugal, eles eram celebrados através de danças, representações teatrais, músicas e procissões. Alguns autos natalinos, como os do teatrólogo Gil Vicente, tornaram-se conhecidos mundialmente, e o são ainda hoje. No Brasil, os reis Magos – Baltazar, Belchior e Gaspar – transformaram-se em Santos Reis e são louvados por milhares de devotos em várias regiões. Esses festejos natalinos foram incorporados naturalmente pelos colonizadores portugueses que já os celebravam em Portugal, além de fazer parte das dramatizações de catequese que os padres jesuítas trouxeram com o intuito de expandir o catolicismo aos índios e negros. Inserida entre essas comemorações do ciclo natalino, a folia de reis tornou-se uma das expressões mais sólidas do catolicismo popular brasileiro, se espalhando até os dias de hoje até inúmeras localidades de vários Estados.

Esses grupos, formados por familiares, vizinhos, amigos e colegas de trabalho, criaram importantes redes de sociabilidade, abrangendo devotos, Santos Reis, festeiros,

⁶ Quando Jesus nasceu em Belém alguns Magos vieram do Oriente a Jerusalém. Dizendo: Aonde está, aquele que é nascido rei dos Judeus? Porque vimos a sua estrela no oriente e viemos a adorá-lo. Então, rei Herodes sabendo disso chamou os Magos secretamente e pediu-lhes para avisá-lo quando encontrasse o menino, pois ele também queria “adorá-lo”. Os reis partiram de Jerusalém e a estrela ia adiante deles, até que chegando em Belém, a estrela guiou o local onde Jesus, Maria e José estavam. Entrando na casa, acharam o menino com Maria sua mãe, e prostrando-se o adoraram; abrindo seus tesouros, lhe ofertaram dádivas, ouro, incenso, mirra e através de uma divina revelação por meio de sonhos os reis Magos partiram para sua terra por outro caminho, para que não encontrassem novamente o rei Herodes (Cap.2; Vers. 2-12).

padres, fazendeiros, etc., sendo que nos últimos anos essa rede de sociabilidade se expandiu bastante e incorporou novos sujeitos interessados em pesquisar, filmar, fotografar, escutar as músicas, patrocinar, rezar; enfim, conhecer, contracenar e utilizar a sua linguagem em lugares e ocasiões diversas que extrapolam o universo da festa e dos rituais.

Em as *Folias de Reis em Mossâmedes* (1977:4) Carlos Rodrigues Brandão caracteriza as folias como “*um grupo precatório de cantores e instrumentistas, seguidos de acompanhantes, e viajores rituais, entre casa de moradores rurais, durante um período anual de festejos dos ‘três Reis Santos’, entre 31 de dezembro e 6 de janeiro*”. O traço precatório da folia assim se explica em suas jornadas de casa em casa, quando o grupo de foliões pede dinheiro, comida e mantimentos aos devotos para realizar as festas em louvor aos três reis Magos. Em retribuição a folia age como o principal elo mediador de trocas mágicas entre esses devotos e os santos reis: milagres e curas impressionantes são intercedidos pelas folias de reis. Em algumas casas cujos devotos nada têm para oferecer devido à situação financeira, algumas folias deixam mantimentos ou dinheiro.

O capitão João Clemente, de Uberlândia (MG), explica essa característica precatória da folia:

Nossa Senhora falou pra eles [os santos reis] que se eles quisessem adorar o menino Deus era pra eles saírem pedindo esmolas, né, então eu aprendi assim e assim eu faço. Eu saio pedindo esmola e eu agradeço a esmola, ou donativo, ou auxílio, que é a mesma coisa, né, e é por aí... prenda é de qualquer coisa, é feijão, macarrão, é qualquer coisa, até uma caixa de fósforo que a pessoa dá. Se a pessoa não tiver nada pra dar, ela fala “infelizmente vocês me pegaram desprevenido, nós não tem nada pra dar”. Nós tem a obrigação de cantar assim mesmo, pedir a Deus para ele na próxima vez ter pra dar. A obrigação do capitão é cantar para aquele que não tem nada também, pedir a Deus que abençoe ele e que na próxima vez ele tenha pra dar.”⁷

Embora seja uma festa oriunda do Brasil rural — origem essa enfatizada por Brandão, que fornece elementos importantes para a compreensão do espaço ritual onde essas manifestações se difundiram — atualmente as folias não passam apenas em locais rurais⁸. Com o processo de urbanização das últimas cinco décadas, muitas folias de reis acompanharam a grande migração rural e se deslocaram para a cidade onde formam grupos urbanos que transitam principalmente nas periferias.

⁷ Entrevista realizada em setembro de 2004, folia do Oriente para Belém de Uberlândia (MG).

⁸ Para não parecer injusto com o autor que neste trabalho definiu a folia de reis de Mossâmedes - pequeno povoado rural de Goiás - é importante ressaltar que Brandão está ciente desse processo de urbanização das folias de reis. Em *O que é Folclore* (1982), ele dedica um tópico especial à migração das folias para contextos urbanos como o estudo de uma folia de reis na capital carioca — Morro da Mangueira — e outras capitais como São Paulo, Goiânia e Belo Horizonte.

Na região do Triângulo Mineiro, as hierarquias e as funções dos participantes nas folias são definidas com base nas posições ocupadas nos rituais. Normalmente, são capitães⁹, alferes¹⁰, palhaços¹¹, cantores e instrumentistas. Cada um cumpre uma ou várias funções, e, com exceção do alferes e do palhaço, todos os foliões desempenham funções musicais: alguns são cantores, outros são instrumentistas, e há ainda os que desempenham as duas funções. Não há regras para a composição numérica das folias. Algumas têm mais de 25 componentes, enquanto outras contam com sete ou oito foliões. Há relatos da existência, na cidade de Patos de Minas, da Folia de Um, que, apesar de ter apenas um folião, realiza a jornada abençoando a casa de devotos da mesma maneira que uma folia completa.



Figura 1 - Fonte: Instituto de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia.

O *alferes* é o folião que segue à frente da folia e carrega a bandeira. Há consenso entre foliões e pesquisadores quanto ao símbolo da bandeira: acreditam que ela seja o símbolo mais sagrado da folia de reis. Ela também é o principal símbolo de comunicação entre o folião e o devoto nos rituais de visitação às casas. Em grande parte das folias de reis, os foliões e acompanhantes não podem ultrapassar nem andar à frente do alferes por causa da bandeira. Até mesmo quando as folias cumprem a jornada utilizando um

⁹ Os capitães também são chamados de embaixadores, presidentes, mestres. Em alguns lugares, o nome de guia também é dado ao capitão.

Os alferes também são chamados de guia, tesoureiro, bandeireiro, madrinha de bandeira.

¹⁰ Os alferes também são chamados de guia, tesoureiro, bandeireiro, madrinha de bandeira.

¹¹ O palhaço também tem outras nomeações como: gasparina, catirina, cutufina para as palhaças; e boneco, bastião, espantalho, marungo, Baltazar, Belchior, Gaspar, João Urubu, Caetano para os palhaços. Vale lembrar que devem existir outras denominações para esse personagem.

caminhão como transporte, os alferes ficam na frente de todos os foliões e dos demais acompanhantes.

Nas visitas às casas, são eles quem conversam durante os rituais de cantorias com os proprietários, indicando a estes quais condutas devem seguir no ritual. O alferes é um personagem apto a se comunicar, pois ele não canta nem toca instrumento algum, podendo assim conversar com o capitão, com os devotos ou qualquer outra pessoa que queira se comunicar com os foliões na hora das cantorias. É uma espécie de tesoureiro: recebe os alimentos, utensílios e dinheiro doados pelos devotos à folia. Eles também indicam o momento certo para os devotos benzerem os cômodos de suas casas com a bandeira e ainda é o responsável por passá-la no corpo das pessoas presentes, com o intuito de benzê-las.

Em janeiro de 2004, ocorreu um episódio bastante significativo com um alferes numa festa tradicional na zona rural de Uberlândia, na região Mata dos Dias, Distrito de Martinésia. A folia vinha caminhando de uma casa visitada para a casa do festeiro e alguns meninos quiseram passar na frente da bandeira, isto é, ultrapassar o alferes que carregava a bandeira para chegar mais rápido na casa da festa. O alferes não deixou as crianças ultrapassarem a bandeira, ensinando-as a importância de o símbolo andar na frente das pessoas. Depois de uns cinco minutos de caminhada, uma equipe com fotógrafo, cinegrafista e jornalista contratados pela empreiteira Vale do Rio Doce, construtora de duas usinas no local, que está fazendo um trabalho de resgate histórico da região que será alagada – ultrapassou a bandeira e o alferes não chamou a atenção deles. É interessante notar que nesse caso a comunicação com esses sujeitos é feita mais pelo capitão e não pelo alferes. Em relação às crianças, percebe-se que elas são das famílias dos devotos e necessitam aprender corretamente os códigos das folias de reis.

O tempo de permanência na função varia em alguns lugares, como em Mossâmedes (GO), onde o cargo é rotativo e a cada ano uma pessoa o assume. Em outras companhias e em outros lugares, o cargo do alferes pode ser fixo. Em Uberaba, o alferes da folia da Baixa — cuja história foi contada no livro *Em Nome de Santos Reis*, de Fontoura, Celulare e Canassa (1997) — está no cargo há muitos anos:

O alferes Teófilo ocupa a função há mais de 40 anos. É chamado “bandeira”, por seus companheiros, e anda em cumprimento a uma promessa relacionada com saúde. Sempre carrega a bandeira na frente de outros foliões, tanto a pé, nas estradas rurais, como em cima das carretas, junto aos outros membros da folia, com muito cuidado. É uma presença silenciosa e todo dinheiro arrecadado é colocado em uma pequena cesta afixada na bandeira, protegida por ele. (1997:43)

Os *capitães* são tidos como uma espécie de porta-vozes dos foliões e quase sempre respondem pela companhia perante todos os sujeitos externos ao grupo. É habitual que mesmo com um nome próprio, a folia seja também conhecida pelo nome do capitão. São eles que iniciam as cantorias e guiam a resposta dos demais foliões que os acompanham. Geralmente são eles que negociam a jornada com os devotos e falam com repórteres, pesquisadores, políticos e padres em nome do grupo.

Cabe ressaltar que, mesmo entre os participantes consagrados de um ritual como das folias de reis, há uma ou mais pessoas — o *porta-voz autorizado* — que detém o poder delegado pelo grupo participante de nomear a função de cada um presente e representar a coletividade. Neste aspecto vale lembrar a argumentação teórica de Bourdieu (1982), quanto à necessidade de o porta-voz autorizado dever agir com competência e falar em nome da coletividade representada por ele.

Para o folião Baltasar Teixeira¹², o posto de capitão foi herdado do pai: “*sou [capitão] tem muitos anos. Lembro que meu pai foi capitão de folia 46 anos, aí ele adoeceu e ele passou o cargo pra mim*”. Muitos foliões comentam que começaram “lá de atrás”¹³, tocando caixa, fazendo a sétima, sexta, quinta, quarta, terceira, segunda, até chegar à voz do capitão. Outros começaram tocando instrumentos de corda e fazendo as primeiras vozes mais graves. Assim, muitos foliões galgam um sistema hierárquico dentro da companhia até chegar à função de capitão.

Os *palhaços* são os personagens mais polêmicos das folias de reis, como comenta um folião de Patrocínio (MG):

*Meu pai não gostava muito de palhaço, por ele ter dois significados: um é que ele representa a outra força. Quando rei Herodes pediu para perseguir Jesus Cristo, mandou homens disfarçados, e disfarce quem usa é palhaço; agora, por outro lado, a outra interpretação é no seguinte sentido: que os reis mandaram as pessoas disfarçadas para entreter o rei Herodes, para passar o Cristo para o outro lado.*¹⁴

Definições como essa, de foliões e de pesquisadores, explicitam bem as controversas representações e funções que eles desempenham nas folias de reis. Em algumas folias, o palhaço pode ter uma justaposição de funções entre a dos capitães e dos alferes, tornando-o um personagem sem muita posição definida. Segundo alguns relatos, quando as companhias estão em jornadas, principalmente na zona rural, os palhaços têm outras funções: espantar cachorros e bois bravos, identificar as casas onde a folia é esperada,

¹² Entrevista com o capitão da folia Nossa Senhora do Patrocínio, cidade de Patrocínio (MG), 2004.

¹³ Os caixeiros sempre ficam nas últimas colocações por causa da intensidade do seu instrumento.

¹⁴ Entrevista com folião do grupo Karina Muranga, Patrocínio (MG), 2004.

providenciar abrigos para o pernoite e o lugar das refeições, perceber se tem outra folia no caminho¹⁵, dentre outras tarefas, em geral realizadas nas cidades pelos capitães ou alferes.

Como comenta seu Cláudio um dos poucos palhaços de Uberlândia: “*Chegou numa casa e o morador não aceitou o palhaço, a folia não entra, pois o palhaço é o guardião da bandeira. Mas ele pode entrar até no meio da casa, se passou disso, ele passou do limite dele*”.¹⁶ Dessa maneira o folião associa a figura do palhaço com a do alferes. Na opinião do folião Zezinho, de Abadia dos Dourados (MG), o palhaço já é associado mais à figura do capitão: “*o palhaço é a autoridade da folia. Eles que vão olhar tudo, não deixam ninguém invadir. Se chega numa casa eles que têm que tomar a frente, talvez tem altar, aí a gente tem que cantar mais, talvez joga flor na porta, aí é outro tipo de cantoria*”.¹⁷ É certo que nas jornadas rurais os palhaços tinham cargos importantes de difícil execução, como os de espantar animais e resolver problemas que dependiam do uso da força física. Para isso, a grande maioria deles se utiliza de bastões ou chicotes, além de outros instrumentos, como cordas e cajados.

Em alguns lugares, conforme aponta o estudo de Núbia Pereira de Magalhães Gomes (1994), os palhaços são representações dos próprios reis Magos. Isso pode ser observado, por exemplo, em Jequitibá (MG). Há outros relatos de que o palhaço deve ser uma pessoa “abobada”. No livro de Vieira, um mestre de folia conta: “*como é sabido que eles representam o Mal, o próprio demônio, pessoa alguma prestar-se-ia a fazer tal papel a não ser ignorando totalmente o assunto, ou melhor, não compreendendo o sentido do que estivesse fazendo*” (1989:27/28). Assim, os palhaços podem ser concebidos como a encarnação do mal, uma espécie de mensageiro do rei Herodes. Outros foliões o vêem como uma representação do bem, como, por exemplo, um soldado do rei Herodes que acobertou a fuga de José, Maria e Jesus. Na opinião de seu Cláudio :

*O palhaço salvou o menino Jesus, ele tava na encruzilhada vestido e o judeu veio atrás caçando o menino Jesus pra matar ele. O menino chegou lá e entrou dentro da saia dele, aí ele [o palhaço] cruzou as pernas e ficou. O judeu chegou e perguntou: você não viu um menino assim ... Não, eu tô esperando a minha turma pra seguir viagem.*¹⁸

Outras pessoas vêem no palhaço a representação da alegria das folias de reis. Sua presença exótica, as coreografias e as danças atraem a atenção das crianças, integrando-as e socializando-as nesse universo. O teólogo Uberabense Carlos Pedroso, autor do recente livro *Folia de Reis: folclore encantado* (2003) faz uma verdadeira campanha em seu livro

¹⁵ Segundo a história de muitos foliões, encontrar uma outra folia pelo caminho era um grande problema por causa dos desafios: os dois capitães deveriam se desafiar nos versos, quem soubesse mais sobre a liturgia que envolve o nascimento de Jesus saía vencedor podendo levar, em alguns lugares, a bandeira ou até todos os instrumentos da folia perdedora. Mais para frente voltaremos a esse assunto com mais retidão.

¹⁶ Entrevista realizada na Capela dos Santos Reis, em Uberlândia (MG), dia 02/06/2005.

¹⁷ Entrevista realizada em 1999, na cidade de Romaria (MG).

¹⁸ Entrevista realizada em 1999, na cidade de Romaria (MG).

em prol da revitalização da figura do palhaço. No capítulo 82 — “*O palhaço é só do bem, não é do mal*” (2003:125-128) —, o autor afirma ser absurda a idéia de que o palhaço é um personagem do mal. Agora, o teólogo busca revitalizá-lo gradativamente.

Na temporada de Folia de Reis de 2002 e 2003, Uberaba contava com 5 palhaços. A tendência é sempre aumentar o número de folias com palhaço em Uberaba. Este livro contribuirá também para isso. [...] O palhaço foi idealizado pela criatividade do folclore brasileiro para representar a solidariedade para o serviço do Bem para que sejam evitados todos os perigos contra a vida, especialmente contra a vida das crianças. Herodes matava as criancinhas. O palhaço gosta das crianças. Por isso, o palhaço não pode faltar em nenhuma folia de reis. (2003: 126–127).

Na região do Triângulo há poucos palhaços.¹⁹ Nas folias em que estão presentes, eles se apresentam normalmente sozinhos ou em duplas: um palhaço masculino e um feminino. Quando não é uma dupla, ele acaba representando o masculino e feminino ao mesmo tempo. Percebem-se indícios dessa fusão de gênero na sua indumentária. Por exemplo, a máscara geralmente utilizada traz elementos femininos, tais como bonecas, brincos, cabelos longos, saias estampadas etc.

Para a maioria dos foliões, principalmente os capitães, os palhaços têm, como um dos principais motivos de sua gradativa extinção, o mau comportamento, as atitudes extremamente jocosas nas casas dos moradores devotos e o desrespeito até com a autoridade do próprio capitão. Como comenta o presidente da Associação de Folias de Reis de Coromandel (MG), seu Sebastião Carapina: “*palhaço que é palhaço não bate em criança, não invade as casas dos outros, nem as despensas dos outros, nem rouba queijo. O palhaço, quando entra nas casas, ele não pode sair de perto da bandeira, só depois do canto*”.²⁰ A associação de sua representação com os soldados do rei Herodes contribui mais ainda para que os foliões e devotos o evitem. Portanto, o palhaço é considerado um personagem sem limite e que, de certo modo, revela a estrutura da folia pelo avesso, pois se tornou um grande contraste em relação à estrutura hierarquizada.

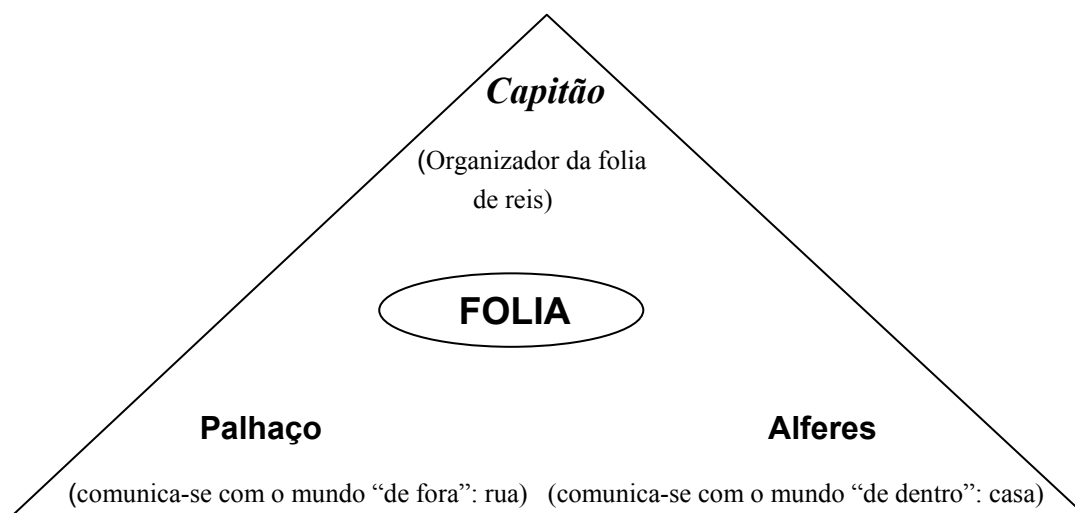
O palhaço, um personagem da rua, possui uma representação ambígua com o mundo fazendo crianças sorrirem e chorarem, roubando alimentos, etc., mas ao mesmo tempo arrecadam donativos para as festas em louvor à Santos Reis. Ele também possui uma representação ambígua do mundo bíblico: era soldado do Rei Herodes que queria matar

¹⁹ Segundo 20 foliões entrevistados numa série de entrevistas feitas nos encontros de folias de reis em Romaria (MG) entre 1999 e 2001: dezoito companhias não tinham palhaços (eles integravam só dois grupos). Noutras palavras, estavam ausentes em 90% das folias. Em Uberaba (MG), 93% das folias não têm palhaço, segundo o livro *Em nome de Santos Reis: os números das folias*.(1997a).

²⁰ Entrevista realizada no 4º Encontro de Folias de Reis, no Parque de Exposição de Patrocínio, dia 15/02/2004.

menino Jesus ou queria escondê-lo debaixo da saia? Como conta seu Cláudio e outros vários foliões, é como se a hierarquia da folia já contivesse dentro de si mesma a possibilidade da mudança no sentido de bagunça.

Segue um esquema das relações internas desses três atores sociais que integram a folia de reis:



Os músicos e as músicas

As músicas têm uma importância fundamental nas relações dos diversos agentes envolvidos com as folias de reis, pois são elas que revelam como as pessoas devem se comportar e agir nos rituais ao longo das jornadas, das festas e também perante a bandeira. O capitão anuncia uma narrativa reforçada pelas respostas, que repetem os versos, integral ou parcialmente. Toda essa narrativa é traduzida pelo alferes, para parte do público que não conhece muito bem a linguagem e o processo ritual das folias e também para aqueles devotos que conhecem todo o processo ritual.

No Triângulo Mineiro, os foliões *cantores e instrumentistas* executam as músicas com vários instrumentos e sistemas de corais complexos. Apesar disso, alguns não se consideram músicos nem cantores, “cantam só por religião”. Outros foliões tocam e cantam em diferentes espaços de sociabilidade, chegando a exercer o ofício de músico montando duplas, trios e grupos sertanejos ou de forró, dentre outros gêneros populares.

A estrutura rítmica das folias também varia. Muitas têm toadas mais rápidas, enquanto outras utilizam toadas mais arrastadas. Em geral, na região estudada, apóiam-se em instrumentos como viola, violão, cavaquinho, pandeiro, caixa e acordeom. Outros instrumentos como reco-reco, chique-chique, agogô, rabeca, violino, ganzá, triângulo, puíta, chocalhos e bandolim aparecem com menos frequência. O vínculo com outras manifestações populares que envolvem danças e músicas também se dá regularmente, pois várias dessas pessoas oriundas das classes populares são foliões, romeiros, congadeiros, moçambiqueiros e catireiros.

A estrutura vocal é complexa, sendo utilizado sete vozes que entram sucessivamente. Aqui cabe mencionar um argumento elaborado por Wisnik (2001), segundo o qual a música é criada com base em um jogo entre ruído e silêncio. O ruído deve ser ordenado junto com o silêncio em frequências regulares para criar os sons. Isso posto, todas as sociedades ou grupos sociais ordenam suas músicas de determinada maneira. Quando essa ordem é subvertida por outros grupos, as estruturas despóticas musicais consideram aqueles sons subversivos como ruídos ou como uma música desagradável.

No caso das folias de reis, as primeiras vozes são comuns e influenciaram grande parte da música popular brasileira, principalmente a música caipira e sertaneja. As duplas caipiras e sertanejas herdaram muitos elementos do sistema harmônico e das sobreposições de terças das vozes delas. Não é por menos que um dos violeiros e pesquisadores mais importantes do folclore brasileiro e da música caipira, Téo Azevedo, diz que “*a folia de reis é a principal escola da música caipira*” (Nepumoceno, 1999:43). Cantores como Pena Branca & Xavantinho, Renato Teixeira, Pereira da Viola, Chico Lobo, Paulo Freire, Dércio Marques e muitos outros costumam gravar em quase todos seus CDs uma ou mais “moda de folia”.

Por outro lado, as últimas vozes, chamadas de requinta – os “gritos finos e graves” subvertem as estruturas harmônicas comuns da música popular brasileira e da própria música caipira e sertaneja. Daí o espanto e o riso das pessoas não-familiarizadas com tal musicalidade quando escutam uma folia de reis pela primeira vez. Percebe-se na maioria

absoluta dos cantores sertanejos uma ausência desses tipos de vozes. Até mesmo na obra de muitos desses músicos citados acima, que são ligados às folias de reis, pode-se notar a ausência dessas vozes.

Muito embora os pesquisadores reconheçam a complexidade da música da folia de reis, poucos trabalhos investigaram minuciosamente a diversidade musical presente na estrutura dessa música. Moreyra (1983a) estudou cuidadosamente a musicalidade nas folias de reis em *Música nas folias de reis “mineiras” de Goiás*.²¹ O sistema mineiro tornou-se o mais comum nas folias de reis de Goiás, São Paulo e Minas Gerais — é o que a autora chama de folia de sete vozes, apresentadas em entradas sucessivas. Ela diferencia algumas folias que “taiam os versos”, outras que “dobram os versos” e transcreve um coral em que a sétima voz chega a duas oitavas acima da melodia do capitão (1983a:184).

Outro estudo específico sobre as músicas das folias de reis é o de Marcolino (2001).²² A autora aponta uma característica interessante para a reflexão sobre a música nas folias. Os instrumentos musicais tanto servem de referência para as vozes como preenchem os espaços vazios deixados por elas, sendo pertinente acrescentar que suas performances ajudam na função de sensibilizar os ouvintes em torno das mensagens sagradas do verso.

A companhia Estrela do Oriente, oriunda da cidade de Uberlândia (MG), é o grupo organizado pelo presidente da Associação das Folias de Reis de Uberlândia, Alair José Rabello. A música *A perseguição do Reis Herodes* (música 1 - do CD em anexo) explicita muito bem o mito fundador das folias de reis, narrado na passagem bíblica de Mateus sobre o nascimento de Jesus. Como essa música foi gravada²³ no Departamento de Música da Universidade Federal de Uberlândia, através de uma apresentação feita pelo grupo aos

²¹ Nessa pesquisa, realizada em Goiás, as folias de reis são classificadas segundo dois sistemas musicais: o goiano e o mineiro. Excluem-se algumas folias tidas pela pesquisadora como “exóticas”: a folia “maranhense” de Guaraí — constituída só de mulheres; a folia de reis “baiana” de Goiânia — cujo instrumental é quase uma banda de couros e pífanos; e a folia de reis “piauiense” — com seus elementos do bumba-meu-boi. O sistema goiano consiste em um conjunto de quatro cantores: dois homens e dois meninos. “Estes cantam por cima das vozes masculinas” (1983a: 174). Mesmo presente em algumas folias de reis, esse sistema é mais comum nas folias do divino.

²² Ex-aluna do curso de música da Universidade Federal de Uberlândia. Na monografia *O grupo de folia de reis Estrela do Oriente da cidade de Uberlândia e a circularidade cultural*, a autora investiga as relações entre a música da companhia Estrela do Oriente e a música “Tempo das Águas”, composta por Bilora e arranjada pelo instrumentista Wagner Tiso, e que conquistou o terceiro lugar no Festival da Música Popular Brasileira, apresentado na Rede Globo, em 2000. Segundo Marcolino, no grupo Estrela do Oriente: “durante todo o tempo os instrumentos acompanham e orientam as vozes, realizando introduções e conclusões que preenchem os intervalos entre as fases do ritual. A harmonia é bastante simples, sempre em tonalidade maior, nunca ultrapassa os três acordes que exercem a função de tônica (I), subdominante (IV) e dominante (V)”. E, assim como a harmonia, a melodia não apresenta grandes dificuldades, se dá no âmbito de uma oitava e caminha por graus conjuntos com alguns saltos de terças e, no máximo, quartas (2001:29).

²³ A gravação e a transcrição da partitura foram feitas pela ex-aluna Aline Marcolino, que pesquisou essa folia.

alunos do curso de música, o capitão Alair decidiu cantar apenas quatro dos nove versos que ele criou para o tema:

Perseguição do Rei Herodes

No tempo do Rei Herodes / cruelmente governava
Pra nascer um novo rei / ele não acreditava
Encontrando com o profeta / desta forma perguntou
Onde está o rei dos reis / que ele mesmo apelidou
Rei Herodes chamou Gaspar / e pediu todo o cuidado
Quando achar essa criança / quero ficar informado
Vem dizer que menino é esse / e procure encontrá-lo
Depois vem pra me avisar / também quero adorá-lo

A estrutura rítmica executada na música é muito comum nas folias da região estudada: o pandeiro e a caixa de folia dialogam preenchendo em momentos diferentes os tempos da música, além de fazer o repique no mesmo instante. É interessante notar a maneira como a caixeira dona Divina toca: além de bater na pele da caixa, ela também toca no aro, produzindo um efeito rítmico interessante, que substitui o pandeiro, instrumento que está presente na gravação, mas que geralmente não é muito comum nas jornadas desta folia. Percebe-se também nessa folia que as primeiras respostas repetem integralmente os versos cantados pelo capitão e mais de uma resposta faz os “gritos finos”.

Se compararmos alguns registros nos trabalhos de Moreyra e Marcolino, compreende-se uma diferença quanto aos registros melódicos entre a folia de reis de Mossâmedes, descrita pela autora goiana, — que “sobe duas oitavas” — e a folia Estrela do Oriente — cuja “melodia se dá no âmbito de uma oitava”. Apesar de haver uma estrutura de vozes em entradas sucessivas e melodias parecidas, esses registros comprovam a falta de uma estrutura musical melódica rígida que padronize as folias de reis em um esquema musical simplista.

As jornadas do Oriente para Belém

A jornada cumprida em vários dias pelas folias de reis é um ritual que percorre as casas de devotos, simbolizando a peregrinação bíblica que os reis Magos fizeram do Oriente para Belém, até a manjedoura onde o menino Jesus nasceu. As folias de reis representam nas casas dos devotos e nas ruas por onde passam a viagem que esses

personagens bíblicos fizeram anunciando o nascimento de Jesus Cristo. É importante notar certa hierarquia nas casas visitadas. As casas de pouso e as casas de refeição, geralmente, são casas de pessoas mais próximas da folia. A casa de pouso é a casa onde se guarda a bandeira e os instrumentos musicais quando se encerra um dia de jornada. No dia seguinte, eles iniciam a cantoria nessa mesma casa. Além desse, outros procedimentos deixam clara a forte relação entre os rituais realizados pelas folias de reis e a passagem bíblica de Mateus, como o procedimento da folia em percorrer a jornada do oriente para o ocidente, à maneira da viagem dos reis Magos para ver o menino Jesus.

A casa de almoço ou de janta, como o próprio nome explica, é o local onde os foliões se alimentam. Em algumas situações, como em votos feitos aos Santos Reis, pessoas não tão próximas podem oferecer a uma folia um almoço ou uma janta. Existem também as casas de giro, onde as folias são aguardadas, que não realizam nenhuma dessas ofertas, mesmo que muitas vezes lá se ofereçam refrigerantes, bolos, café, pão de queijo, etc. Nas casas de giro a cantoria é mais rápida.

A JORNADA DOS TRÊS REIS SANTOS²⁴

POUSO DE JANTA	GIRO	POUSO DE ALMOÇO	GIRO	POUSO DE JANTA
Lugar de saída a cada manhã.	Percurso ritual do peditório de esmolos.	Pouso do meio dia para almoço	Percurso ritual do peditório de esmolos.	Lugar de chegada ao fim do dia, para jantar e repouso.

No ano de 2004, a folia do Oriente para Belém, de Uberlândia, fez cinco jornadas, sendo duas para a Capela dos Santos Reis, duas para foliões da própria companhia e a outra para a devota dona Aparecida. Ela é composta por mais ou menos²⁵ dez integrantes. Muitos desses foliões participam da folia há vários anos, enquanto outros entraram recentemente. O capitão João Batista da Silva, conhecido como João Clemente – nome

²⁴ BRANDÃO, C. Rodrigues. De tão longe eu venho vindo: Símbolos, gestos, e rituais do catolicismo popular em Goiás. Goiânia: Editora da UFG, 2004. p351.

²⁵ Vale lembrar aqui o aspecto dinâmico das folias de reis. Dependendo da época, uma folia pode estar repleta de foliões ou também esvaziada. Em alguns momentos, o capitão tem que preencher os quadros com foliões emprestados de outras folias.

artístico que criou quando formou a dupla com seu ex-parceiro Zé Renato, e que mantém até hoje tanto na folia quanto na nova dupla que montou: João Clemente e Clementinho – começou a história dessa folia de reis no bairro Lagoinha²⁶, local onde mora há muito tempo, ainda como participante de outra folia.

Foi através de um voto que eu fiz, né, quando eu trabalhava junto com um colega. Inclusive na turma do meu pai na prefeitura começamos a cantar e toda vida eu gostei de cantar, ouvir música, mas até aquele ponto não tinha batido a idéia de querer comprar instrumento e aprender nada. E nem, então, sabia nada de posição de instrumento. Até hoje a gente não sabe nada mas aprendeu um pouquinho, alguma coisinha. Então, aí muita gente falava “por que vocês dois não compram uns instrumentos e formam uma dupla?”. A gente cantava até... as vozes davam certo. Aí veio aquilo, fixou na cabeça da gente, na minha e na dele também, de comprar os instrumentos. Mas aí é o problema: que nem eu e nem ele sabia nada de instrumento, muito menos afinar. E aí o que eu fiz? Eu fiz um voto com Santos Reis de aprender pelo menos as posições mais essenciais pra gente começar. E foi então através desse voto aí que eu fiz: se eu aprendesse e tivesse já dando conta de acompanhar mais ou menos, fazendo uma base ali, que a gente falava bater, bater o violão – eu iria acompanhar uma folia de reis. Esse foi o voto, a promessa que eu fiz. Então a partir daí eu comecei a desenvolver mais, sabe? Então já no outro ano da festa já saí na folia acompanhando. Aí nunca mais parei.²⁷

Seu João começou a trabalhar na folia do capitão Jesuíno, que morava logo abaixo da sua casa. Trabalhou cerca de seis anos com esse capitão como um folião “polivalente”, fazendo a segunda voz, terceira, quarta, quinta ou sexta, dependendo da necessidade e da especialidade de outros foliões. Trabalhou cerca de oito anos nessa folia. Com a idade já avançada e os problemas na saúde dos pés, o capitão seu Jesuíno decidiu parar com a folia:

Então, foi isso aí, foi cerca de uns oito anos que eu trabalhei como discípulo do Sr. Jesuíno. E aí, depois ele mesmo me passou ... porque já tinha muitos calos nos pés, na planta do pé. Um dia ele falou: vou te passar umas cópias. Inclusive eu tenho até hoje algumas delas guardadas, do que é nascimento, viagem, adoração do menino Jesus, saudação do arco, do presépio. E tudo isso eu peguei por escrito, então ele sentiu em mim uma força de vontade, que eu queria aprender mesmo. Ele me entregou uma bandeira, até nem foi ele que me entregou, ele falou que ia me entregar. Mas antes de morrer ele disse pra mulher dele, e quando ele faleceu, aí ela me passou: uma caixa, a bandeira e umas toalhas. E com vinte e oito anos me tornei um capitão.²⁸

Atualmente, o capitão João Clemente tem sessenta anos, sendo trinta e um como capitão e trinta e nove como folião. No início da década de noventa, ficou afastado das folias de reis por quase três anos devido a problemas particulares que afetaram sua saúde,

²⁶ O bairro Lagoinha é um dos bairros mais mal-vistos de Uberlândia, pelo fornecimento e comercialização de drogas, principalmente o crack, e pelos altos índices de violência. Com o rápido processo de urbanização desse bairro e de toda aquela micro-região da cidade, percebe-se ali um certo atrofiamento, como se os “pedaços” do bairro estivessem se emancipando e formando novos bairros, com conjuntos residenciais trocando de nome, etc., motivados pela estigmatização sofrida ao longo dos anos pelos moradores do bairro.

²⁷ Entrevista realizada na casa do capitão, no dia 14/09/2004.

²⁸ Entrevista realizada na casa do capitão, no dia 14/09/2004.

mas teve forças para retomar as jornadas. Ele acompanhou de perto toda a formação da Associação das Folias de Reis. É uma pessoa muito atuante, atualmente ocupa o cargo de tesoureiro. Participa de vários encontros de folia de reis na região do Triângulo e no estado de São Paulo (Ribeirão Preto e Aparecida do Norte). Sua folia de reis, como várias folias da região, também nunca falta ao encontro anual de folias na cidade de Romaria.

Seu João Clemente gravou, com seu ex-parceiro Zé Renato, o CD *Porteira Velha* (ver música 2 - do CD em anexo), com uma tiragem de duzentas cópias. A última música do disco - *Saudação do Presépio* - foi gravada pela sua folia de reis. Com uma duração de quase doze minutos, a folia gravou a música no estúdio com todos os foliões cantando e tocando de uma só vez. Apenas o 6^a voz, seu Zezinho, gravou sua voz posteriormente, já que no dia da gravação estava viajando a trabalho.²⁹

Saudação do Presépio

O pai e filho, espírito santo / na ora de começar
Eu peço a Deus e aos três reis santos / pra nos abençoar
Eu vou saudar o presépio / como manda a escritura
Eu saúdo o menino Jesus / o filho da virgem pura
Eu também saúdo a Virgem Maria / escolhida em Nazaré
Pra que fosse a mãe de Jesus / a esposa de S. José
Eu também saúdo o S. José / São José de Arimatéia
O esposo da Virgem Maria / virgem pura da Judéia
Eu saúdo a Estrela do Oriente / os três reis ela guiou
Eu também saúdo os animais

O primeira voz e violonista dessa folia é o seu Joaquim, que por ter uma voz mais grave é especialista nessa função. Ele é irmão do capitão João Clemente e começou a cantar com folia de reis em outros grupos do bairro Lagoinha, local onde também mora. É folião há mais ou menos vinte anos e há aproximadamente dezoito anos canta na folia do irmão. Ele tem um cargo importante na folia, é considerado o segundo capitão da companhia.

²⁹ A companhia do Oriente para Belém também utiliza as mesmas estruturas harmônicas, melódicas e rítmicas das outras folias apresentadas aqui. Entretanto, no segundo dia de “giro” que fiz com essa folia, em dezembro de 2003, após afinar sua viola com o sanfoneiro, o capitão João Clemente decidiu modificar um pouco a harmonia da sua toada. Sua folia tem a tônica em Sol Maior e faz variações para Ré Maior com Sétima e Dó Maior, mas antes de eles começarem a cantar pra valer na casa dos devotos, ele combinou com os músicos de harmonia (violões, violas e sanfona) que, ao invés de irem direto para o Dó Maior, eles passariam antes no Lá menor (2^o grau da tonalidade de Sol Maior e nota substituta do Dó maior). Outro acontecimento que chamou a atenção a essa folia se deu no Encontro de Folias de Reis de Romaria, em 2004. Quando a folia cantou no palanque do santuário, as respostas cantaram apenas a metade dos versos anunciados pelo capitão, “taiando os versos”, prática pouco comum nessa folia, em que as respostas cantam integralmente os versos cantados pelo capitão (como na música *Saudação do Presépio*).

O segundo capitão tem a obrigação de aprender um pouco com o capitão, pra no momento em que o capitão não puder pegar a frente pra embaixar, o segundo capitão tem que saber um pouquinho pra fazer o lugar do capitão.³⁰

Seu Joaquim decidiu ser folião por vocação, fé e tradição. Desde pequeno sua família tinha grande devoção aos Santos Reis.

O que agente pede pra Santos Reis a gente é válido. A gente pede com fé, com alegria no coração. E não é só isso. Essa tradição, ela é muito antiga. Eu nem sei quando começou essa tradição, mas ela é muita velha e todos que andam, andam com fé e com amor, porque sempre anda com esperança de ser válido com os Santos Reis.³¹

A segunda voz é feita pelo seu Antônio, irmão mais velho do capitão João Clemente e de seu Joaquim, com sessenta e oito anos. Figura muito católica, tornou-se folião em Goiás quando ainda era jovem, através de uma revelação feita por um fazendeiro que, ao ouvir seu canto e de um amigo numa lavoura, convidou-os para integrarem uma folia de reis que até naquele momento era composta apenas por membros de família do fazendeiro vizinho. O fazendeiro conversou com o patrão deles, no sentido de liberá-los de seus serviços nos dias de jornada com a folia, no que foi atendido.

Depois que se casou, ficou muito tempo sem cantar nas folias. Voltou a acompanhá-las recentemente, gravando a cantoria com um rádio e vendendo as fitas, que tinham preço de custo de um real, por três reais, para os capitães. Essa também é uma prática bastante comum na região: muitas pessoas mais velhas gravam em grandes rádios as folias de reis. Voltou a cantar a mais ou menos três anos, quando seu irmão lhe chamou para completar a segunda voz de um folião que havia faltado num encontro de folias de reis em Uberlândia.

Gentilmente, seu Antônio costuma ceder seu lugar para foliões de outras folias, como seu Zé Arruda e seu Joaquim, foliões da folia do Alair, mas que de vez em quando cantam na folia do capitão João Clemente. Seu Antônio também estende essa gentileza a foliões novatos, como seu Nadir, que acompanhou toda a jornada da folia na festa de entrega do voto de dona Maria Alice e seu Pedrinho, seus vizinhos. Há um revezamento entre eles e em cada casa um canta naquela posição. Diferentemente do seu irmão capitão, que o considera um segunda voz, seu Antônio se considera um terceira voz: na sua contagem o capitão seria a primeira voz, o seu irmão Joaquim o segunda e ele a terceira voz.

³⁰ Entrevista realizada com o folião, na capela dos Santos Reis, em Uberlândia, no dia 02/05/2005.

³¹ Entrevista realizada com o folião, na capela dos Santos Reis, em Uberlândia, no dia 02/05/2005.

Seu Antônio tem uma visão um pouco apocalíptica sobre o futuro das folias de reis. Para ele, a falta de interesse dos jovens pela devoção aos santos católicos e a pobreza na cidade são fatores que têm prejudicado as folias de reis:

Nossa capela dos Três Reis quando começou era muito mais animada, e lá vai caindo, lá vai caindo, aquilo quando começou era folia direto andando. Agora, hoje, passa 4, 5 meses sem uma folia de reis andar. A folia do Lindomar tá parada, a folia do Alair tá parada, quase ninguém tá andando mais com a folia, parece que elas estão acabando. É por causa das crises, a época tá muito apertada, igual eu falei pra você: a folia sai daqui, chega ali, ganha um donativozinho, então o povo tá duro mesmo, a coisa tá esticada. Você pensa assim, que a renda da folia dá pra fazer a festa. Não, não dá não, ganha pouquinho porque tá todo mundo pesado no bolso, não tão dando conta. Hoje têm pouco folião, pois os mais novos não se interessam e tem muita casa pra cumprir voto. Por isso que a folia tá saindo o ano inteiro, antigamente elas só saíam até o dia 6 de janeiro.³²

Muitos foliões concordam com a visão de seu Antônio, comparando a fartura das festas antigas na roça e a dificuldade de se fazer uma festa hoje na cidade. Muitas vezes, as esmolas e o dinheiro dado pelos moradores devotos não conseguem cobrir os custos de uma festa: comida servida para centenas ou milhares de pessoas gratuitamente, custos com arranjos, enfeites, ornamentos, roupas, etc. e despesas com transporte de foliões durante todos os dias da jornada.

A sexta voz é realizada por outro irmão do capitão João Clemente, seu José Eurípedes, que também toca violão. Ele é o único folião que não consegue acompanhar as jornadas todos os dias por causa do seu trabalho de motorista. Antigamente, cantava na folia do seu Alair e há cerca de seis anos resolveu cantar na folia do irmão, já que a folia do presidente estava muito cheia de foliões naquela época e a do irmão estava carente de foliões.

Quando ele não pode comparecer, alguns foliões novatos ocupam sua posição no coral, apesar dessa voz ser a de execução mais difícil por um homem adulto. Na minha opinião e na de vários outros foliões, seu Zezinho, como é chamado, faz essa voz com muita mestria. “*A sexta voz é uma voz bem fina e exige um timbre de voz bem agudo, mas eu tenho uma certa facilidade, porque desde jovem eu canto música sertaneja*”³³, comenta seu José. Ele também diz que começou a ser folião por uma coincidência. Em 1984, chegou em Uberlândia com um sobrinho que queria ver o tio João Clemente. No dia da visita, João Clemente estava cantando numa folia e estava faltando a quarta voz, que foi preenchida por ele. “*Como ele não tinha a quarta voz naquele dia e a gente*

³² Entrevista realizada em uma “casa de giro” no dia 09/11/2004.

³³ Entrevista realizada na capela dos Santos Reis, em Uberlândia no dia 02/01/2005.

cantava música sertaneja, eu tentei e encaixei bem a quarta voz e a partir daquele momento eu comecei a profecia dos Magos”.

A quarta voz da folia é ocupada pelo seu Geraldo. Poucas pessoas sabem alguma coisa sobre ele. Figura calada e sorridente, ele canta na folia do capitão João Clemente há mais de dez anos, sendo bastante assíduo. Não gosta que ninguém cante na sua voz, que desempenha de uma maneira bastante peculiar. É na voz dele que as respostas começam a ser vocalizadas, perdendo os versos cantados pelo capitão.

Depois que sua madrasta – única pessoa da família – faleceu, ele mora na casa de amigos, e ganha algum dinheiro fazendo “bicos”, principalmente carregando lavagens de porcos. Além disso, limpa quintais, cata papéis em lixos e recebe a ajuda de alguns foliões. Ele acredita que no final do ano irá se aposentar. Uma das conselheiras da Associação e ex-candidata a vereadora Lúcia Reis está ajudando-o nos tramites burocráticos.

*Vou aposentar no fim do ano por invalidez. Eu fiquei meio doente da cabeça, minha madrasta morreu e eu desorientei da cabeça. Moro na casa de um, na casa de outro. Eu tô sem família, mas eu vou vencer, Jesus venceu e eu vou vencer também. Pego lavagem, cato papel, pego um quintalim pra capinar, quer dizer: de todo jeito eu não fico sem dinheiro. Um pouquinho a gente tem. Nem se eu aposentar, eu não vou parar com isso, com lavagem. O povo não gosta de mexer com isso, mas eu pego até com a mão... Eu ganho vinte reais por mês, trabalho todo dia. Só sábado e domingo que não, mas eu fico satisfeito de mexer com isso, melhor que pegar coisas dos outros, né?.*³⁴

Seu Geraldo também fez um voto para Santos Reis curar seus olhos, que segundo ele estavam doentes porque torrava café na roça sem proteção adequada.

O quinta voz, caixeiro e pandeirista, é seu Oscar, pessoa extremamente bem-humorada. Ele também é um folião polivalente: consegue cantar em qualquer voz e tocar qualquer instrumento de folia de reis. Sua voz executa um vocalize agudo muito interessante, pois ele quebra totalmente o tempo da música. Em alguns momentos, ele pára de cantar antes da quarta voz parar e em outros ele alonga o vocalize de tal maneira que todas as vozes se calam, inclusive a sexta voz, e a dele continua, sem perder a intensidade. Como caixeiro, possui uma dinâmica³⁵ impressionante, de fazer inveja em vários percussionistas, bateristas e outros músicos profissionais.

Como ele é o único folião a possuir automóvel, desempenha um importante papel no transporte da folia, seja quando a jornada se desloca de um bairro para outro mais distante, seja quando o dia de jornada termina. Ele também é uma pessoa muito importante na Capela dos Santos Reis. Desempenha várias funções no dia das festas e é o maior

³⁴ Entrevista realizada dia 02/01/2005 na Capela do Santos Reis em Uberlândia (MG).

³⁵ Sobre a dinâmica da música, refiro-me à intensidade (força) de tocar a caixa de folia. Ele alterna muito bem os tempos fortes e fracos na caixa de folia.

responsável pelas instalações e manutenção do gás da capela. Além disso, foi uma das pessoas que ajudaram a construir grande parte da estrutura da igrejinha. Sua família também faz anualmente uma entrega de reis mediados pela folia que participa. Muitos parentes de Goiânia vêm para Uberlândia participar da festa que, no ano de 2004, foi realizada na Capela dos Santos Reis.

Outra pessoa importante na folia de reis do Oriente para Belém é o experiente sanfoneiro Sebastião Gomes de Oliveira, que faz parte do grupo há três anos. Pessoa muito simpática, ele costuma tocar nas jornadas sentado, por causa do peso da sanfona e das fortes dores que sente nas costas, causadas pelo longo tempo em que toca esse instrumento. Apesar de ter sido aposentado como segurança, profissão que sempre desempenhou, paralelamente ele tocou em muitos grupos de forró, sertanejos e bandas bailes. Atualmente ensaia com a dupla do capitão João Clemente.

Dona Divina é a componente mais nova da folia de reis do Oriente para Belém, apesar de ser velha amiga de todos esses foliões desde o início da fundação da Associação das Folias de Reis de Uberlândia, em 1985. Por causa de alguns desentendimentos, ela se decidiu por sair da folia do seu Alair, passando a integrar a folia do capitão João Clemente. É interessante perceber como ao longo dos últimos quinze anos foi muito comum a troca de foliões entre essas duas folias. Aparentemente poderíamos concluir que há uma disputa entre elas, mas, pelo contrário, os dois capitães são muito amigos. Em praticamente todas as jornadas realizadas pela folia do seu Alair, o capitão João Clemente participa fazendo a terceira voz e tocando viola; e em todos os encontros realizados em outras cidades as duas folias organizam o ônibus da viagem juntas.

A caixeira e pandeirista dona Divina veio de uma família de foliões. Seu pai foi capitão, sanfoneiro e sétima voz, cantando por muito tempo na folia do Oriente para Belém. Seus dois jovens sobrinhos, também caixeiros, sempre quando podem participam das jornadas e das entregas na capela dos Santos Reis. Sua irmã e seu irmão também recebem as folias em casa. Geralmente suas residências exercem a função de casas de refeição e casas de pouso para muitas folias de reis. Dona Divina também faz muitos votos para Santos Reis. Há dezessete anos sofreu um infarto e teve que colocar ponte de safena através de uma cirurgia, que segundo ela foi muito complicada e delicada:

Quando eu entrei na sala de cirurgia em São Paulo, eu peguei na mão dos Três Reis. Eu senti que eles estavam do meu lado e eu entrei na sala de cirurgia cantando. Ai os médicos falaram pra mim: “mas a senhora não tá triste?” Eu falei: não os Três Reis tá comigo, eu tava vendo eles ali. Graças a

*Deus eu fiz a cirurgia e fiquei 12 dias na UTI, mas to aqui, sã, viva, tomo um monte de remédio, mas graças a Deus eu sou alegre, eu adoro todo mundo.*³⁶

A alferes é a dona Maria Alice que, com exceção dos instrumentos musicais, zela por todos os objetos da folia: uniformes, toalhas, coroas, bandeiras; organiza parte do trajeto das jornadas e se comunica com os devotos indicando como eles devem agir no momento dos rituais. Ela começou a participar da folia por causa de um voto que fez para o marido que havia sido picado por uma cobra jaracuçu. Segundo dona Maria Alice, seu Pedrinho, que também é folião da folia do Oriente para Belém (terceira voz, violonista e cavaquinista), chegou a morrer após ter uma longa parada cardíaca.

*Antes, a gente tinha uma relação que não era tão grande como a gente tem hoje, porque essa fé que eu apanhei, tão grande, foi depois do acidente da cobra do meu marido. De vez em quando a gente ia numa festa de folia de reis, mas a gente não andava assim. Então, quando ele sofreu o acidente e ligaram lá em casa pra mim e falaram que ele tinha morrido, né, eu fiquei meio desesperada, porque a gente tava meio separado, tinha acontecido uns probleminha e a gente separou. Mas quando ele tava no hospital, eu tava lá dando socorro todo dia, eu ia no serviço e depois eu ia pra lá pra ficar com ele, dormia lá no hospital. Ai, um dia meu genro tava lá e me ligou e falou que ele tinha morrido. Ai eu falei: não! Não havia acontecido isso, aí eu coloquei o joelho no chão e pedi pra Santos Reis que desse vida pra ele, que eu não queria que ele fosse e que ele também tinha filho pequeno que precisava dele, que Santos Reis fosse lá e desse a vida de volta e quando ele sarasse, ele ia sai com a folia, ele ia carregar a bandeira, todas as esmolas que ele fosse pegar ele pegasse de joelho e andasse 7 dias e depois, fosse rezar o terço e desse uma mesa pra sete inocentes. Ele nunca mais iria parar de andar com a companhia de Santos Reis. Ai, quando eu cheguei lá no hospital, ele já tinha voltado, que na ora que os médicos chegaram e falaram que iriam tirar os aparelhos, chegou um outro médico que falou: não, vamos dar um choque nele! E ele voltou. Ai eu senti que aquele médico que foi lá foi Santos Reis que levou. Com isso, nós cumprimos o voto dele e depois de um tempo seu Joãozinho chamou ele, aí eu só ficava andando com eles, aí depois seu Joãozinho me chamou prá ser alferes, né. Nossa, aquilo pra mim foi uma benção muito grande.*³⁷

Dois anos antes da picada de cobra, seu Pedrinho tinha se aposentado por invalidez. Ele havia perdido a visão do olho direito, quando estava fazendo uma cerca de arame farpado e um pedaço do arame voou no seu olho, furando a primeira córnea.

*Depois de 2 anos do acidente, eu aposentei. Recebo um salário, mas tá bom prá eu manter as coisas, tive um tempo sem receber, fiquei vinte e um meses sem receber, mas foi até bão. Quando recebi, recebi tudo reunido aí deu pra eu comprar a minha chacinha lá no Morada Nova e agora recebo todo mês.*³⁸

Apesar de ter perdido a visão total do olho direito, o movimento do braço direito (a picada da cobra matou um nervo do braço) e quase ter perdido a vida, seu Pedrinho é uma pessoa muito alegre e prestativa. Dona Maria Alice e seu Pedrinho moram no bairro

³⁶ Entrevista realizada dia 06/01/2005 na Capela dos Santos Reis em Uberlândia.

³⁷ Entrevista realizada na capela dos Santos Reis, em Uberlândia, no dia 02/01/2005.

³⁸ Entrevista realizada na capela dos Santos Reis, em Uberlândia, no dia 02/02/2005.

Morada Nova, local bem distante dos bairros dos demais foliões, o que os obriga a se deslocarem de suas casas com muito tempo de antecedência, para se encontrarem com o restante do grupo. Eles sempre pegam três ônibus para chegar às casas das saídas e demoram de uma hora e meia a duas horas para chegar ao destino. Mesmo assim, os dois são foliões bastante assíduos e pontuais.

A gente pega o ônibus aqui no Lagoinha ou no Santa Mônica para o Terminal Central, do Terminal Central para o Terminal Planalto e depois para o Morada Nova. E esse do Morada Nova atrasa muito porque é sempre pouco ônibus, porque lá é longe e não têm rua asfaltada, é tudo terra. Então, isso aí demora muito, eles [os políticos] podiam asfaltar só as ruas do ônibus que já tava bom, né. Nesses dias de chuva é uma buraqueira danada e eles atolam tudo. Nós chegamos lá em casa é meia-noite, meia-noite e meia. Que quando a gente pega o último ônibus a gente sai meia noite e dez do terminal. Mas nada disso magoa a gente. A gente tá sempre satisfeito, alegre, contente, graças a Deus, a gente têm muita honra de andar na folia.³⁹

No caso de dona Alice faltar em algum dia da jornada, algo muito difícil de acontecer, a função de alferes é desempenhada pela dona Maria, uma senhora que de vez em quando acompanha essa folia junto com o seu marido, seu Sílvio. É interessante notar a função desempenhada também pelo seu Sílvio dentro da folia de Reis. Apesar de ele não participar dos rituais como folião e não ser assíduo, ele têm uma importância fundamental em algumas jornadas, pois ele é dono de um caminhãozinho que carrega os foliões, além de ser uma das pessoas que combinam antecipadamente com alguns moradores devotos o dia, a hora, as casas de pousos e as casas de refeição que a folia visitará.

Dona Maria Alice e seu Pedrinho também são festeiros: dona Maria Alice fez um voto de fazer sete entregas, isto é, sete festas que foram finalizadas no ano de 2005. O voto, dessa vez, foi para o filho que tinha sido atropelado e teve a cabeça bastante machucada no acidente.

Aquela festa lá eu fiz pro meu menino, meu caçula. O Luiz Antônio sofreu um acidente e quebrou o crânio, e afundou pra dentro, você podia colocar dois dedos lá dentro. O médico fez uma cirurgia rápida e falou que ele podia ficar com problema porque tinha apanhado um pouco de água no cérebro. Aí eu fiquei pensando assim e já veio na mente os Três Reis Santos que curassem ele pra mim. Que quando eu tivesse condição, eu ia tirar uma folia por sete anos, ia andar 13 dias, fazer uma chegada, vestir tudo de branquinho no dia da chegada, fazer uma procissão com 13 velas, rezar o terço, dar uma mesa pra sete inocentes. Eu sempre queria sair, todo ano, mas a condição era pouca e tava passando muito tempo, ele tava com 15 anos. Então, eu falei pro seu João que eu tinha um voto pra cumpri e queria que ele soltasse a folia pra mim. Os meninos e o Pedro falavam pra não fazer naquele ano porque a gente tava sem condição e eu falei: "não, tem que se esse ano se Deus quiser os Santos Reis vão me ajudar que a gente vai sair e pagar a promessa". Aí eu marquei em setembro e quando foi dia sete de setembro, nós saímos. O dinheiro que eu tinha era 15 reais, se Deus quiser vai dar prá tirar os passes [de ônibus] pros folião que precisa. Nenhum

³⁹ Entrevista realizada na capela dos Santos Reis, em Uberlândia, no dia 02/02/2005.

*folião cobra, mas se pedir um passe nós temos que dar. Ai, a gente saiu e andou os treze dias e ganhamos tudinho, até carne. O que eu comprei só foi vela para colocar no altar. Agora esse ano nós vamos terminar o voto dele. Quando terminar, eu vou jogar a coroa dele dentro da água pra ir embora pra Bom Jesus da Lapa.*⁴⁰

É interessante notar que, contrariando a opinião dos capitães e de muitos foliões, a festa realizada por Dona Maria Alice consegue ser custeada apenas com a jornadas. No ano de 2004, a folia arrecadou quatrocentos reais líquidos, além de diversos mantimentos utilizados numa grande janta oferecida para centenas de pessoas da comunidade do bairro e demais amigos, gratuitamente. A alferes ainda disse que sobrou uma pequena parte do que foi arrecadado. Mesmo assim, o casal é precavido, não confia totalmente na renda das jornadas e fazem um caixa durante o ano caso necessitem gastar alguma coisa no dia da festa. Nota-se um certo receio de vários foliões como o de Dona Maria em não conseguir retribuir a relação de reciprocidade com santos reis, esse receio sempre é recompensado no fim da festa pelo sucesso de ter recebido bem todos os convidados.

*Sempre a gente tem um dinheirinho, que se não der, a gente tem ali. É igual o seu Joãozinho falou: a gente nunca pode confiar na renda da folia. Então, o ano passado, eu ganhei uma porca na folia e engordei ela e vendi por 300 reais, e coloquei o dinheiro no banco. A gente previne e graças a Deus sempre sobrou, mas a gente nunca sabe como vai ser a próxima, né?*⁴¹

A festa da família do folião Oscar não consegue arrecadar os mesmo valores que Dona Maria Alice, apesar do custo não ser muito alto, como comenta seu Oscar: “A jornada deu muito pouco esse ano, deu só pro custo do carreto dos foliões, o álcool e a gasolina. Agora ganhou muita coisa também, os parentes ajudaram e teve que desembolsar pouco, com fé você arruma tudo”.⁴²

Os treze dias de jornada para a festa do voto de Dona Maria Alice foram realizados em três regiões diferentes de Uberlândia: nos bairros Santa Mônica/Progresso/Saraiva, nos bairros Marta Helena/Nossa Senhora das Graças e no bairro Morada Nova. Nos dias de semana, a folia gira pouco, por causa dos foliões que moram longe. Visitam de quatro a cinco casas por dia. Nos finais de semana, ela anda muito. Geralmente, começa às oito horas da manhã e pára às dez horas da noite.

As folias organizam previamente as casas de giro, aonde vão almoçar, jantar e encerrar o dia, mas é muito comum um morador da rua em que ela está tocando chamá-la para cantar em sua casa. Na folia do Oriente para Belém, muitas casas visitadas são de

⁴⁰ Entrevista realizada na capela dos Santos Reis, em Uberlândia, no dia 02/02/2005.

⁴¹ Entrevista realizada na capela dos Santos Reis, em Uberlândia, no dia 02/02/2005.

⁴² Entrevista realizada em novembro de 2004, na Capela dos Santos Reis em Uberlândia.

parentes da caixeira dona Divina, da família e amigos de Dona Maria Alice e Seu Pedrinho e amigos devotos que freqüentam assiduamente a capela dos Santos Reis e os encontros de folias de reis em outras cidades.

Os foliões e devotos se doam e se esforçam de várias maneiras para reproduzirem essas festas, gerando na relação de troca um vínculo mais duradouro. Ao serem perguntados sobre sua relação com os Santos Reis, muitos foliões e devotos iniciam ou terminam suas respostas com a seguinte frase: “*Enquanto vida tiver eu sirvo a Santos Reis*”, enfatizando que sua devoção e o seu trabalho é para a vida toda.

As festas populares brasileiras vinculam diversos sujeitos e grupos sociais, mesmo com posições materiais bem opostas, acionando um circuito de troca que não depende exclusivamente da acumulação utilitária, econômica ou simbólica. Ao serem perguntados sobre como se relacionam com os Santos Reis, vários foliões e devotos dizem considerá-los santos milagrosos, que curam doenças, ajudam em relações amorosas e familiares ou qualquer outra aflição mundana. Segundo eles, Santos Reis não são santos especialistas, pode-se pedir qualquer coisa a eles.

Eu estava fazendo um tratamento de gastrite, depois essa gastrite virou um tumor no esôfago, e aí foi ficando muito grande, foi crescendo muito, desenvolvendo muito rápido e eu fui passando muito mal, aí eu resolvi fazer os exame. Ficava direto internada, aí o dia em que fui fazer os exames, em que o médico achou que fosse um tumor maligno, eu fiquei meio com medo, né? E aí depois, na hora de fazer o exame, o medo foi apertando e aquilo me deu uma crise nervosa, uma tremura de medo, aí fiz a promessa, pedi pra Santos Reis pra que ele me enviasse um remédio que eu sarasse, curasse porque eu tinha filho pequeno, tinha mãe que nem enxergava, nem ouvia. Na hora que o médico me deu os parabéns, falou pra mim: realmente seu santinho é poderoso. Nossa, chorei de emoção, até hoje nunca mais tomei um comprimido por causa disso e isso aí tá com 16 anos. Aí eu comecei a fazer a festa. Naquela hora já marquei a festa. Minha promessa era fazê-la da maneira possível. Aí eu fiz os nove anos, graças a Deus.⁴³

Por outro lado, quando algum folião, devoto, ou até mesmo qualquer pessoa importante como um fazendeiro, ou um detentor de propriedade no espaço de giro de uma folia de reis, quebra ou nega a reciprocidade aos Santos Reis, o castigo é certo. Várias são as histórias que provam que Santos Reis são santos vingativos.

Eu conheço uma história, o homem era católico e o filho dele tocava acordeom. A folia lá ia chegando na fazenda dele e ele soltou uma vaca pegadeira no beco e a vaca investiu no alferes e o alferes de susto levou a bandeira na cara da vaca e a vaca caiu ajoelhada. Ela escorregou, num sei o que foi que ela caiu. E o filho dele, na hora que a folia foi embora, o filho dele sumiu. Eles acharam

⁴³ Entrevista realizada com D.Luzia – presidente da Associação das Folias de Reis de Araguari, dia 19/01/2005, em sua casa na cidade de Araguari (MG).

*ele passados três dias, depois ele tava meio fraco das idéias. Aí ele fez o voto no outro ano de ser festeiro, de lavar os pés e de beijar os pés dos foliões.*⁴⁴

*Se a pessoa tiver fé e pegar com Deus e os Três Reis ele é válido, porque igual eu já vi muitas coisas que já foi acontecido: dum fazendeiro que num gostava de folia e quando foi vespando a época das folias de reis ele virou e falou assim: “já é época dos urubu baixarem aqui nas fazenda”, e ele tinha um boi muito bonito, pois num é que os urubu baixou lá mesmo de verdade e comeu o boi vivo.*⁴⁵

Dessa maneira, as festas de reis criam e recriam personagens sociais, acrescentando-lhes novas posições de status e prestígio que influenciam diretamente as vidas cotidianas dos seus participantes. Pedreiros, empregadas domésticas, lavradores, motoristas e diversos trabalhadores de baixa renda e de pouca oportunidade material na vida se inserem em relações de trocas mundanas e extramundanas que os tornam: músicos, foliões, cantores, reis, rainhas, capitães, presidentes, festeiros coroados, conselheiros, guardiões de símbolos sagrados, amigos íntimos de santos. Assim, esses sujeitos acrescentam novas identidades às suas vidas, que são opostas muitas vezes às posições sociais que ocupam profissionalmente e materialmente. A respeito disso, comenta o presidente da Associação de Folias de Reis de Coromandel seu Sebastião Carapina:

*Essa festa significa uma riqueza muito grande, apesar de ser um pessoal humilde, simples, nós somos muito ricos no poder de Deus. Nós somos pobres, temos dificuldade, a gente tem que sair pedindo, mas o povo nos apóia muito, nos dá muito conforto. Então, nós enriquecemos com o povo do lugar que nos ajuda. Nós somos pobres, nem carro pra andar a gente tem, mas nós anda a pé mesmo.*⁴⁶

A jornada de vários dias que os foliões cumprem para os devotos, arrecadando prendas, alimentos e dinheiro, fazem com que esse grupo tenha um respeito muito grande na comunidade em que prestam esses serviços religiosos. Mesmo possuindo um baixo nível de escolaridade, muitas dessas pessoas são convidadas pelas universidades e pelos canais de televisão em eventos de folclore, para esclarecer, ensinar, explicar, apresentar e dar informações. Professores, pesquisadores, repórteres e uma série de outros agentes escolarizados costumam se interessar em compreender a linguagem utilizada por eles.

A importância desses leigos foliões para a reprodução das festas de Santos Reis é tão importante que muitos deles tornam-se verdadeiros sacerdotes da viola, desempenhando funções eclesiais. Em muitas cidades da região, a Igreja está longe do controle dos

⁴⁴ Entrevista realizada no Encontro de Folias de Reis na cidade de Romaria (MG), em 2002 com o folião da cidade de Romaria, seu Francisco de Magalhães.

⁴⁵ Entrevista realizada no Encontro de Folias de Reis na cidade de Romaria (MG), em 2002 com o folião da cidade de Patrocínio (MG), seu Baltasar Texeira.

⁴⁶ Entrevista realizada dia 4 de fevereiro de 2004, no encontro de folias de reis no Parque de Exposições de Patrocínio (MG).

rituais. Em alguns encontros de folias de reis não há presença de padres. Até as missas, que costumam ser marcadas pela rigidez dos gestos e pelas formas obrigatórias de gesticulação, acionadas pelos padres, estão se modificando. Nos atuais encontros de folias de reis percebe-se uma crescente participação das folias nos cânticos e hinos eclesiásticos das missas, bem como um elevado número de missas sertanejas com pessoas tocando berrantes e músicas caipiras. Há até um crescente número de missas com padres tocando modas de folia. Exemplo disso é um jovem padre de Patrocínio, que tocou violão no encontro de folia da cidade e cantou Calix Bento, música de folias de reis adaptada por Milton Nascimento em seu CD *Geraes*; e também padres foliões, como padre Preguinho, que é capitão de folia de reis e realiza missas com folias e também missas afro. Cria-se uma ordem paralela em que a solenidade da missa se caracteriza pelas excitações corporais e verbais. Esses rituais de inversão da ordem, aliás, dificilmente entram em choque com a hierarquia de grupos ditos hegemônicos, poderes eclesiásticos, políticos, de classe, pois representam justamente um poder parecido com os deles. Nos casos de choque, há sempre o amortecimento proporcionado pela articulação entre essas forças, através de determinadas relações de troca. Muitos foliões são figuras respeitadas por grupos de familiares e comunidades que tem Santos Reis como santo a quem se fazer votos. Eles são muitas vezes grandes lideranças políticas e religiosas nas comunidades em que vivem.

Assim, as folias de reis devem ser compreendidas em um circuito de trocas que não envolve apenas suas hierarquias internas, mas também sua relação com Santos Reis e com os devotos e demais sujeitos que integram as jornadas. Todos esses sujeitos que estão presentes nas folias de reis, sem serem foliões, alcançam grande importância social nas comunidades que prestam serviços religiosos. Muitos deles acreditam que a mediação das folias é algo importante em vários níveis de sua vida cotidiana, do mais íntimo até o coletivo. Em alguns casos, as folias de reis são a própria reencarnação dos Santos Reis na vida moderna. As pessoas devotas têm convicção que elas são ótimas mediadoras entre os problemas de sua vida particular e a resolução desses problemas — realizada pelos Santos Reis ou pelas próprias folias através das músicas, de símbolos (como a bandeira e o alimento) e rituais.

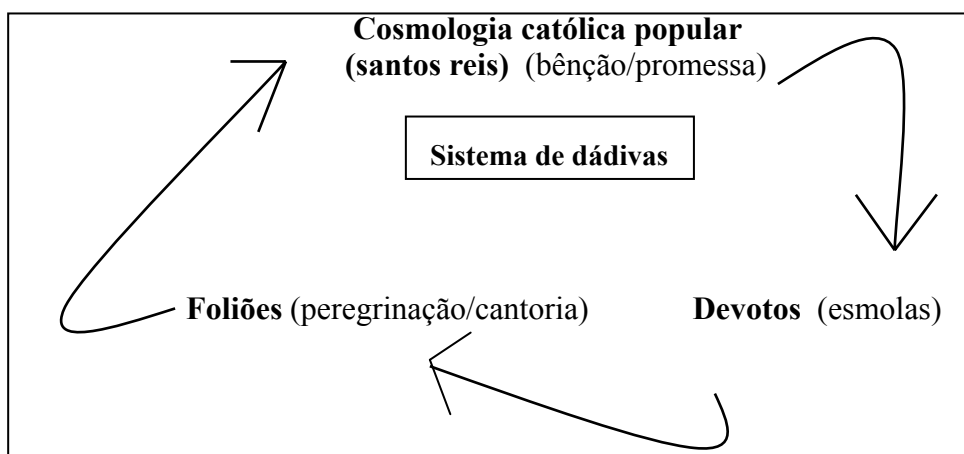
Relatos de foliões acenam para a grande importância coletiva dessas festas, que são locais propícios para rever pessoas, amigos, compadres e lugares sagrados em épocas de festas. Émile Durkheim discute no livro *As Formas Elementares da Vida Religiosa* (1989) como as festas religiosas, há muito tempo, possuem a característica de renovar os espíritos

fatigados dos indivíduos que trabalham cotidianamente. Elas são, de um modo geral para todas as sociedades, uma das principais fontes de energia, produzindo nos indivíduos um estado de “efervescência coletiva” e gerando relações extracotidianas que exaltam e excitam seus participantes.

Vimos que se a vida coletiva, quando atinge um certo grau de intensidade, desperta o pensamento religioso, é porque ela determina um estado de efervescência que modifica as condições da atividade psíquica. As energias vitais estão superexcitadas, as paixões mais vivas, as sensações mais fortes. (...) Uma vez que os indivíduos estão reunidos emana de sua aproximação uma espécie de eletricidade que o conduz rapidamente ao grau extraordinário de exaltação. (1989: 52 e 274).

Essas cerimônias religiosas constituem espaços onde as relações entre as pessoas adquirem um modo peculiar que as diferenciam das relações do dia-a-dia. Elas servem como uma espécie de combustível para que a sociedade se revitalize, possa superar a rotina e certo marasmo que permeia o trabalho e a vida cotidiana. Assim, um dos grandes objetivos da religião e dos rituais, como as folias de reis, é manter e regular os sentimentos de pertencimento coletivo, fazendo com que seus indivíduos dependam de uma ordem moral superior, salvando-os da desordem e do caos ou então criando elementos reformistas ou revolucionários para que se rompa com a ordem indesejada.

Esquema geral de reciprocidade das jornadas das folias de reis



agentes: santos reis → foliões → devotos:: **dons:** bênção/promessa → cantoria/peregrinação → esmolas

FOLIA DE REIS DO ORIENTE PARA BELÉM						
Foliões	Função	Motivo	Idade 2004	Profissão	Tempo de folião	Tempo na folia do Oriente P/ Belém
João Clemente	Capitão/viola	Voto – aprender a tocar violão	59	Aposentado	39 anos	Fundação 31 anos
Maria Alice	Alfer	Voto – marido picado por cobra	55	DoLar, passadeira e fabricante de polvilho	8 anos	8 anos
Joaquim S. Silva	2º capitão violão	Vocação	55	Serviço de Limpeza de rua/Prefeitura	20 anos	18 anos
Antônio	2ª voz	Revelação	68	Aposentado	Desde jovem	3 anos
Pedrinho	3ª voz/ violão cavaquinho	Voto da esposa	58	Aposentado	Desde jovem	8 anos
Oscar	4ª voz/ caixa pandeiro	Tradição / devoção	51	Canalizador / frentista	Desde criança	13 anos
Geraldo	5ª voz	Sonho com os santos reis	Não sabe	Bicos	Desde jovem	12 anos
José Eurípedes	6ª voz/ violão	Acaso	46	Motorista	20 anos	5/6 anos
Sebastião	Sanfona	Devoção		Aposentado		3 anos
Divina	Caixa/ Pandeiro	Tradição de família	57	Aposentada	22 anos	Começou em 2004

JORNADAS DO ORIENTE PARA BELÉM – 2004				
Festeiros 2004	Motivo	Tempo de jornada	Espaço da jornada (bairros)	Época do ano
Associação	Encontros de folias	Vária em números de dias ímpares (3,5,7,13... dias)	Stª Mônica / Saraiva Marta Helena / N.S. das Graças	Janeiro e Maio
Oscar	Tradição de família	7 dias	S.Mônica/Roosevelt /Martins / Marta Helena	Novembro
Marites Alice e Pedrinho	Voto para o filho	13 dias	S. Mônica e Morada Nova	7 de Setembro
D.Aparecida	Voto	Variável em dias ímpares	S. Mônica e Morada Nova	Mai/Junho

Pobres, mulheres, idosos, jovens e crianças nas folias de reis

As manifestações das folias de reis, como várias outras manifestações do catolicismo popular, são oriundas das classes populares. Segundo um questionário aplicado nos encontros de folias de reis realizados nas cidades de Romaria e Campos Altos, em 2003, a profissão e a renda dos foliões comprovam o baixo poder aquisitivo dessas pessoas, que

em sua grande maioria vivem com muito pouco e realizam, sobretudo, trabalhos braçais. Dos 23 foliões que declararam sua renda, 70% ganham até dois salários mínimos e apenas três foliões ganham acima de três salários, o que corresponde a pouco menos de 13% dos entrevistados.

Renda		Profissão	
Até um salário mínimo	6	Lavrador	6
Até 2 salários mínimo	10	Mestre-de-obras	1
Até 3 salários mínimo	4	Pedreiro	5
Até 4 salários mínimo	2	Motorista	1
Até 5 salários mínimo	0	Doméstica	2
Mais de 5 salários mínimos	1	Motorista rodoviário	1
Não responderam	2	Aposentado	7
		Serviços gerais	1
		Garimpeiro	1
		Comerciante	1

Dentre os 23 foliões que responderam à pergunta referente ao grau de escolaridade, apenas três fizeram a 8ª série do ensino fundamental. Os outros são analfabetos ou pessoas que completaram, no máximo, a 5ª série do ensino fundamental. Isso significa que quase 87% dos foliões entrevistados estudaram até a 5ª série. Nesse registro, não há folião que tenha cursado ensino médio ou universidade:

Escolaridade					
Estudou na roça	2	Não estudou	2	Até 1ª série do ens. fundamental	3
Até 2ª série do ens. fundamental	2	Até 3ª série do ens. fundamental	2	Até 4ª série do ens. fundamental	6
Até 5ª série do ens. fundamental	3	Até 6ª e 7ª séries do ens. fundamental	0	Até 8ª série do ens. fundamental	3
Não responderam	2	Ensino médio	0	Universidade	0

O capitão Geraldo, ex-presidente da Associação de Folia de Reis de Uberaba (Afru), comenta que a maioria dos foliões é formada por pessoas humildes:

*Geralmente são pessoas humildes, dificilmente você vê um contador formado, um médico, um advogado na folia de reis. Geralmente são pessoas humildes. São pedreiros, carpinteiros, motoristas, pessoas mais de classe humilde. Normalmente, pinta lá um ou outro, que tem ensino superior que mexe com folia de Reis.*⁴⁷

O capitão João Clemente, ao explicar a profissão de cada folião de sua companhia, conclui que 99% dos foliões atuantes em Uberlândia são pobres:

*São pessoas simples, né?, de vida bem... não vamos falar baixa, mas são pessoas humildes. Que dentro da folia é a maioria, que pelo menos eu acredito dá uns 99%. São pessoas numa faixa aí, pessoas de pouca instrução: é faxineiro, pedreiro, são pessoas simples mesmo. Não tem ninguém graduado, a não ser o nosso presidente, que é o Alair, que tinha uma função razoável. Ele exerceu 27 anos na prefeitura e era chefe-geral no Ipremu. Eu acredito que só seja ele em todas as folias de Uberlândia. Não tem gente rica na folia, não, eu não conheço nenhum, nem homem nem mulher, são todas pessoas pobres, vamos dizer assim.*⁴⁸

Seu Joaquim, folião de Uberlândia que faz a quarta voz e toca cavaquinho, comenta sua vida dura de trabalhador:

*Trabalhei na roça, quase tudo foi na roça, fazenda. Como eu era escravo dos outros lá na roça, viu... Se eu tenho aquela casinha lá, que eu tirei da carcunda da minha carroça, do meu esforço e da minha proteção de Deus, da roça eu não trouxe nada, viu. Trabalhei muitos anos com fazendeiro e eles não dão valor pra gente.*⁴⁹

Segundo foliões e pesquisadores da região estudada, a incorporação de mulheres como foliãs é recente. Antigamente, a presença feminina era escassa, restringia-se à preparação da festa e à reza de terços. Embora a participação ainda hoje seja inferior à masculina, as mulheres já ocupam cargos dentro da folia.⁵⁰

Atualmente, há muitos jovens e crianças que participam das festas, mas as folias de reis no Triângulo Mineiro são grupos formados predominantemente por pessoas mais velhas. A falta de interesse dos jovens e crianças é preocupação recorrente entre foliões, que temem o fim das folias num futuro próximo. Eles alegam que os jovens dessa época não se identificam mais com símbolos tradicionais. De acordo com o capitão Antônio Vanderlei, de Pedrinópolis (MG): “*hoje tá diferente, eles [os jovens] não querem participar e pra nós lá [na cidade] tá sendo um dilema. Os foliões tão tudo mais de idade*

⁴⁷ Entrevista realizada em 29 de agosto de 2004, na cidade de Uberaba (MG).

⁴⁸ Entrevista realizada em 10 de setembro de 2004, na cidade de Uberlândia (MG).

⁴⁹ Entrevista realizada na capela dos santos reis, em Uberlândia (MG), no dia 3 de janeiro de 2004.

⁵⁰ Segundo o volume dois do livro *Em nome dos Santos Reis: os números das folias*, (1997a) a participação da mulher nas folias de Uberaba (MG) é distribuída da seguinte maneira: 18% participam do processo ritual, 40%, da decoração, e 38% atuam na cozinha. Com base na resposta para as 21 perguntas feitas acerca do assunto durante as entrevistas realizadas por nós nos encontros de folias de reis em Romaria (MG) entre 1999 e 2001, a imprecisão foi a tônica: 11 foliões disseram que havia mulheres participando da folia, enquanto dez responderam que não havia.

*e não tem jovem nenhum pra participar, pra aprender.*⁵¹ Outros capitães alegam que a participação infanto-juvenil diminuiu porque as famílias não ensinam nem introduzem filhos e netos em uma educação religiosa. As palavras da foliã dona Elza — da folia Estrela D'alva, da cidade de Araguari (MG) — indicam a origem do desinteresse:

*Isso vai da parte do ensinamento dos pais, de passar a religião ao filho, né? Então se a pessoa não vai e não tem participação em nada, então o filho também não aprende. Então ela aqui [dona Elza aponta para uma moça de mais ou menos 16 anos] já canta, já toca viola. Então ela nasceu dentro da companhia e os outros foram a mesma coisa. Então acho que vai por aí, pelo ensinamento dos pais.*⁵²

Podemos apreender, através desses dados, um perfil dos foliões da região do Triângulo Mineiro: homem, idoso, sem ou com muito pouco estudo, pobre, oriundo da zona rural e que agora ocupa as periferias das cidades ou continua na zona rural, quando a cidade é pequena. Apesar disso, percebe-se uma crescente migração das mulheres mais velhas, que antigamente ficavam mais nos bastidores das festas (como as cozinheiras, ajudantes, etc.), e que agora ocupam cargos dentro da folia, principalmente nos cargos de alferes, respostas ou tocadoras de pequenos instrumentos de percussão. Algumas mulheres também ocupam posições de destaque nas folias de reis e nas Associações, como dona Luzia, presidente da Associação das Folias de Reis de Araguari; dona Aparecida, capitã de folia de Uberlândia (que também ocupou vários cargos na Associação de Uberlândia), e a folia feminina de Coromandel (MG). Em relação às crianças, percebemos que muitas participam das festas, mas há poucos integrantes foliões, se compararmos com o número de participantes adultos e idosos e com as festas de congado, das quais muitos jovens e crianças participam, dentro dos ternos. Segundo vários depoimentos, muitos foliões começam a trabalhar para os Santos Reis depois de velhos. Somente o tempo dirá se eles continuarão com a profecia dos reis Magos.

⁵¹ Entrevista realizada na cidade de Romaria (MG), 9 de janeiro de 2001.

⁵² Entrevista realizada na cidade de Romaria (MG), 9 de janeiro de 2001.



Figura 2 - Palhaço Edvaldo de Monte Carmelo.



Figura 3 - Palhaço Seu Rafael de Uberlândia.



Figura 4 - Palhaços de Araguari.



Figura 5 - Seu Cláudio palhaço de Uberlândia em Romaria.



Figura 6 - Palhaço Gaspar recebendo esmola em Romaria.



Figura 7 - Palhaços de Monte Carmelo, Gaspar e Gasparina.



Figura 8 - Folia do Oriente para Belém, apresentando-se no palanque de Romaria.



Figura 9 - Alferes Dona Maria Alice benzendo a folia e devotos na Jornada realizada para o voto de seu filho, bairro Morada Nova, Uberlândia.



Figura 10 - A caixeira D. Divina com seu sobrinho, também caixeiro, na Capela dos Santos Reis em Uberlândia.



Figura 11 - Seu Alair presidente da Associação das Folias de Reis de Uberlândia no encontro em Romaria.

AS ASSOCIAÇÕES E OS ENCONTROS DE FOLIAS DE REIS NO TRIÂNGULO MINEIRO (MG)

As folias de reis praticam uma variedade de rituais que se mantêm ao longo do tempo e estão sendo constantemente reinventados de acordo com as novas demandas sociais dos grupos que interagem na festa. É importante destacar que tanto as festas como a composição e a identidade sócio-cultural dos grupos populares que produzem estas festas – historicamente constituídos e reproduzidos nos contextos das sociabilidades rurais – sofreram modificações e acréscimos de novos significados, na medida em que foram incorporados ao processo de urbanização brasileiro e despertaram o interesse de novos agentes.

As mudanças de diretrizes que a Igreja Católica começou a imprimir, a partir do Concílio Vaticano II, no campo religioso brasileiro, foram de fundamental importância para o surgimento de novas configurações das festas religiosas. Nas últimas décadas, parte do poder público passou a compreendê-las como uma manifestação cultural ou folclórica. Secretarias de Cultura, Educação e Fundações Culturais são procuradas para participarem como parceiros ou produzem por iniciativa própria esses eventos. Até outros intermediários culturais, como empresários, músicos, produtores culturais, pesquisadores etc., cuja atuação até então se restringia aos registros dos aspectos rituais da festa para fins acadêmicos, tornaram-se parceiros ou produtores exclusivos de “encontros de folias de reis nacionais.”

Se tomarmos como certo que, desde sempre, na sociedade agrária brasileira, as festas populares estiveram sob a tutela de grupos como a Igreja Católica, o poder público e grandes proprietários de terras, sua realização nas cidades ganhou contornos diferentes em vários aspectos. A presença de outros agentes e a adoção de outras práticas nas festas populares adquirem, portanto, grande relevância por vários motivos. Esses agentes – técnicos do poder público, artistas, educadores, empresários,

intelectuais, repórteres, pesquisadores, fotógrafos, músicos, ongs – identificados nesta pesquisa como *novos intermediários culturais* (Featherstone 1995) estão aderindo a essa rede de sociabilidade, relacionando-se com esses grupos dentro e fora das festas. A inserção desses novos agentes culturais constitui-se como um processo bastante evidente de transformação dos rituais e símbolos das culturas populares, o que tem imprimido novos sentidos às festas religiosas populares. Pode-se observar também que tais mudanças não se restringem às folias de reis, já que quase todas as festas de forte apelo popular vêm passando por novas formas de concepção, organização, promoção e execução.⁵³

Na região do Triângulo Mineiro, as festas de Santos Reis estão se configurando de maneira diferente desde o fim da década de 70, por meio de *encontros*. Com o advento desses encontros, a rede de sociabilidade, o espaço e o tempo ritual das folias de reis se ampliaram, devido às grandes distâncias percorridas de cidade em cidade, de bairro em bairro e do bairro à fazenda. Os giros das folias acontecem praticamente durante o ano todo, salvo algumas folias que não praticam o giro em época de quaresma. Atualmente, os encontros de folias de reis são realizados em inúmeras cidades, com calendário fixo, facilitando a visita de grupos de outras cidades e formando importantes circuitos de encontros programados.

Segundo muitos foliões da região, uma mudança marcante ocorrida com o advento dos encontros de folias de reis foi a substituição dos desafios pela saudação das bandeiras. Os desafios eram rituais de disputa entre os capitães de folias para saber quem conhecia mais a profecia dos Santos Reis. Tais desafios travavam-se quando ocorria um encontro de bandeiras, isto é, quando duas folias se encontravam nas jornadas. As cantorias dos capitães chegavam a durar horas e só acabavam quando um capitão vacilava na improvisação. O perdedor sofria vários tipos de sanções: pagar ao outro capitão com os instrumentos musicais, ou mesmo com a bandeira; parar com a jornada ou até encerrar para sempre as atividades da folia. Dessa forma, para os foliões, as rivalidades dos desafios foram se extinguindo e com o advento dos encontros de folias de reis as relações entre as folias tornaram-se mais amenas. Atualmente, os

⁵³ Sobre esse assunto, existem diversos trabalhos na literatura antropológica, valendo destacar os mais recentes: Amaral (1998), Cavalcanti (2002) e Montes (1996-97).

encontros das bandeiras incitam ao respeito e ao bom relacionamento entre folias diferentes. A disputa deixou de ter o objetivo final de rivalidade para se desenrolar no respeito e admiração entre os ternos.

Esses encontros são confraternizações que, através da Romaria (porque tudo começou lá) e, segundo lugar – pelo que sei foi aqui em Uberlândia, nós fundamos essa Associação. Então tudo começou lá, depois aqui e hoje me parece em todas as cidades do Triângulo Mineiro tem encontro. Então, o intuito nosso, nesses encontros, é formado para trazer a união, um abraçar o outro, sem problema nenhum. A gente já ouvia que antigamente se uma folia tivesse na esquina lá eu tinha que passar longe senão ela podia tomar minha Bandeira e coisa e tal, então nós fizemos os encontros para acabar com isso, tamo acabando com isso graças a Deus.⁵⁴

Mesmo com a inserção de novos sujeitos e das novas configurações dos encontros, as festas de reis ainda se dão nos âmbitos familiares, nas vizinhanças e nos comunitários. Além disso, os encontros de folias, mesmo produzidos por intermediários culturais, mantêm em seu núcleo ritual, como um dos princípios de troca, a relação de dádiva: devotos / santos reis / folias de reis. As grandes dificuldades encontradas por esses sujeitos na preparação e produção dos rituais da festa geram, pela comoção advinda desse sacrifício, um vínculo social duradouro e emocionante que combina doses de obrigatoriedade e espontaneidade, generosidade e conflito, interesses e desinteresses, estabelecendo uma relação de troca acompanhada por um ambiente festivo e trabalhoso que legitima e que, ao mesmo tempo, estabelece um contraste com as trocas impessoais da modernidade.

Outro aspecto muito importante na região do Triângulo Mineiro é a formação das Associações de Folias de Reis. As associações religiosas leigas criadas em inúmeras cidades da região sempre constituíram um aspecto muito presente e importante na vida dos brasileiros. Apesar das irmandades serem organizações que fizeram parte e desempenharam importantes funções religiosas e seculares no Brasil colonial, as associações de folias de reis são manifestações novas, pelo menos no Triângulo Mineiro, onde surgiram a partir da década de 80.

⁵⁴ Entrevista realizada com um capitão de folia, no dia 6/01/2004, na capela dos Santos Reis em Uberlândia.

Capítulo 2 – As associações e os encontros de folias de reis no Triângulo Mineiro (MG)

**Encontros de
Folias de Reis e Congados - 2004**

Folias de Reis		Congados	
1º Domingo/ janeiro	Araguari/ Patrocínio	2º Domingo/ maio	Ituiutaba/ Uberaba/ Ibiá
Domingo seguinte ou o mesmo Domingo da semana ao dia 6.	Uberlândia	13 de maio	Monte Alegre /Uberaba
2º Domingo/ janeiro	Romaria	4º Domingo/ maio	Romaria/Iraí de Minas
4º Domingo/ janeiro	Coromandel/ Indianópolis Cachoeira de Minas	2º Semana/ julho	Monte Carmelo
1º Domingo/ fevereiro	Araxá	1º Quinzena/ setembro	São Gotardo
2º Domingo/fevereiro	Sacramento	1º Domingo/outubro	Uberaba
2º Domingo/ maio	Uberlândia	2º Domingo/ outubro	Araguari / Monte Carmelo
Maio	Grupiara	3º Semana/ outubro	Guimarânia Rio Paranaíba
4º Domingo/ maio	Medeiros	4º Domingo/ outubro	Estrela do Sul/ Douradoaquara/ Íbia
2º Domingo/ agosto	Uberaba	3º Domingo/ novembro	Uberlândia
3º Domingo/ agosto	Vazante	Novembro	Campos Altos
4º Domingo/ agosto	Prata		
2º Domingo/ setembro	Bambuí		
4º Domingo/ novembro	Itapiraí		

Fonte: 1º Censo Cultural / Encontros de folia de reis e congado / entrevistas e colegas de pesquisa

**Encontros de
Folias de Reis – 2005**

1º Domingo	Uberlândia e Patrocínio
2º Domingo	Romaria
3º Domingo	Patrocínio e Guimarânia
4º Domingo	Araguari
5º Domingo	Uberaba, Indianópolis, Coromandel, Campos Altos, Araxá, Patrocínio, Ribeirão Preto (SP) e Brasília (DF)
Abril e Agosto	Ibiá
Maio	Uberlândia
Junho	Fronteira
Setembro	Bambuí

Fonte: 1º Censo Cultural / Encontros de folia de reis e congado / entrevistas e colegas de pesquisa

As associações religiosas de leigos no catolicismo popular

Apesar das organizações dos grupos de folias de reis em associações terem surgido na década de 80, desde a colonização brasileira há instituições leigas no Brasil, com suas diversas definições (Confrarias, Arquiconfrarias, Irmandades, Associações, Ordens Terceiras)⁵⁵. Essas instituições foram, para muitas localidades brasileiras,

⁵⁵ Sobre o assunto das Irmandades, consulte uma ampla literatura de historiadores, valendo destacar as obras de Boschi, (1986) e Volpe (2000), que estudaram as Irmandades em Minas Gerais; Reis (1991) que

importantes meios sociais que deram respostas a uma série de problemas e também serviram como espaço de organização de celebrações e festas de santos padroeiros para diversos grupos, inclusive minorias étnicas como negros e mulatos.

Oriundas de Portugal, essas irmandades tiveram uma forte importância para a Coroa portuguesa e para classes populares portuguesas, surgindo com características ambíguas que supriam certas necessidades de ambos os grupos. A realeza tomou medidas para limitar o poder do clero, baseados em bulas e concessões pontificiais. Os reis portugueses dispuseram do privilégio de nomear os prelados que vinham para o Brasil.⁵⁶ Na época da colonização brasileira, com a implantação do sistema de Padroado, que consistia num acordo entre a Igreja Católica e o reino de Portugal pelo qual o papa transferia ao rei a administração temporal da Igreja – sistema que vigorou entre o início do século XII ao início do século XX, a religião em vários aspectos tornou-se uma extensão do Estado. A Igreja que se criou no Brasil era escassa de padres e bispos, sendo os leigos os principais agentes de difusão e da criação das práticas religiosas, que estavam muito mais voltadas para o exercício de uma religiosidade barroca, baseada pelo culto aos santos, pelas procissões pomposas e pelas grandes festas do que os padrões do catolicismo doutrinário.

A política da Coroa face às irmandades era de entendê-las como órgãos auxiliares do poder real, servindo como um instrumento do Estado para estabelecer um controle institucional sobre esses grupos, além de tirar das suas costas a responsabilidade de diversas políticas públicas. Como desde a época das navegações o Estado português demonstrou um maior interesse na gestão de negócios econômicos e políticos, deixando de lado as questões sociais, as irmandades tinham uma função de ser um canal privilegiado de ações políticas dos grupos sociais para suprir uma série de carências. A política dos leigos face às irmandades também era de entendê-las como órgãos legítimos dos seus interesses. Muitas tinham objetivos de suprir as necessidades de certos grupos populares, construindo hospícios para os pobres, criando seguro mútuo para caso de

tem estudo sobre as Irmandades negras na Bahia e Russell-Wood, (1981), Souza (2002), Vainfas e Souza (2000) e Jancsó e Kantor (2001) que discutiram o estudo das Irmandades de maneira mais geral.

⁵⁶ Dentro da literatura sobre o tema a maioria dos autores acredita nessa característica ambígua das irmandades. Apenas a opinião de Caio Boschi é divergente. Para o autor, as irmandades formavam importantes aparelhos ideológicos que controlavam os negros e demais grupos subalternos.

morte dos seus cavalos, assistência à morte (como fazer enterros e acompanhamento das sepulturas), empenhando-se no apaziguamento das contendas entre seus integrantes etc.

Em sentido contrário da suposta espontaneidade que diversos teóricos atribuem a cultura religiosa popular, desde a época da colonização o catolicismo popular brasileiro se organizava por meios institucionais e burocráticos, através de associações leigas. As administrações das irmandades ficavam a cargo de uma mesa composta por reis, rainhas, juízes, presidentes, escritvães, tesoureiros, procuradores, mordomos, consultores, entre outras denominações. Desenvolviam diversas tarefas burocráticas, como convocação e direção de reuniões, arrecadação de fundos, guarda dos livros e bens das confrarias, visitas de assistências aos irmãos necessitados, organizações de funerais, festas, renovação dos integrantes da mesa por meio de eleições (Reis, 1991). Elas também serviam como uma espécie de previdência social: eram responsáveis pelo enterro dos membros, sepultura, sufrágios, ajuda financeira às viúvas, crianças etc, além de emprestar dinheiro a membros com dificuldades econômicas (Volpe, 2000). Muitas irmandades criavam seus patrimônios por meio de testamentos, presentes para santos padroeiros, anuidades. Algumas alugavam casas de sua propriedade, emprestavam dinheiro a juros ou cobravam serviços funerários. Uma outra característica dessas associações é que cada igreja acomodava diversas irmandades. Com o tempo e com a organização mais elaborada, muitas se emancipavam e construíam seus próprios templos.

Um dos critérios mais freqüentes que regulava a entrada dos membros nessas associações era étnico ou racial. Havia irmandades de brancos, negros, pardos, ricos e pobres. Muitos de seus membros tinham seus direitos de associados protegidos por convênios entre ordens da mesma denominação, estabelecidas em diferentes lugares. Segundo historiadores, as irmandades negras como de Nossa Senhora do Rosário, São Benedito ou Santa Efigênia existiam em Portugal antes mesmo do período de colonização das Américas. Como comenta Marina de Mello e Souza (2002), as festas de negros eram permitidas no âmbito das instituições religiosas e eles se reuniam em irmandades desde 1494. As associações leigas eram meio dos negros instituírem formas de solidariedade, principalmente frente à morte e a doença, e alçarem níveis de integração e aceitação na sociedade. Relatos de viajantes e dos próprios pesquisadores geram controversas interpretações, que oscilam em descrições que tratam essas

irmandades como fachadas para práticas religiosas africanas proibidas pelos portugueses, mas também como possibilidade de controle social dos portugueses frente aos africanos.

O certo é que essas organizações tornaram-se uma das únicas referências institucionais de que dispunham os negros para criar hierarquias e rituais próprios. Em praticamente todas as Américas surgiram irmandades negras, inclusive na América do Norte. Assim, eles se agrupavam em grandes nações, reelaboradas na diáspora principalmente por meio da coroação de reis, que eram festejadas com danças, músicas e teatralizações.

Para Marina de Mello e Souza (2002) a eleição dos reis negros por comunidades africanas nas Américas pode ser considerada como um elemento de contato entre europeus e africanos de diferentes origens, numa situação em que os portugueses detinham o exercício do poder, sem no entanto impedir que os africanos contribuíssem para a construção de suas instituições. Entre essas instituições estão as irmandades, mantenedoras de certos traços de suas culturas. Esses reis tinham um papel de intermediários entre os grupos que representavam e a sociedade colonial, sendo responsáveis pela arrecadação de donativos para as festas, o que muitas vezes eram feito por meio de coletas acompanhadas de um séqüito musical e dançante que percorria as ruas.

De acordo com Russel-Wood (1986), desde 1586 foram instituídas pelos jesuítas irmandades de N.S.do Rosário, com o fim de promover a piedade e a instrução religiosa de índios e negros. Ele não duvida que outras irmandades de “homens de preto” foram criadas no século XVI, a despeito da inexistência de registros. É impossível fazer uma estimativa precisa de quantas existiram, já que uma documentação mais ampla só aparece no século XVIII e XIX.

Em Minas Gerais, as irmandades tiveram uma função social diferente da exercida pelas irmandades litorâneas e de outros interiores, devido a uma ausência ainda maior do clero regular, uma vez que os mosteiros e os conventos foram proibidos em Minas Gerais por causa das atitudes revolucionárias e às vezes duvidosas dos monges e funcionários eclesiásticos. Com o trabalho nas minas de ouro e diamantes, a sociedade mineira desenvolveu-se a partir de um crescente processo de miscigenação. A busca por essas pedras preciosas também propiciou um alto grau de mobilidade social. Quando

algum minerador achava uma grande quantidade delas elevava seu poder econômico, e quase sempre também seu poder político.

É curioso notar como não há literatura a respeito das Irmandades de Santos Reis. O único registro que consta no livro de Marina de Mello e Souza (2002) é sobre uma nação de negros cariocas que louvavam o Santo Rei Baltazar, rei Mago negro. Se de fato não houveram Irmandades de Santos Reis na época da colonização, constata-se, a partir da década de 80, o surgimento de um grande número de associações de folias de reis na região do Triângulo Mineiro

A interpretação a seguir busca identificar teórica e empiricamente quem são os principais sujeitos, como se relacionam, quais são suas práticas rituais e porque são motivados a organizarem essas associações e encontros tão grandes e com altos custos financeiros sem lucros pessoais.

Uberlândia: O Mito da Predestinação Moderna e as Associações Leigas

A cidade de Uberlândia sempre foi vista como uma cidade empreendedora, moderna e do progresso. Diferentemente de outros lugares de Minas Gerais, a posse de suas terras aconteceu com interesses agropastoris em um momento histórico de crise dos setores de mineração do estado. A cidade teve uma expansão econômica ligada inicialmente ao cultivo de café, que se implantava no Rio de Janeiro e São Paulo. Dessa maneira, seus pioneiros vinham com um objetivo definido de ocupar e se fixar na região. As condições fundamentais para a emergência de um povoado já estavam criadas desde 1857, quando o arraial foi elevado à categoria de Paróquia. Uberlândia foi fundada como município em 1888. Traços da história do seu fundador oficial João Pereira Rocha esclarecem aspectos marcantes da história atual da cidade, dentre eles o mito da predestinação como metrópole (Alem 1991). Um aspecto que contribuiu muito para o desenvolvimento desse mito foi o discurso elaborado pela elite da cidade.

O poder dessas representações está, ainda, por ser avaliada em toda sua extensão, porque elas não se limitam às matérias de cunho historiográfico, literário e jornalístico, mas se incorporam às falas cotidianas dos habitantes. Dentre uma multiplicidade de discursos efetivamente existentes, há um discurso histórico e cultural nativo, elaborado pelas elites, que pretende fixar as categorias históricas locais, ao mesmo tempo em que absorve e tenta integrar os outros diferentes sujeitos que vão se constituindo na cidade (Alem 1991:80).

A cidade conseguiu realizar um crescimento econômico e demográfico ordenado, sem grandes problemas com disputas políticas como aconteceram em outros centros urbanos. Foi apenas em fins da década de 70 e início da década de 80 que surgiu uma nova elite política organizada capaz de concorrer no plano político institucional com a elite mais antiga da cidade. Com o rápido processo de urbanização surgiu um projeto político partidário ligado ao PMDB. Em 1983 esse partido conseguiu eleger o prefeito Zaire Rezende, que teve como um dos principais pilares em sua ação política a idéia da democracia participativa. Esse novo grupo político auto-considerado de centro-esquerda passou a alternar com a elite política tradicional importantes cadeiras na câmara dos vereadores e alguns mandatos de prefeito. Quando eleitos na primeira gestão, criaram inúmeras Associações de Moradores, implantando uma política participativa na cidade.

Em 1978, algumas populações periféricas já começaram a se organizar em Associações de Moradores. Elas surgiram em certos conjuntos habitacionais por exigência de órgãos financiadores. Outras foram criadas por organizações de base da Igreja ou por incentivos de partidos políticos de esquerda interessados em organizar suas bases eleitorais como o PT, PDS e PDT. Até as eleições de 1982 haviam sido formadas 11 Associações de Moradores. Após a posse do prefeito Zaire Rezende o número aumentou para 32 (Alvarenga, 1991). Em meio a esse cenário político, surgiu a Associação de Folias de Reis de Uberlândia que, em 1986, com apoio da Secretária Municipal de Cultura, foi reconhecida como utilidade pública (Lei número 4358 de 24/06/1986). A prefeitura fez a doação de uma área para a construção da Capela dos Santos Reis.

A Associação das Folias de Reis de Uberlândia foi criada no ano de 1985, com o objetivo de preservar a tradição e os valores culturais do Município, consolidando a existência de cerca de 40 grupos de Folia, através de um estatuto aprovado no recinto da secretária Municipal de Cultura, no dia 23 de Abril do mesmo ano: (...) Hoje, 23 de Abril de 1985, estamos aqui para se tratar da aprovação do estatuto da Folia de reis de Uberlândia⁵⁷ (Abreu 1999:49).

Segundo o presidente da Associação a idéia para a sua criação foi de uma pessoa chamada Fernando, funcionário da Secretária de Cultura. Da mesma maneira como foram criada inúmeras Associações de Moradores, o então prefeito Zaire Rezende criou

⁵⁷ Ata da primeira reunião da fundação da Associação da Folia de Reis, em 23 de abril de 1985. p1.

em 1984 a Secretaria Municipal de Cultura, com objetivo de gerar novos mecanismos participativos para a produção cultural da cidade.

Com esse processo de burocratização das folias de reis, a Secretaria de Cultura apoiou em vários anos, por meios de subvenções anuais, a Associação das Folias de Reis da cidade. Entretanto, historicamente essa subvenção nem sempre foi garantida. Como diz o historiador Abreu:

No que tange à gestão de Zaire Rezende, parece, pelas palavras do presidente desta Associação de Folias de Reis, Sr. Alair José Rabello, que o apoio foi mantido, só quebrado nas outras administrações posteriores, talvez pela crise econômica que teria assolado o país e afetado os recursos municipais que, nestas circunstâncias e também por opções políticas, têm aplicado suas verbas em outros projetos, que muitas vezes rendem mais apreciação e dividendos eleitorais (Abreu 1999:53).

Mesmo na gestão mais recente do PMDB, entre os anos de 2000/2004, com Zaire Rezende novamente na prefeitura, a Associação de Folias de Reis de Uberlândia também não recebeu a subvenção por falta de prestações de contas, segundo a então secretária de cultura, Lídia Meirelles, do PT. Na gestão atual da prefeitura (2005/2008), com o prefeito Odeldo Leão Carneiro, político ligado à elite tradicional da cidade, a atual secretária Mônica Debs apresentou, no 1º Simpósio de Arte e Produção Cultural de Uberlândia, na mesa redonda “Cultura e Políticas Culturais”, alguns números sobre a Secretaria Municipal de Cultura. Quando ela descreveu as associações culturais que são apoiadas por meio de subvenções, ela não mencionou o nome da Associação das Folias de Reis como associação que possui direito a subvenção.

Um quadro da própria Secretária de Cultura demonstra quais anos e quanto a Associação das Folias de Reis recebeu nos últimos anos.

Subvenção da Associação das Folias de Reis de Uberlândia							
1995	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003
19.000	10.251,60	11.000	4.312,50	4.312	5.262	10.000	Não recebeu

Fonte: Secretaria Municipal de Cultura de Uberlândia

Se forem comparadas a subvenção doada pela prefeitura para a Associação das Folias de Reis com a doada à Irmandade N.Sra. do Rosário e São Benedito, ligada aos ternos de congado, percebe-se que até 1998 houve certa equivalência dos recursos doados para as duas instituições, mas nos anos posteriores houve uma enorme diferença

dos valores doados. A Irmandade de N.Sra. do Rosário e São Benedito tem um estatuto desde 1916. Segundo seu Deni, presidente perpétuo da irmandade, com o surgimento da Secretaria Municipal de Cultura na primeira gestão de Zaire Rezende, a Irmandade também foi vinculada como utilidade pública sem fins lucrativos.

Irmandade N. Sra. do Rosário e São Benedito							
1995	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003
19.000	10.251,60	11.000	8.625	8.625	23.670	32.000	47.560

Fonte: Secretaria Municipal de Cultura de Uberlândia

De acordo com os dados apresentados acima, a partir de 1999 a Irmandade ligada ao congado começou a receber o dobro de verbas, até que em 2001 esse número tornou-se mais de quatro vezes maior. Segundo funcionários da Secretaria Municipal de Cultura, esse crescimento da subvenção dos congados ocorreu devido à pressão dos negros uberlandenses que, por meio de mobilizações, conseguiram aumentar suas subvenções. É importante ressaltar a criação da Coafro – Coordenadoria Afro – como um órgão importante para o movimento político dos negros uberlandenses, que se tornou uma forte parceira da gestão da festa do congado e dos ternos. Alguns integrantes da Coafro – como Jeremias Brasileiro, historiador que escreveu um livro sobre o Congado em Minas Gerais; o capitão Ramon, do Moçambique de Belém; o vereador Xuxa, capitão do Marinheirão do bairro Tibery – dentre outros políticos ligados ao movimento negro de Uberlândia, utilizam de uma maneira bem efetiva o campo da política institucional para o fortalecimento da infra-estrutura da festa nos últimos anos.

Toda essa movimentação política fez com que ocorresse um grande aumento no número dos ternos de congado, além da grande visibilidade que a festa tem em toda a cidade, com propaganda na televisão, grandes cartazes, fechamento das ruas centrais nos dias de encerramento e construção de camarotes da prefeitura para autoridades. Diferentemente das folias de reis, as festas de congados são realizadas no centro da cidade e levam um grande número de pesquisadores, curiosos e demais pessoas ligadas indiretamente com a religiosidade dos santos de louvor.

As Associações e os Encontros de Folias de Reis em Uberlândia (MG)

A sede da Associação das Folias de Reis está situada na capela de Santos Reis. Desde 2004, o presidente da associação reside numa pequena casa dentro do terreno da capela, junto com sua esposa e secretária da associação, dona Mariinha. Segundo o casal, muitas pessoas moraram lá, mas não cumpriam com a obrigação de zelar pela capela. Com eles mais próximos seria mais fácil zelar pelo espaço bem como fazer novas melhorias. Mesmo sem as subvenções da prefeitura, seu Alair fez nos últimos anos inúmeras reformas na capela: colocou cerâmica no piso, que era bastante escorregadio; construiu um fogão à lenha fora do espaço do barracão para aliviar o forte calor provocado pelo preparo da comida; colocou exaustores no barracão, também para aliviar o calor, gerado pelas telhas do “tipo eternit” e pela multidão de devotos que almoça e toma refeições nesse local. Segundo o presidente, todas essas reformas foram realizadas com recursos próprios, obtidos com a arrecadação dos encontros, com a ajuda da comunidade e de algumas folias de reis, etc. Portanto, mesmo sem a subvenção da prefeitura, inúmeras obras e reformas são realizadas na capela.

Os cargos na Associação das Folias de Reis são semelhantes aos demais cargos de qualquer associação: presidente, vice presidente, 1º secretário, 2º secretário, 3º secretário, 1º tesoureiro e 2º tesoureiro e três ou quatro conselheiros. De acordo com o estatuto da associação, as eleições são realizadas de três em três anos. Seu Alair só não foi presidente da associação em uma gestão, devido a um derrame cerebral que sofreu. Na ocasião, 10/07/94 até 15/06/97, sugeriu que o capitão Lindomar assumisse a presidência. Nesta gestão, ele foi vice-presidente.

Atualmente a associação possui mais de 40 folias de reis registradas. Muitas foram registradas há vários anos e nem freqüentam mais a capela. Algumas provavelmente foram desfeitas. Entretanto, outras folias não registradas visitam a capela nos encontros realizados no começo do ano e nos dias das mães. Apesar de o presidente contar com o apoio de muitos foliões que freqüentam a capela, alguns foliões contestam sua postura dizendo que ela é autoritária e de centralidade. Um caso está registrado inclusive nos livros de ata da associação: “*Sr. Belchior dos Reis pediu esclarecimentos sobre decisões,*

ficou conscientizado que decisões só se toma perante uma assembléia, neste dia foi concretizado que a associação não pode ter um presidente perpétuo”.⁵⁸

Outro caso relatado nos livros de atas de 1991 e na memória dos foliões, que culminou na formação de outra associação na cidade – A Associação Caminhos de Belém – foi o desentendimento de seu Alair com o então tesoureiro Márcio Martins Ferreira. Desde 2002 essa associação recebe anualmente subvenção da prefeitura. Mesmo com alguns contragostos, de uma maneira geral seu Alair é visto como um presidente bom, principalmente após o derrame que sofreu, quando passou a dedicar sua vida exclusivamente para a associação e para a capela. Sua cura é atribuída a um milagre realizado pelos Santos Reis.⁵⁹ O próprio capitão Márcio, que teve desavenças com seu Alair, frequenta assiduamente a capela e canta junto com o presidente na folia dos capitães, folia montada para a passagem das coroas.

Em Uberlândia, os encontros de folias de reis são produzidos desde 1986. Surgiram logo após a criação da Associação das Folias de Reis de Uberlândia e a aquisição do terreno para a construção da capela dos Santos Reis. A produção desse evento é encabeçada desde sua primeira versão pelo presidente da associação e por outros membros, principalmente aqueles ligados à diretoria. Festeiros, alguns devotos e algumas folias de reis também possuem um papel fundamental na realização dessas festas. Anualmente ocorrem dois encontros: no primeiro domingo de janeiro e no dia 6 desse mês e no segundo domingo de maio, dia das mães. Mas a capela é utilizada o ano inteiro por foliões, festeiros e devotos que desejam realizar alguma cerimônia para os Santos Reis.

A sua organização demanda principalmente alimentos e materiais de preparação das refeições, pois são realizados almoços e jantas gratuitas nos dias de festa. Para que a quantidade de alimentos seja suficiente, os organizadores do encontro pedem às folias de reis associadas que façam uma jornada na casa dos moradores devotos para que estes doem os alimentos, além de dinheiro e outros tipos de mantimentos. Nem todas as folias associadas fazem as jornadas. É mais comum, como em outros encontros, que as folias ligadas à diretoria da associação façam esse trabalho.

Alguns moradores devotos nem chegam a esperar as folias de reis em suas casas. Eles vão diretamente à capela a fim de doarem algum mantimento. Esse é o caso do

⁵⁸ Ata da Associação das Folias de Reis de Uberlândia, 23/05/91.p36.

⁵⁹ Segue o anexo 1, em que consta parte da entrevista em que o folião conta como foi essa experiência.

devoto João Cardoso, que fez um voto para os santos reis e doou todo o macarrão utilizado na festa, alguns anos atrás:

Eu dei uma tal de seborréia na cabeça, não tinha nada que curava, aí eu deitei na cama e pensei: gente, Santos Reis podia me indicar uma coisa, uma pessoa ou um remédio para eu colocar na minha cabeça e acabar com esse troço, porque era caspa que você tinha vergonha de chegar perto dos outros, era uma doença. Aí eu tava sentada aqui [na porta da casa dele] e passou uma vizinha que me perguntou: “Você sarou esse negócio na sua cabeça?”, eu disse: -” Não”. Ela falou: “ Vai no doutor Vanderlei que é batuta, meu filho deu isso e ele curou”. Aí eu fui e ele curou. Eu acredito que seja uma luz dele [dos Santos Reis].⁶⁰ Aí na festa lá na Igreja dos Santos Reis eu combinei com o pessoal da Associação que o macarrão todo da festa era por minha conta.⁶¹

Apesar de a associação não receber o benefício anual desde 2002, muitas autoridades, como vereadores, prefeitos, funcionários da Secretária de Cultura, comparecem no evento. Os festeiros também são incumbidos de angariarem alimentos, mantimentos e dinheiro. Muitos convidam folias para ajudarem nessa função, sendo o papel dessas os mesmos das folias associadas: saírem em jornadas pelas casas dos devotos para obterem a ajuda. Alguns festeiros também ajudam na festa com recursos próprios, além de desempenharem diversas funções nos dias dos encontros.

O espaço ritual da festa compreende parte da rua da capela, a própria capela e, no momento da procissão, algumas ruas próximas. Na frente da capela situa-se um pequeno comércio ambulante com algumas barracas vendendo comidas, bebidas, quadros de santos, quadros de artistas pop e produtos pessoais como relógios, bonés, brinquedos, CDs piratas, etc. Esse também é o local onde as folias se preparam e iniciam as cantorias.

A capela pode ser dividida em três partes: a frente, o barracão e a nave. Na frente ficam os três arcos, onde as folias e alguns acompanhantes passam cantando para entrar na nave. Esse local é demarcado com algumas fitas coloridas que separam o espaço sagrado do profano. Um fogão de lenha foi construído recentemente ao lado dos arcos para desafogar a pequena cozinha da capela. O restante do espaço é utilizado pelas pessoas para conversar e observar as folias. A nave da capela é um cômodo pequeno e muito importante para a festa. É nesse local que geralmente se dá o desfecho dos rituais sagrados, como a entrega das folias na lapinha, a passagem das coroas pelos festeiros, a saída e chegada da procissão, o cumprimento de votos e as relações de troca entre

⁶⁰ É bastante comum os devotos e foliões chamarem pelos Santos Reis no singular.

⁶¹ Entrevista realizada na casa do devoto João Cardoso, no dia 14/09/2004.

devotos, folias de reis e santos reis. O lugar fica repleto de pessoas do começo ao fim da festa. Muitas delas se emocionam bastante quando vêem uma folia de reis cantando na lapinha.

O barracão é subdividido em alguns pequenos espaços como a cozinha, a despensa, um palco (utilizado para servir refeições), um bar e a área das mesas e cadeiras, onde as pessoas podem conversar, consumir alimentos e bebidas. Nos últimos anos, esse foi o lugar que mais se modificou por causa do grande calor provocado pelas telhas. A associação colocou cerâmica no piso, que era cimentado, e alguns exaustores, além de efetuar uma pintura nova recebida há alguns anos. No mesmo terreno fica o escritório e uma pequena casa onde mora o presidente da associação e sua esposa.

O processo ritual das folias de reis, no encontro em Uberlândia, é dividido em dois momentos: 1) a passagem pelos arcos; 2) a cantoria na lapinha. As folias iniciam a cantoria na porta da capela. É uma prática comum de muitas folias “pegarem emprestados” foliões de outras companhias para preencher alguma voz ou instrumento que falta. Como se vê, há aqui também uma forte evocação de um princípio de reciprocidade entre as companhias. As folias cantam alguns versos antes de avançar pelo primeiro arco. Algumas, mais especiais, como a Oriente para Belém do capitão João Clemente, são recebidas pelo presidente, enquanto outras são recebidas pelos festeiros. Na medida em que as folias seguem cantando pelos arcos, diversas pessoas de todas as idades fazem a beijação da bandeira: se ajoelham e beijam-na, e costumam ficar observando e comentando o desempenho dos foliões.⁶²

Quando uma folia chega ao terceiro arco, que fica na porta da nave, ela pára e aguarda a folia que está cantando na lapinha finalizar o seu canto. Só depois ela entra e canta dentro da igreja. Nesse momento, algum festeiro pega a bandeira, enquanto outras pessoas vão beijá-la. Recomeçando a cantoria, um dos ajudantes da festa traz um microfone, que é dividido entre o capitão e os foliões das respostas.

Muitas pessoas aguardam as folias dentro da nave. Esse espaço é quase todo ocupado por idosos que rezam copiosamente enquanto elas passam. O presidente segue

⁶² Em determinadas apresentações pelos arcos, algumas pessoas que seguram a bandeira percorrem o trajeto ajoelhadas. O alferes da folia Pena Branca, por exemplo, começa a fazer uma espécie de auto benzeção ajoelhado. Ele passa a bandeira por todo o corpo e depois benze todos os componentes da folia. Retorna para a frente da folia e levanta a bandeira para todos os presentes. Ela é saudada com muitas palmas, depois ele se ajoelha novamente e se benze. Logo na seqüência o presidente Alair beija a bandeira e passa por baixo dela.

na frente, logo atrás vêm os festeiros com a bandeira, depois as folias de reis e alguns acompanhantes. Quando elas chegam à lapinha, algumas pessoas choram bastante. Esse é um momento muito emocionante e especial para os devotos, que agradecem os votos recebidos e/ou fazem novos pedidos aos três Reis Magos, ao som da música das folias de reis e da oração das pessoas no presépio. No fim da cantoria as bandeiras são colocadas na frente da lapinha, junto com as outras bandeiras das folias que já haviam se apresentado. Muitos vivas são proclamados pelo capitão e outros presentes, saudando a folia, o capitão da folia, o presidente, Santos Reis, Nossa Senhora e outros santos.

Em 2004 um sistema de som foi montado gratuitamente dentro da nave. Quatro microfones foram disponibilizados na frente da lapinha para o capitão e as três primeiras respostas. Pela falta de uma passagem de som prévia (algo impossível de ser realizado nesse encontro) e a pressa em regular o som de forma compatível com cada voz do folião, o sistema de som provocou sobras de microfônias graves e agudas no começo das cantorias. Na hora do almoço gratuito havia na rua da capela uma fila imensa que chegava até a esquina do quarteirão. Os momentos do almoço e da janta são os mais movimentados. É certo que muitas pessoas vão à festa apenas para se alimentar, visto que o bairro em que está situada a capela e os bairros do entorno são habitados por pessoas de classes populares. Muita gente pobre aproveita a oferta para economizar na alimentação, levando vasilhas para colocar uma quantidade maior de alimentos que servirá a toda família. Esses momentos de almoço e janta geram situações de conflito entre os organizadores da fila e essas pessoas. Ainda em 2004, enfrentando esses problemas, os organizadores, nervosos, gritavam para o pessoal da fila pegar a comida rapidamente e ceder lugar aos próximos.⁶³ Alguns capitães até chamaram a atenção desses organizadores para que se acalmassem, já que eles estavam desrespeitando muitas pessoas, inclusive alguns idosos. À tarde chegam algumas folias de cidades próximas, como Araguari e Prata. Depois de realizada a janta e a passagem das coroas, a festa começa a se esvaziar, restando no local apenas aquelas pessoas que ajudam o presidente e a secretária a limpar a capela.

O encontro de janeiro em Uberlândia, a despeito dos convites enviados pelo presidente até para folias do estado de São Paulo, não costuma ser muito visitado por

⁶³ No dia 6 de janeiro de 2004, a hora do almoço foi mais conturbada que a hora da “janta”, pois foi formada apenas uma fila, que misturava foliões e pessoas comuns. No momento da janta foram feitas duas filas: uma para os foliões e outra para os demais presentes.

folias de outras cidades. No primeiro domingo de janeiro é comum algumas companhias de outras cidades fazerem suas próprias jornadas e no dia 6 de janeiro realizarem as festas de reis em suas comunidades. Por isso, o encontro de folias no segundo domingo de maio, dias das mães, recebe mais folias de outras cidades do que o de janeiro.

As Produções e os Rituais dos Encontros das Folias de Reis no Triângulo Mineiro (MG)

Compreende-se que, no Triângulo Mineiro, inúmeros sujeitos com interesses diferenciados organizam e produzem os encontros de folias de reis em praticamente todas as cidades da região. Temos a cidade de Romaria, considerada pela grande parte dos idealizadores dos encontros das demais cidades como o “centro irradiador” dessa nova configuração de festa e, por outro lado, cidades como Uberaba e Brasília (que não são da região, mas que têm como idealizador o senhor Vomi Batista, oriundo de Coromandel) gerenciadas por intermediários culturais. Entre esses dois pólos, aparecem outros agentes, como associações, secretárias de cultura, fundações culturais, duplas caipiras e paróquias que também estão envolvidos em grande parte na produção desses eventos.

Na cidade de *Patrocínio* (MG) são realizados três encontros anuais produzidos por três associações diferentes: o encontro de folias no asilo São Vicente de Paula é organizado pela Associação São Vicente de Paula, o encontro na gruta de Santos Reis é organizado pela Associação Missionários do Oriente e o encontro no Parque de Exposição, produzido pela Associação das Folias de Reis de Patrocínio em parceria com a prefeitura.

O encontro da gruta de Santos Reis é realizado sempre no 3o domingo de janeiro, data que os atuais organizadores visam a consolidar, para que as folias de outras cidades possam comparecer. Desde o Natal até o dia 6 de janeiro são realizadas milhares de festas de reis em várias comunidades e cidades do Triângulo Mineiro, e no 2o domingo é realizado o grande encontro na cidade de Romaria.

A gruta de Santos Reis localiza-se no cruzeiro do Cristo Redentor de Patrocínio, na entrada da cidade pela BR-365, e foi fundada em 22 de janeiro de 1991, sendo seus

idealizadores Jenir dos Reis, Antônio Ribeiro e Osvaldo Teodoro. Seu Jenir, pessoa muito religiosa, costumava fazer retiros em lugares inóspitos para rezar e em um deles encontrou uma “pedra diferente”, em uma mata próxima ao cruzeiro do Cristo. Resolveu, então, criar ali uma gruta para os Santos Reis. A conclusão da gruta se deu em 19 de janeiro de 1991 e contou com a participação de uma nova gestão da associação, que atualmente cuida do local. Segundo os atuais organizadores, quando os encontros começaram a ser realizados a estrutura da gruta era bem precária, sofrendo inúmeras reformas, idealizadas pelo atual presidente – o motorista de ônibus e capitão de folia Seu Belchior Leonel dos Reis. Entre as mudanças ocorridas em anos recentes destaca-se a edificação permanente da gruta com pedras. O atual presidente e alguns foliões da cidade transformaram o seu único cômodo em três. Os dois cômodos acrescentados são utilizados para colocar animais, como burros, galos, novilhas e carneiros. Estes animais, juntamente com alguns personagens bíblicos (Maria, José, Menino Jesus, Pastores, Izabel, Zacarias, anjos e os três reis Magos), representados por atores da cidade e região, compõem o presépio vivo que conta a história mítica do nascimento do menino Jesus e a visita dos reis Magos. Essas representações cênicas diferenciam os rituais desse encontro dos rituais dos demais encontros da região. Ao longo do dia, Seu Belchior organiza representações bíblicas narradas principalmente em Mateus e Lucas que simbolizam o nascimento de Jesus e a viagem dos Santos Reis.

Para os atuais organizadores, a obra que poderia resolver grande parte do problema de infra-estrutura da festa ainda não foi realizada: a construção de um barracão seria imprescindível para o desenvolvimento do encontro, principalmente para que as refeições fossem preparadas no local. Atualmente, a comida é feita na casa do presidente e transportada em peruas para o local do encontro. De acordo com Gislene, secretária da associação, o intento da “Associação da Gruta”, como é popularmente conhecida, de construir o barracão custaria em torno de dezoito mil reais. Antes do encontro de 2005, a Associação tinha em caixa entre quatro e cinco mil reais.

Um outro empecilho para a construção do barracão é a Secretaria do Meio Ambiente da cidade, que não é favorável à sua construção, pois o local onde é realizado o encontro situa-se em uma reserva ecológica. Para conseguir o restante dos recursos, a diretoria tem em mente vender um terreno doado por um fazendeiro aos Santos Reis, que está em propriedade da associação. Além disso, os organizadores captam recursos

de várias maneiras. Todo ano realizam rifas sorteando diversos eletrodomésticos, motos, cestas com alimentos, novilhas, porcos, entre outros objetos doados pela população ou comprados pela associação com esse intuito. No ano de 2005, eles recorreram a dois novos artifícios para arrecadar mais recursos: a novena e o leilão. Quatorze folias de reis se comprometeram a ajudar na novena. Cada uma fazia uma novena nas casas de giro dos moradores devotos para arrecadar alimentos e dinheiro. Até o dia anterior ao encontro, das quatorze folias, apenas três haviam prestado contas da novena. A folia do presidente Belchior arrecadou em torno de dois mil reais e as outras duas uma média de cento e cinquenta reais, cada uma. O leilão foi realizado no sábado que antecedeu o encontro e, segundo o presidente, rendeu mais dois mil reais, leiloando bezerros, porcos, novilhas e galinhas.

Seu Valtinho, vice-presidente e esposo da secretária Gislene, apresentou-me sua tática de lucrar mais no leilão: ele elevava o dedo a todo o momento para que outras pessoas dessem lances maiores. Diferente do almoço gratuito em outras cidades, a refeição nesse encontro é paga e os recursos também servem como um complemento para o caixa da associação. Todo o lucro do encontro é dividido da seguinte maneira: 60% vai para a Associação dos Missionários do Oriente, 20% para a creche e 20% para a Associação São Vicente, que cuida do Asilo.

Segundo a secretária, a Associação São Vicente queria uma parcela maior do lucro: eles gostariam de receber 30%, diminuindo em 10% os lucros da associação da gruta. De certa maneira, isso gerou uma tensão entre as duas associações, principalmente depois que associação ligada ao asilo organizou no mesmo dia um encontro de folia em Guimarães, cidade vizinha de Patrocínio, fragmentando o encontro na gruta e o número de folias participantes.

Além da diretoria que forma a associação, outros agentes também participam indiretamente da produção dos encontros na gruta. Uns desses agentes são os festeiros que, teoricamente, deveriam angariar recursos e ajudar na organização da festa, preparando a comida e desempenhando pequenas tarefas. É importante destacar que a função desses sujeitos em vários encontros é diferente da função desempenhada por eles nas festas em fazendas ou nas cidades que não se caracterizam como encontros. Como vimos no capítulo anterior, eles são os grandes organizadores e responsáveis pelas festas, enquanto nos encontros realizam essa função parcialmente, gerando algumas

reclamações por parte dos organizadores. Essas lutas simbólicas entre organizadores e festeiros não ocorrem apenas em Patrocínio, mas em várias cidades do Triângulo Mineiro. Os organizadores reclamam que muitas pessoas se inscrevem como festeiros apenas “para aparecerem”, mas não ajudam em nada ou ajudam pouco.

Segundo os organizadores da gruta, no ano de 2005 apenas dois festeiros ajudaram na preparação do encontro. Muitos ajudam no dia da festa organizando o estacionamento (tarefa bastante complicada), a fila de comida, segurando o microfone para as folias ou realizando outras pequenas tarefas, comandadas pelos organizadores mais experientes.

Uma dessas festeiras, empenhada na organização de parte das refeições antes do dia do encontro, é a Dona Sônia Aparecida Marra, esposa do vice-prefeito. O que motivou Dona Sônia a ser festeira, no ano de 2005, foi a forte devoção que tem com santos reis, principalmente depois de um incidente ocorrido com seu filho, João de Marra Neto. Os três (vice-prefeito, esposa e filho), permaneceram na festa o dia inteiro e após a missa o vice-prefeito e sua esposa conversaram, por meio do som mecânico, com as pessoas presentes na festa.

*Um ano atrás meu filho adoeceu, foi internado uns dez dias com uma infecção que ele pegou, mas eu fico muito agradecida que Santos Reis me ajudou muito e eu tive o meu filho de volta. Quase perdi ele, mas graças a Deus eu tô ajudando aqui com muito prazer, meu filho tá ajudando e tudo vai dar bem no dia de amanhã. Ele teve uma infecção no braço direito, nós levamos ele para Uberaba de ambulância, fiquei lá dez dias e lá tinha um médico conhecido e fomos atendidos na hora, graças a Deus. Meu marido fez um voto quando a gente tava indo lá para Uberaba, na ambulância. Ele falou que se a gente perder ele, tava na mão de Deus, mas Santos Reis há de ajudar e vamos trazer ele sadio e forte, e graças a Deus hoje ele tá aí, forte, nos ajudando na festa da gruta. A promessa do meu marido a gente já cumpriu, a gente fez uma festa o ano passado e a doação nós entregamos na festa da gruta e fomos lá fazer a doação e fomos convidados para ser festeiro esse ano e tamos aí ajudando. Fizemos uma festa ano passado, foi dia dez de janeiro e amanhã, nós vamos tá lá ajudando a servira comida e meu filho carregando a comida.*⁶⁴

Outro agente que ajuda na infra-estrutura do encontro é a prefeitura, que empresta, monta e desmonta os barracões de lona que são colocados próximos à gruta, além de doar pães e café para um lanche gratuito oferecido à tarde. Os meios de comunicação também participam do evento. Todo ano a festa é registrada e patrocinada pela Thiago Produções, produtora de filmagens cujo proprietário é o filho de seu Belchior, que

⁶⁴ Entrevista realizada na casa do presidente Belchior Leonel dos Reis, dia 15 de janeiro de 2005.

registra praticamente todas as folias que visitam a gruta e as representações teatrais que ocorrem ao longo do evento. A rádio Rainha da Paz, ligada à Igreja Católica com o intuito de evangelizar fiéis, também faz a cobertura ao vivo do evento, desde o sábado que antecede o encontro até o final das apresentações. Esporadicamente, os canais de televisão realizam matérias sobre o encontro. A organização também aluga um som, que é montado próximo à gruta para que os participantes possam escutar a missa, as folias, o sorteio das rifas e os recados do presidente.

Outro encontro visitado, na cidade de Patrocínio, é realizado no Parque de Exposições da cidade e organizado pela Associação das Folias de Reis de Patrocínio. O primeiro encontro foi realizado no ano 2000, na igreja da Matriz. No ano seguinte foi transferido para o Parque de Exposições. A intenção dos organizadores desse encontro é também fixar uma data para que folias de outras cidades possam visitar essa festa. Por isso, escolheram como data a semana que antecede o carnaval.

Em 2004, a prefeitura fez-se mais presente nesse encontro que no encontro da gruta, tanto na produção quanto no evento, através da presença de dona Fátima, secretária de cultura, na mesa que emite os diplomas para as folias participantes. Apontando a participação da prefeitura, dona Fátima disse que as reuniões para a preparação do encontro são realizadas na casa da cultura, a prefeitura cede todo o espaço físico do evento, ajuda nos uniformes das folias, na confecção dos diplomas, dos crachás, e comanda a produção, juntamente com a associação.

No encontro da gruta há ainda um retiro espiritual, às vezes em uma fazenda, às vezes na igreja, reunindo diversos capitães da cidade e autoridades eclesiásticas a fim de organizarem a festa. É a partir dele que os organizadores agendam as demais reuniões para organizarem o evento.

No cartaz do encontro do Parque de Exposições constam os patrocinadores do evento: prefeitura, secretária de cultura e a Rádio Difusora. O radialista J. Santos, que até 2004 ocupava o cargo de presidente da Associação das Folias de Reis em Patrocínio e era o grande mestre de cerimônias do evento, apresentando todas as folias no encontro com transmissão ao vivo pela rádio, em 2005, com a eleição de uma nova chapa, tornou-se o vice-presidente.

Percebe-se que a relação entre certos organizadores dessas duas associações não é muito amistosa, pois alguns organizadores do encontro no Parque de Exposições não

participam do encontro na gruta e vice-versa. Mesmo assim, existem alguns foliões que participam da diretoria das duas associações e foliões de grupos ligados a uma associação que participam dos dois encontros. É o caso do atual presidente da Associação das Folias de Reis de Patrocínio, seu Gaspar Lima de Souza, que na gestão anterior era o vice-presidente e que todo ano participa do encontro na gruta, com muito prazer e emoção, como ele mesmo diz.

Nesse encontro as refeições também são vendidas e o lucro da festa também é dividido. Segundo seu Tatá, integrante das duas associações, o lucro do encontro no Parque de Exposição é dividido da seguinte maneira: 30% para a Igreja São José, que está em construção, 30% para a paróquia e 40% para a Associação, que monta um caixa para socorrer os foliões associados quando estão doentes, ou para custear transportes para a participação em outros encontros, entre outros problemas referentes às folias da cidade.

Essa nossa [associação da gruta] não é uma associação como do Parque, essa do Parque tem um caixa, tem um folião que tá com uma doença na família então a associação tem aquele cachezinho pra ajudar no caso de urgência. Já essa é pra fazer a melhora da gruta, como você viu lá e construir um barracão. Cada uma tem um sentido. Eu por coincidência participo das três, do asilo eu participo com capitão de folia, essa aqui como cozinheiro e a outra eu faço parte do conselho.⁶⁵

Portanto, na cidade de Patrocínio, inúmeros sujeitos atribuem diversos significados para esses encontros das folias de reis. Alguns procuram legitimar e atribuir sentidos para todos os encontros e todas as associações, participando de tudo, ou participando de uma associação prestando apenas serviços burocráticos, ou prestigiando as festas produzidas pelas demais associações. Alguns foliões, com quem conversamos, criticam a falta de integração por parte de alguns organizadores desses encontros, frisando não entenderem bem a falta de união dos produtores desse evento.

A cidade de *Araguari* é outro município que realiza os encontros de folias de reis há muitos anos. Segundo o fundador da Associação Beneficente das Folias de Reis de Araguari e Região e do encontro de folias da cidade, o advogado José Maria, o encontro de folias de reis começou a ser realizado na cidade em 1988. “*A gente sempre participava dos encontros em Romaria e eu fui observando que outras cidades*

⁶⁵ Entrevista realizada no dia 15 de janeiro de 2005, na casa do presidente da associação da gruta.

poderiam promover esses encontros, esses eventos. Dadas as dificuldades de locomoção, pensei que poderia ser criado um aqui”.⁶⁶

A produção do encontro é realizada pela associação da cidade e, no ano de 2005, foi patrocinada pela prefeitura, que forneceu mil e quinhentos reais para a realização do evento. O dinheiro é repassado pela FAEC – Fundação Aragarina de Educação e Cultura – entidade que substituiu a Secretária de Cultura e Educação da cidade. Esse pedido é encaminhado da fundação para a câmara dos vereadores e depois para o prefeito. Ao aprovar o recurso, este é repassado para a associação, que deve prestar conta dos custos do encontro por meio de notas fiscais. Segundo a atual presidente da associação das folias de Araguari, Dona Luzia, não é todo ano que a prefeitura ajuda com essa subvenção: *“durante o tempo que eu venho na associação, eles ajudaram um ano, agora é que vai interar o segundo”*.⁶⁷ Com a mudança de gestão da FAEC, a partir de 2005, os associados têm se mostrado bastante otimistas com a atual presidente da fundação Cinthia Maria que, segundo o fundador Zé Maria e Dona Luzia, é uma pessoa que demonstra querer apoiar as manifestações populares da cidade.

Outra estratégia da associação para a produção do encontro é solicitar às folias associadas que elas arrecadem alimentos e dinheiro para a festa. Mas como é comum em diversos eventos na região, apenas as folias mais próximas da diretoria da associação ajudam efetivamente, “soltando as folias” nas casas de moradores devotos para pedirem esmolas e prendas em nome dos Santos Reis. Como comenta Dona Luzia,

*Não são todas as folias, agora uma que ajuda é a Estrela do Oriente, todo ano os componentes dela andam, ajudam, tanto eles andam e ajudam a pedir, como eles trabalham também. As outras ainda não ajudaram nenhuma vez. Não, aliás, desculpa. O capitão Antônio Lucas levou uma cesta o ano retrasado, e no ano de 2000 o Capitão Antônio Mota também deu uma cesta, cada um foi uma cesta pequena, como se diz, pelo tanto que gasta né, mas valeu a intenção né, eu penso se todos fizessem assim, a gente fazia as coisas com mais facilidade.*⁶⁸

Em Araguari também se trabalha com o sistema de festeiros. No ano de 2005, o encontro contava com 29 festeiros, sendo um deles seu Mario Fernandes, que é deputado estadual. A presidente comenta que os festeiros em Araguari costumam ajudar bastante e alguns, como o próprio deputado, que são pessoas com maior poder aquisitivo, contribuem com maior valor. Outros, que não possuem um poder aquisitivo

⁶⁶ Entrevista realizada no dia 23 de janeiro de 2005, no encontro de folias de reis em Araguari (MG).

⁶⁷ Entrevista realizada dia 19 de janeiro de 2005, na casa de Dona Luzia em Araguari (MG).

⁶⁸ Entrevista realizada dia 19 de janeiro de 2005, na casa de Dona Luzia em Araguari (MG).

tão alto, ajudam pedindo alimentos, trabalhando na cozinha ou na organização do encontro. Dona Luzia se diz satisfeita com a atuação dos festeiros de Araguari.

A Igreja também participa do evento doando a infra-estrutura do espaço físico, realizando a missa e orientando na organização da festa, apesar da recente troca de padre, que não tem agradado muito alguns foliões. Como comenta um folião: “*por causa da troca de padre que teve a turma ficou meio assim, um pouquinho meio desanimada, porque esse padre que entrou agora, ele não é muito entusiasmado, né. Então, nós temos que chegar nele, entusiasmar ele, mor da gente obter a ajuda dele*”.⁶⁹

As dificuldades para se realizar esse encontro em Araguari também são sentidas na divulgação do evento. Para convidar folias de outras cidades, sem dinheiro para a postagem dos convites e para realizar ligações, a presidente conta com a colaboração de colegas foliões, no sentido de espalharem a notícia do encontro de Araguari, principalmente no encontro de Romaria. Apesar do esforço dos colegas, no ano de 2005 apenas uma folia de outra cidade – Tupaciguara (MG) – visitou o encontro, mas, de acordo com os organizadores, em anos anteriores inúmeras folias de outras cidades visitaram o encontro, inclusive folias de outros estados, como a de Catalão (GO).

Também são confeccionados cartazes, que são espalhados por toda a cidade. Em 2005, foram confeccionados mil cartazes, com o que foram gastos duzentos e oitenta reais, custeados com o patrocínio de empresas.

Alguns foliões associados, mas não ligados diretamente à atual diretoria, acreditam que a organização desses encontros e das folias de uma maneira geral ainda “está bastante devagar” e que falta mais união entre os grupos para que a festa se torne mais forte, como é a festa e a associação de congado da cidade. Segundo Maria Benedita, foliona e congadeira que participa das duas associações :

*Aqui em Araguari nós temos duas entidades festivas, que é o congado e a folia de reis. Só que as folias de reis estão muito atrasadas em matéria de união. Como eles não tem a união, eles não tem a verba da prefeitura, que passa pelos vereadores e pelo prefeito e chega até nós. É a verba que a gente organiza os uniformes, os instrumentos, então ainda não tem isso, aqui o que a gente tem é tudo suado com recursos próprios. Então, o que a gente queria? A gente queria que a associação das folias de reis fosse igual a de congado, se unir com muita luta, se conjugar para que o ano que vem nós pudesse ter mais verba.*⁷⁰

⁶⁹ Entrevista realizada com um folião de Araguari, no dia 22 de janeiro de 2005, no encontro de folias de reis em Araguari (MG).

⁷⁰ Entrevista realizada no dia 22 de janeiro de 2005, no encontro de folias de reis em Araguari (MG).

Portanto, em Araguari, a festa, que é organizada pela associação, conta com o apoio de inúmeros sujeitos como a prefeitura, a população devota, empresários e a igreja. Essa integração de diferentes sujeitos na organização dos encontros é muito comum na região, sendo que em cada cidade há uma variação dos sujeitos que comandam essa integração.

Em Indianópolis existem encontros há 12 anos, idealizados pelo capitão de folia Seu Norberto, mas não existe uma associação de folias de reis, já que na cidade existem apenas duas folias. Ele começou a ter o apoio da prefeitura há oito anos e a cada ano a festa vai crescendo. Segundo o folião, o encontro começou com três folias, duas da cidade e uma de fora. No segundo participaram cinco; no terceiro, sete; nos últimos anos o número de folias gira em torno de dezesseis grupos. Recentemente formou-se uma diretoria que organiza e distribui as funções para os demais sujeitos, controla as arrecadações e cria a programação do encontro.

Seu Norberto disse que idealizou o encontro depois de visitar por vários anos os encontros de folias de reis em Romaria, até o ano de 2005. O capitão comentou que “falhou” somente um ano a sua ida até a cidade sagrada e no mesmo ano ele também não pôde organizar o encontro em Indianópolis, por causa de uma cirurgia (2003). Nesse ano, o capitão teve que amputar uma das pernas por complicações de saúde, e mesmo assim continua sua jornada com a folia de reis. Como ele mesmo disse:

A gente espalha convite pra toda banda e todo ano a gente sai com a Bandeira e a gente anda pra toda banda, a gente vai pra Iraí de Minas, Nova Ponte, Uberlândia, Tapuirama. Mas esse ano [2004] não deu pra gente ir porque eu cortei a perna, mas estamos aí, orientando, organizando junto com a turma. Mas eu ando aqui, fui em Romaria domingo retrasado, soltei a folia lá, enquanto vida Deus me der e eu puder movimentar com a cadeira eu vou girar com a folia.⁷¹

No dia do encontro, seu Norberto recebeu uma grande homenagem da população de Indianópolis em torno do palanque em que as folias se apresentavam, o que levou grande parte dos presentes à emoção, inclusive o próprio homenageado, envolto em lágrimas. Mesmo com toda a dificuldade, seu Norberto é uma pessoa que não costuma reclamar da vida, aparentando estar sempre muito feliz e satisfeito.

Além da diretoria, também a prefeitura, a igreja e os festeiros ajudam na organização, juntamente com segmentos da população, que doam mantimentos para o almoço gratuito, oferecido a mais ou menos três mil pessoas. Segundo integrantes da

⁷¹ Entrevista realizada no dia 25 de janeiro de 2004, no encontro de folia de reis em Indianópolis (MG).

diretoria, o padre é uma pessoa muito devota de Santos Reis, tendo inclusive nascido no dia 6 de janeiro. Segundo esses integrantes, o padre costuma ajudar o pessoal da organização (todas as pessoas entrevistadas o elogiaram). A prefeitura também ajuda, segundo os organizadores. Viabiliza as vestimentas (ou uniformes), doa todo o espaço físico da preparação do almoço e do café da manhã, empresta o som, providencia os meios de transporte para as folias fazerem os giros e participarem de outros encontros na região e aluga um palco no dia do encontro para a apresentação das folias.

Em outras cidades, a integração entre esses sujeitos não é tão harmoniosa como em Indianópolis. Em *Coromandel*, o presidente da associação das folias de reis e principal organizador do evento, Seu Sebastião Carapina, disse que a festa é realizada na cidade porque o povo, os empresários e os fazendeiros ajudam bastante. Nem o poder público nem o poder eclesiástico da cidade contribuem na organização do encontro ou emprestam forças à associação.

Os padres lá não são muito chegados nas folias de reis não. Eu não entendo não, já que é uma coisa bem religiosa.(...) Não pode misturar essa festa com a política. Um vereador de Coromandel passou a mão nos estatutos e engavetou, não lembrou que tinha que pagar o imposto de renda daí ficou paralisada [a subvenção]. Daí a gente teve que fazer um novo estatuto para receber a escritura do terreno [doado para eles fazerem a igreja de santos reis]. Inclusive os transportes dos foliões têm que ser por nossa conta.⁷²

Em 2005, encontrei-me novamente com Seu Sebastião, no encontro da gruta, em Patrocínio, e ele reafirmou todo o discurso do ano anterior. Mas acrescentou que está um pouco mais esperançoso com a nova prefeita, que foi festeira no primeiro ano de sua eleição.

A atriz e colunista do jornal Horizonte de Coromandel, Reinildes Ramos, também tem a mesma opinião do presidente da associação:

A igreja não tem uma posição, eles apenas aceitam. O poder público acha que é da responsabilidade da igreja e a igreja acha que é só cultural. Eu acho que é cultural e religioso. Eu perguntei pra um folião que ficou uma semana sem trabalhar porque estava com uma folia na

⁷² Entrevista realizada no dia 5 de fevereiro de 2004, no encontro de folia de reis no Parque de Exposição em Patrocínio.

*roça, se ele recebia pra fazer isso e ele me disse que não, que faz isso pela fé, eu achei isso tão bonitinho e fiquei pensando: a Igreja devia reconhecer isso.*⁷³

Em outras cidades, como *Araxá*, a reclamação dos organizadores se dá em sentido inverso: reclamam do autoritarismo e da centralização de poder por parte do padre, no contexto da festa. Nesse encontro a igreja disponibiliza uma barraca central, que vende alimentos e bebidas para a arrecadação de dinheiro, e ainda ajuda os festeiros e foliões a arrecadarem mantimentos e dinheiro da população para realizarem um grande almoço gratuito. O padre também aluga parte do espaço físico dos entornos da praça para barraqueiros e monta uma grande barraca que vende bebidas e alimentos nos dias de festejos.

A organização do encontro de folia de reis nesta cidade é muito interessante, pois ele é realizado em uma semana e em todos os dias há a apresentação de duplas sertanejas e bandas de baile no local. Segundo o atual vice-presidente e idealizador do encontro, Seu Gaspar, toda a arrecadação é utilizada para a construção da igreja dos Santos Reis, que começou a ser edificada em 2004 e está praticamente concluída.

*Nós ganhamos um terreninho que não cabia nem um carro dentro pra fazer a capela. Aí nós trocamos idéia e concluímos: gente, nós não podemos fazer uma igreja grande, porque o encontro é muita gente, então tem que acomodar o pessoal, né. E tem que ter espaço e lá não tinha e a gente lutou. Hoje nós temos essa praça que é tudo de Santos Reis, nós conseguimos na prefeitura.*⁷⁴

⁷³ Entrevista realizada no dia 15 de janeiro de 2005, no encontro de folia de reis da gruta em Patrocínio.

⁷⁴ Entrevista realizada no dia 2 de fevereiro de 2003, no encontro de folia de reis em Araxá. Nesta época o terreno estava sendo limpo para a edificação da igreja.

A construção de igrejas dos santos reis vem sendo uma prática muito comum em toda a região. Em Araguari⁷⁵ e Coromandel, os foliões conseguiram o terreno, a planta e o projeto para a construção. Em Uberlândia, Prata e Araxá elas já foram edificadas. Alguns foliões de Uberaba também planejam construir uma igreja na cidade.

A organização do encontro em Araxá também é realizada de uma maneira integrada, contando com a presença da associação das folias de reis, a associação dos moradores do bairro Pão de Açúcar, festeiros, a prefeitura e a Igreja. A presidente da associação dos moradores, Dórote, que trabalha como produtora cultural organiza os shows, agendando toda programação noturna, segundo o atual presidente da associação de folias, Seu José Manuel. No ano de 2005, a prefeitura começou a repassar uma subvenção para a associação. Em anos anteriores, ela ajudava com transportes, serviços de correios e de divulgação do evento. A festa também entrou no calendário turístico da cidade.

Segundo o idealizador, Seu Gaspar, a festa de 2005 não foi muito boa em termos de presença de folias porque o atual presidente marcou o encontro para o mesmo dia do grande encontro realizado na cidade de Campos Altos, que é o segundo maior encontro da região. Isso fez com que ele ficasse bastante chateado com os colegas da organização, já que a coincidência de datas impediu que a sua e outras folias, interessadas em visitar o encontro em Campos Altos, pudessem participar desse encontro. Além disso, essa coincidência fez também com que poucas folias das cidades vizinhas participassem do encontro de Araxá, *“porque como a festa de lá é mais ‘tradicional’, elas preferiram visitar a cidade vizinha”*, comenta o folião. Seu Gaspar tem a intenção de convencer os colegas da associação e a prefeitura a mudar a data do encontro, para evitar a coincidência com as datas dos encontros das outras cidades. Para isso sugere que o encontro fosse realizado no meio do ano, como acontece nas cidades de Ibiá e Bambuí.

⁷⁵ O intuito do idealizador do encontro em Araguari, o advogado Zé Maria, é construir uma igreja suntuosa dos santos reis em Araguari, que mescle o estilo barroco (próprio dessas manifestações religiosas) com o estilo moderno. *Esperamos ganhar uma subvenção para realizarmos alguns projetos. Temos um para edificar nossa sede social, bem como a nossa igreja de santos reis em Araguari, que ainda não tem na região. Tem capelas, a gente sabe, em Uberlândia tem uma, mas em Araguari nós queremos edificar uma igreja maior, mais suntuosa, e pensamos num projeto arquitetônico misto, um projeto barroco e moderno fazendo uma miscigenação que traduz as nossas raízes.*

No local da festa é montada uma infra-estrutura com o aluguel de uma grande tenda, do palco e do som que, segundo o presidente da associação, são custeados com patrocínios e arrecadações das folias. Todo lucro é dividido em duas contas: uma conta conjunta da associação com a igreja, utilizada para os gastos da construção da igreja de santos reis, e outra conta para a movimentação exclusiva da associação.

O encontro de *Campos Altos* surgiu da mesma maneira que os demais. Alguns foliões visitaram o encontro em Romaria e, em 1985, resolveram realizar um evento semelhante na cidade, que, apesar de pequena, conta com muitos termos de folias de reis. A cidade possui um santuário de Nossa Senhora da Aparecida, que é popularmente conhecido como o 2º maior santuário do Brasil, menor apenas que o de Aparecida, no interior paulista. Por ser um centro de peregrinação, a estrutura do santuário, conforme descreve o padre Jorge Côrrea, está em constante reforma, devido ao crescente número de romeiros que peregrinam no dia 12 de outubro e em outras datas (romarias específicas de outras cidades são realizadas no santuário). Antigamente, o local era muito aberto e os romeiros ficavam ao relento, expostos à chuva e ao sol.

O santuário é localizado em uma região alta, bem afastada das casas da cidade. Com o passar dos anos a Igreja passou a ser uma das principais parceiras na organização do encontro, ajudando em toda a infra-estrutura do evento e fornecendo os papéis para os convites, cartazes e serviço de correio. Em época de festas, ela também aluga espaços para barraqueiros venderem produtos. O número de barracas no santuário e o movimento de pessoas no comércio é o maior de todos os encontros visitados na região.

A prefeitura também ajuda limpando o local do santuário e fornecendo o transporte para a circulação das folias e para os festeiros angariarem recursos e alimentos para o encontro.

Segundo Seu Arnaldo, um dos principais organizadores do evento, um cinegrafista do Rio de Janeiro, conhecido como senhor Afonso, produziu um documentário sobre o encontro, veiculado no exterior. Todo ano, seu Orlandinho, morador de Campos Altos, empresta sua aparelhagem de som para as folias se apresentarem no palanque e, como retribuição, vende CDs gravados no encontro anterior, por dez reais (ele grava cerca de quinze folias por ano). A presença da imprensa também é freqüente na festa. Rádios, jornais e canais de televisão noticiam o evento, antes do dia, para divulgação, e depois, como reportagem. Uma das idéias da

diretoria que organiza o evento, mas que ainda não pôde ser concretizada por causa dos altos custos, é divulgar o evento em propagandas comerciais na televisão, como ocorre com as romarias de Trindade e Muquém, em Goiás, e a festa do congado em Uberlândia.

Outro encontro de folias de reis muito comentado na região é realizado em Uberaba. De acordo com o livro *Folia de Reis: folclore encantado* (2003), do uberabense e teólogo Carlos Pedroso, a cidade possui cento e quarenta e seis folias registradas pela Fundação Cultural. Como muitas folias não são registradas, Uberaba aparece como uma das maiores cidades do Brasil, se não for a maior, em número de folias de reis.

Existiu na cidade, desde 1958, um festival de folias de reis organizado no último domingo de agosto pela dupla sertaneja local Toninho e Marieta, realizada na rádio PRE5 – atual Rádio Sociedade. “*Anos depois, quando surgiu a televisão, Toninho e Marieta continuaram tais festivais, por vários anos seguidos, ao vivo, na TV Uberaba, quando aquela ainda TV era afiliada à extinta TV Tupi de São Paulo – SP*” (Pedroso, 2003:30). No primeiro ano, doze folias concorreram a prêmios. Eram premiados os três primeiros lugares, que em segundo programa disputavam o primeiro lugar da competição. No festival havia uma comissão julgadora. Segundo o teólogo:

(...) nem todos concordavam com o resultado e com o tempo começou a haver uma animosidade entre os foliões. Muita discussão. Para se evitar essa intranquilidade, não há mais os antigos festivais em que havia premiação só para as melhores folias de reis. Atualmente há encontros promovidos pela Prefeitura Municipal de Uberaba ou por associações, sem comissão julgadora (Pedroso, 2003:31).

Segundo o atual presidente da Fundação Cultural de Uberaba, Antônio Carlos Marques, há quinze anos houve essa modificação na filosofia do evento. Para ele, como também para o teólogo, essa transformação de festival para encontro resultou em uma maior confraternização entre as folias de reis da cidade. Atualmente, um dos encontros realizados na cidade é organizado pela Fundação Cultural em parceria com o SESC.

Para ele há pouca participação dos foliões e das três associações na produção desse evento. Nesse encontro não existe sistema de festeiros e a Igreja também não participa. Portanto, diferentemente de outras cidades, somente essas duas entidades – Prefeitura e SESC – se encarregam de realizar o evento.

Há um outro encontro realizado pela AFRU – Associação das Folias de Reis de Uberaba – no mês de agosto. Para o fundador e ex-presidente da associação Geraldo José da Silva, a participação da prefeitura nesse encontro é bastante problemática.

A prefeitura tem sérios problemas aqui. Tem ano que ela ajuda, tem ano que não ajuda. No ano passado ela ajudou. Nesse ano, por exemplo, a única coisa que ela nos ajudou foi com a aparelhagem de som. Infelizmente eles não puderam ajudar em mais nada: eles alegam dificuldades e outras série de coisas para não ajudar.⁷⁶

Assim, compreende-se que em Uberaba a inserção de novos intermediários culturais, como o SESC e a Fundação Cultural, não se restringe às parcerias ou aos aspectos rituais de registro, como é comumente constatado em outros encontros. Nessa cidade há uma centralização da produção de um dos encontros.

A cidade de Brasília (DF) também realiza encontros de folias de reis produzidos por intermediários culturais.⁷⁷ Seu Volmi Batista, produtor cultural e proprietário da VBS Produções realiza desde 2001 os encontros de folias de reis no Distrito Federal. Esses encontros contam com a parceria da Secretária do Estado da Agricultura, Pecuária e Abastecimento e sua afiliada, EMATER, além da parceria de algumas empresas da cidade, da Câmara Legislativa e do Governo do Distrito Federal. Atualmente o encontro tem a co-produção do Clube do Violeiro Caipira de Brasília. A VBS Produções trabalha no ramo da música caipira, empresariando algumas duplas novas e outras conhecidas, como a dupla Zé Mulato e Cassiano, uma das principais duplas desse gênero musical.

Segundo informativos culturais enviados pela empresa via internet:

O encontro de folia de reis do DF apresenta-se como o mais importante evento de valorização cultural desenvolvido em Brasília e de suma importância para a divulgação a nível nacional dos potenciais, turístico, cultural e econômico do DF. A cidade de Barretos – SP é nacionalmente conhecida pela Festa do Peão Boiadeiro e Brasília, em breve, tornar-se-á a capital da Folia de Reis.

Como diz a própria produção, monta-se em janeiro, geralmente na última sexta, sábado e domingo, uma mega-estrutura na Granja do Torto para receber foliões oriundos de várias cidades do Brasil, bem como duplas caipiras e grupos folclóricos que realizam oficinas ao longo do evento. Uma cidade caipira é montada no local para

⁷⁶ Entrevista realizada com o folião em agosto de 2001, no encontro de folias de reis em Uberaba.

⁷⁷ Apesar da cidade não fazer parte da região em foco, é importante mencionarmos a sua produção, visto que seu idealizador é da cidade de Coromandel.

caracterizar melhor o estilo do evento. Comidas típicas são vendidas e várias rodas de violas são realizadas entre os artistas famosos e os foliões.

Os produtores visam a lançar alguns produtos da festa, como a produção do CD “Registro Sonoro do Encontro de Folia” que está sendo viabilizado pelo patrocínio da Petrobrás. Em anos anteriores, eles produziram um documentário em vídeo, e uma ong paranaense - Olaria Cultural - lançou o livro “Tocadores”, com muitas entrevistas, fotos e referências ao 2º encontro de Brasília. Segundo Volmi Batista, 40% do material coletado por eles foram extraídos desse encontro. Entretanto, outras etapas da realização do projeto necessitam de patrocínio, caso da revista e do vídeo.

A produção tenta realizar um encontro com cerca de vinte grupos de folias. Um dos problemas dos anos anteriores foi a falta de estrutura para acomodar os foliões e acompanhantes. O encontro chegou a receber em sua 3ª edição quarenta grupos de folias, oriundos de diversos lugares: centro-oeste e norte de Goiás, entornos de Brasília, Norte de Minas, Triângulo Mineiro e São Paulo.

A igreja não participa do evento. Segundo o empresário Volmi, eles convidam todo o ano a CNBB a participar. Em um dos encontros um padre compareceu espontaneamente na benção inicial e em um outro ano a produção contratou outro padre. Todas as cerimônias religiosas são realizadas pelos foliões. A CNBB alega que essas festas são profanas e por isso não enviam nenhum representante.

ENCONTROS DE FOLIAS DE REIS NO TRIÂNGULO MINEIRO													
Cidades	Produtor	Controle Do lucro	Doadores	Ano de fundação	Controle dos rituais Sagrados	Comida	No de festeiros	No de folias	prefeitura	Igreja	Intermediários culturais	Tipo de encontro	Duração do encontro
Romaria	Igreja	Igreja	Festeiros e População	1977	Igreja	Gratuita	300	60 / 65	Xxxxxxxxx	Agenciadora	Vários*	Inter Estadual	1 dia
Uberlândia	Associação das folias de reis	Associação	Folias e devotos	1985	Associação e folias	Gratuita	20	15 / 20	Subvenção anual	Missa no domingo	Pesquisadores e imprensa	Inter Municipal	2 dias
Araguari	Associação das folias de reis	Prefeitura	Prefeitura e folia	1987	Igreja e associação	Gratuita	30	10 / 15	Subvenção	Espaço físico e missa	Pesquisadores	Inter Municipal	1 dia
Araxá	A.F. de reis, igreja, Associação de Moradores e festeiros	Associação das folias de reis e Igreja	Festeiros, folias e prefeitura	1999	Igreja	Gratuita	20 / 30	30 / 35	Ajuda no transporte, correio e subvenção	Controle da verba, espaço físico e missa.	Duplas sertanejas e rádio	Inter municipal	1 semana
Campos Altos	Diretoria da festa e Igreja	Diretoria	Festeiros e folias	1985	Igreja	Gratuita	22	55	Transporte e limpeza da igreja	Infraestrutura e papelada	Produtor de CD e documentarista carioca	Inter estadual	2 dias
Patrocínio (gruta)	Associação Missionários do Oriente	A. M. Oriente, creche, Assoc. São Vicente	Folias, leilões e devotos	1992	Presidente da associação	Paga	40	20 / 25	Barracões e o lanche da tarde	Missa e parte do lucro	Rádio Rainha da Paz e Thiago Produções	Inter municipal	2 dias

Capítulo 2 – As associações e os encontros de folias de reis no Triângulo Mineiro (MG)

Patrocínio (Parque de exposição)	Associação das folias de reis	Associação e paróquias	Folias e Devotos	2000	Associação das folias de reis	Paga	Sem festeiros	20 / 25	Espaço físico	Missa e parte do lucro	Sistema difusora de rádio	Inter municipal	1 dia
Coromandel	Associação das folias de reis	Associação das folias de reis	população	1993	Associação	Gratuita			Estrutura física	Missa	Jornal	Inter municipal	1 dia
Uberaba	Prefeitura e sesc	Prefeitura	Prefeitura	1990	Prefeitura	Gratuita	Sem festeiros	60	Agenciadora	xxxxxxx	Imprensa	Municipal	1 dia
Indianópolis	Diretoria da festa e festeiros	Diretoria da festa	Folias e festeiros	1993	Prefeitura e Foliões	Gratuita	38	20 / 25	Estrutura física e transporte	Missa	Emissoras de rádio	Inter municipal	1 dia
Brasília	VBS produções e clube do violeiro caipira de Brasília	VBS produções e clube do violeiro caipira de Brasília	Petrobrás, EMATER e Governo do Distrito Federal	2000	Produtores culturais	Gratuita para os foliões / paga para visitantes	Sem festeiros		Xxxxxxxx	Participação na abertura	Empresários, músicos e grupos folclóricos	Nacional	3 dias

Encontro de folias de reis em Indianópolis



Figura 12 - Passagem do primeiro arco.



Figura 13 - Os três reis magos.



Figura 14 - Seu Norberto Nunes, fundador do encontro.



Figura 15 - Preparação do almoço gratuito.

Encontro de folias de reis em Campos Altos

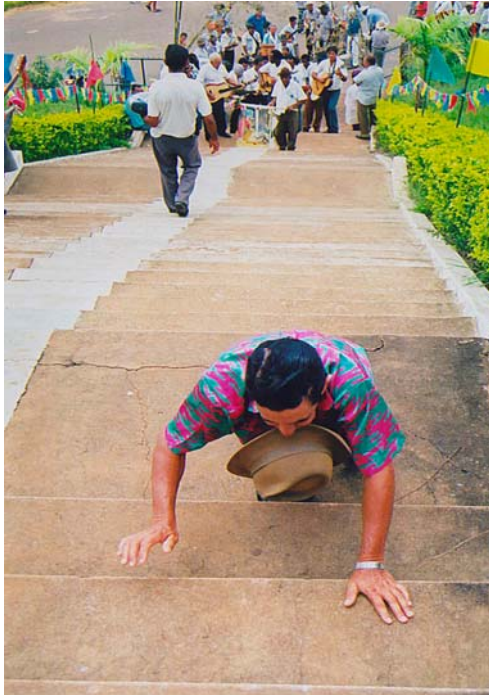


Figura 16 - Devoto.



Figura 17 - Folião com quadro de Santo Reis.



Figura 18 - Sanfoneiro em cantoria.



Figura 19 - Percussionista e alferes.

Encontro de Folas de Reis em Araguari



Figura 20 e 21 - Folia de Reis do Capitão Batata.



Figura 22 - Violino na Folia de Reis.



Figura 23 - Pedagogia da Folia de Reis.

Encontro de Folias de Reis em Patrocínio.



Figura 24 - Tocador de puíta.



Figura 25 - Seu Gaspar, presidente da Associação de Folias de Reis.



Figura 26 - Alferes com bandeira.



Figura 27 - Seu Brechó, presidente da Associação da Gruta.

Encontro de Folias de Reis em Uberlândia.



Figura 28 - Benção na cozinha.



Figura 29 - Bandeiras na Lapinha.



Figura 30 - Festeira chegando à Igreja.



Figura 31 - Passagem da folia e devotos

ROMEIROS DA ÁGUA SUJA: OS CAMINHANTES DA CULTURA POPULAR EM ROMARIA (MG)

O povoado de Romaria surgiu no final do século XIX, época da crescente ocupação do Alto Paranaíba e Triângulo Mineiro. Com a descoberta de ouro e diamantes no interior do Mato Grosso, em Goiás e em outros lugares da região – como Rio das Abelhas (atual Araguari) e Bagagem (atual Estrela do Sul), o fluxo de portugueses imbuídos de valores aventureiros provocou uma substancial exploração das riquezas do solo da região. Além disso, a região tornou-se um importante local de passagem de bandeirantes rumo ao Brasil Central.

Em 1867, muitos trabalhadores que residiam em veredas sustentadas por lavras de ouro e diamantes abandonaram as minas, ao serem convocados para o serviço militar do exercito brasileiro, em guerra com Paraguai. Fugindo dessa situação, o garimpeiro Sebastião Silva, que residia em Bagagem, embrenhou-se no meio do cerrado. Ao descansar nas encostas de um córrego, descobriu cascalho brotado – local propício a diamantes. Cavando o cascalho, Sebastião encontrou os diamantes e rapidamente a notícia se espalhou pela região, atraindo várias pessoas ao local.⁷⁸

Nos três primeiros anos de exploração, a mineração atingiu o ápice de prosperidade. Logo, o vilarejo começou a multiplicar-se. A ânsia pela prosperidade rápida e a exploração rudimentar do solo, características típicas da colonização portuguesa no Brasil transformaram o manancial de águas límpidas em um córrego barrento, dando origem ao nome do povoado: Água Suja.

⁷⁸ Essa história se apóia nas principais fontes sobre a história de Romaria e da devoção à N.S. da Abadia (M. Vieira, 2001), (Vieira, 2001) e (Damasceno,1997).

Devotos de Nossa Senhora da Abadia, os habitantes de Água Suja (e de toda a região) saíam anualmente em romaria até Muquém (GO)⁷⁹ (atual distrito de Niquelândia, norte do estado). As dificuldades encontradas nas peregrinações, principalmente a distância e os caminhos inóspitos, fizeram com que o influente morador do povoado Joaquim Alves Ribeiro mandasse, em 1870, uma delegação ao bispo de Goiás solicitando a autorização para a construção de uma capela. O bispo concedeu autorização, pois Água Suja já era habitada por cinco mil pessoas, um universo considerável de fiéis. Em 1870, uma imagem de Nossa Senhora da Abadia feita em Portugal chegou ao povoado.

As romarias, surgidas em 1870, começaram a ter uma expressividade maior a partir de 1900, com a chegada dos padres espanhóis Agostinianos Ricoletos, a quem cabia a gestão das festas à Nossa Senhora da Abadia (foi por essa época, também, que se iniciou o processo de decadência das minas diamantíferas).⁸⁰ Essas festas traziam para o povoado de Água Suja algo entre trinta mil (Damasceno, 1997) e quarenta e cinco mil romeiros (M. Vieira, 2001 e Vieira, 2001). Outra festa foi criada, em 1915, ainda na gestão desses padres: as cavalcadas de São Benedito.

Além de cuidarem da gestão dessas festas, os padres também realizavam políticas de melhorias públicas, construindo hospedarias, resolvendo problemas de falta de água ou outros problemas não-religiosos que afetavam as festas e a comunidade de uma maneira geral. Dessa forma, o poder simbólico exercido pela Igreja Oficial, desde aquela época, tem extrapolado as significações religiosas e abarcado outras esferas da atividade social. Entretanto, o controle exercido por ela, mesmo no que se refere à religiosidade não é absoluta. Paradoxalmente, para permanecer no controle da gestão

⁷⁹ Sobre essa longa peregrinação dos romeiros do Triângulo Mineiro até Muquém (GO), ver o livro “O Ermitão do Muquém” (1972) de Bernardo Guimarães.

⁸⁰ Segundo a literatura citada, depois da primeira decadência das minas, em 1900, empresários alemães passaram a explorar os garimpos do povoado, modificando sua base produtiva, ainda dominada por processos e instrumentos rudimentares. Em 1903, a principal empresa de exploração diamantífera importou maquinarias que impulsionaram a produção de diamantes em Água Suja. Em 1907, tensões políticas com moradores do povoado fizeram com que Sr. Thien, dono da empresa, abandonasse a cidade. Após sua saída, a companhia dirigida por Carlos Stein, Alois Obbenheimer e Ricardo Narchod voltou a explorar as lavras, também de forma rudimentar, pois as maquinarias que adquiriram não se adaptavam à natureza dos terrenos, configurando-se a segunda decadência das minas. Em 1914 ocorreu a terceira decadência das minas, pelo mesmo motivo das primeiras.

das festas, ela teve que assegurar algumas concessões aos símbolos religiosos católicos populares, num esforço de manter a multidão de romeiros dentro do santuário.

Os padres Agostinianos Ricoletos, dotados dos ideais da Contra Reforma, chegaram com o objetivo de incorporar às práticas locais as perspectivas mais abrangentes do catolicismo universal de Roma. Contudo, tiveram também que se adaptar e reinterpretar o conteúdo de suas mensagens ao contexto das pessoas que moravam no povoado e aos romeiros que peregrinavam até o santuário. Afinal, a estratégia usada pelos sacerdotes europeus de (re)significar a linguagem popular foi muito utilizada no interior brasileiro.

Segundo Steil (1996), ao contrário de uma visão substancialista que vê nos santuários a expressão do catolicismo popular tradicional, como um sistema religioso que se contrapõe ao catolicismo clerical, as romarias apontam para uma realidade dialógica onde a tensão é constitutiva do próprio culto.

Assim, o santuário de Água Suja tornou-se o maior centro de romarias da região. As tensões entre práticas "locais" e "universais", próprias do catolicismo popular brasileiro, também estiveram presentes no povoado. Apesar de servir de contrapeso nas tensões simbólicas em torno do domínio dos rituais, existentes desde a chegada da primeira ordem de padres europeus, a reforma romanizadora da Igreja Oficial não rompeu com as concepções religiosas do catolicismo popular. Ao contrário, essas tensões até ajudaram a incrementar e a manter as romarias.

Com as minas quase totalmente desativadas, a combinação de atividades da agropecuária, do comércio e de serviços com os eventos religiosos tornou-se permanente em Romaria. Também a partir daí, para muitos moradores que residem próximo à praça do santuário, a atividade econômica central passou a ser voltada para as festas, principalmente a de agosto. Mesmo assim, a festa em louvor a N.S. da Abadia, realizada num curto espaço de tempo (aproximadamente 15 dias), não consegue gerar dividendos que possam suprir todas as necessidades básicas da população, principalmente dos moradores que possuem residências mais afastadas da praça central. A maneira de complementar seus orçamentos é recorrer principalmente aos trabalhos rurais, principalmente a colheita de café e de milho.⁸¹ Outros trabalhos ligados à

⁸¹ A esse respeito, diz Geovane da Silva e Souza (2002), que fez a dissertação de mestrado *Religião e Organização do Espaço em um centro de peregrinação: o caso de Romaria-MG*: com a colheita do café as pessoas recebem em torno de vinte reais por dia. Um grande problema para a população é a chegada de

pecuária e ao garimpo, em menor grau, também constituem-se como oportunidade de emprego temporário para a população .

Apesar de isso ter ocorrido com maior intensidade nos últimos vinte anos, há muito tempo Romaria é representada muito mais como "capital religiosa" da região do que como produtora de diamantes ou de gêneros agropecuários. Assim, sua ocupação do sítio urbano como espaço sagrado representou também sua ocupação como espaço econômico. O novo impulso comercial da cidade, voltada para a festa, obrigou a prefeitura e a Igreja a tomarem medidas de gestão mais organizadas. Por exemplo, proibiram a implantação de barracas na praça do santuário, para evitar a desordem. Essa proibição contribuiu para que moradores da cidade instalassem pequenos comércios, prestassem serviços, ou então alugassem seus espaços privados para outros agentes mercantis que aportam na cidade por ocasião dos eventos.

Por outro lado, os clérigos como detentores da primazia no campo religioso, tiveram que assumir funções públicas que ultrapassaram as significações religiosas. Padre Eustáquio, o mais notável pároco da história de Romaria, que assumiu a paróquia em 1926, considerado padre-santo-milagreiro por muitos moradores e romeiros e que atualmente está em processo de beatificação no Vaticano, teve intensa atividade política na cidade. Empreendeu várias melhorias em escolas, hospital, creche, no jornal; incluiu a participação das crianças nas práticas artísticas; foi o idealizador e organizador da construção do atual santuário. Fica evidente que a Igreja Oficial, historicamente, tem participado também das decisões políticas na cidade, muitas vezes até substituindo os agentes do poder público.

De acordo com o pároco atual, Geraldo Magela, a Igreja Católica, na condição de principal mediadora institucional dos eventos de Romaria, tem seguido uma linha tradicional, do ponto de vista doutrinário. Nesse sentido, ela reconhece a religiosidade popular apenas nos limites de seus próprios preceitos, a fim de preservar o poder da instituição eclesiástica acima de outros interesses. Dessa forma, as práticas que eventualmente extrapolam seus preceitos dominantes e tradicionais acabaram

mão de obra de outras cidades. Isso faz com que a safra dure pouco tempo, reduzindo o prazo e o preço da colheita e conseqüentemente os recursos que circulam na cidade. O trabalho que durava em torno de cinco meses passou a ser feito em dois ou três meses (2002:54).

restringidas. Mas houve na história da Romaria, tal qual em toda a história do catolicismo brasileiro, momentos de variações doutrinárias.

Em entrevista realizada no dia 12 de novembro de 1998, o pároco comenta como ocorreram essas variações doutrinárias:

Desde que nós chegamos aqui, que eu cheguei aqui, havia uma mistura assim: a prefeitura ajudava a pagar a missa, ajudava a pagar foguete da festa..., programa eles também ajudavam, então nós resolvemos: o que é de igreja é de igreja e o que é de segurança civil é da prefeitura. A festa aqui, mais que religiosa, 80% é feira. Há tempos atrás houve muita interferência da igreja, naquela época que a igreja chamada de cristandade. Nesta época tudo girava em torno da igreja e o padre e o bispo é que determinava a polícia; era prefeito; era isso e aquilo, agora que emancipou, eu acho que não é papel da igreja ficar fiscalizando tudo. A gente cuida bem da esfera religiosa, eu acho que o meu papel é isso, receber o pessoal; a gente cuidou da parte física, por exemplo colocou bebedouros aqui embaixo da escada, dos banheiros dos estacionamento. O que o romeiro traz nós vamos utilizar para trocar o piso da escadaria, colocar iluminação externa da igreja, sempre essa parte de manutenção. Nós retocamos a pintura de cima feita pela escola de Belas Artes de São Paulo. (sic)

Essas variações doutrinárias podem ser associadas aos documentos elaborados pelo Concílio Vaticano II, reunião do alto clérigo católico mundial iniciada em 1962 e finalizada quatro anos depois. Através desses documentos, a Igreja Católica tomou novas diretrizes doutrinárias, buscando adaptar-se aos valores ditos modernos. Foi daí que ela adotou uma visão mais pluralista do catolicismo e do mundo, respeitando e legitimando as religiosidades populares, incorporando valores da racionalidade científica, da busca do progresso, valorizando a democracia, etc.

Nesse sentido, a Igreja estabeleceu um novo modelo de ação, a partir do qual os discursos e os cultos deveriam ser reformulados, tanto em sua dinâmica local quanto na sua relação com o mundo. Em Romaria, essas diretrizes doutrinárias orientaram as práticas de muitos clérigos locais e de fiéis, há muito tempo envolvidos em rituais próprios das culturas populares. Assim, uma nova variação doutrinária surgia em Romaria por volta da década de 70: as diretrizes do Concílio Vaticano II, combinadas com o novo movimento latino americano da Teologia da Libertação. Em todo o Brasil foram abertos espaços importantes de conscientização dos fiéis, onde se refletiu sobre a realidade da pobreza no Brasil, a questão da terra e, principalmente, sobre a experiência politicamente danosa da ditadura militar. Em Romaria, como em todo o país, a politização do discurso religioso (Steil, 1996) foi inevitável, acentuando-se por volta de 1977.

Nesta época, um novo pároco, padre Estanislau de Melo Ferraz – o padre Lalau – incentivado pelos novos valores doutrinários da Igreja Oficial, organizou encontros de folias de reis, congados, catupés, moçambique e marujos. A aceitação dos encontros por parte das camadas populares de inúmeras cidades da região foi tamanha que o primeiro encontro foi realizado com a participação de diversos grupos e em eventos posteriores o número aumentou significativamente. Com isso, os encontros posteriores foram divididos em dois eventos: o primeiro, em janeiro, passou a ser exclusivamente das folias de reis; o segundo, realizado no último domingo de maio, previa a participação dos ternos de congados, catupés, moçambiques e marujos. Segundo o pároco Geraldo Magela:

Um dos pontos que foram olhados lá no Concílio Vaticano II é que a Igreja deve ajudar e respeitar as culturas e também deve respeitar a religiosidade popular. Ora, a folia de reis, o congado, são elementos da religiosidade popular; então como religiosidade popular, um padre que foi meu colega, então em 1978, parece, não sei bem exato se foi 77, 78, ele promoveu um encontro, uma espécie de romaria, de congado e folia, ao mesmo tempo (sic).⁸²

A orientação doutrinária voltada para a valorização das culturas populares foi mais longe em Romaria. As Romarias da Terra – encontros compostos por militantes da Teologia da Libertação de todo o Triângulo Mineiro e Alto do Paranaíba, dioceses, paróquias, comunidades eclesiais de base (CEB's), entidades sindicais e movimentos populares – também foram organizados e permaneceram na cidade até 1984. A partir de 1985, foram realizados também em outras cidades, voltando para Romaria em 1987, último ano do evento.

A organização e os sentidos dos rituais da Romaria da Terra fazem com que ela se diferencie da romaria realizada em agosto. Segundo Micheloto (1991:167) “*enquanto o romeiro tradicional flagela seu corpo, andando dezenas ou mesmo centenas de quilômetros, como parte de sua promessa, o romeiro da terra cumpre mais um ritual sem sacrifícios corporais, com poucas conseqüências do ponto de vista físico-corporal*”.

Transcendendo o aspecto meramente religioso e festivo, as Romarias da Terra eram vistas por seus praticantes e organizadores como um espaço de libertação, tanto

⁸² Entrevista realizada em Romaria no dia 12 de novembro de 1998.

política quanto religiosa⁸³. Prova disso é o relato de alguns moradores sobre Padre Lalau, principal idealizador das Romarias da Terra, que, tendo permanecido na cidade até fevereiro de 1980, viveu ali uma história tensa, chegando até a ser preso junto com alguns companheiros “comunistas”. Com sua saída, deu-se o esvaziamento da Teologia da Libertação em Romaria⁸⁴. Tudo isso na mesma época em que as Romarias da Terra, as CEB's e demais movimentos do catolicismo militante se enfraqueceram em toda América Latina. Segundo relatos, por essas razões, Padre Lalau teria se desligado da Igreja Oficial.

Em face do crescimento desses eventos religiosos em Romaria, a partir da década de 80, a Igreja e a prefeitura passaram a contratar novos funcionários na época das festas. A gestão centralizada da Igreja tornou-se mais empresarial: instituiu uma agenda anual de rituais, impôs uma disciplina mais rígida de ocupação dos espaços da cidade e do santuário por cada sujeito social, disciplinou a posição e a ritualização dos romeiros, criou a Academia Nossa Senhora da Abadia – editora de publicação de livros que cuidam da história da devoção e de um *site* próprio do santuário – bem como promoveu a melhoria dos serviços de atendimentos aos fiéis, incluindo a construção de pavilhões de assistência à alimentação e banheiros. Ao mesmo tempo, o santuário foi recebendo melhorias para adequar-se à presença de multidões, incluindo palco exterior, equipamentos sonoros de shows massivos, infra-estrutura para um museu e outros recursos.

A prefeitura, como responsável direta pela infra-estrutura da cidade, em 1995 teve uma idéia que gerou muita discussão e controvérsias em toda a região: cobrou pedágio

⁸³ Segundo Micheloto, no momento em que começa a romaria, *se definem quem são os amigos* (a Igreja, através de seus bispos e padres progressistas e dos agentes da pastoral, os sindicatos e movimentos 'combativos'), os *inimigos* (os latifundiários, a união democrática ruralista, os sindicatos pelegos, o governo) e os *oprimidos* (os trabalhadores sem terra, os bóias frias explorados, as mulheres pobres do campo e da cidade, os negros). (1991:168)

⁸⁴ Segundo Prandi, três fatores foram decisivos nesse processo de esvaziamento da Teologia da Libertação no Brasil : 1) a política de restauração conservadora, promovida pelo alto controle Institucional da Igreja, centralizando na autoridade do papa, e que consiste, basicamente, em nomeação de bispos não-progressistas, intervenção na nomeação de presbíteros, "reparoquialização" (divisão das paróquias para efeito de maior controle) e, principalmente, desautorização da Teologia da Libertação, que é o referencial ideológico da pastoral popular...

2) o refluxo dos movimentos sociais, em geral agravado com a crise da utopia política provocada pelo esboroamento do socialismo no leste europeu, crise teórica de esquerda e ausência de alternativa para a mudança social...

3) uma certa crise do catolicismo devido a forte concorrência com outras opções religiosas, sobretudo o evangelismo pentecostal, que vem provocando grande evasão de fiéis, sobretudo nas camadas mais pobres e marginalizadas (1996: 72e73).

de todos os veículos que entravam na cidade. Quem chegava no trevo recebia um adesivo para poder entrar novamente na cidade sem precisar pagar a taxa pela segunda vez, caso fosse embora e quisesse retornar (prática muito comum na época de festa)⁸⁵.

Em entrevista realizada pelo jornal Meio Dia, da TV Integração, afiliada da Rede Globo, em 08 de Agosto de 1995, o prefeito da cidade fez uma declaração a respeito:

Nós instituímos a cobrança do pedágio às portas da cidade de Cr\$5,00 por carro, mais a título de colaboração do fiel de N.S. da Abadia que, ao adquirir o selo, contribuirá com os gastos que a prefeitura tem para criar a infra-estrutura para os romeiros: alojamentos, sanitários públicos, segurança, água potável. Porque essas despesas não podem sair dos cofres públicos e a cidade antes alugava os espaços das calçadas para os comerciantes. Eu só estou usando uma lei que é de 1979, o meu interesse é dar conforto e não explorar e lucrar com a festa, porque ela é que dá o nome e contribuiu para a cidade ser conhecida. (sic)

Nessas condições, os eventos ganharam maior visibilidade na região e em regiões próximas através dos canais de televisão, das rádios, dos jornais e revistas, que passaram a comparecer regularmente nas festas – entrevistando festeiros, romeiros, pessoas da organização e artistas populares presentes. Nos últimos anos, os jornais regionais (impressos e televisivos) têm exibido matérias em todos os dias da festa, a partir da cidade e das estradas de acesso ao santuário.

Em 1999, o cantor Alexandre Pires, na época líder do grupo de pagode uberlandense Só Pra Contrariar, cantou na missa de coroação à Nossa Senhora da Abadia. As mulheres da platéia começaram a gritar emocionadas quando o cantor apareceu no palanque do santuário. Um forte esquema de segurança foi montado para o cantor, que durante a época foi destaque nacional na grande mídia brasileira liderando o grupo uberlandense.

O número de pesquisas acadêmicas e de produtores culturais interessados na religiosidade da cidade também cresceu bastante. A partir da década de 90, muitos documentários, teses de graduação e pós-graduação foram realizados, não só com base na romaria de agosto, mas também nos encontros de folias de reis e nas congadas. O ano de 2002 evidencia a importância desses agentes nas festas populares, um exemplo disso é o episódio acontecido nesse ano envolvendo um grupo de pesquisadores e um canal de televisão, ambos interessados em documentar a figura emblemática de Seu Charqueada, um romeiro/congadeiro com mais de 100 anos que peregrina todos os anos

⁸⁵ Conforme a entrevista transcrita por Aninha Duarte, na tese de mestrado “Ex-votos e Poiesis: Olhar Estético sobre a Religiosidade Popular em Minas Gerais”. (2003)

de Uberlândia à Romaria em uma bicicleta sem marchas do modelo “barra forte”. Nessa ocasião, um dos organizadores do documentário peregrinou com ele de bicicleta até o santuário em Romaria, onde duas apresentadoras de um jornal local faziam tomadas ao vivo. Quando elas avistaram seu Charqueada, figura muito conhecida e admirada em toda região, resolveram fazer uma reportagem com ele. Para isso, solicitaram ao ancião que andasse com a bicicleta pela praça do santuário para a captação de imagens que simulassem a sua chegada da peregrinação, apesar de ele ter chegado há algum tempo na cidade. A praça estava tomada pela multidão, pois era o fim de semana que antecedia o dia 15 de agosto, dia da santa padroeira. As quatro filas simultâneas para se chegar à imagem de N. S. da Abadia estavam rodeando o quarteirão. Com toda essa movimentação de romeiros, as repórteres pediram aos seguranças que cortassem a fila, para que as câmeras filmassem Seu Charqueada aos pés da imagem de N.S. da Abadia. No momento da autorização, a equipe de pesquisadores, também interessados em registrar seu Charqueada quiseram cortar a fila, mas foi barrada pelos seguranças. Esbravejando contra essa situação, uma coordenadora do documentário conseguiu autorização para que duas pessoas acompanhassem seu Charqueada até a imagem da santa. Houve ali uma literal disputa pelo “objeto de pesquisa” ou de “reportagem”, culminada com uma pequena troca de insultos entre as repórteres e pesquisadores.

Em 2004, um fato polêmico relacionado à festa chamou a atenção de toda a região do Triângulo Mineiro: a interdição da BR-365 por um juiz de Uberlândia. O principal motivo da medida, segundo o juiz, foi a falta de segurança dos romeiros na estrada. A rodovia que liga São Paulo e o Triângulo ao norte de Minas Gerais têm um trânsito intenso de caminhões e estava repleta de buracos, obrigando os motoristas a transitar pelo acostamento, local da peregrinação. Nos primeiros dias, houve uma grande revolta de motoristas desavisados que tiveram que desviar seus caminhos e percorrer centenas de quilômetros a mais para chegar aos seus destinos. Se por um lado essa medida do poder público de Uberlândia garantiu maior segurança aos romeiros, por outro causou vários transtornos para os caminhoneiros e demais viajantes, pois não foi devidamente avisada.

Em 2005, houve nova interdição da estrada que há um mês antes da festa estava toda esburacada e intransitável. Novas polêmicas e tensões entre Ministério Público e DNIT, motoristas desavisados, romeiros, Polícia Rodoviária Federal, moradores das

mediações, donos de postos de gasolina e carros de assistência aos romeiros. No dia 19 de julho, por meio de fotos que comprovavam as péssimas condições da rodovia, o procurador do Ministério Público, Leonardo Melo, pediu a interdição do trecho entre Uberlândia e Romaria, a partir do dia 1º de agosto, época que segundo o procurador começam as romarias. No dia 26 de julho, a juíza Lana Galati determinou que a medida do procurador fosse cumprida, com isso, a DNIT começou a buscar medidas rápidas e paliativas de tapa buracos para deixar o trecho em bom estado de conservação para antes da festa. No dia 2 de agosto, a capa do jornal Correio de Uberlândia deu a seguinte notícia: “*DNIT tapa os buracos mas interdição continua – obrigados a dar voltas, motoristas reclamam da medida*”. No decorrer do resumo da notícia o jornal diz que na avaliação da Polícia Rodoviária Federal a interdição não se justifica mais. Ao mesmo tempo, na reportagem principal escrita no caderno Cidade o subtítulo foi: *Romeiros se dizem mais seguros com para a peregrinação*. Nessa reportagem, observa-se nos depoimentos dos romeiros o perigo de se transitar ao lado de um alto fluxo de caminhões e automóveis, visto que alguns motoristas não respeitam a peregrinação, transitando em alta velocidade e fazendo ultrapassagens que colocam em risco a vida dos romeiros. Essas controvérsias sobre a liberação ou interdição da estrada só deixou de aparecer nos meios de comunicação após a liberação da estrada no dia 10 de agosto.

Esse assunto também levou para a imprensa outro assunto importante: a construção de uma trilha paralela entre Uberlândia e Romaria, própria para a peregrinação. No dia 26 de julho de 2005, o idealizador da trilha Edson Soares realizou na Oficina Cultural de Uberlândia um painel: *A peregrinação em Romaria*⁸⁶, há alguns anos ele realiza um abaixo assinado entre os romeiros e a população uberlandense como uma forma de apoio para a construção dessa trilha paralela. Ele entregou no dia das apresentações esse abaixo assinado para um representante do prefeito de Uberlândia que esteve no evento. Edson já fez algumas vezes o caminho de Santiago de Compostela sendo atual presidente da Associação dos Amigos de Santiago de Compostela da região. Como peregrino ele acredita que a romaria ficaria melhor se saísse da BR-365, que

⁸⁶ Foram convidados profissionais de diversas áreas: o antropólogo e professor da UFU Paulo Albiery Nery, a psicóloga Rossana Debs Hemmer, a turismóloga e Superintendente do Uberlândia Convention Visitors Bureau Marise Carrijo, o padre Olimar Rodrigues, a coordenadora do grupo voluntários de apoio aos romeiros de N.S.da Abadia, o geógrafo Geovane da Silva e Sousa que fez o livro *Conhecendo Romaria*, a artista plástica e historiadora Aninha Duarte que fez seu mestrado sobre a sala de promessas de Romaria e eu.

como já dissemos tem um altíssimo fluxo de caminhões e de buracos, e fosse para espaços ou trilhas mais naturais.

No ano de 2005, Edson Soares começou uma parceria com a empresa de turismo Uberlândia Convention Visitors Bureau que nas palavras da superintendente Marise Carrijo tem como principal objetivo o turismo de negócio, além do turismo de entreterimento e religioso. Sobre o turismo religioso a empresa busca focar seus negócios na peregrinação de Romaria e no médico espírita Doutor Rans, muito conhecido em todo o Brasil, por realizar curas através de cirurgias espirituais. A turismóloga definiu três categorias de romeiro: o peregrino que busca a fé interior, o peregrino religioso que soma tempo e dinheiro e o esotérico. O objetivo do Center Conventions Bureau é dar sustentação à peregrinação para essa segunda categoria de romeiros, que segundo a profissional são pessoas oriundas de cidades distantes como Brasília e São Paulo. Para Marise muitas pessoas de longe se hospedam em Uberlândia e fazem o caminho para Romaria, além disso, a empresa também terá o objetivo de divulgar internacionalmente essa romaria, trazendo turistas de todo o mundo para a cidade idealizando assim uma romaria internacional parecida como a de Santiago de Compostela.

Outra polêmica que surgiu mais especificamente em Uberlândia foi a postura do vereador evangélico Carlito Cordeiro que questionou o feriado do dia 15 de agosto, dia de N.S. da Abadia, na cidade. O vereador que já havia criado uma polêmica ao instituir e aprovar um projeto de lei, também aprovado por todos os vereadores num primeiro momento, que colocava na bandeira de Uberlândia os dizeres: “Deus está Aqui” gerando uma controvérsia entre juízes, população, vereadores (que voltaram atrás) e sendo bastante criticado por todos esses agentes, criou uma nova polêmica no meio católico ao se pronunciar contra o feriado religioso querendo que este fosse extinto. Para o vereador, se não pode colocar na bandeira laica dizeres religiosos, então não pode haver feriados religiosos católicos pelos mesmos motivos.

Todos esses fatos contribuem para a repercussão da festa de Nossa Senhora da Abadia e das demais festas realizadas em Romaria, fazendo com que elas assumissem dimensões grandiosas e se tornassem uma das principais bases econômicas da cidade. Resta saber com precisão o quanto a economia local como um todo está vinculada a esses eventos. Essa mensuração é dificultada pela evidente interseção entre as

atividades regulares (produção agropecuária, do comércio etc.) e os serviços voltados para os eventos religiosos.

A Devoção a Nossa Senhora da Abadia

A devoção de Nossa Senhora da Abadia surgiu em Portugal e é conhecida principalmente na região do norte desse país. Segundo alguns estudiosos, foi a primeira devoção praticada em terras lusitanas, apesar de não ter uma projeção nacional como a de Nossa Senhora de Fátima e a Virgem Conceição, padroeira do país (Vieira, 2001). O santuário de Bouro, da arquidiocese de Braga, é o ponto de maior fluxo de peregrinações, mas há também outros lugares onde a santa é louvada. Da primeira semana até o dia 15 de agosto este santuário é visitado por milhares de romeiros que, como no Brasil, cumprem votos, pagam promessas, consomem os mais variados produtos, se divertem, se promovem politicamente etc. se deslocando por diversos motivos e interesses que transitam entre o sagrado e o profano.

A lenda sobre a primeira aparição da imagem de Nossa Senhora da Abadia é bem semelhante às lendas de santos que são louvados com peregrinações. Em várias narrativas mitológicas sobre romarias é comum haver ermitões avistando imagens sagradas que aparecem por clarividência em lugares inóspitos como grutas com águas límpidas. Em vários santuários as narrativas se assemelham: Bom Jesus da Lapa, Muquém, Nossa Senhora da Aparecida, Trindade.

Por volta do ano de 1107, os ermitões Frei Lourenço e Frei Paio Amado, que viviam no mosteiro de São Miguel (construído por eles mesmos), viram uma grande claridade no vale que ficava abaixo das ermidas. Ficaram em vigília até o amanhecer, quando foram até o local e avistaram uma imagem de Nossa Senhora da Abadia. Após a aparição, construíram uma pequena ermida, que passou a receber milhares de devotos. Algum tempo depois, o arcebispo de Praga mandou construir uma igreja no local, que foi incrementada em 1148 por D. Afonso Henriques e mais tarde transformada no grandioso santuário de Nossa Senhora da Abadia.

Com a colonização portuguesa, a devoção à santa atravessou o oceano e se hospedou em diversas cidades de Minas, Bahia, Goiás, São Paulo e Mato Grosso do

Sul. Desde 1718, Nossa Senhora da Abadia é padroeira de Jandaíra-BA; em Goiás, ela é louvada em Cachoeira Alta, Quirinópolis, Abadiânia Velha, Abadiânia Nova, Itauçu, Varjão, Ivolândia, Jandaia, Muquém, Bairro Alto, Goianésia, Fazenda Nova, Itaberaí, Sancrelândia, Gurupí, Taquaritinga, Buriti Alegre, Joviânia e Piracanjuba; em Mato Grosso do Sul é padroeira de Sidrolândia; em Minas Gerais é louvada por quase todas as cidades do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, devido ao santuário na cidade de Romaria; fora da região é padroeira de Iguatama e Matutina e em São Paulo é padroeira de Cristais Paulistas e Icém (Vieira, 2001). Em alguns locais “especiais”, as peregrinações disseminaram-se, como em Muquém e depois em Água Suja.

Vários estudiosos acreditam que as romarias de Muquém surgiram da forma contada por Bernardo Guimarães no romance *“O Ermitão do Muquém”* (1972), publicado originalmente em 1869, ano anterior à fundação das romarias de Água Suja. Este autor, mais famoso pelo romance que virou novela da Rede Globo, *“A Escrava Isaura”*, revela no livro como a devoção de Nossa Senhora da Abadia foi fundada neste pequeno povoado de Goiás. A história foi escrita baseada num “causo” que o autor escutou de um peregrino que voltava das “romarias do Muquém”. Bernardo Guimarães estava num pouso em Patrocínio, cidade que fica a aproximadamente oitenta e cinco quilômetros da atual Romaria, onde conheceu um peregrino pagador de promessa que voltava do santuário. Seguiram viagem juntos durante quatro dias. Nesses dias o peregrino narrou a história de um jovem valente do sertão brasileiro: um jovem branco, violento, que se transforma em um índio guerreiro solidário com planos audaciosos de virar capitão-mor de Goiás. Não atingindo esse objetivo, vive seus últimos anos na contrição, como um ermitão católico, fundando um centro de peregrinação no sertão do centro-oeste.

A Produção do Ciclo de Eventos em Romaria

Conforme o calendário da cidade são quatro os tipos de festas que atraem pessoas de outras cidades e Estados: as romarias, as cavalcadas, os encontros de folias de reis e os encontros de congos, catupés, moçambiques e marujos. Além da grande romaria na época da padroeira N.S. da Abadia, também existem as romarias de cidades, que são

delegações de algumas paróquias de cidades vizinhas que organizam juntamente com o padre de Romaria uma peregrinação até o santuário. Outras celebrações do calendário católico são comemoradas de maneira mais restrita, somente pelos moradores da cidade.

Os Encontros de Folias de Reis

Enquanto nas romarias a Igreja Católica assume um papel centralizador, nos encontros de folia de reis algumas funções da produção da festa são descentralizadas. Durante o encontro, ocorre uma reunião entre o padre da Igreja local e os capitães dos grupos participantes. Nela são resolvidas questões sobre a produção da festa do próximo ano, além de serem escolhidos os festeiros e o casal rei e rainha.

A função dos festeiros e do casal é ajudar na arrecadação dos alimentos do grande almoço gratuito. Nos anos de 1999 até 2003, mais ou menos duzentos festeiros, por ano, arrecadaram comida para a realização desse almoço. Tais festeiros são de grupos sociais bastante diversos entre si e são oriundos de várias cidades da região. Entre eles, incluem-se fazendeiros, comerciantes e pessoas de classes populares. Assim, permite-se que leigos tenham uma penetração relevante no campo religioso, configurando-se uma reciprocidade política movida por sentidos religiosos.

É claro que, em última instância, a Igreja faz o papel da grande festeira do encontro, pois fornece a infra-estrutura básica para os rituais: prepara o espaço do santuário, o palanque para a apresentação dos grupos, oferece a aparelhagem de som, o pavilhão do almoço com toda a infra-estrutura da cozinha, os enfeites da festa e algum alimento que porventura falte. Ao contrário das romarias, nos encontros de folias de reis não há necessidade de contratação de serviços de terceiros, uma vez que o ônus da produção da festa é compartilhado, incidindo quase sempre sobre ajudantes e voluntários arregimentados pelos festeiros.

Como vimos a grande maioria dos foliões que participam dos encontros de folias de reis em toda a região defendem a idéia de que o encontro de Romaria é o maior e o mais antigo do Triângulo Mineiro, e que ele influenciou diretamente a criação de muitos outros encontros em cidades vizinhas e distantes. Nos últimos anos, o número de pessoas e de folias presentes nos encontros em Romaria cresceu significativamente.

Estima-se a presença de um contingente superior a quinze mil pessoas por encontro. O quadro a seguir apresenta o número de companhias presentes em alguns anos.

Ano	Número de Folias
1978	40 folias de reis
2000	53 folias de reis
2002	56 folias de reis
2003	69 folias de reis
2004	73 folias de reis
2005	53 folias de reis

Apesar de no ano de 2005 ter diminuído⁸⁷ o número de folias, o número de pessoas presentes na festa foi igual ou maior que no ano de 2004. Isto é comprovado pelo sensível aumento tanto do número de barracas quanto da circulação de pessoas entre elas. A propósito, o espaço ritual da festa compreende a praça central do santuário e algumas ruas próximas onde se localizam as barracas comerciais, os bares e os estacionamentos.

O papel dos festeiros no encontro é diferente daquele desempenhado pelos “festeiros caseiros”.⁸⁸ Enquanto estes organizam festas em casas, aqueles organizam o almoço, arrecadam alimentos, recebem os foliões e resolvem pequenos problemas que aparecem durante a festa. Para ser festeiro é necessário inscrever-se em mesas que estão situadas nos cantos da praça do santuário. No cronograma da festa o padre pede a eles que doem o que ganham em três dias de trabalho para que a Paróquia de Romaria possa organizar o encontro. O quadro a seguir nos mostra o número de festeiros em alguns anos.

Ano	Número de festeiros
------------	----------------------------

⁸⁷ Dois problemas podem ter causado a diminuição do número de folias em 2005: 1) as transições dos políticos nas administrações municipais, visto que muitos prefeitos ajudam no transporte das folias de reis; 2) a péssima condição da BR 365 que liga Romaria à cidades importantes para o evento.

⁸⁸ O papel dos festeiros caseiros estão descritos no capítulo 1.

1987	86
1996	226
2000	214
2002	239
2003	262
2004	303
2005	303
2006	328

Um grupo fixo de mais ou menos quinze moradoras de Romaria também contribui, organizando o grande almoço público. Eles contam com a ajuda episódica de várias outras pessoas. Para isso, começam a preparar os alimentos com quatro ou cinco dias de antecedência. Na rua do lado direito da praça central está o grande cômodo da Igreja onde é preparada e servida a refeição, fornecida gratuitamente para qualquer pessoa que queira comer (de acordo com o pároco, esse espaço futuramente abrigará um museu). Toda a infra-estrutura da cozinha, como os materiais de limpeza, os grandes tachos utilizados na preparação dos alimentos, os recipientes e os demais objetos são custeados pela Paróquia.

Nos últimos encontros, por volta das nove horas da manhã, a fila para o almoço normalmente já tinha alcançado a esquina da praça; por volta das onze horas, quando a refeição começa a ser servida, ela já estava dobrando o quarteirão. Mais duas filas especiais são feitas, uma para os foliões e outra para os idosos. Servem-se saladas, macarrão, carnes, arroz, feijão, milho e outros alimentos. O almoço termina por volta das dezesseis horas.

No dia do encontro, as cerimônias religiosas começam às cinco horas da manhã. Em contraste com as cores da alvorada, foguetes explodem no céu de Romaria, acordando praticamente toda a população para a festa. Antes das apresentações das companhias, os autofalantes do santuário e o som profissional armado no palanque da praça executam músicas. Nesse horário, os foliões começam a chegar, principalmente de ônibus, vans e, em menor número, automóveis e caminhões. Algumas folias de outros Estados, como Goiás e São Paulo, percorrem até 700 km para chegarem em Romaria, formando um circuito de encontro interestadual.

Os rituais das cantorias das folias de reis em Romaria são divididos em três momentos: 1) concentração; 2) apresentação no palanque; 3) visita a Igreja. Todo o espaço da apresentação é concentrado na praça central da cidade.

A concentração ocorre na rua do lado esquerdo do santuário, em frente à casa Paroquial e à editora N.S. da Abadia, criada pela Igreja. São montados três arcos no meio da rua, feitos de bambus, folhas e fitas de papel crepom coloridas demarcando e diferenciando o espaço sagrado que será percorrido pelas folias. O primeiro arco possui uma chave, o segundo arco possui uma aliança e o terceiro arco possui a estrela guia. Muitos foliões ajoelham-se ao passarem pelos arcos, atribuindo diversos significados, tanto para eles quanto para os objetos que nele estão pendurados.

Antes de começarem a cantoria, a concentração serve como um espaço de sociabilidade para os foliões que, cantando e tocando “modas de viola”, reencontram-se com velhos amigos. Lá eles também fazem os últimos preparativos para a apresentação no palanque, como afinar os instrumentos e posicionar corretamente os foliões. Neste trajeto não há um limite de tempo definido pela organização do evento para a cantoria das folias de reis. Muitas pessoas preferem assistir às apresentações nesse espaço, sentadas nos bares ou nos bancos da praça. Em certos horários, a arborização da praça contribui um pouco para amenizar o sol que castiga as pessoas presentes. Como a festa é realizada no segundo domingo de janeiro, muitas vezes chove, e os foliões, principalmente os sanfoneiros, que não podem deixar o fole da sanfona molhar, necessitam da ajuda de um companheiro com guarda-chuva para protegê-los da água.

O papel dos palhaços é muito importante para o evento. Por exemplo, todo ano a folia de Monte Carmelo, que possui dois palhaços (Gaspar e Gasparina), encantaram os presentes fazendo várias brincadeiras no trajeto dos arcos. Em 2005, os dois palhaços dançavam e pediam dinheiro para o público e, com um chicote cada um amarravam algumas pessoas presentes. A primeira “vítima” foi um menino que, tendo sido amarrado, foi obrigado a rolar no chão abraçado aos palhaços. Logo depois, seu Cláudio – palhaço de Uberlândia – foi cumprimentá-los, sem a máscara. Para isso, ele se ajoelhou e, com as mãos cruzadas, apertou as mãos dos dois palhaços, também

ajoelhados. Grande foi o delírio do público quando os dois palhaços de Monte Carmelo levaram ao chão, com um gesto inesperado, o palhaço de Uberlândia.⁸⁹

Depois de percorrido os três arcos, os foliões aguardam mais algum tempo (algumas horas, às vezes) debaixo de um sol quente ou de chuva, para se apresentarem no palanque fixo que fica na frente do santuário. Cada companhia tem de três a quatro minutos para cantar, postada em volta da lapinha construída em cima do palanque. Ali, os foliões entoam seus versos de "adorações" ao menino Jesus. Percebe-se, desde 1999, que o som montado no palanque, muitas vezes, altera a intensidade sonora e a harmonia das músicas. Principalmente pela escassez de microfones, vários instrumentos não aparecem, ou aparecem com volume inadequado (muito baixo ou muito alto, conforme a distância entre o microfone e o instrumento). As cantorias também são prejudicadas. Não existem microfones para todas as respostas entoadas pelos cantadores e para os instrumentos que possuem sonoridade mais baixa que os instrumentos percussivos e as sanfonas (principalmente os cavaquinhos, as violas e os violões). Também as últimas respostas (os "gritos") são prejudicadas pela precariedade da captação do som, e soam muito estridentes quando os microfones são direcionados para elas.

Percebe-se, entretanto, uma gradativa melhora no sentido de sanar esses problemas, já que, nos últimos anos, a organização do evento tem alugado mais microfones. Entretanto apesar dos problemas técnicos todos sabem o que está se passando, as ladainhas que estão sendo cantadas, assim essa falta de estrutura técnica não prejudica nem inviabiliza tanto a apresentação. Há um sistema prescritivo da festa que confere a ela sua inteligibilidade, mesmo que tenha crescido tanto, aumentando o número de participantes, incorporando outros elementos a sua estrutura cosmológica e a prescrição das performances rituais que garantem sua experiência como linguagem da religiosidade popular.

Um outro problema freqüente, de que muitos foliões reclamam, é o do tempo de apresentação, estipulado – segundo essas reclamações – de maneira arbitrária pelo mestre de cerimônias, privilegiando os grupos amigos. Por causa disso, alguns conflitos se deram entre os organizadores desse ritual e foliões. Curiosamente, o seu Dito,

⁸⁹ Depois de realizado o ritual dos arcos, fui entrevistar os palhaços. Perguntei a eles se as crianças têm medo ou gostam dos palhaços. Edvaldo – a Gasparina – me respondeu o seguinte: *antigamente, as crianças tinham muito medo porque eles batiam, mas nós não usamos bater. Nós adoramos as crianças, elas são muito bem vindas para nós.* Então, perguntei sobre a criança que eles amarraram. E ele me respondeu *que é só pra mostrar pro povo que a gente amarra e bate, mas a gente só faz de brincadeira.*

funcionário da prefeitura e mestre de cerimônias há vários anos no palanque, aparenta ser uma pessoa muito calma. Algumas folias de Uberlândia que foram desde o primeiro encontro da cidade não estão indo mais em função desses problemas.

Muitas pessoas assistem às apresentações dos foliões nas escadarias do santuário, outros acompanhantes mais próximos sobem junto com os foliões no palanque, mas a maioria das pessoas fica nas escadarias e no gramado da praça. Com o passar das horas, o sol muito forte leva grande parte do público a deslocar-se para outros espaços de sociabilidade, como a concentração, a sombra das árvores, a fila do almoço, o santuário, bares, a sala de promessas ou as barracas comerciais.

O próximo momento ritual das folias de reis é, geralmente, a visita à imagem de Nossa Senhora da Abadia. Alguns foliões e devotos sobem as longas escadarias do santuário de joelhos para pagar algum voto. É um momento em que prevalecem as significações religiosas: muitas pessoas choram diante da imagem, os foliões tocam-na ajoelhados, com expressões faciais que beiram o transe.

Nesse momento, as pessoas doam dinheiro, ou depositam os ex-votos (objetos que simbolizam pernas, braços, cabeças, partes do corpo que tiveram algum tipo de enfermidade e que a cura foi atribuída a um milagre operado pelo Santos Reis ou Nossa Senhora da Abadia). Algumas folias também aproveitam e visitam uma imagem de N.S. da Abadia que fica na rua de cima do santuário, que é um local propício à oferta de velas.

À tarde é feita a missa aos três reis Magos, dentro do santuário e com a presença das companhias. Antes da missa é feita uma reunião entre o padre, os festeiros e os capitães, para deliberarem sobre a organização da festa do ano seguinte e decidirem quem será o rei e rainha da festa. Nessas reuniões o pároco da cidade, como mediador, pergunta para cada capitão presente sobre suas impressões da festa. Em seguida, se ninguém desejar organizar a festa do ano seguinte, ocorre um sorteio, do qual não participa a cidade que organizou a festa daquele ano.

Outro lugar muito visitado pelas pessoas que freqüentam a festa é a sala dos ex-votos (ou sala das promessas), que fica aberta o dia inteiro para visitas – local onde as pessoas podem apreciar objetos associados aos milagres operados por N.S. da Abadia. Os objetos possuem uma lógica ordenada pelos funcionários da Igreja, que os retiram de um baú colocado junto à imagem, dentro do santuário. Esses objetos comuns se

transformam em símbolos religiosos que representam o recebimento de graças operadas pela santa.

A sala fica situada ao lado direito da praça do santuário no local da concentração das folias de reis. Segundo Duarte (2003):⁹⁰

A sala de promessas de N.S. da Abadia é composta de três salas contíguas, que somam aproximadamente 60 metros quadrados. Na primeira delas estão expostas fotografias, a maioria colorida, de vários formatos, que cobrem todas as paredes do piso ao teto. Na segunda temos uma prateleira cheia de ex-votos, pedaços de corpo feitos em cera e madeira, bem como outros objetos tais como: vidros com pedras de rins, seringas, vídeos de remédios e outros. Suas paredes também estão repletas de fotografias. Na terceira sala encontramos um grande número de próteses ortopédicas, 20 muletas, 40 cruzeiros de tamanhos variados, 06 pequenas maquetes do santuário e outros objetos. Nesse compartimento ficam também uma série de fotografias, provavelmente as mais antigas (2003: 50-51).

Sendo uma prática comum dos romeiros, esses objetos são oferecidos a N.S. da Abadia há muito tempo. Padre Vieira fez descrições deles em 1920, em uma monografia sobre o santuário de Nossa Senhora da Abadia da Água Suja.

Os milagres-promessas, em cera, depositados aos pés da milagrosa imagem por ocasião dos últimos festejos, pesaram 850 Kg e foram assim discriminados: 620 cabeças de cera, 580 corpos, 450 peitos, 655 mãos, 535 pés e pernas, 55 corpos de ceras colocados cada um em seu esquite ou catre, 455 animais e mais 225 kg de cera em barra. O que, porém, mais chamou a atenção de todos, foi o número elevado de milagres-promessas, que representam curas extraordinárias e talvez até ressurreições! (2001: 24-25).

O conjunto das barracas comerciais ocupa várias ruas, acima do santuário. As barracas com estrutura física de lona e armação de ferro ficam nas calçadas, enquanto os ambulantes que não têm barracas nem condições de pagar aluguel das calçadas colocam seus produtos para vender no meio da rua, estendidos em toalhas, caixas ou armações de madeiras. Muitos colocam os estoques ao lado da banca de venda, amontoados em grandes sacos. Chama a atenção o fato de serem comerciantes oriundos de todo o Brasil, inclusive do Norte e do Nordeste.

O fluxo de transeuntes nas ruas é intenso e os vendedores usam diversas estratégias para conquistar fregueses: músicas, frases de efeito e promoções são as mais frequentes. Os consumidores das barracas abrangem tanto as pessoas das cidades quanto

⁹⁰ A artista plástica e historiadora Ana Helena da Silva Defino Duarte fez a tese de mestrado *Ex-Votos e Poesis: Olhar estético sobre a religiosidade popular em Minas Gerais*, (2003) no Instituto de História da UFU, sobre orientação Maria Clara T. Machado.

as pessoas de fora.⁹¹ As barracas sempre existiram nas festas em Romaria e, a partir da década de 70, foram ocupadas por pequenos produtores, que trocavam produções excedentes ou produziam artesanalmente roupas, cobertas e outros utensílios domésticos. Assim, começaram a aparecer produtos trazidos de grandes centros urbanos ou do Paraguai. Muitos produtos vendidos nessas barracas parasitam as marcas que estão em evidência na publicidade nacional e internacional, copiando-as integralmente (falsificando) ou copiando o slogan e mudando algumas letras do nome.

No começo da década de 80, a estratégia da Igreja, em parceria com a prefeitura, visando retirar as barracas da praça para organizá-las nas ruas de Romaria, favoreceu muito os moradores da cidade, que passaram a alugar calçadas para agentes mercantis, tendo assim uma margem de lucro maior nas festas. No ano de 2005 já foi perceptível uma pequena “re-invasão” da praça do santuário por barracas fixas e comerciantes com grande volume de mercadorias em sacolas.

Os bares comuns são freqüentados por pessoas que querem consumir alimentos e bebidas. Estão espalhadas por toda a cidade, sendo os mais freqüentados aqueles situados perto do santuário. Há também alguns barracões, que só funcionam em época de festa. A maioria deles está situada nas ruas acima do santuário. Há presença de pessoas de todas as faixas etárias nesses estabelecimentos e não são cobrados ingressos. A boate Apollo é um local onde predomina o público jovem, situado perto do santuário, na rua de cima da praça. Na época de festas passam a cobrar ingresso de três reais das pessoas de outros municípios. A fachada se assemelha a um bar tradicional de cidades do interior, e dentro dele há um espaço de boate, com aparelho de som completo e jogo de luz.

O espaço festivo dos encontros de folias de reis é pequeno para o número de participantes. Freqüentemente se formam aglomerações, seja para assistir às folias, fazer compras, rezar no santuário ou conversar nos bares da praça. Enquanto na romaria de agosto o espaço ritual da festa é, sem exagero, toda a cidade e as periferias não-habitadas, (ocupadas por pedintes), nas festas das folias de reis o espaço ritual da festa

⁹¹ É curioso que, na época das romarias (primeira quinzena de agosto), quando a cidade fica literalmente tomada por barracas, a maioria das pessoas da cidade compram os produtos no dia 16 de agosto, depois da festa. Nesse dia, os comerciantes fazem promoções dos produtos que sobraram, ou trocam as mercadorias pelo aluguel da calçada.

se concentra na praça do santuário, na rua do almoço e nas duas “ruas do comércio”, acima da praça.

As Romarias

As romarias de agosto são as festas centrais do santuário. Têm como sujeito social e primordial os romeiros, envolvendo também a Igreja Católica, a prefeitura de Romaria, as prefeituras das cidades vizinhas, os vários tipos de agentes mercantis, mendigos, hansenianos, políticos, imprensa e outros indivíduos.

Os números sobre a população flutuante nesta época de agosto geram bastante controvérsia entre pesquisadores, organizadores e imprensa. Segundo Duarte: “o santuário de Romaria, no mês de agosto, segundo os organizadores⁹², recebeu uma visita de mais de quinhentas mil pessoas vindas de várias localidades com objetivos diversos” (2003:43-44). O jornal Correio de Uberlândia estimou, em 2001, que cerca de cento e cinquenta mil pessoas deverão ir a pé este ano.⁹³ O mesmo jornal concluiu, na edição de 12 de agosto, que no mesmo ano mais de quinhentas mil pessoas passariam pela cidade, sendo duzentas e cinquenta mil só no dia da festa.⁹⁴

Na opinião de padre Geraldo⁹⁵, essas estimativas são exageradas:

Tem aqueles que falam cento e cinquenta mil, duzentas mil pessoas, não sei que lá... as vezes até o padre que está na celebração fala:” nessa praça aqui tem vinte e cinco mil pessoas”,” cem mil pessoas”, ”cinquenta mil pessoas”. Tá crescendo, cada ano cresce. Tanto que, para evitar esse acúmulo no dia 15, nós fazemos a festa completa nos domingos que antecedem esse dia. Pode ver aí a festa completa. No domingo anterior, por exemplo, tem o bazar das missas, procissão, coroação da imagem, a encenação de N.S. da Abadia no céu, só não tem fogos de artifício. Eu acho que cem mil no dia da festa é muito, mas não tenho elementos para provar. (*sic*)

É a única festa da cidade que exige da Igreja a contratação de serviços de terceiros, para atender a requisitos básicos como preparação da infra-estrutura, alimentação, segurança etc. Segundo o pároco atual de Romaria, existe a necessidade de contratação de um corpo de funcionários diretos e indiretos: “*tudo é pago, nós temos*

⁹² A autora não especificou quem são os organizadores que deram o depoimento.

⁹³ Jornal Correio, Caderno Revista, pC1, 4 de agosto de 2001.

⁹⁴ Citações retiradas de Silva e Souza (2002:75).

⁹⁵ Entrevista realizada em 18 de novembro de 1998, na paróquia de Romaria (MG).

um contingente aqui de gente paga, mais ou menos de sessenta pessoas”. Principal produtora intermediária, atualmente a Igreja Católica centralizou a gestão do evento, assumindo a produção da festa no santuário.

A prefeitura de Romaria, outra produtora intermediária, já esteve envolvida na produção da festa por vários anos, mas atualmente sua contribuição é pequena. Nos últimos anos houve uma separação das funções desempenhadas no evento. Segundo o padre, *“quando cheguei aqui isso tava misturado com a prefeitura, com a secretaria de cultura. Então, devido a vários pontos ficou tudo na mão da Igreja”*. Assim, as funções desempenhadas pela igreja “aparentemente” ficam restritas à esfera religiosa e as da prefeitura à esfera civil. Como comenta Marra:

O poder da Igreja em Romaria hoje é inquestionável, pois além de ser a promotora dos eventos que sustentam a economia da cidade é ela quem mantém e controla o hospital e a creche. Após a aquisição de um trator, está se firmando junto aos pequenos agricultores prestando-lhes auxílio, sem falar de sua importância no sistema educacional (2002:58).

Desentendimentos e tensões econômicas acerca do custeio de alguns serviços da festa existem até hoje. Na mesma entrevista o padre comenta: *“eles [os políticos] querem que a igreja ajude a prefeitura, na época da festa. Esse ano [1998] quase deu briga, com o bispo e tudo mais. Queriam que a prefeitura pagasse a polícia, que pagasse não sei quem mais, que desse 15 mil reais da igreja para a prefeitura”*.

As tensões por vezes se verificam também entre a Igreja e os moradores de Romaria, que reclamam do destino do dinheiro arrecadado pela Igreja, supostamente enviado para a diocese de Uberaba. Segundo a Igreja, grande parte da verba arrecadada é revertida para a própria produção da festa e para obras de reparo do santuário, de construção de infra-estrutura (como o salão dos romeiros, bebedouros, banheiros), manutenção da creche e hospital e outras obras assistenciais. Há também uma história mítica de que o dinheiro depositado pelos fiéis aos pés da santa que fica no primeiro andar do santuário cai diretamente nos cofres do escritório do santuário.

Outro fato que chamou bastante atenção foi a polêmica entrevista do padre da paróquia de Nossa Senhora da Abadia de Uberlândia, concedida no dia 15 de agosto de 2000, ao telejornal MG TV 1a edição, da TV Integração. Segundo Marra (2002:32), o padre disse: *“que Deus não quer que os devotos façam grandes sacrifícios, que a graça*

é de graça e não precisa pagar”. Portanto, até mesmo entre padres da Igreja existem controvérsias sobre qual postura se deve tomar frente às peregrinações.

Outras prefeituras, como Uberlândia e Patrocínio (de onde partem os maiores contingentes de romeiros), ajudam somente na infra-estrutura das barracas de assistência aos romeiros nas estradas que levam à cidade, sendo pequena sua relação com a produção da festa.

Essas barracas situam-se nos acostamentos das rodovias que dão acesso à cidade de Romaria. Na maioria das vezes, elas são feitas com estrutura de madeira ou ferro e revestidas com lona ou plástico preto e espesso. Em alguns casos são armadas lonas de circo. Dividem-se em três ambientes: a cozinha; o local de sentar, lavar os pés e comer; e o maior deles, reservado para dormir. Neles, os penitentes encontram um local para repousar, além de receber água, leite, chá, pão e sopas gratuitas. Contam ainda com o trabalho e atenção dos voluntários, que lavam os pés sujos (cheios de bolhas e feridas) e fazem curativos com base em uma solução de água quente fervida com folhas de eucalipto e sal grosso, o que alivia um pouco a dor e o cansaço dos romeiros.

As barracas são instaladas e mantidas por vários sujeitos: a Igreja, voluntários, comerciantes, políticos e, principalmente, as prefeituras de Uberlândia e Patrocínio, que espalham suas faixas publicitárias ao longo da rodovia saudando os romeiros. Nas épocas de eleições aumenta o número de barracas de políticos visando a dar assistência aos romeiros. Mas é preciso registrar que em todas essas barracas há contribuições de diversas origens. Os alimentos são doados por fazendeiros, empresários e devotos da região. Junto às barracas de assistência voluntária encontram-se também barracas particulares, onde são vendidos remédios para dor, antiácidos, bebidas e alimentos. Também podem ser encontradas ao longo da rodovia pessoas que utilizam seus carros para distribuírem café, pão com manteiga e água, como formas alternativas de pagar promessas e de devoção.

Geralmente, as pessoas que trabalham nas barracas são devotas e nada recebem pelo serviço. Entretanto, nas barracas de políticos elas são contratadas como cabos eleitorais. Algumas pessoas entrevistadas nas últimas eleições disseram ganhar quarenta reais por semana de trabalho. No final da festa, é grande o volume de lixo acumulado próximo às barracas, exalando um forte mal cheiro. E mesmo após a limpeza feita, ao desmanchar das barracas, parte do lixo permanece ali durante todo o ano.

Nesse ambiente de sociabilidade em torno das barracas é onde melhor se percebe a árdua penitência da romaria a pé. As conseqüências da autoflagelação, provocadas pelos vários quilômetros percorridos, e a forte significação religiosa da peregrinação ajudam a consolidar, no caminho e nas paradas, o espírito de solidariedade que caracteriza esses eventos. Esse sentimento de afetividade acaba por envolver todos os freqüentadores das barracas (amigos, assistentes, parentes e romeiros), que se vêem, portanto, em situação de igualdade. Nesse sentido, vale lembrar do argumento de Victor Turner (1974) reelaborado por Carlos Steil (2000) sobre a idéia de *communitas*: “os peregrinos ao deixarem suas casas, entram num espaço de liminaridade enquanto viajam para um lugar sagrado, da onde retornam transformados, para serem reintegrados em suas comunidades de origem”. Apesar de muitas vezes esse modelo teórico não se confirmar empiricamente em vários estudos de romarias como o próprio autor conclui, ele se encaixa em alguns momentos rituais na romaria de N.S. da Abadia, principalmente nas rodovias, nas barracas de assistência, nas esmolos e outras situações rituais. Muitos romeiros criam novas formas de relacionamento social, ajudando pessoas estranhas, dando assistência a desconhecidos, utilizando outro tempo de locomoção ao caminhar numa rodovia esburacada repleta de automóveis e veículos pesados em alta velocidade. Nesse sentido, muitas interações sociais, hierarquizações cotidianas são abandonadas a favor de uma relação afetiva e de experiências compartilhadas em locais de indiferenciação e igualitarismo, gerando esse sentimento de *communitas*.

Podemos destacar três tipos de barracas de assistência nas rodovias que ligam Romaria/Uberlândia e Patrocínio/Romaria: 1) as barracas das prefeituras, que recebem os maiores fluxos de romeiros e possuem maior espaço interno, nas quais predominam características assistencialistas imbricadas com sentidos religiosos, políticos e identitários; 2) as barracas de políticos, que em épocas de eleição são mais freqüentes e maiores (algumas com estrutura de circo). Fora do período eleitoral elas são menores, tanto em número quanto em espaço. Os políticos têm como objetivo a publicidade, visando a conquistar votos ao dar assistência aos romeiros. O radialista e atual vereador uberlandense Misac Lacerda monta uma barraca há 12 anos entre Uberlândia e Romaria, independente de ser vereador; 3) as barracas de comerciantes, menores que as

demais, na maioria das vezes, quem monta essas barracas são pequenos comerciantes locais.

Decorrente da heterogeneidade social dos romeiros podemos compreender as diferenças de sentidos e de condutas dos romeiros por vários aspectos. Os romeiros são os mensageiros do sagrado, é no corpo deles que está depositado todo o *mana* da festa, eles são uma espécie de moeda religiosa de altíssimo valor. Circulam tal qual todas as coisas importantes das festas numa lógica de dádiva e não de mercadoria. Eles são a própria encarnação da dádiva, recebem cuidados, todos querem que eles cheguem bem, afinal a festa precisa dos romeiros.

De um modo bem geral, percebe-se que os grupos de peregrinos mais jovens, por exemplo, prolongam sua estadia na cidade. Muitos ficam até o 15 de agosto, dia de maior movimento na cidade, ou pelo menos ficam um final de semana, aproveitando para namorar, dançar, beber nos bares e bailes. Os adultos permanecem na cidade períodos de tempos menores, muitas vezes, voltam no mesmo dia em que chegaram ou, no máximo, ficam um final de semana.

Há vários sentidos para peregrinar, entre as mais comuns, podemos destacar duas: o *voto* e a *promessa* (Steil 1996). De acordo com o antropólogo, o voto significa uma relação mais duradoura com N. S. da Abadia, um elo que o romeiro mantém com a santa, enquanto a promessa tem um sentido de relação de dádiva em curto prazo. Esses dois sentidos de peregrinação estão associados as graças ou milagres alcançados pelos romeiros, mais freqüentemente nos dramas do espaço social doméstico. Mesmo promessas projetadas sobre problemas observados no âmbito da sociedade mais ampla quase sempre originam e se localizam em pessoas da família dos romeiros.

Ainda levando em conta as representações orais feita pelos romeiros, no ato em que a promessa é feita o sentido religioso de pedir a N. S. da Abadia uma graça ou milagre está totalmente relacionado, em ordem de importância e maior frequência, com problemas de saúde pessoal e familiar, dificuldades econômicas e dificuldades afetivas.

Outros sentidos, alguns surpreendentes, aparecem nas declarações dos motivos da peregrinação. É o caso de pessoas que não tendo fé, caminham por “esporte”, fazem a peregrinação “*prá festá*”. Outro caso interessante é o das pessoas que estão incumbidas da tarefa de pagar promessas por outras pessoas devotas, apesar de não declararem fé no ritual.

Os motivos religiosos na romaria são dominantes, mas além do voto e da promessa, há também a procura por batismos, encontros de orações e diversas manifestações com sentidos profanos como as reuniões nos bares e salões, procurados para beber, comer, dançar, namorar. Esta fusão de interesses, próprias dos rituais das culturas populares, demonstra que a tensão entre o sagrado e profano não é rígida, mas complementar. Segundo um romeiro a festa é um fato social total, serve : “*um pouco é pra promessa, um pouco é pra festa*”.

Dada à variedade dos motivos dos sujeitos que praticam a romaria, os classificamos em:

Pagadores de Promessas - sujeitos que se comprometem em "pagar" à santa a solução de um problema próprio ou alheio. As pessoas que recebem a graça ou milagre da Nossa Senhora da Abadia, expressam com grande louvor a solução de suas aflições, especialmente quando se trata de problemas econômicos, principalmente o desemprego, e de problemas de saúde pessoal ou familiar. Em grande parte dos devotos, a própria pessoa que faz a promessa ou que recebeu o voto cumpre o compromisso estabelecido com Nossa Senhora. Na maioria das vezes a promessa significa uma relação de "curto prazo" com a santa, mas existem também, promessas que duram vários anos. Ao perguntar para uma romeira se ela estava pagando promessa ela responde, "*é promessa, se fosse por ir, eu já tinha voltado a muito tempo*". Assim, cumprir a dívida com a santa passa a ser uma obrigação. E mesmo quando o pagador de promessa não é a pessoa que recebeu a graça, mas de alguma forma se comprometeu a pagar a dívida, freqüentemente é um parente próximo, irmã, irmão, filho, filha, pai ou mãe a força da obrigação se mantém.

Existem dois motivos mais gerais para essa transferência de dívida. O primeiro está relacionado com pessoas que acreditam ser detentoras de maior graça diante da santa ou de maior poder nas relações familiares e, por isso, compromete outras pessoas a pagar uma determinada promessa. O segundo ocorre quando a pessoa que recebe a graça é uma criança pequena ou uma pessoa que não tem possibilidades de peregrinar e para não ficar com dívida perante Nossa Senhora transfere-a para um parente próximo, que será encarregado de cumprir.

Um exemplo muito expressivo dessa troca simbólica e ao mesmo tempo afetiva e solidária é o testemunho de um romeiro músico que estava pagando promessa para sua

irmã, “é o problema de saúde, ela ficou um mês na UTI, nós tudo fizemos uma promessa e o escolhido lá de casa fui eu”. Ao perguntar porque foi escolhido o romeiro músico respondeu, “eu táva a toa, sem trabaiá”.

A promessa também é muitas vezes paga antes mesmo da pessoa receber as graças. É o que chamamos de *premissa*. Neste caso a relação se inverte, o romeiro cumpre o voto e Nossa Senhora da Abadia fica em “dívida” com o peregrino.

Devotos - pessoas que, mesmo não tendo feito qualquer promessa, tornam-se devotos e peregrinam até o santuário. Essa motivação que o peregrino tem com a santa é de longa duração, às vezes dura toda vida. O devoto possui status "superior" junto à santa em relação às demais categorias de romeiros. De acordo com Gross, citado por Steil (1996:23) “o santo garante a proteção para o fiel em troca de lealdade”. Essa proteção, em Romaria persiste durante todo o ano e é renovada com os rituais de peregrinação e demais rituais religiosos em louvor a Nossa Senhora da Abadia. Em muitos depoimentos colhidos, os peregrinos narram esse vínculo de amizade e compromisso com N. S. da Abadia que dura a vida toda, falando que irão peregrinar até “quando tiver força...”.

Na verdade, essas duas categorias pagadores de promessa e devotos não são tão precisas assim, é interessante notar como muitos pagadores de promessa, continuam peregrinando mesmo com as dívidas quitadas transformando-se em devotos. Como muitos romeiros comentam a peregrinação torna-se meio que um vício, uma necessidade que vai além dos pagamentos de promessa, além disso, sem dúvida que mesmo a peregrinação mais utilitária desperta nos romeiros uma relação de vínculo com a santa que extrapola a relação utilitarista “toma lá da cá”.

Profanos - pessoa que mesmo não tendo devoção a santa ou qualquer tipo de promessa, fazem a peregrinação por "esporte" ou para acompanhar amigos. É bastante presente os grupos de jovens que vão para Romaria somente pelo divertimento. Existem também, em casos mais raros, pagadores de promessas, que foram escolhidos pela família a "pagar a dívida", que não possui nenhum tipo de devoção à santa e só está peregrinando porque foi obrigado pela família. Essa categoria de romeiros são aqueles que mais se arrependem e desistem no meio do caminho. O depoimento de uma romeira, ilustra bem o compromisso pouco devocional dessa categoria. Diante da chuva que caiu durante o

percurso, declarou: *“Molhou tudo, tivemos que trocar de roupa, eu quero ir embora, ... meu marido tá de carro me procurando, ...se ele me achar eu vou embora”*.

Há diversos modos de se peregrinar, muitos realizam as peregrinações sozinhos, sem conversarem, outras romarias como uma romaria de Uberaba levam ao santuário mais de 600 pessoas que caminham juntas, existe ainda duas romarias de carros de boi, prática muito comum na romaria de Água Suja antes da massificação dos automóveis e da construção das rodovias que dão acesso à cidade, mas geralmente os romeiros caminham em pequenos grupos, de três à oito pessoas. No dia da festa temos as romarias de ônibus, a cidade fica literalmente rodeada de ônibus que trazem romeiros de toda a região para Romaria.

Os caminhos da peregrinação ao santuário de N.S. da Abadia da Água Suja compreendem todas as estradas e cidades próximas que dão acesso à cidade sagrada. Segundo a Associação dos Policiais Rodoviários Federais a distância entre Uberlândia e Romaria feita pelos romeiros é de 73,5 Km. Do trevo de Uberlândia até o rio das Velhas temos aproximadamente 15 Km, depois da ponte do rio das Velhas há uma enorme subida. Como dizem os romeiros, depois da ponte do rio das Velhas a romaria torna-se uma subida só. Em alguns momentos temos algumas descidas, mas o restante do trajeto, até chegar na “trilha”, local que a peregrinação sai da BR-365 para chegar em Romaria, é praticamente subida. Antes de chegar até a barraca da Antena, existe também paralela a estrada um caminho de terra próximo a uma reserva de eucalipto, nesse espaço os romeiros também peregrinam fora da BR-365. Mas a maioria do trajeto feito pelos romeiros é no acostamento da rodovia, é interessante notar como o acostamento cheio de pedrinhas e cascalhos soltos tornam a romaria mais difícil, parece que os romeiros caminham em grãos de feijão, por isso, a maioria deles busca caminhar na beira da rodovia, local de asfalto mais liso.

Com isso, os riscos de acidente tornam-se maiores, principalmente quando automóveis e caminhões fazem ultrapassagens em alta velocidade, no mesmo sentido da peregrinação dos romeiros, pois os romeiros não vêem a ultrapassagem dos caminhões. Em 2005, por exemplo, presenciei um caminhão fazendo uma ultrapassagem em alta velocidade quase atropelando dois romeiros, o caminhão chegou a derrapar a carroceria vazia para desviar dos romeiros que caminhavam na beira da pista, fora do acostamento.

O tempo de caminhada varia bastante de grupo para grupo, os grupos mais experientes que possuem assistências especiais de parentes que levam colchão, comida e demais produtos necessários para a peregrinação chegam em 15 até 18 horas no santuário, esses grupos não precisam levar mochilas, com roupas, colchões, alimentos, mantimentos, cobertas, tirando um grande peso das costas. À noite os romeiros utilizam uma lanterna como sinalização para os motoristas, esse é para muitos romeiros o melhor horário para se caminhar, pois o fluxo de veículos é muito pequeno e com isso eles podem caminhar no meio do asfalto liso da rodovia, o tempo é mais fresco favorecendo muito o andar e, além disso, a vista do céu torna a caminhada muito agradável, os romeiros vêem muitas estrelas cadentes e um céu maravilhoso nunca visto nas cidades por causa da iluminação artificial.

Diferentemente da maioria dos romeiros que chegam a Romaria, pagam suas promessas e regressam para suas cidades de origem, os mendigos chegam antes mesmo da festa começar e montam um acampamento destinado a eles pela prefeitura próximo a rodoviária. Alguns permanecem estrategicamente posicionados na praça do santuário até o término do evento. Percebem-se homens, mulheres e crianças praticando a mendicância, alguns com variadas mutilações, verdadeiras ou não, outros sem nenhum problema aparente. Há relatos de que vários sujeitos que praticam a mendicância em Romaria possuem casas próprias ou não possuem nenhum tipo de dificuldade financeira.

O tipo de abordagem dos transeuntes pelos mendigos varia muito. Em muitos casos essa abordagem se dá de forma violenta. Por exemplo, se a pessoa tira dinheiro na frente de um grupo, outros mendigos mais afoitos promovem tumultos e tentam tirar o dinheiro ou a carteira da mão da pessoa. Depoimentos dos próprios mendigos indicam que é comum o fato de eles se tornarem profissionais, viajando por vários santuários no Brasil. A exclusão social de grande parte da população brasileira gera a profissionalização dessas pessoas que, desde a infância, adquirem uma certa malícia para sobreviverem. Um menino pedinte fala: *“meu pai num trabaia não, só qué bebê pinga”*. Ao perguntarmos se ele gostava dessa vida de pedinte, ele respondeu: *“já me acostume' né, sô, desde pequeno. Tem hora que eu não gosto não, é ruim a gente ter que acordar cinco horas da manhã”*. Diferente do que outros sujeitos acusam os mendigos de não trabalhadores, a organização deles mostra como o trabalho deles é bastante

árduo, envolvendo uma organização sistemática de locais sagrados que transitam durante todo o ano, acordando por volta das cinco horas. Alguns mendigos em Romaria utilizam-se de crianças, principalmente as mais novas, como um recurso de súplica para ganhar o dinheiro dos romeiros e devotos de N.S. da Abadia.

Os hanzenianos formam outra categoria dentre as que se beneficiam com a festa, merecendo uma análise mais detalhada, por se tratar de um grupo organizado e fechado. Eles se organizam de forma hierárquica e dividem o dinheiro que recebem de forma desigual. A quantia recebida depende da posição ocupada pelo pedinte. Eles ficam em acampamentos na periferia de Romaria, local visitado por famílias que doam grande quantidade de dinheiro ou alimentos. Em 2004, um senador de Patos de Minas, segundo seu próprio assessor, distribuiu sessenta mil reais em notas de vinte reais. As pessoas faziam uma fila e ele distribuía uma nota para cada. Muitas pessoas retornavam para o fim da fila duas, três vezes. Atualmente, também foi montado um acampamento de mendigos ao lado dos hanzenianos.

Dentro da cidade, a Igreja e os pedintes travam lutas concorrenciais explícitas pelo domínio das esmolas dos romeiros. Desde 1999, o santuário foi cercado por correntes e seguranças particulares contratados em Uberlândia que não deixavam os pedintes se aproximarem das pessoas que entram no santuário. O padre comenta que a melhor profissão aqui da festa é de pedinte, o melhor salário é o de pedinte. Com a presença deles, a Igreja perde o monopólio das arrecadações financeiras advindas com a esmola dos romeiros. A Igreja e a polícia militar orientam, através de panfletos e dos autofalantes do santuário, que as pessoas não distribuam esmolas aos mendigos na praça do santuário, pois afirmam que a maioria dos pedintes tornaram-se profissionais e exploradores, sendo preferível ajudar famílias ou entidades conhecidas (como a própria Igreja). Dessa forma, imputa-se a responsabilidade pela reprodução dos pedintes aos participantes que desobedecerem a orientação da igreja e da polícia, dando esmolas.

Assim, os mendigos e os hanzenianos são aqueles suplicados que estão nas camadas mais inferiores da escala da dádiva, encarnam assim como os romeiros, as faces da fé. Eles formam a alteridade, o outro da própria festa, formando a classe de desesperançados estruturais para a festa. São a prova que o mundo não pode viver sem a fé e de que precisamos da salvação, afinal todos os demais agentes participantes não querem ser como eles e as romarias ajudam esses agentes a serem diferentes deles, pois

eles aparecem de maneira ritual e com intensa visibilidade em toda a festa. Dessa maneira, esses pedintes garantem a sustentabilidade simbólica da fé, pois estando nos níveis mais inferiores da conscientização pela fé, asseguram a todos os outros participantes que é esta conscientização que devemos alcançar sob a pena de ficarmos como eles também.

Os agentes mercantis (comerciantes locais estabelecidos, moradores que improvisam pequenos negócios e serviços, barraqueiros e vendedores ambulantes vindos de fora) são outros sujeitos da festa. As relações destes sujeitos com a Igreja são limitadas. Somente pequena parte das barracas vende produtos religiosos semelhantes aos vendidos pela loja paroquial e, mesmo assim, essa semelhança não produz tensões mais agudas, como a dos pedintes e da Igreja local. Esses agentes mercantis se relacionam principalmente com a prefeitura, pagando uma taxa de dez reais, em 1999, e quinze reais, em 2000, para a manutenção da limpeza das ruas e também com os moradores, que alugam o metro da calçada por duzentos reais, em média (quanto mais próxima a calçada estiver da praça central, mais alto será o valor do aluguel).

Assim, os romeiros estão acompanhados na produção dos rituais da peregrinação por muitos sujeitos sociais, que trazem outros interesses para a produção da festa, colaborando para compor o grande painel de religiosidade popular de Romaria.

Os Encontros de Congos, Catupés, Moçambiques e Marujos

As congadas são manifestações que acontecem desde o Brasil colonial, como dissemos com o surgimento das irmandades. Estão presentes nas periferias das cidades grandes ou em pequenos povoados. Segundo uma série de estudiosos elas são oriundas da África banto. A grande hipótese sobre a migração negra na diáspora, afirma que no século XVII, escravos da África banto foram deslocados para o nordeste brasileiro. No século XVIII, grupos sudaneses sobrepuseram-se em termos percentuais à migração dos bantos no Brasil. No século XIX, a escravização dos bantos voltou a ser predominante, quando grandes contingentes dessa etnia foram deslocados para o sudeste, a fim de

trabalharem nos garimpos e no ciclo do café de Minas Gerais e São Paulo (DaSilva, 1996), (Lupi, 1998), (Ramos 1979).

Na região do Triângulo Mineiro a festa é, usualmente, chamada de Festa das Congadas ou Congados. O termo é utilizado para designar um ritual híbrido que agrega historicamente as práticas culturais da macro-região banto, por meio delas os congadeiros homenageiam chefes políticos, ancestrais, valorizam a cultura negra, cultuam santos católicos ligados à cultura afro-brasileira, principalmente São Benedito, Nossa Senhora do Rosário e Santa Efigênia, além de se divertirem - namorando, bebendo, cantando, dançando - como em todas as festas populares religiosas em que a hierarquias eclesiásticas não controlam totalmente o corpo e as atitudes dos participantes.

A coroação dos reis e dos santos, associada ao louvor dos negros, é o ritual fundamental da festa, pois ele identifica os congadeiros com o seu universo simbólico e tradicional: a lembrança da escravidão, as inferências sobre a segregação social atual, a lembrança dos antepassados. A filosofia banta marcada pela idéia de coletividade como instância fundadora do ser, aparece de certa forma reconstruída nessas manifestações religiosas. Comparada com o sistema ocidental, percebe-se claramente que são sistemas apoiados em princípios opostos. Se o modelo ocidental enfatiza o indivíduo, é na comunidade ou no grupo que o banto se realiza como pessoa (Da Silva, 1996).

A coroação é precedida por um cortejo dos reis e por uma procissão dos santos, que acontecem juntos. Diferentemente das procissões controladas pelas autoridades católicas em que a hierarquia tutela os gestos e as atitudes dos fiéis, todos os ternos enfileirados tocam músicas diferentes. Essa polifonia de sons demarca as fronteiras culturais, constroem províncias sonoras que distinguem um terno dos outros. No cortejo/procissão, os ternos carregam as imagens dos santos e dos reis que cultuam. Em quase todas as cidades da região mineira estudada onde existem as congadas, os moçambiques é que são os "guardas" das imagens dos santos e dos reis. Os organizadores das festas traçam um caminho pré-estabelecido, e vão buscar em uma determinada casa o rei e a rainha. Os ternos chegam a andar vários quilômetros para buscar o reinado ou simplesmente visitá-lo. Em seguida, o rei e a rainha são levados, em cortejo, para o local da festa, que é geralmente uma igreja. Muitos relatos dos encontros

de Nossa Senhora do Rosário com escravos nas águas e nos mares sugerem nesse ritual o mito fundador da festa⁹⁶.

Um dos pontos comuns nas narrativas míticas é o papel central e simbolicamente superior desempenhado pelos ternos de moçambiques. Em todas as narrativas registradas, na região do Triângulo Mineiro, somente esses ternos possuem poderes de retirar a santa da água e levá-la para a igreja. Segundo um capitão de congo entrevistado na festa de 1999 em Romaria: *“quem manda no congado não é o congo, é o moçambique; portanto vocês podem observar que todo o lugar que vão assentar o mastro lá ou tirar, o Moçambique é o da frente. Agora o congo tem que acompanhar ele. Porque foi o moçambique que tirou a Nossa Senhora do Rosário”*.

Portanto, a superioridade simbólica e mítica dos moçambiques é reconhecida também pelos próprios ternos de congos, na região do Triângulo Mineiro. Como é comum em toda região mineira, os ternos geralmente são filiados em irmandades que freqüentemente possuem o nome de Irmandade do Rosário ou Irmandade São Benedito.

Outro ponto comum nessas narrativas míticas é a apropriação pelas culturas negras de uma santa católica. É importante destacar que as culturas afro-brasileiras selecionam os santos dignos de louvor. Além disso, a santa tem a necessidade da ajuda dos negros, em contraposição à incapacidade dos brancos em retirá-la da água. Reverte-se, na

⁹⁶ A seguir, descreveremos alguns relatos coletados em Romaria no ano de 1999, sobre o mito fundador de Nossa Senhora do Rosário:

“Segundo conta a história, os negros não tinham acesso à igreja, então na época as campana eram nos fundos porque só entrava pessoal branco, o negro não tinha direito de entrar onde tinha campana. Aí, eles acharam uma santa dentro do lago, e o pessoal da igreja foi lá tirar a santa e rezou e não conseguiu, então os negros foram e louvaram a santa da forma que eles sabiam, na forma de som e instrumentos musicais. A hora que a santa começou a sair de dentro do lago, eles viraram as costas e continuou cantando e a santa voltou pra dentro. Vários dias depois eles retornaram, um grupo de negros vestidos de branco. E começaram a tocar pra santa mas não virou as costas, eles continuaram de costa até que a santa saísse da água, eles conduziram ela para o cutelo e conduziram ela para a igreja, como eles não podiam entrar na igreja, eles tiveram que construir uma. Daí a tradição das igrejas de Nossa Senhora do Rosário dos pretos. Daí então os pretos não tinham acesso à igreja, a história que se conta é essa, então devido a história da roupa branca, é a tradição do moçambique branco também, sempre onde ele tá, ele que carrega o reinado.” (sic)

“A santa foi achada, vieram os ternos de Congo cantando e acharam a santa, mas eles tocavam, tocavam, pegavam a santa e não tinha conta de tirar. E tinha um egum ou sataná, que não deixava tirar e veio um moço com gunga e atraiu, e quando ele viu lá já estava com o Moçambique. Em qualquer canto do Brasil o Moçambique é poderoso. No Moçambique todos os soldados usam bastão, o Congo também usa bastão, mas no Moçambique todos os soldados têm que usar, no Congo não, e o bastão deve ser feito de aroeira ou jacarandá, madeira de lei. O meu bastão foi madrinha Irene que me deu, passou para mim num ritual, ela me deu um decar, recebi de madrinha Irene.” (sic)

narrativa, a posição social de hegemonia política e simbólica dos brancos perante os negros.

Mesmo com essas características estruturais, algumas narrativas mitológicas contadas pelos congadeiros tornaram-se variáveis e polissêmicas. A água não é mais o único símbolo do local onde os negros encontraram a santa. A incorporação de manifestações populares que não eram mencionadas, como as folias de reis significa que as pessoas que participam dessas manifestações geralmente transitam entre elas.

No que se refere à musicalidade, podem-se notar muitas diferenças entre um terno e outro. Os ritmos dos moçambiques são bem mais rápidos que os dos demais ternos. A maioria dos moçambiques utiliza instrumentos específicos, como as caixas-maracanã, as patangomes e as gungas. Atualmente, pelas transformações por que passaram esses grupos, alguns ternos de moçambique deixaram de utilizar esses instrumentos, enquanto alguns ternos de congo passaram a utilizá-los, mesmo que a maioria dos ternos (sejam eles de moçambique ou não) considera esses instrumentos próprios dos moçambiques.

Existem algumas características comuns nas músicas. A cantoria é base em todos os ternos e a estrutura do canto se constrói pela relação entre o solista e um coro (as respostas). O coro não faz tantas variações de tonalidade como nas folias de reis. Os instrumentos musicais são variados tanto em número quanto em nome⁹⁷. Como nas folias de reis, a organização dos ternos têm papéis sociais pré-estabelecidos. Cada pessoa cumpre uma ou várias funções. As músicas e as danças são base de todas as práticas rituais. Quase todos os componentes desempenham funções de músicos ou de dançarinos. A hierarquia interna do grupo é dividida entre várias pessoas que são denominadas, na região, de capitães. Como o número de componentes é geralmente bem maior do que o das folias de reis, geralmente os capitães são divididos em alas (alas dos músicos, dos cantadores, dos dançarinos e das meninas que carregam os estandartes e dançam). Algumas mulheres que comandam os grupos femininos são denominadas de madrinhas.

Um dos motivos que levaram ao surgimento dessas festas no Brasil é a obtenção de um espaço legítimo junto à Igreja, dentro do qual os negros puderam se organizar em confrarias ou irmandades voltadas para a criação de fundos de apoio na luta contra a

⁹⁷ Os principais nomes registrados foram: ganzá, pandeiro, tamborim, sanfona, violão, cavaquinho, reco-reco, caixa, tarol, banzai, caixas-maracanã, chocalho, ripilique, queijão, gangona, chic-chic, patango, patangome, dentre outros.

escravidão. Esse tipo de reunião contribuiu para o fortalecimento de uma coletividade organizada, fundamental para o surgimento dessas festas.

As práticas das congadas estão presentes em maior proporção no Sudeste brasileiro, principalmente em Minas Gerais e São Paulo, devido aos negros de origem banto que lá foram empregados como mão de obra escrava, desde o início da colonização. Cabe reiterar que essas práticas se difundiram por quase todo o Brasil. No Triângulo Mineiro, as congadas estão associadas à descoberta de jazidas de ouro e diamantes e à construção de quilombos em lugares como Ambrósia (região de Ibiá e Araxá) e Grunga (Uberaba). Da mesma forma que as folias reis, as festas das congadas ganharam uma configuração de encontro.

Em Romaria, o surgimento dos encontros das congadas está diretamente relacionado às diretrizes formuladas no Concílio Vaticano II, conforme relatado anteriormente. Depois da saída de padre Lalau, a organização da festa foi dividida com a prefeitura de Romaria. Essa organização, de acordo com o padre e alguns capitães do terno, não funcionou muito bem, e, no ano de 1992 quase foi extinta do ciclo de festas da cidade. Nos anos de 1993 e 1994, segundo o padre de Romaria, a igreja continuou financiando a maioria dos custos com alimentação, e no ano seguinte a organização do encontro das congadas passou a ser melhor sistematizada.

Da mesma forma que nos encontros de folias de reis, nos encontros de congos, catupés, moçambiques e marujos a produção da festa também é descentralizada, mas há uma diferença em relação ao encontro de folia de reis. A produção é dividida entre a igreja e uma irmandade de cidade vizinha sorteada ou uma irmandade que se ofereça por meio de promessa. Como nos encontros de folia de reis, ocorre uma reunião entre o padre Geraldo e os capitães dos ternos, onde se decide qual cidade produzirá a festa do próximo ano. A Igreja permanece como grande festeira do encontro, fornecendo a infraestrutura básica para os rituais.

O reinado da cidade escolhida tem a função de angariar e levar a alimentação para a cidade, montar uma comitiva para receber os demais ternos e distribuir os tíquetes do almoço. Nestas festas, o ônus da alimentação é menor do que nos encontros de folias de reis, pois somente os membros dos ternos e acompanhantes almoçam gratuitamente. Da mesma forma que na folia de reis, no encontro de congos, catupés, moçambiques e marujos não há contratação de funcionários pela Igreja – todas as pessoas que trabalham

são voluntárias. A irmandade que organiza o evento confecciona os cartazes, recebe os demais ternos no dia da festa e providencia a maior parte das comidas para o almoço dos componentes dos ternos. Como no encontro de folia, a infra-estrutura básica da festa (galpão para o almoço, cozinheiras voluntárias, empregados, cozinha, som profissional) é organizada pela Igreja. Os rituais das congadas passam por um longo preparativo, que antecede o dia da festa. Na realidade, começam um ano antes com a escolha da cidade e do reinado, que providenciarão junto com a igreja toda a infra-estrutura da festa do próximo ano.

A avaliação sobre a organização do encontro varia de um congadeiro para outro. Para alguns, a organização funciona bem, para outros, não. A maioria que não está satisfeita com o encontro afirma que o grande número de ternos (tanto de folias como de congados) prejudica a apresentação. Outros problemas citados pelos congadeiros, através de entrevista, referem-se à infra-estrutura do local de almoço e à hora em que começa a missa. Nas festas de congado em Romaria, o fornecimento da comida se dá em um único espaço, como nas folias de reis. Nisso elas se diferem dos encontros de congados em outras cidades, em que cada terno tem seu quartel específico, onde os ternos das cidades vizinhas são convidados a irem almoçar.

Nos encontros em Romaria, o número de ternos varia de acordo com o ano, atingindo a média de quarenta por evento. Grupos inteiros entram dançando, cantando e tocando dezenas de instrumentos, a maioria de percussão dentro do santuário. A fé estampada nas faces dos devotos e o louvor e respeito pela imagem da santa impressionam. Muitos congadeiros sobem toda a escadaria de joelhos.

Os acontecimentos rituais do encontro começam antes das seis horas, quando o Casal Real hasteia o mastro. Logo em seguida, com a alvorada, os músicos começam a tocar no santuário e a queimar fogos. Ao descerem do ônibus e se inscreverem, a comitiva da festa (Casal Real) entrega os tíquetes do almoço para os congadeiros e acompanhantes.

Muitos ternos começam a cantoria dentro da igreja, com alto volume de som. Muitas doam esmolas e também depositam ex-votos junto à imagem de Nossa Senhora da Abadia. Em seguida, rezam, cantam e dançam ao redor do mastro, para depois apresentarem-se no palanque situado na praça do santuário. A apresentação dos ternos dura, teoricamente, quinze minutos. Um senhor toca um sino, simbolizando o fim da

apresentação. Neste ritual, como nos rituais do encontro de folias de reis, os congos se apresentam com uma estrutura de palco, amplificadores profissionais de shows, mestre de cerimônias, tudo isso garantindo o caráter espetacular da apresentação dos grupos.

Mais ou menos às onze horas começa a ser servido o almoço. Este é um momento de reunião dos congadeiros, em que o sentimento de afetividade prevalece, no reencontro tranquilo de velhos amigos. Ninguém paga pela comida. São Benedito, outro santo digno do louvor negro, é muito lembrado. Segundo narrativas, sua posição social de cozinheiro, sua bondade com os pobres e principalmente sua cor fizeram com que os negros se identificassem com sua imagem e sua ligação com a comida.⁹⁸

Mais ou menos às dezesseis horas inicia-se o cortejo/procissão, momento em que todos os ternos saem com Nossa Senhora da Abadia pela cidade e param num lugar pré-estabelecido para buscarem os reis. Esse é um dos poucos rituais em que os congadeiros contracenam com a igreja e, mesmo assim, suas relações não são controladas, como de hábito nesses rituais. Os ternos tocam, cantam e dançam ao mesmo tempo, cada um no seu ritmo, gerando uma polifonia. No encerramento da festa, o descerramento do mastro é de responsabilidade dos moçambiques ou do reinado. Em muitos lugares do Triângulo Mineiro o mastro é conduzido pelos ternos de Moçambique para o interior da Igreja. Os ternos dançam e cantam ao redor desses mastros. Várias pessoas rezam, pedem e retribuem para os santos promessas realizadas nesse local. Nos estados de São Paulo, Paraná e em outras regiões de Minas os ternos também realizam as "Embaixadas" – parte dramática em que reinos negros simbolicamente em conflito negociam diferenças políticas – o que faz parte do núcleo central do ritual.

Portanto, como vimos, a relações de trocas entre os participantes dessas festas invertem as hierarquias do mundo cotidiano, misturando várias esferas – religiosas, políticas, estéticas e econômica, dando novos sentidos não apenas extra-cotidianos para seus participantes, mas também sentidos que eles carregam todo o dia, em seu trabalho e em outros lugares que passam e são reconhecidos. Assim, os discursos dos nativos congadeiros recriam e levam em conta não apenas identidades de classe, como vimos

⁹⁸ Segue uma narrativa mítica de São Benedito: *"Primeiro, ele era muito humilde, era cozinheiro de frade no mosteiro. E tratava de uma família, de uma vila pobre, com resto de comida. E dedaram para o frade! E o frade disse: 'Ah mas não acredito. Não acredito porque o Benedito...ele não pode fazer isso(...)' São Benedito levava comida para os pobres, na hora..., numa cestinha. Ai o padre estava lá e disse: 'Ó Benedito, onde você vai?'. 'Vou indo buscar...'. 'Mas você leva o que na cesta?' Ele disse: 'É flor'. O frade foi ver e a comida toda tinha virado flor (...)' Daí São Benedito ficou com grande milagre".*

nos discursos dos foliões, mas também identidades afrodescendentes. Este discurso de raça é tão forte dentro desses grupos de congadas que até os integrantes brancos o fazem.

As Cavalhadas de São Benedito

Em junho, acontecem em Romaria as cavalhadas de São Benedito. As cavalhadas dos jovens são realizadas no primeiro sábado; as cavalhadas dos adultos, no segundo. Nas duas semanas destes sábados, ocorrem novenas e missas no Santuário.

A produção dessa festa difere-se da produção das outras festas de Romaria, já que ela é feita de maneira autônoma por alguns moradores da cidade. A Igreja não faz parte da organização: sua participação se restringe à benção inicial dos rituais e às novenas. Seu Tarcísio, morador da cidade, organiza esse evento há mais de quinze anos. A maioria dos participantes reside em Romaria ou em cidades próximas. Essa é a menor festa do ciclo anual de eventos, considerando o número de pessoas nela presentes. Entretanto, sua visibilidade na região tem crescido muito ultimamente, seguindo a mesma trilha das demais festas do ciclo. Na cavalhada em 2000, a TV Integração cobriu a festa, exibindo *flashes* ao vivo no jornal local. Desde este ano, uma festa country foi acoplada a ela e cada vez mais vai ganhando consistência junto aos participantes.

A organização dos rituais das duas festas (a dos jovens e a dos adultos) é semelhante: a concentração de cavaleiros sai da frente de um bar, situado a três ruas acima do santuário, e circula por toda a cidade. Eles buscam a bandeira de São Benedito e voltam para frente do Santuário, onde ocorre a benção dos cavaleiros, sendo este o único ritual de que a igreja participa nos dois dias de festa. Diversos hinos (nacional, da bandeira) e marchas militares são tocados nesta solenidade. Muitas bandeiras de São Benedito são trazidas para a porta do santuário. A solenidade acaba quando os dois alferes cruzam as espadas, oriundas da guerra do Paraguai, e o padre as abençoa.

Os cavaleiros são divididos em dois grupos: aqueles que possuem tochas brancas e aqueles que possuem tochas vermelhas. Segundo alguns moradores e o padre da cidade, as tochas brancas simbolizam os cristãos e as vermelhas os mouros. Para muitos organizadores, essa divisão só acontece para separar os cavaleiros em dois grupos,

facilitando os rituais. Suas roupas são iguais: calça jeans ou social escura, camisa branca e chapéus brancos ou pretos e lenços pretos. Somente os dois alferes (aqueles que carregam a bandeira) possuem roupas diferenciadas: camisa marrom. Alguns cavaleiros, sem condição financeira para ter um cavalo, tomam o animal emprestado. Muitos cavalos possuem adereços no pescoço (vermelhos e brancos), fitas coloridas ou guizos.

Após a solenidade no Santuário, as pessoas se dirigem para um terreno baldio situado a duas ruas a leste da entrada principal do Santuário. Segundo o depoimento de alguns moradores, há muito tempo este é o local das cavalhadas.

Primeiramente, os cavaleiros dão voltas no terreno e depois se dividem em dois grupos: o branco e o vermelho. Após o apito do alferes, os batalhões partem para o meio do terreno, encontrando-se e até chocando-se uns com os outros, simulando uma batalha. Depois disso, começa o rito das argolas. Nas cavalhadas juvenis, os comandantes, como uma forma de socialização, mostram para os jovens quais são as regras. Enfileirados e sem a distinção de grupo, os cavaleiros jovens correm com as tochas viradas para baixo ou espadas de plástico no rumo de uma armação de ferro em “L” invertido, com 5 argolas. O objetivo do rito é pegar uma das argolas. Quando conseguem pegar, recebem palmas da platéia, quando não conseguem, são vaiados.

O segundo ritual é uma prova denominada cartucheira (cartucheira é um cone feito de papelão revestido com fitas coloridas trazendo amendoins em seu interior). Enfileirados, os cavaleiros saem correndo em forma circular no terreno para pegarem os cartuchos jogados por pessoas em dois pontos do terreno. Quando o cavaleiro não consegue pegar o cartucho, o público vaia, como na primeira prova.

O último ritual realizado nesse terreno é denominado de baliza. Sete balizas de madeira são colocadas em fila. Os cavaleiros enfileirados esperam o apito do juiz e passam cruzando a baliza. O tempo é cronometrado por um assistente e os três melhores tempos dos jovens (categorias masculino e feminino) e dos adultos são premiados com um troféu. Os melhores tempos ficam por volta dos 4 segundos e 30 centésimos. As vaias e os aplausos também fazem parte desse ritual.

Segundo Carlos Rodrigues Brandão, as cavalhadas no Brasil podem ser compreendidas a partir dos conceitos de jogo e rito formulados no livro *O Pensamento Selvagem*, do antropólogo francês Levi-Strauss: há um conjunto de regras e normas que determinam o comportamento de jogadores e atores, tanto no jogo quanto no rito.

(1973:42). Brandão utilizou esses conceitos para compreender as cavalhadas de Pirenópolis (GO). De acordo com a teoria:

(...) no jogo, as regras estabelecem, ao mesmo tempo, as bases de uma igualdade inicial entre os competidores ou entre as equipes, a partir do que é possível esperar um resultado diferenciado produzidos pelos atributos e qualidades individuais ou de um grupo. (...) Como as regras são prescritas igualmente para ambos os lados e como as diferenças se estabelecem ao longo do jogo pela atuação de "cada lado", o jogo permite a reprodução de uma infinidade de partidas com lances e resultados diversos (Brandão 1973 : 42).

No rito, as regras se diferenciam do jogo. Mesmo com a superioridade de poder de alguns atores em relação aos demais, procura-se encontrar um resultado equivalente, sem vencedores, no final. Se analisarmos os três principais rituais da festa (as argolinhas, as cartucheiras e as balizas) a partir da relação vaias/aplausos, os dois primeiros rituais se aproximam mais do jogo do que do rito. A torcida legitima os cavaleiros que obtiverem êxito e desprestigia aqueles que não se saírem bem. No último ritual da baliza, o jogo se torna explícito com a cronometragem e premiação com troféus.

Após esses rituais, os cavaleiros costumam passear pela cidade a cavalo. Nessa ocasião, muitos jovens que não participaram dos rituais aproveitam para dar um passeio montados nos animais. À noite, uma galinhada é servida aos cavaleiros num restaurante da cidade. E, no último dia da festa, um baile country é promovido por jovens da cidade.

Conforme se percebe, os sujeitos sociais do ciclo de eventos de Romaria introduzem novos sentidos e procedimentos aos rituais religiosos, dividindo a organização dos eventos (mesmo que essa divisão se dê de forma hierarquizada) e trocando símbolos de legitimidade social, configurando uma interessante experiência de reciprocidade religiosa e política, não-isenta de tensões. Os inventores e produtores diretos desses eventos, sujeitos sociais advindos das classes populares, concedem legitimidade à participação de sujeitos institucionais das frações dominantes (Igreja, prefeituras) que, por sua vez, fornecem infra-estrutura ou cedem espaço sagrado para o exercício da religiosidade laica e popular. São essas trocas, tensões e dívidas que, ao longo da história desse centro religioso, possibilitaram mudanças culturais notáveis nas práticas e representações da religiosidade oficial e popular, multiplicando seus sentidos tradicionais e inovando significativamente seus procedimentos.



Figura 32 - Santuário de Nossa da Abadia da Água Suja.



Figura 33 - Vista geral da praça do Santuário.



Figura 34 - Vista interna do Santuário.



Figura 35 - Romeiros na BR 365.

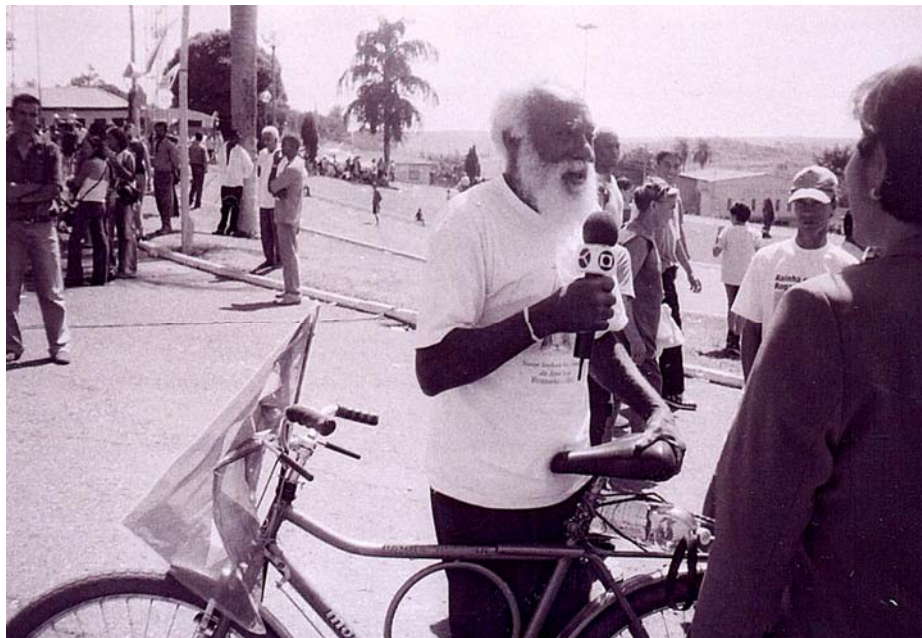


Figura 36 - Seu Charqueada pessoa muito querida na região.



Figura 37 - Barraca de assistência aos romeiros mantida pela prefeitura de Uberlândia.



Figura 38 - Em baixo à direita água quente para lavar os pés dos romeiros.



Figura 39 - Romeiro lavando os pés com solução de água, manjericão e eucalipto.



Figura 40 - Enfermeira atendendo a romeiro.



Figura 41 - Romeiros descansando na barraca.

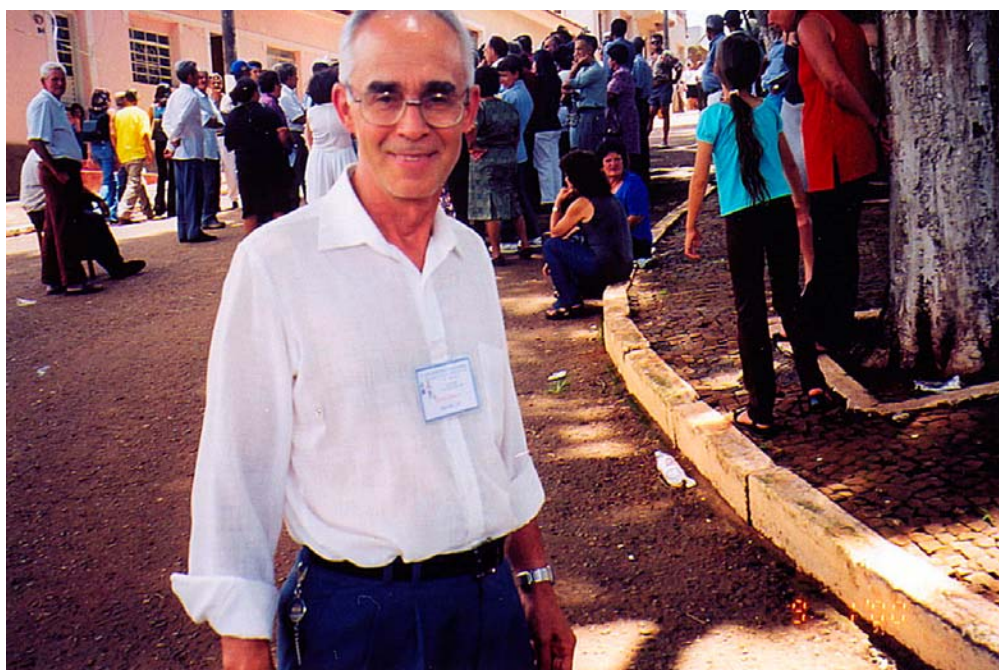


Figura 42 - Pároco de Romaria Geraldo Magela.



Figura 43 - Tecladista da folia Pena Branca.



Figura 44 - Pedinte Seu José da Cidade de Romaria.



Figura 45 - Barraca de mercadorias diversificadas em Romaria.

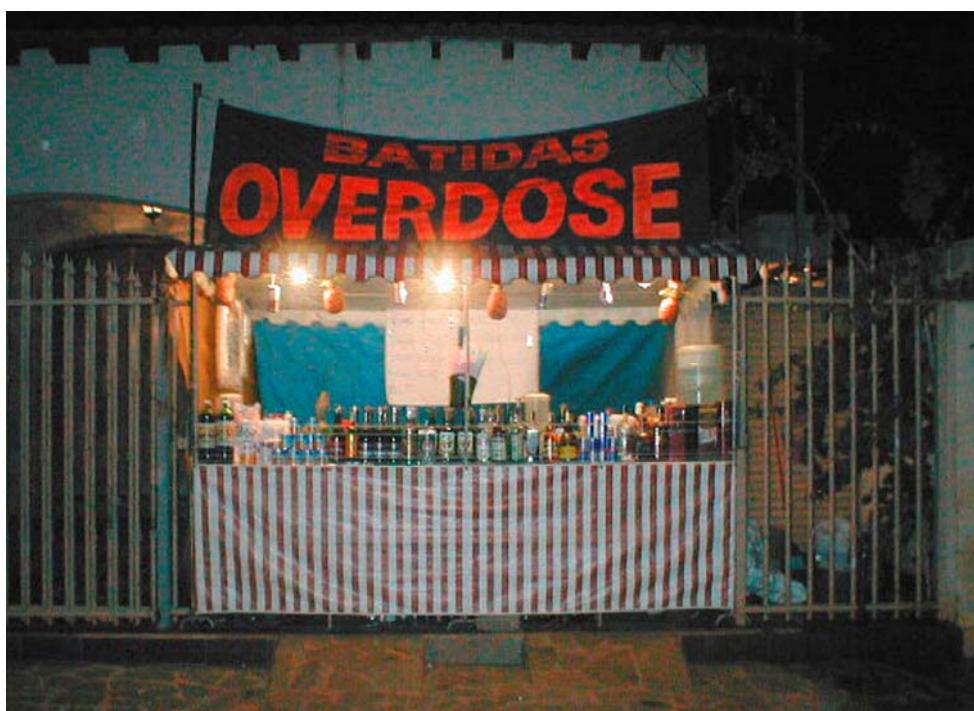


Figura 46 - Barraca de bebidas em Romaria.

A CULTURA POPULAR DOS INTERMEDIÁRIOS CULTURAIS

Uma referência importante para estudos das festas populares é a teoria de Pierre Bourdieu revista pelo antropólogo argentino Nestor Garcia Canclini. Ambos trouxeram contribuições importantes para a compreensão das relações de poder entre os diversos sujeitos e grupos sociais que interagem nas festas populares. No livro *As Culturas Populares no Capitalismo* (1982) Canclini estudou, a partir de uma pesquisa de campo, as mudanças no artesanato e as festas realizadas entre 1977 e 1980 em povoados da zona Tarasca do Estado de Michoacán, no México. Estudou também a influência de agentes externos (como grupos dos setores privados ligados ao turismo e dos setores públicos, que objetivavam diminuir a migração rural e o desemprego) na produção, circulação e consumo desses bens simbólicos.

Ele estava interessado em um quadro teórico que ajudasse a explicar as desigualdades e os conflitos entre os diversos agentes que se relacionavam nesses ambientes festivos e comerciais, além de compreender como setores dominantes e dominados costumam utilizar a herança indígena e das culturas populares camponesas e urbanas, atribuindo a elas novos sentidos, em função de seus interesses e de suas posições sociais. Canclini utilizou principalmente o referencial teórico-metodológico que orienta o estudo de Pierre Bourdieu, a *praxiologia*, cujos fundamentos são baseados na articulação dialética do objetivismo e do subjetivismo.⁹⁹ Em *As Economias das*

⁹⁹ Apesar de Bourdieu ser apontado como um estruturalista por muitos sociólogos, sua teoria sobre a sociedade afirma que as ações sociais são concretamente realizadas pelos indivíduos na medida em que

Trocas Lingüísticas (1982), Pierre Bourdieu acrescenta também outros pontos importantes para a compreensão dos rituais nas sociedades modernas.

Munido desse referencial teórico, Canclini trabalha o tema da festa como um momento ritual em que a sociedade penetra no mais profundo de si mesmo, naquilo que habitualmente lhe escapa para compreender-se e restaurar-se. A festa é, para além do lugar de subversão e da livre expressão igualitária, um local onde também se repetem as diferenças sociais e econômicas. Ele conclui, através de vários dados etnográficos, que o campo de produção das festas e do artesanato de algumas etnias mexicanas foi dominado principalmente pelo turismo desenvolvido por empresas e pelo Estado, reduzindo artesanatos étnicos de locais diferenciados a poucos produtos, modificando e refuncionalizando os seus sentidos ao considerá-los “típicos” da identidade nacional mexicana.

É claro que o contexto das festas estudadas aqui é outro. Nenhuma grande empresa e nem a maior parte do poder público teve um interesse sistemático em torná-las produto de um turismo tipicamente mineiro ou nacional, apesar de haver, como vimos em capítulos anteriores, um embrião deste interesse na idéia da construção de um

suas capacidades de efetivá-las se encontram limitadas a um leque de opções, oferecidas pelas estruturas sociais de acordo com sua posição social e simbólica na sociedade global. O conceito de *campo* (*locus* onde se manifestam relações de poder) permite definir qual espaço específico que está em jogo. Cada campo, formado por diversos agentes, possui um conjunto de linguagens que o diferencia dos demais. Entretanto, mesmo possuindo linguagens específicas e diferenciadas, o sociólogo deve criar homologias entre os campos, isto é, relações entre sujeitos de campos diferentes que influenciam no campo em questão. As posições dos agentes encontram-se previamente fixadas numa estratificação que vai do pólo dominante ao pólo dominado, podendo ser mudadas caso os agentes dominados manifestem estratégias subversivas eficientes. Essa tarefa não é tão simples, pois esses agentes do pólo dominado terão que transformar os *habitus* e as práticas sociais, geralmente reproduzidas por mecanismos e instituições burocráticas que asseguram o estatuto de dominação, utilizadas por todo um grupo de pessoas que delegaram legitimidade aos agentes dominantes. O *habitus* é outro conceito de extrema importância na teoria da prática, podendo ser definido como: *sistema de disposições duráveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionarem como estruturas estruturantes, isto é, como princípio que gera e estrutura as práticas e as representações que podem ser objetivamente ‘regulamentadas’ e ‘reguladas’ sem que por isso sejam o produto de obediência de regras, objetivamente adaptadas a um fim, sem que se tenha a necessidade da projeção consciente deste fim ou do domínio das operações para atingi-lo, mas sendo, ao mesmo tempo, coletivamente orquestradas sem serem o produto da ação organizadora de um maestro* (Bourdieu, 1994:61). A noção de *habitus* pressupõe que o agente social possua uma dupla característica: 1) social, pela qual os agentes internalizam a exterioridade. Incluem-se nela os valores, normas, regras, que recebem do meio social (“estruturas estruturadas”) e 2) individual, pela qual externalizam sua interioridade, segundo sua posição social e suas vontades próprias (“estruturas estruturantes”). Assim, o *habitus* é a disposição estruturada, na maioria das vezes inconsciente, que é reproduzido ou improvisado, dependendo da estratégia e da posição do agente que o exerce. Esse conceito serve como uma espécie de *mediação* entre as “estruturas estruturadas” e as “estruturas estruturantes”. Com ele, Pierre Bourdieu tenta, pelo menos teoricamente, suprir as deficiências das abordagens estruturalistas que não levam em consideração as ações dos sujeitos e também as abordagens individualistas que não levam em conta o contexto e as condições objetivas nas quais os indivíduos estão inseridos (no bojo da sociedade, mas em campos distintos).

caminho semelhante ao de São Tiago de Compostela entre Uberlândia e Romaria, ou a idéia de Brasília ser reconhecida como a capital nacional da folia de reis, da mesma maneira que Barretos é reconhecida como a capital nacional do rodeio.

Todavia, esse referencial teórico, apesar de compartilhar de um conceito restrito de política, reduzindo as múltiplas mediações possíveis, ao contestador ou conservador (Magnani, 1984), foi muito importante para perceber dentro dos encontros de folias de reis, de congados e nas romarias o surgimento de variados agentes intermediários com diversos interesses em se relacionar de alguma maneira nesses locais utilizando muitas vezes de relações de poder para impor seus interesses, além de possibilitar refletir sobre a maneira como muitos intermediários culturais utilizam essa linguagem em outros rituais e produções culturais fora dos espaços festivos.

Como comenta Fearthestone (1995), a partir da década de 60 surgiu na Europa, em uma fração da classe média, o interesse em agenciar e oferecer bens e serviços simbólicos provenientes de culturas e tradições diferentes dos padrões capitalistas, desempenhando assim um papel importante na transmissão de estilos de vida estético alternativo para um público mais amplo.

A expansão dos novos intermediários culturais, conforme denominou Bourdieu (1984), envolveu a ampliação de um leque de bens culturais legítimos e a ruptura de alguma das antigas hierarquias simbólicas. Os novos formadores de gosto, constantemente à procura de novos bens e experiências culturais, dedicam-se ainda à produção de pedagogias e guias populares de vida e estilo de vida. Eles estimulam uma inflação de bens culturais, recorrem constantemente às tendências, contribuem para buscar inspiração e, ao trabalharem paralelamente a essas tendências, contribuem para criar novas tendências de produção artística e intelectual (Fearthestone, 1995:61).

No Triângulo Mineiro, essa prática tornou-se freqüente a partir da década de 90. Vários intelectuais de diversas searas acadêmicas flertam e utilizam-se das manifestações religiosas das culturas populares mineiras e brasileiras, que possuem, como vimos no exemplo das folias de reis, códigos bastante complexos que combinam elementos sagrados e profanos, mágicos e racionais, estéticos, políticos, econômicos etc., difundindo por meio de registros e novos agenciamentos institucionais seus valores em várias tendências e produtos (CDs, produção de eventos, livros, documentários, reportagens, danças, músicas...). Por meios de trabalhos que combinam os elementos acadêmicos/universitários e artísticos/folclóricos, esses sujeitos pretendem valorizar e dar informações sobre manifestações culturais que, segundo eles, possuem uma outra lógica de troca, diferente das trocas mais individualistas e econômicas do capitalismo.

Com o surgimento recente de novas políticas culturais como as atuais leis de incentivos culturais (municipais, estaduais e federal) e programas privados específicos de projetos voltados para a cultura popular, houve um aumento considerável de projetos sociais que utilizam o conceito de cultura popular como justificativa pertinente para suas realizações.

Uma série de críticas feitas por esses agentes, muitas delas provenientes do mundo acadêmico, distingue a cultura popular de outros tipos de cultura, como a de massa e erudita, na maioria das vezes relacionando essas duas últimas a valores negativos de conformismo com a ordem social vigente: padronizantes, individualistas, massivos, cinzentos. Suas definições e referências à cultura popular, principalmente as públicas realizadas nas apresentações musicais muitas vezes são restritas à esfera estética rural e católica. Os dois maiores exemplos de cultura popular mencionados pela grande maioria dos artistas são as folias de reis e os congados.

Dessa maneira, muitas manifestações artísticas oriundas de outras religiões e das classes populares como o rap, hip hop, funk, são pouco mencionadas por esses agentes sociais, ou são tomadas como elementos negativos da cultura popular que foram cooptados pela indústria cultural, mesmo produzidas no contexto da cultura popular.

Portanto, a cultura popular, para muitos desses intermediários culturais da região, se resume apenas às folias de reis e ao congado e algumas vezes estas são criticadas quando utilizam algum elemento considerado “moderno” que desconfigura os elementos “tradicionais”.

Por outro lado, também há uma tendência mais universalista de alguns artistas que misturam elementos da cultura popular brasileira com músicas de outros países, como os africanos e asiáticos, mas não estende essa mistura aos estilos da indústria cultural, como o rock e o jazz. Há também artistas mais universalistas ainda, sem interesses em definir ou conceituar. Misturam em suas obras todos estilos, incluindo rock n’ roll, música eletrônica ou outros estilos musicais brasileiros considerados internacionais, como a bossa nova.

Apesar de a categoria “intermediário cultural” ser quase uma metacategoria, que abrange uma alta diversidade de outras categorias – músicos, pesquisadores, produtores culturais, artistas, educadores, empresas, ongs – ela possui recursos importantes para compreender, identificar e distinguir as estratégias e as práticas sociais dos novos

agentes sociais que se relacionam com as manifestações das culturas populares ou produzem artes nomeadas de cultura popular.

Segue uma interpretação inicial de alguns intermediários culturais como jornalistas, pesquisadores acadêmicos, músicos e folcloristas sobre as definições e origens das folias de reis. Na seqüência segue uma identificação dos músicos regionais do Triângulo Mineiro, através de um esboço de interpretação sobre seus relacionamentos com a linguagem da cultura popular, representada primordialmente pelas folias de reis e os congados. A interpretação também descreverá como os músicos regionais se relacionam com o estilo neo-sertanejo. Afinal, há uma forte relação de oposição e distinção (apesar de haver também semelhanças veladas) entre esses estilos musicais.

As definições de alguns acadêmicos, foliões, folcloristas, jornalistas e músicos pesquisadores sobre as folias de reis e suas origens.

Os registros em torno das definições sobre o que são as folias de reis e de onde vieram têm nos folcloristas, pesquisadores acadêmicos, jornalistas e, em menor grau, nos próprios foliões, seus principais narradores. Entre os pesquisadores envolvidos com a linguagem e as práticas rituais das folias de reis incluem-se alguns músicos, que também discutem as origens dessas manifestações e se preocupam com questões conceituais, em face da relação que mantêm com essa manifestação da cultura popular, que é de adaptar suas músicas e suas linguagens com objetivos externos aos dos rituais.

Embora as folias de reis sejam uma das manifestações populares mais difundidas no Brasil, a literatura científico-acadêmica sobre esse assunto é escassa. Entretanto, inúmeras pesquisas audiovisuais, vários sites na internet, reportagens em telejornais e eventos com participações especiais dessas folias, principalmente na época do natal, estão difundido-as até os grandes centros urbanos como Belo Horizonte, São Paulo e Rio de Janeiro. No campo das pesquisas escritas, os trabalhos de Brandão (1977), Moreyra (1983), além das definições mais recentes de pesquisadores, de jornalistas e dos próprios foliões criam controversas interpretações sobre sua definição e sua origem.

Até mesmo a nomenclatura básica dos pesquisadores pode gerar problemas. O simples uso do termo “folia” pode gerar confusão entre as folias de reis e outras folias,

como a de São Sebastião, do Divino Espírito Santo ou do Divino Pai Eterno – comuns no Brasil. Nesse sentido, algumas folias de reis assumem nomes diferentes, de acordo com o calendário católico. Começam o ano “folia de reis”, depois mudam para “folia de São Sebastião”, depois do “Divino Espírito Santo”. Em alguns lugares há a presença até da folia de Nossa Senhora da Aparecida.

Definições sobre o período anual de festejos também geram controvérsias. Muitos estudiosos apontam o dia 25 de dezembro como data de início do ciclo, outros afirmam sua ocorrência entre 31 de dezembro e 6 de janeiro. E ainda há o período indicado por outros pesquisadores que, dependendo da região, pode terminar em 20 de janeiro, dia de São Sebastião, ou 2 de fevereiro, dia de Nossa Senhora da Candelária. Na região do Triângulo Mineiro, com a instituição de um *circuito de encontros regionais de folias de reis* e com a grande demanda de devotos que desejam fazer uma festa para santos reis, o tempo e o espaço rituais foram ampliados e as jornadas das folias em cidades e fazendas ocorrem praticamente durante o ano inteiro.

Uma definição clássica e referencial para muitas pesquisas recentes é a de Yara Moreyra. Para ela, as folias de reis:

(...) consistem em grupos de cantores e instrumentistas que, por ocasião das festas de reis, saem em peregrinação devota por boa parte do interior do Brasil. O ritual é complexo e guarda ligações com a tradição europeia de Reis e com teatro, música e dança vindo com os descobridores. A religiosidade ainda predomina, mas aos poucos, **vai sendo deteriorada por influências externas** como, por exemplo, a **tentação exercida pela possibilidade de gravar comercialmente as músicas de folias** — quase sempre resultando num semi-profissionalismo discutível. Folia de Reis, hoje, é a penosa sobrevivência de um belo ritual, de um sistema coral curioso, de uma organização hierárquica sólida, de repentistas e instrumentistas habilidosos, da tradição de bem hospedar e, acima de tudo, da fé nos santos reis (1983: 135).

A concepção de Moreyra (1983) nos chama a atenção para um “grande problema profano”: as folias estariam substituindo os sentidos religiosos pelos econômicos. “*A folia está condenada à descaracterização e, no seu sentido original, possivelmente à extinção*”. Isso se traduz na possibilidade de as músicas serem gravadas comercialmente, o que significa “profanar” a esfera religiosa e gerar um “semi-profissionalismo questionável”. Essa visão — por assim dizer, romântica — corrobora uma atitude comum entre estudiosos de folclore e da cultura popular, que é atribuir valores previamente negativos aos sujeitos ou grupos que buscam difundir tradições populares por meio da indústria cultural. Moreyra acredita que as práticas capitalistas

irão mecanicamente “contaminar”, “deteriorar” ou “descaracterizar” as “autênticas” manifestações folclóricas tirando o sentido original de autêntico de suas práticas rituais.

Nesse sentido, sem um procedimento metodológico cuidadoso de identificar os sujeitos e compreender empiricamente como ocorre a relação social entre eles (foliões e produtores musicais, por exemplo) podemos perder de vista que, em muitos casos, os grupos que produzem essas manifestações folclóricas possuem um grande poder de negociação.

No meio jornalístico, várias matérias são feitas perto do dia da festa. No jornal *Correio*, de Uberlândia (MG), o texto¹⁰⁰ define a folia de reis como:

(...) um bando festivo de pessoas que pede esmolas para a festa dos santos Reis Magos. A folia, representando os próprios Reis Magos, sai à rua à meia noite na véspera de Natal até o dia de N. S. das Candeias (2 de fevereiro). Os participantes, acompanhando-se com violões, cavaquinhos, pandeiro, pistão e tantã, cantam à porta das casas, despertando os moradores e recebendo esmolas, e servindo-se de pequenas refeições. O chefe do grupo é chamado de Alferes da folia de reis. A folia leva os nomes de folia de reis de caixa, se percorre sítios e fazendas, e de folia de reis de banda ou folia de reis de música, se percorre apenas a zona urbana.

Em outra reportagem do jornal *Correio*

(...) [o culto aos santos reis] começou a se popularizar no ano de 1164, quando supostas relíquias — restos de corpos ou objetos que pertenciam aos magos — foram depositados na cidade de Koln, na Alemanha. A lenda dos reis magos foi redigida por um padre da região chamado Johannes von Hildesheim.¹⁰¹

Com base em certas características dessas definições é possível inferir que os autores das reportagens — não há crédito para os jornalistas que escreveram os textos — fizeram uso de algum livro, provavelmente o *Dicionário de Folclore* (1972) do folclorista Luis da Câmara Cascudo. Isso porque, dentre os instrumentos citados por eles, há alguns que não estão presentes nas folias do Triângulo Mineiro, como o tantã e o pistão, comuns na região do folclorista. Além disso, os foliões de Uberlândia e da região não utilizam o nome das folias urbanas e rurais e o alferes não é o chefe do grupo das folias.

Definições como essas criam várias controvérsias entre os agentes que escreveram sobre o assunto, pois cada região ou folia estudada, com suas características próprias, passam a representar as folias de reis de uma maneira geral. Assim, os sentidos múltiplos e contraditórios próprios das manifestações populares religiosas brasileiras e

¹⁰⁰ Reportagem realizada, no caderno Revista, p.C1, em 6 de janeiro de 2001.

¹⁰¹ Reportagem realizada, no caderno Revista, pg C1, dia 5 de janeiro de 2004.

de vários outros países ganham um contorno “típico”¹⁰², quando se universaliza e padroniza a diversidade. Nessa ótica, alguns dos pesquisadores acadêmicos, jornalistas e folcloristas tropeçam em suas próprias críticas dirigidas aos agentes dos meios de comunicação de massa, ao acusá-los de padronizar a diversidade dos elementos culturais brasileiros.

De fato não se pode propor uma “folia genérica”. Contudo, há uma homologia entre elas, que pode ser pensada como variações de um mesmo tema dentro de um esquema de reciprocidade. Um princípio estruturante que as coloca em diálogo possibilita-nos compreender as particularidades também. Pode-se, portanto, ressaltar as duas dimensões sem tomar o particular como geral no plano empírico, ainda mais para se buscar qual a folia “mais correta”.

A objeção entre numerosos pesquisadores, jornalistas e foliões se estendem ainda às origens da folia de reis. Em geral, esses agentes reconhecem como local de origem a península ibérica — mais especificamente Portugal. Mas as datas, muitas vezes, diferem entre si.

Embora haja um quase-consenso de que foram colonizadores portugueses quem as trouxeram ao Brasil, é imprecisa a época em que se deu esse transporte. No dizer de Vieira (1989), a origem está nos cancioneros ibéricos: “*era na Península Ibérica uma dança de movimento rápido, barulhenta, com cantos e acompanhamento de pandeiro e adufe, várias vezes citadas por Gil Vicente no começo do século XVI*” (1989: 13, grifo nosso).

Na revista *D. O Leitura*, a escritora e jornalista Ieda de Abreu afirma que as “*origens estão em Portugal antigo, quando era uma dança rápida, acompanhada do som de pandeiros, cantos alegres e barulhentos, executados por homens vestidos de mulher*” (1999: 18). Para o presidente da Associação de Folias de Reis de Uberlândia, o folião Alair José Rabelo, a folia de reis surgiu na Espanha, no início do século XIII. De lá, foi para Portugal, e os portugueses então a trouxeram para o Brasil.

Talvez o historiador José Ramos Tinhorão (2000) tenha construído a hipótese mais forte, investigando a origem das folias no Brasil com fontes baseadas nas cartas de Achamento de Pero Vaz de Caminha. Para ele, na chegada dos portugueses, a primeira

¹⁰² Sobre o assunto, ver o trabalho de Canclini *As Culturas Populares no Capitalismo* (1984), em que o antropólogo mostra como as referências “típicas” do artesanato e das festas indígenas mexicanas — marcadas pela pluralidade étnica — são reduzidas quando geridas por agentes intermediários ligados ao poder público. Esses agentes compram o artesanato de várias etnias e os vendem em lojas de grandes centros urbanos para turistas como um produto tipicamente indígena. A ligação que faço, no caso das folias de reis, é que as peculiaridades regionais são, muitas vezes, padronizadas pelos pesquisadores, como nas definições acima.

troca musical e performática com os indígenas não expressava a cultura dos mercadores da nova burguesia urbana de Lisboa, associados ao rei de Portugal, tampouco a cultura indígena, mas sim a velha estrutura do mundo rural Ibérico. A presença do homem do campo entre as tripulações das naus portuguesas pode ser explicada pelo êxodo rural em Portugal. Lisboa, como principal cidade, tornou-se um local para onde as pessoas do campo se deslocavam, pois os desocupados estavam prontos para aceitar qualquer oferta de emprego, inclusive se aventurar em oceanos desconhecidos.

Assim, embora a carta de Caminha não chegue a tal pormenor, é quase certo imaginar que o improvisado ensaio de dança comandado pelo antigo almoxerife de Sacavém, Diogo Dias, ao som de gaita e foles e tamboril — e no qual os indígenas da costa “dançavam e bailaram sempre como dos nossos” — **tinha sido uma daquelas folias lembradas em 1529 por Gil Vicente**. Uma dança coletiva, aliás, tão característica da gente do campo que, conforme deixava bem frisado no seu Triunfo do Inverno, nos povoados mais distantes de Portugal de vinte anos antes (o que remete exatamente para o início dos Quinhentos) não faltava a cada porta um terreiro/cada aldeia dez folias (2000: 15).

Para Moreyra, (1983) a devoção aos Santos Reis também foi trazida pelos colonizadores portugueses. Em romances, cartas e relatos de viagens há referências aos reis Magos que remontam à época colonial. Além disso, as comemorações no ciclo festivo católico eram constantes, além de se constituírem como meio pelo qual os padres jesuítas catequizaram e disseminaram os rituais litúrgicos católicos entre índios e negros. Segundo essa autora: “*a folia entrou no Brasil como uma dança de fundo religioso. Ela é mencionada indiretamente, **no ano de 1519**, quando o padre Manoel da Nóbrega conta que tiveram uma procissão de Corpus Christi*” (1983: 135, grifo nosso).

Já para o apresentador, violeiro e cantor Chico Lobo, que também é colunista da revista *Viola Caipira*, de Belo Horizonte, as folias de reis surgiram bem mais tarde, no século XVIII: “*as folias de reis, manifestações de cunho religioso introduzidas no Brasil através da colonização portuguesa em **meados do século XVIII**, comemoram tanto a Natividade quanto a Epifania*” (7/2003: 29, grifo nosso).

Alguns trabalhos matizam mais esses determinismos históricos. O folclorista Câmara Cascudo, por exemplo, não descarta outros lugares e fragmenta mais as origens. Para ele, as festas de reis foram “festas populares na Europa (Portugal, Espanha, França, Bélgica, Alemanha, Itália, etc.)” (1972: 756). A historiadora uberlandense Machado (1998) reconhece três possíveis origens para as folias de reis: 1) os costumes medievais **entre os séculos XII e XIV** em toda Europa; 2) os ciganos como “*possíveis raízes dessa prática cultural, não só pelo nomadismo, mas também pelos instrumentos, estandartes,*

fitas e flores coloridas que os caracterizam”. A terceira versão da historiadora é baseada no livro de Morais Filho (1967): “*O Presépio e os Autos de Natalinos já eram conhecidos desde o século XIV em Portugal, mas as primeiras notícias das Folias, tal como conhecemos hoje, remontam o século XVI*” (1998: 213, grifo nosso).

O que se compreende no centro das controvérsias criadas por alguns desses intelectuais é uma busca precisa pela origem primeira, impossível de ser comprovada, da manifestação sem muito esforço de procura. Não são apenas as descrições sobre as definições e as origens que criam controvérsias infundadas. Esse problema continua de uma forma bem acentuada nas descrições dos agentes e das práticas rituais. É notório que muitos pesquisadores, quando enfocam a organização social das folias de reis, abordam de forma rasa as funções desempenhadas pelos foliões e suas nomeações, que ganham diferentes contornos de região para região.

Como comenta Geertz (1978), fazer etnografia é tentar ler um manuscrito estranho cheio de emendas, desvios, comentários, mas que, por mais frágil que seja, se torna um instrumento metodológico poderoso. O pesquisador não conhecerá seu objeto apenas por meios estatísticos, documentais ou observações empíricas rápidas: é preciso identificar os agentes e os significados intercambiados nas relações sociais, mostrar as nuances cuidadosamente, especificar os locais observados e diferenciá-los de outras regiões, pois o objeto de estudo pode ser registrado de maneira diferente em outras localidades. As controvérsias existem e devem ser identificadas como uma diversidade, mas não infundadas em identificações descuidadas. Estes são alguns desafios para os pesquisadores que estudam essas manifestações da cultura popular.

As Músicas Caipiras, Sertanejas e as Folias de Reis

No meio acadêmico, vários trabalhos definem estilos musicais caipiras/sertanejos, cada qual de uma maneira diferente. J.L. Ferrete, em seu livro *Capitão Furtado: viola caipira ou sertaneja?* (1985), discute uma distinção pouco comum entre música caipira e sertaneja. Para ele, a música caipira é a do interior paulista, enquanto a música sertaneja é oriunda do sertão nordestino, compreendendo a região Nordeste e Norte.

A partir de São Paulo e seu interior, em especial, definiu-se no decorrer do século XIX o tipo característico já mencionado do caipira, espécie do gênero caboclo, que as regiões norte e nordeste jamais desenvolveram. Esse caipira criou coisas próprias de tudo – desde a poesia até a maneira de falar e especialidades musicais. Conheciam-no muito pouco nos centros mais desenvolvidos do país, exceto por pontos comuns que mantinham com o caboclo nordestino – este, sim, mais divulgado pelos ‘estilizadores urbanos’. (1985:30)

Um dos trabalhos clássicos sobre as músicas folclóricas, caipiras e sertanejas é o do sociólogo José de Souza Martins, intitulado *Música Sertaneja: a dissimulação na linguagem dos humilhados* (1973). Para ele, as músicas caipiras são definidas como músicas tocadas no ambiente rural: folias de reis, folias do divino, dança de São Gonçalo, cururu. Músicas que segundo o autor não aparecem só enquanto música, mas sempre acompanhada de um ritual religioso, do trabalho (como os mutirões e as traições) ou de lazer. Músicas que cumpriam um ciclo cotidiano do caipira rural marcado por dois elementos de referência: 1) o ciclo da natureza com a sucessão das estações do ano e 2) as comemorações litúrgicas do catolicismo.

Já a música sertaneja surge na capital paulista com Cornélio Pires gravando a famosa série vermelha da música caipira, em 1929. Depois surgiram inúmeros artistas como Capitão Furtado (sobrinho de Cornélio Pires), Alvarenga e Ranchinho, Tônico e Tinoco e outras duplas que começaram a tocar nas rádios, em circos e a gravar LPs. A mistura desses três elementos e todo um imaginário rural com filmes de Mazaropi e programas de tevês específicos tornou a música sertaneja, segundo a discussão do sociólogo, um dos principais gêneros musicais brasileiros na primeira metade do século passado, que formou a indústria cultural brasileira.

É interessante a ousadia de Cornélio Pires, que pegou dinheiro emprestado de um colega e bancou cinco mil cópias de cinco discos diferentes, contabilizando um total de vinte e cinco mil discos, número de reproduções absurdos para a época. Vendeu todos a caminho de Bauru, tal como comenta J.L.Ferrete:

Cornélio Pires saiu em dois carros na direção de Bauru, fazendo do automóvel de trás uma verdadeira discoteca, tendo por intenção antes parar em Jaú. Ao chegar a esta cidade, todavia, já tinha vendido os 25 mil discos que transportava consigo! Teve de telegrafar para Byington e pedir-lhe uma nova prensagem a ser distribuída em Bauru. A notícia da existência dos discos caipiras de Cornélio Pires no interior do Estado alvoroçou o interior paulista, de Jundiá e Assis, de Sorocaba a São José do Rio Preto. Todos queriam essas gravações, mesmo com preço dois mil réis mais alto. (1985:40)

Atualmente, as distinções entre música caipira e sertaneja feita por fãs, intelectuais, os próprios músicos sertanejos, caipiras e meios de comunicação, é

diferente da definição de Martins e também de Ferrete. Há quase um consenso em considerar a música caipira como aquela surgida nas décadas de 20 e 30 do século passado, com Cornélio Pires, Alvarenga e Ranchinho, Tônico e Tinoco, Inezita Barroso, e que foi sendo revivida por Pena Branca e Xavantinho, Renato Texeira, Almir Sater e também por várias orquestras de violeiros e novos violeiros virtuosos, como Pereira da Viola, Paulo Freire, Renato Andrade e Roberto Corrêa.

Estes artistas geralmente são portadores de formação erudita com outros instrumentos, principalmente o violão, mas depois de certo tempo dedicaram a vida ao estudo da viola. Já a música sertaneja é definida atualmente pelas duplas que surgiram nos anos 70 e 80, como Chitãozinho e Xororó, Leandro e Leonardo, João Paulo e Daniel, Zezé di Camargo e Luciano, Bruno e Marrone, etc., apesar de outras definições nomearem essas duplas como música romântica e os próprios artistas se nomearem como sertanejos, conceito que não exclui o romantismo.

Portanto, Martins faz outra divisão conceitual, afinal na época em que escreveu não havia ainda essa segunda geração a que chamamos atualmente de música sertaneja. Segundo as suas definições, uma das mais profundas distinções entre essas músicas que pesquisou refere-se às condições sociais de produção e ao emprego das músicas caipiras, diferentes das músicas sertanejas, que tiveram uma interferência comercial. Para ele, a música sertaneja adaptou a música caipira, que tinha um tempo de duração inconciliável com os padrões dos LPs e dos programas de rádio, “enxugando” as cantorias e modificando sua estrutura rítmica – voltada para as danças – para uma estrutura mais melódica, por causa dos programas de rádio. Nessa perspectiva, a música sertaneja transformou a música caipira, que é caracterizada pelo seu valor de utilidade enquanto meio necessário para a efetivação de certas relações sociais essenciais no ciclo cotidiano do caipira, para uma dimensão de consumo revestida por um valor de troca.¹⁰³

¹⁰³ Martins em vários momentos se aproxima muito das idéias de Adorno, pensador que desenvolveu a tese de Marx sobre o fetiche da mercadoria. A indústria cultural segundo Adorno é o principal mecanismo que padroniza os gostos das massas, subordina a cultura popular e erudita a uma cultura mercantilizada, modela o estilo de vida das pessoas, formando suas consciências, promovendo o conformismo e a obediência ao capital. A padronização e a mercantilização dos bens culturais é mascarada por uma pseudo individualização, pequenas variações estilísticas que conferem uma suposta singularidade às produções seriais. Como a arte se torna valor de troca ela traz em seu bojo uma dimensão de alienação. No caso da música popular a sua própria natureza de entreterimento faz com que o público a receba de maneira distraída e desatenta (Adorno, 1986). Dessa maneira para Martins a música sertaneja (ou aquela que denominamos atualmente de caipira) cria uma espécie de alienação nos seus ouvintes, migrantes rurais que foram para São Paulo e que não produzem mais essas músicas em seus contextos sociais de origem, tirando o caráter ritualístico e de lazer que a música cumpria no meio rural.

As longas cantorias, servindo como rezas para danças nas traições e mutirões, tiveram seu tempo reduzido a poucos minutos, de forma que pudessem ser inseridas em programas de rádio e nos LPs, que em cada lado possuíam de três a quatro minutos.

É interessante compreendermos a inversão dos valores intelectuais observada entre a época em que o autor escreveu esse texto, década de 70, e hoje. Para a maioria dos novos intermediários culturais, incluindo os cientistas sociais e pesquisadores de outras searas, as músicas caipiras e folclóricas são alguns dos principais símbolos de resistência da cultura popular, sendo que a idéia de música como mercadoria e alienação migrou agora para os cantores sertanejos dos anos 80.

Muitos argumentos são postos por esses novos intermediários culturais contra essa nova safra de cantores sertanejos: não se interessam mais pelas “questões da terra”; não se preocupam com a viola (instrumento símbolo da cultura caipira), utilizando instrumentos modernos incluindo guitarras, baterias e teclados “abomináveis” que deturpam o som interiorano; só se interessam em consumir riquezas, como carros importados e fazendas. Sobre o aspecto afetivo, são constantemente acusados de cantarem músicas de “cornos”, consideradas bregas e padronizadas para ganhar muito dinheiro, além de utilizarem vestimentas ao estilo *country*.

Assim, nas atuais definições feitas pela grande maioria dos novos intelectuais, músicos regionais e pesquisadores, a idéia do valor de troca agora prevaleceu como sentido principal na nova música sertaneja. Mesmo a música caipira sendo amparada conscientemente por estratégias mercadológicas semelhantes aos da música sertaneja (produção de CDs e DVDs e realizações de shows), do ponto de vista desses agentes essa estratégia é apenas um meio para atingir o público com mensagens, poesias e sonoridades importantes, que tragam uma “identidade nacional” ou “regional” para o público receptor. Para esses novos intermediários, a música caipira está quase no mesmo patamar de autenticidade da música que denominados de folclórica (que Martins denominou de caipira) isto é, as folias de reis, o cururu, o congo, a dança de São Gonçalo e várias outras, ligadas principalmente à ruralidade brasileira.

Por outro lado, atualmente outros agentes, como uma parcela dos próprios músicos, as grandes gravadoras, apresentadores de auditório e jornalistas ligados à grande mídia, ou até aqueles jornalistas que reproduzem as tendências do mercado, também contribuem com o debate. Muitos crêem na idéia iluminista de que a cultura

caipira é menos evoluída que a cultura neo-sertaneja, produzindo pessoas incultas, atrasadas, num estágio histórico inferior aos valores racionais da modernidade, como aponta Marilena Chauí, em *Conformismo e Resistência* (1985).

A representação feita por esses agentes da atual música sertaneja em relação aos caipiras é sempre referente à idéia de evolução. Isso é claro até em relatos explícitos de alguns artistas famosos como Zezé di Camargo¹⁰⁴ numa entrevista ao jornal Correio de Uberlândia, ou em programas de auditório como o da rede Globo *Jovens Tarde: Especial Sertanejo*, apresentado por Vanessa Camargo, filha de Zezé di Camargo. Em várias passagens do programa ficam claras as mudanças por que o Jeca Tatu brasileiro passou ao incorporar o padrão *country* norte-americano, bem ilustradas pelas novas roupagens de músicas antigas como Tristeza do Jeca, Saudades da Minha Terra, etc., feitas por jovens duplas estilizados de maneira *country* e na apresentação da música de Cezar e Paulinho – *Nóis é Coubói*.

Nóis é country, é caubói, nóis é fazendeiro
 Nóis tem gado, nóis tem roça e nóis tem dinheiro
 Nóis tem vaca, nóis tem porco, nóis tem galinheiro
 Nóis tem carro, tem carroça, nóis é motoqueiro
 Nóis tem pinto, tem galinha e nóis tem muié
Nóis num é caipira, nóis num tem bicho de pé
Nóis num é caipira, nóis num tem bicho de pé
 Nóis semos lindo, nóis é heróis
 Nóis é mocinho, nóis é preibói
 Nóis semos lindo, nóis é heróis
 Nóis é metido, nóis é coubói
 Nóis tem curral, nóis tem rancho, nóis nascemos aqui
 Nóis tem dois Mitsubishi, nóis tem jet-sky
 Nóis tem celular e bip, nóis tem internet
 Nóis é rico, nóis é chique com nóis ninguém se mete
 Nóis tem música de viola e nóis tem cd
 E nóis tem orgulho de ser macho pra valer
 E nóis tem orgulho de ser macho pra valer

Apesar dos cantores serem figuras carimbadas no programa *Viola minha Viola*, da maior expressão da música caipira brasileira Inezita Barroso, percebe-se que toda frase da música repete algo relacionado ao poder (“nóis é”) e à posse (“nóis tem”). Vários adjetivos empregados em versos afirmativos ligam os valores e os estilos de vida

¹⁰⁴ Segundo o cantor sertanejo “*Nós fomos o elo para as pessoas conhecer duplas sertanejas tradicionais que estavam totalmente esquecidas. Se não existisse o sucesso de Zezé di Camargo & Luciano, Leandro e Leonardo ou Daniel muita gente nem sabia eu essas duplas existem. Se a gente tivesse cantando com uma violinha “Há tempos fiz um ranchinho...” não iríamos chegar a um horário nobre da Rede Globo. Se eu cantar “É o amor” no Faustão, ele pára pra me ouvir. E depois de cantar “É o amor”, eu posso cantar a Tristeza do Jeca que ele me ouve também*”. Jornal Correio, caderno Revista, pg C6,18/06/2004.

country a um mundo de sucesso, badalação, como “o orgulho de ser macho”, ser *country*, caubói e fazendeiro, ser metido, ser lindo e ser herói. A posse de objetos materiais caríssimos como jet-skys, motos e carros importados, além de elementos ligados à fazenda, e estar ao lado de mulheres também direciona a idéia do consumo desenfreado como estilo de vida. O refrão, em grifo, é a única frase que está negando algo, justamente a frase que fala do ser caipira que tem bicho de pé, pessoa muito próxima do estado de natureza, do animalesco, muito diferente do coubói, um ser que, apesar de meio analfabeto, sabe manusear com destreza a própria natureza controlando bois, máquinas importadas e coisas úteis para o consumo.

Diferentemente da concepção da maioria dos novos intermediários culturais, que enxerga o tema do caipira compreendido como o jeca tatu e as mulheres como objetos de discórdia familiar (referindo principalmente às traições ou amores não-correspondidos) como temas oriundos da nova música sertaneja, o texto de José de Souza Martins esclarece como esses estereótipos são desenvolvidos já no início da música caipira. Os primeiros músicos e produtores, como o famoso Cornélio Pires, criaram o caipira como um personagem simples, por seu alheamento em relação aos padrões dominantes de conduta, mas dotado de uma grande sabedoria e pureza fundadas sobre uma existência natural. Um personagem ambíguo que reforça sua imagem de ingênuo e ignorante e ao mesmo tempo crítico da modernidade.

Da mesma maneira, a figura da mulher tornou-se, junto com a do caipira, um dos estereótipos mais explorados já no início da música caipira. Segundo o sociólogo, com a migração para grandes cidades como São Paulo, devido à crise dos setores agrários exportadores, principalmente em função dos problemas do café, a mulher perde a obrigação de auxiliar a família em serviços como tratamento de animais domésticos, cuidado de hortas e trabalhos mais pesados do entorno da casa. Dessa maneira, sua posição social dentro da família nuclear muda. Sucessos como *Cabocla Teresa* e a *Mulher e o Trem* deixam claro como o estereótipo da mulher rural que foi para a cidade ganhou essa nova configuração preconceituosa.

É interessante notar como num período de 70 anos de música caipira/sertaneja o vilão virou mocinho, com o surgimento de um novo vilão. Toda essa crítica, embasada em um maniqueísmo musical que cria as oposições bom/mal, identitário/comercial, formulada tanto por Martins sobre a música caipira quanto pelos novos intermediários

sobre a nova música sertaneja dos anos 80, mostra-se muito delicada, ao ser analisada atualmente de uma maneira excessivamente política. Por um lado, como negar os estereótipos ambíguos do caipira e as noções preconceituosas das mulheres urbanas nas letras dessa primeira geração de músicos caipiras profissionais? Por outro lado, como relativizar o monopólio mercantil das atuais duplas sertanejas? As grandes gravadoras, aliadas aos demais meios de comunicação de massa, que projetaram, principalmente a partir da década de 80, o novo estilo musical sertanejo, tornando-o um sucesso de vendas, não só de CDs e DVDs, mas também de suvenires que relacionam esses cantores a ídolos *pops*.

De certa maneira, não podemos negar totalmente que algumas dessas críticas são pertinentes e convincentes. Mas a situação é mais complexa ainda se pensarmos na música apenas como um valor de troca. Afinal, para os músicos, com certeza a emoção é muito grande em gravar um CD num estúdio e fazer bons shows. Para o público, que assiste ou ouve com emoção um show ou uma música caipira, há também um forte envolvimento ritual: jovens relembram seus pais e parentes antigos religando-se com seus ancestrais falecidos ou que moram longe, interações de famílias inteiras em apresentações, criações de espaços de sociabilidade para terceira idade. Será que a música sertaneja atual tocada no aparelho de CD ou no violão também não pode trazer sentimentos importantes para as pessoas que as escutam? Por serem músicas hegemônicas das grandes gravadoras não criam determinadas ritualizações e espaços de sociabilidade? Dessa maneira, percebe-se que a crítica elitista presente em Martins sobre a primeira geração da música caipira/sertaneja migrou historicamente para muito dos intermediários culturais músicos.

Como comenta Magnani:

Descobrir festas, lendas, folguedos e objetos de antigo uso; descrever e registrar a indumentária, os gestos e os instrumentos que os acompanham, preservar sua “autenticidade” e denunciar suas contaminações a que estão sujeitos – eis a tarefa daqueles pesquisadores para os quais toda a mudança é vista como deturpação de uma forma já fixada de pureza original e considerada como elemento de desagregação. Apresentam-se como defensores da cultura popular, mas paradoxalmente são os que mais passam atestados de óbito a essa mesma cultura, por recusar-se a assimilar suas transformações. É, pois uma visão estática e “museológica” que encerra a cultura como um acervo de produtos acabados e cristalizados, alheios ‘as mudanças das condições de vida de seus portadores’. (1984:18)

Assim, os atuais músicos regionais travam lutas concorrenciais com a nova estrutura da música sertaneja e seus estilos de vida consumistas, em busca de legitimar e consagrar seus trabalhos ou gostos musicais. Muitos caem na armadilha de um purismo radical, não respeitando até mesmo a incorporação de elementos modernos feita pelos próprios nativos: foliões, congadeiros e romeiros. Como, por exemplo, na utilização de instrumentos comprados em lojas, utilização de óculos escuros em cortejos noturnos, olhar de desconfiança quando jovens assumem postos de capitão nos ternos, utilização de tênis coloridos e importados junto com a farda, buscando assim criar uma “redoma de vidro” para que essas manifestações não percam sua identidade em nome de uma originalidade e pureza.

Por outro lado, esses intermediários culturais tornaram-se agentes políticos muito importantes, sendo uma espécie de guardiões da cultura popular, difundindo valores sociais alternativos aos modernos por meio de outras referências de trocas, arte desconhecida por um grande número das pessoas, levantando discussões importantes sobre a banalização, padronização e a hegemonia de estilos musicais na grande mídia que não deixa de ser um problema político sério, além de criar uma nova linguagem mais acessível entre o meio acadêmico e o público não-universitário. É interessante notar como a crítica à linguagem acadêmica pura é muito freqüente também nesses sujeitos, que não descartam o academicismo, mas procuram mesclá-lo com uma linguagem artística mais acessível para o público não acadêmico.

Em meio a essas indagações, segue uma identificação empírica e um esboço de compreensão das relações que acontecem com os músicos e grupos regionais do Triângulo Mineiro: como eles situam sua musicalidade nesse debate que envolve as manifestações da cultura popular, como a música caipira e a música sertaneja, e principalmente as folias de reis e o congado.

A cena da música regional em Uberlândia e cidades do entorno

A cena musical uberlandense é bem diversificada, com diversos grupos e espaços artísticos distribuídos desigualmente de acordo com os estilos musicais. A feira agropecuária que ocorre anualmente no Parque de Exposições Camaru traz para a

cidade muitos artistas sertanejos, como Sandy e Júnior, Leonardo, Daniel, Chitãozinho e Xororó, além de grupos com estilo baiano e grupos de pagode. Várias casas de shows específicas para esses estilos musicais foram criadas ao longo da década de 90 e nos anos 2000.

Depois do sucesso de Alexandre Pires e de seu antigo grupo Só Pra Contrariar, a cidade se projetou como um local importante para a música nacional. Inúmeros grupos e espaços voltados para esses estilos musicais surgiram em Uberlândia, com a projeção nacional do grupo de pagode. Muitos músicos da cidade passaram a tocar em grupos musicais como o próprio Só Pra Contrariar, Chitãozinho e Xororó e Bruno e Marrone, e também em *gigs* instrumentais, dando para a cidade uma visibilidade como um celeiro de bons músicos.

Atualmente, a cena da música independente também está crescendo na cidade, com vários grupos musicais alternativos que surgiram na universidade no fim do século passado. Alguns desses grupos misturam tendências do regionalismo e da cultura popular não só de Minas, mas também de outros estados e países com elementos das músicas ligadas à indústria cultural alternativa. Muitos deles abriram espaços importantes para apresentações de seus trabalhos em bares e *pubs* do centro da cidade, locais em que ainda predominavam a cultura da música *cover* e também em outras cidades e capitais próximas como Belo Horizonte, Goiânia, Brasília e Rio de Janeiro e São Paulo. A criação do festival Jambolada, que se inseriu no circuito dos grandes festivais e selos independentes brasileiros, também contribuiu na projeção da cidade no cenário do rock independente.

A Universidade Federal de Uberlândia, a Secretaria Municipal de Cultura e o SESC são os principais produtores de eventos que agenciam essas tendências alternativas, reconhecidas não só nesses grupos universitários, mas também na formação de grupos de música erudita e popular do conservatório de Uberlândia, do curso de Música da UFU e na música regional e suas variantes. Essas tendências conseguiram misturar, de uma maneira mais sistemática, os músicos da cidade com os músicos da universidade.

Numa pesquisa realizada sobre a música sertaneja em Uberlândia (1995) por Marta Tupinambá de Ulhôa, a pesquisadora diz: “*a música sertaneja é a mais consumida em termos de produtos. Sobre a programação musical de rádio e televisão,*

*shows de música ao vivo e vendagem de discos e fitas, pudemos observar que o gênero mais vendido tanto na indústria legal quanto no comércio informal, era de música sertaneja”*¹⁰⁵ (2004:62). Apesar da autora não ter feito distinção entre música caipira e sertaneja, com certeza a maioria de CDs vendidos foram das novas duplas sertanejas.

A cena da música regional de Uberlândia e cidades do entorno é composta por vários sujeitos oriundos de diversas esferas da sociedade. Um aspecto notório para a formação dessa cena musical tão consolidada na região são as parcerias entre os grupos. Praticamente todos os grupos contam com parceiros de outros grupos em seus shows e em participações especiais nas gravações de CDs. Alguns músicos instrumentistas também fazem parte de vários grupos. Muitos grupos também contam com parcerias nativas de foliões, catireiros, violeiros, moçambiqueiros e congadeiros em seus CDs e em alguns shows. Vale ressaltar também que às vezes muitas dessas parcerias e relações entre artistas são interrompidas por alguns desentendimentos pessoais, quando não são dissimuladas. A harmonia entre os grupos não é um aspecto pleno nesse cenário musical. Sempre surgem algumas tensões e mal-entendidos, gerando fofocas que em alguns casos se tornam públicas.

Dessa maneira, há algumas lutas concorrenciais entre esses grupos para se legitimarem como “os mais profissionais”, “os mais autênticos”, estabelecidos, famosos, que mais se apresentaram em programas de televisão ou em capitais como São Paulo e Belo Horizonte. Em suma, essas tensões simbólicas não ocorrem apenas entre músicos regionais e neo sertanejos, mas também internamente entre os grupos regionais. Outro aspecto interessante é a ligação de alguns líderes de grupos com políticos e empresas, consolidando parcerias importantes.

Pena Branca e Xavantinho são as principais referências desse estilo musical para a região. A dupla ganhou uma notoriedade nacional depois de gravar a música *Cio da Terra*, de Milton Nascimento e Chico Buarque, na década de 80, e se apresentar em programas como *Som Brasil*, de Rolando Boldrin, na rede Globo, e *Viola Minha Viola*, de Inezita Barroso, na TV Cultura. Com o falecimento de Xavantinho, em 1999, Pena Branca continuou seu trabalho solo mantendo parcerias com Renato Teixeira, Inezita Barroso, e montando novas parcerias com o violeiro de Belo Horizonte, Chico Lobo,

¹⁰⁵ Nas lojas a proporção entre vendas de música sertaneja nos vários formatos era 28,28% de cd's, 17,69% de lp's e 15,30 de cassetes. Outros números significativos na vendagens de cd's foram o rock brasileiro (18,76%), novela internacional (13,23%) e MPB (12,46%)

com o grupo uberlandense Viola de Nóis ou fazendo participações em discos de outros artistas, como do grupo paulista Matuto Moderno, que mistura rock pesado com música caipira.

Atualmente, ele está gravando seus discos pela gravadora Quarup, do Rio de Janeiro, que desenvolve projetos na área da música regional, choro, música instrumental e música erudita brasileira. Entre os prêmios mais importantes conquistados pelo músico está o grammy latino de 2000 - categoria sertanejo – que conquistou em 2001 com o CD *Semente Caipira*. Ele disputou com artistas da grande mídia, como Bruno e Marrone, Sérgio Reis, Milionário & José Rico, Leonardo, Chitãozinho e Xororó. O prêmio não distinguiu os caipiras antigos dos novos sertanejos. A dupla, junto com o cantor e compositor Renato Teixeira, fez o CD mais vendido da gravadora Quarup: *Ao Vivo em Tatuí*.

Em muitos programas de televisão e shows perguntam para Pena Branca como ele vê a diferença entre a música sertaneja e caipira. O discurso do cantor é muito conciliador, fala que gosta “*dos meninos mais novos, mas eles deveriam gravar pelo menos ‘duas modas de raiz’ por CD para elas não acabarem*”. Um episódio muito interessante ocorreu quando Pena Branca foi convidado a participar do *Programa Domingo do Faustão* junto com a dupla Bruno e Marrone e duas duplas de jovens sertanejos em ascensão. Em uma determinada resposta, Pena Branca elogiou o trabalho de Bruno e Marrone, e concluiu falando que a única diferença entre Bruno & Marrone e Pena Branca & Xavantinho é que a nova dupla nasceu de dia e eles nasceram à noite.

Aparentemente nesse dizer compreende-se que o cantor se referiu aos dois novos cantores serem brancos e por isso a analogia com o dia, enquanto que ele e seu falecido irmão são negros e por isso nasceram à noite, mas sem dúvida o cantor, muito astuto nessas frases ambíguas, quis inferir também outro sentido, mais econômico, para essa afirmação.

A dupla gravou praticamente em todos os seus CDs algumas toadas de folias de reis. Com a carreira solo e as novas parcerias, Pena Branca continuou gravando essas modas em seus discos mais recentes. Dentre as mais conhecidas destacamos as folias Calix Bento e Encontro de Bandeiras. A primeira é sem dúvida uma das adaptações de folia mais tocadas e (re)gravadas por músicos regionais do Triângulo Mineiro e a segunda foi uma letra de autoria de Xavantinho (re)gravada por muitos artistas

consagrados da música caipira. Os dois também gravaram o CD cujo título, *Ribeirão Encheu*, é o nome de uma adaptação de folia do norte de Minas.

Pena Branca e Xavantinho viveram grande parte da infância e juventude no bairro Patrimônio, até tentarem ganhar a vida como dupla caipira em São Paulo, onde atualmente reside com sua mãe e sua mulher. O bairro Patrimônio é um dos principais espaços de organização da cultura negra uberlandense. Segundo DaSilva (1996) desde o final do século XIX, a coletividade negra fora atraída para o local, à princípio como mão-de-obra escrava. Outra parcela da população negra migrou de regiões próximas para trabalharem no matadouro oficial da cidade, fundado em 1894.

O antropólogo comenta que o grau de segregação da localidade era tão grande que, até 1927, o mapa da cidade não indicava o bairro. Entre o centro e o bairro existia um córrego, recentemente canalizado pela construção da grande Avenida Rondon Pacheco, que formava uma imensa várzea pantanosa. O único acesso de entrada e saída do local para o centro e demais bairros nobres que atraíam a mão de obra feminina, era uma ponte improvisada chamada Ponte do Val.

As atividades econômicas desenvolvidas a partir de 1894, inicialmente com o matadouro municipal e posteriormente com a instalação da Charqueada, em 1929, fizeram com que o córrego São Pedro e o rio Uberabinha, locais próximos ao bairro, fossem utilizados como dejetos de carcaças, fato que contribuiu com a insalubridade na região, com o isolamento dos negros e com a presença de animais e mosquitos de várias espécies.

A partir dos anos sessenta, a situação tornou-se tão grave que os jornais passaram a registrar as péssimas condições ambientais que ali vigoravam. Curiosamente, as razões que levaram ao fechamento do matadouro municipal, não apareceram associadas aos problemas ambientais provocados no bairro, mas às péssimas condições higiênicas verificadas no abate do gado, que segundo órgãos públicos, punha em risco a saúde dos cidadãos uberlandenses. O trabalho no matadouro municipal constituía a principal atividade da população negra. O trabalho na charqueada era sazonal, sendo os indivíduos recrutados majoritariamente durante a chamada época do “boi gordo”. Entretanto, no período da entressafra, a maioria dos indivíduos ficava sem trabalho. (DaSilva 1996:62).

Atualmente, o bairro que surgiu como gueto de negros em Uberlândia é um lugar que se tornou central na cidade. Muitos prédios novos e casas de classe média foram construídos, ocorrendo uma constante migração dos moradores mais antigos para as periferias de Uberlândia. Entretanto, muitas das manifestações populares criadas por esses antigos moradores negros acontecem na localidade, como os ternos de

Moçambique Pena Branca e Princesa Izabel, o terno de congado Rosário Santo, os times de futebol Guarany e Colorado, a escola de Samba Tabajaras, a folia de reis Pena Branca, um centro de tecelagem e o grupo de percussão Tabinha, além de celebrações tradicionais como a festa de aniversário do bairro, a festa de folia de reis na escola estadual Mario Porto, os ensaios da escola de samba e os quartéis de moçambiques, que sempre trazem os antigos moradores para o local. Um longo calendário festivo envolve os moradores negros do bairro.

Nos últimos anos, o cantor Pena Branca fez duas apresentações em Uberlândia junto com a folia Pena Branca.¹⁰⁶ Segundo o capitão Enercino, antes de Pena Branca mudar para São Paulo para tentar a carreira de músico com Xavantinho, ele ajudava a embaixar a folia: era uma espécie de segundo capitão. A primeira apresentação foi em 2001, na semana de cultura popular organizado pelo SESC Uberlândia. A segunda foi na praça do centro de tecelagem em agosto de 2005, primeira apresentação que o cantor fez no bairro Patrimônio. Esta última apresentação coincidiu com o Camaru, feira agropecuária de Uberlândia que trouxe na época diversas atrações sertanejas como Bruno e Marrone e Zezé de Camargo e Luciano. O parceiro e produtor do violeiro, Tarcísio Manuvéi, dono do grupo Viola de Nós, reclamou publicamente na apresentação que Pena Branca nunca havia sido convidado a tocar no Camaru e que infelizmente seus organizadores trazem somente música sertaneja ligada à cultura americana. Ao contrário de Pena Branca, que tem um discurso, como vimos, mais conciliador, seu produtor tem um discurso muito mais explícito contra a nova safra da música sertaneja.

Além do grupo Viola de Nós, o cantor também produz a Orquestra de Violeiros de Uberlândia, formada basicamente por profissionais liberais (médicos, engenheiros, advogados, músicos) que gostam da música caipira. Nas apresentações eles sempre tocam a moda de folia de Xavantinho, Encontro de Bandeiras. Um dos músicos explica por que os membros da orquestra usam fitas coloridas em suas violas, se referindo a certa identidade que o grupo tem com a tradição das folias de reis da região, que

¹⁰⁶ A folia Pena Branca participou dos CDs *Mulungu do Cerrado*, do grupo Tabinha, e o CD *Folias do Brasil*, de Dércio Marques. Dércio Marques, cantor do norte de Minas reconhecido no meio da música regional brasileira gravou o cd *Folias do Brasil*, cd patrocinado pelo Banco de Santos.

utilizam fitas coloridas para adornarem seus instrumentos. O músico explica que cada fita, com cores específicas, possui um significado diferente para as folias de reis.¹⁰⁷

Outro grupo importante do bairro Patrimônio que desenvolve músicas ligadas ao samba, ao congado e à folia de reis é o Tabinha, grupo de percussão que nasceu da bateria mirim da escola de samba Tabajaras. Formado por crianças bairro, tem como organizador o mestre de bateria Nerimar Silva, morador do bairro. O grupo nasceu em 1998, quando surgiu o convite para a bateria da escola de samba Tabajaras se apresentar na Universidade Federal de Uberlândia. Nerimar decidiu levar apenas as crianças para a apresentação.

Em 1999, o grupo foi patrocinado pela companhia telefônica CTBC Telecom, empresa que faz parte do Instituto Algar de Responsabilidade Social.¹⁰⁸ A parceria gerou uma notoriedade regional para o grupo, que lançou o disco *Mulungu do Cerrado* em parceria com o grupo Uakti – grupo da capital mineira que cria instrumentos musicais incríveis e que desenvolvem uma linguagem musical muito própria. Este CD foi gerado através da lei estadual de incentivo à cultura e patrocinado pela própria empresa. Dentre as músicas gravadas estão duas folias de reis: Calix Bento e Folia Pena Branca (música 3 – cd em anexo), que contou com a participação especial na “voz solo” de Cristina Goulart, cantora pop de Uberlândia que conquistou o segundo lugar no concurso de intérprete musical realizado no *Domingão do Faustão*, e Edson Denizard, outro cantor ligado a música regional e à MPB, de bastante expressão na região, que recentemente lançou um DVD denominado *Congado Groove* com o grupo Mahamudra.

Após essa parceria, o grupo Tabinha obteve uma notoriedade nacional e internacional, tocando em programas infantis da Rede Globo e participando de festivais internacionais, como o festival de ritmo de Aveiro, em Portugal. No ano de 2001, a parceria com a empresa CTBC foi encerrada e o grupo passou a se apresentar com menor frequência, perdendo a notoriedade que tinha. Em 25 de julho de 2005, uma reportagem do Jornal Correio de Uberlândia intitulada *Tabinha pede ajuda para construir a sede própria* noticiou que o grupo possui um terreno para a construção de

¹⁰⁷ O músico descobriu esses sentidos das cores das fitas em consulta à internet. Vale comentar que o sentido atribuído pelos foliões às fitas varia muito. Praticamente cada folião atribui um sentido específico para as cores das fitas, quando não dão uma importância muito especial para isso.

¹⁰⁸ O Instituto Algar possui negócios em vários ramos. São proprietários da Pousada do Rio Quente, vários meios de comunicação, fábricas de alimentação, empresas de segurança, manutenção de telefonia, etc..

sede própria, mas se a obra não for concluída até 2006, ele perde o direito sobre o espaço. Segundo Neirimar: *“Com o investimento da CTBC, passamos a diversificar o som, pois antes só tocávamos samba, e passamos a tocar outros ritmos no bairro, como a congada e a folia de reis. Neste ano o grupo ficou estruturado e a parceria contribuiu para uma grande divulgação de nosso trabalho”*.¹⁰⁹ A reportagem ainda diz que o grupo, após o fim da parceria, só arrecada dinheiro com apresentações, recurso escasso para mantê-lo. *“Mensalmente, só temos dinheiro apenas para a manutenção dos instrumentos. Não temos parceiros e, portanto, estamos sem condições de comprar outros novos porque são muitos caros”*.¹¹⁰

É evidente que o jornal Correio, que também faz parte do grupo Algar, não contou o porquê do fim da parceria, mas surpreendentemente a reportagem disse que: *“Estes tempos difíceis e de “vacas magras” surgiram com o fim da parceria com a CTBC”*¹¹¹ Após alguns parágrafos contando a dificuldade do grupo, a repórter conclui reiterando a responsabilidade social do grupo ao concluir que: *“a empresa não apóia mais o projeto do Tabinha, mas ainda tem um forte projeto na área de responsabilidade social, através do Instituto Algar”*.¹¹²

Outro projeto que surgiu primeiro em Araguari em dezembro de 1996 e estendeu-se para Uberlândia em 1999 é o Projeto EmCantar. Recentemente, este projeto se transformou em uma organização não governamental. Desde 1999 mantém parceria com a Engeset, empresa que faz manutenção dos telefones e acessórios da CTBC Telecom e com o Instituto Algar de Responsabilidade Social. Diferente do Tabinha, seus diretores são universitários ligados à área de filosofia, geografia, letras, administração e história. Lançou dois CDs: *EmCantar*, em 1999, e *Mutirão* em 2003. No primeiro CD gravaram a folia Calix Bento e no segundo gravaram uma moda de folia de Pena Branca chamada Quatro Colinas (música 4 - cd em anexo), com participação especial do cantor. Nos dois discos do grupo também houve a participação do Tabinha. A produção do CDs se deu por meio das leis de incentivo. Com uma carta de intensão do Instituto Algar, a produção do Projeto EmCantar enviou um projeto para

¹⁰⁹ Jornal Correio, caderno Revista, página C6.

¹¹⁰ Jornal Correio, caderno Revista, página C6.

¹¹¹ Jornal Correio, caderno Revista, página C6.

¹¹² Jornal Correio, caderno Revista, página C6.

a Lei Federal e, com a aprovação do projeto, abatem nos impostos do instituto a quantia necessária para a produção.

Atualmente o Projeto EmCantar possui uma grande estrutura burocrática e sede na empresa Engeset. Diferentemente dos outros grupos, a maior parte do corpo burocrático se sustenta exclusivamente com esse trabalho. O projeto desenvolve trabalhos em várias frentes, ligadas à educação ambiental e cultura popular, como modelos alternativos e complementares de educação, tema exclusivo para o financiamento de projetos sociais realizados pelo Instituto Algar. É um dos principais projetos de responsabilidade social do Instituto Algar¹¹³ e o que dá maior visibilidade, resultados e produtos efetivos.

Esse grupo, enquanto proposta pedagógica, visa disseminar nos conteúdos básicos da educação formal a pluralidade cultural brasileira, bem como a necessidade de preservação do meio ambiente, através de projetos como o Educando, oficinas realizadas pelos multiplicadores para professores da rede municipal e outros tipos de oficinas realizadas em escolas públicas e espaços culturais de Uberlândia e Araguari. Também possui o NEPP – núcleo de pesquisa de patrimônio cultural – que realizou vídeos sobre folias de reis, congadas, o bairro patrimônio, Pena Branca e Seu Charqueada.

Em todos os espetáculos realizados pelo projeto sempre há um discurso muito forte pela a valorização da cultura popular regional, citando sempre a riqueza e o resgate das músicas de folias de reis e congado em contraposição aos estilos hegemônicos da indústria cultural.

Um outro artista de destaque na região, parceiro de Pena Branca e do Projeto EmCantar, é o cantor e compositor Luiz Salgado, que lançou em 2002 o CD *Trembão*

¹¹³ No 1º Seminário de Educação do Instituto Algar, realizado dia 25 e 26 de novembro, o instituto apresentou um panfleto com seus projetos na área de responsabilidade social. O Instituto Algar possui dois programas de Educação: Programa de Investimento Social e Programa de Voluntariado. O Programa de Investimento Social têm os seguintes projetos financiados: Correio Educação, Criança, EmCantar e Histórias de Nossa Terra. O Programa de Voluntariado tem os seguintes projetos: Acontecendo na escola, Alô Companheiro Solidário, Consórcio do Bem, Construir, Crescendo com @ educação, Cuidar, Eu vou para o CEEU, Incolê, Leitura Viva, Mãos à Obra, Orientar para educar e crescer, Pequeno Cidadão, Somos PARCEiros e Voluntários em Ação. No final do panfleto está a seguinte conclusão: *Nossas práticas sociais já têm importantes reconhecimentos, como estar entre os 10 exemplos de cidadania corporativa pelo guia da revista exame nos anos de 2000 e 2001.*

Projetos Sociais e de Voluntariado ()*

	<i>Projetos</i>	<i>Escolas</i>	<i>Professores</i>	<i>Alunos</i>	<i>Voluntários</i>
<i>2002</i>	<i>04</i>	<i>94</i>	<i>1130</i>	<i>32260</i>	<i>0</i>
<i>2003</i>	<i>18</i>	<i>111</i>	<i>1406</i>	<i>36495</i>	<i>426</i>

Beneficiados diretamente pelos projetos

pela lei de incentivo estadual. Seu disco teve uma tiragem mais modesta, de 1000 cópias. Em seus shows o cantor também sempre valoriza os aspectos da cultura popular regional, principalmente através das manifestações de moda de viola, de causos de santos católicos, como São Gonçalo protetor dos violeiros, da folias de reis e dos congados.

Começou sua carreira musical ainda adolescente em sua cidade natal, Patos de Minas, influenciado por seus pais e avós. Cantava na escola, em casa (para as visitas) e em programas de rádio. Nessa época, cantava as músicas que ouvia em sua casa e na casa de seus avós, como cantigas de roda, cirandas, músicas que aprendia na escola, algumas que tocavam no rádio (como rocks nacionais e internacionais) e também cantou em movimentos de igreja, onde começou a aprender violão. Mudou de Patos de Minas para Uberlândia em 1997, onde começou a cantar na noite com repertório de MPB. Nessa época ainda tinha dificuldades em trabalhar a cultura popular nos bares, talvez por necessidade de entrar no mercado. Mas hoje, já mais estabilizado no contexto musical, consegue cantar as músicas regionais em bares.

Luiz Salgado diz que começou a voltar às suas origens musicais de cantar as cirandas, folias e outras cantorias mais rurais depois que se mudou para Araguari, por influência do Grupo Trem das Gerais - grupo de Araguari formado por uma família - além de outras referências, que lhe mostraram como é possível trabalhar a cultura popular na noite. Em seu CD Trembão gravou uma música de folia de reis (música 5 – em anexo,) de sua autoria em parceria com o Projeto EmCantar. Segundo o cantor sua relação com as folias vem de novo:

Fui criado ouvindo as Folias. Meus pais e avós sempre faziam almoço para os foliões, e meus tios na roça faziam à festa. Na rádio em Patos de Minas, tem até hoje, os concursos de Folia de Reis, onde os grupos arrecadavam benefícios para entidades carentes, e a gente sempre ouvia. O congado, fui tomar maior conhecimento depois que cheguei em Uberlândia. Também pesquisei em livros e CDs.¹¹⁴

O cantor também acredita que há uma separação muito grande entre música caipira e sertaneja, e compartilha da opinião de que a música sertaneja atual é voltada para o lado empresarial, com letras sem poesia, enquanto que a música caipira é mais rica em poesia e não se preocupa muito em criar concessões com o lado mais comercial que direciona a indústria fonográfica brasileira. Luiz Salgado vive somente da música e

¹¹⁴ Entrevista realizada via internet, dia 10/12/2005.

comenta que em certas épocas fica difícil viver exclusivamente dela, principalmente depois que parou de tocar músicas com as quais ele não se identifica mais.

Outro grupo muito importante na música regional é o Grupo Trem das Gerais, formado pelo casal Adolfo e Vânia e seus filhos Pedrinho e João Paulo. Em 1988 Adolfo começou a tocar nos bares, junto com Marco Aurélio, idealizador do Projeto EmCantar e o falecido amigo João Passarim.

Fiquei mais ou menos um ano e meio apenas tocando em casa, dando um tempo pra que pudesse assimilar os anos passados, foi quando vi que em casa havia um entrosamento musical muito raro. Eu sempre tocava com os meninos e com a Vânia. Daí em diante, sem a pretensão de criar um grupo, começamos a nos apresentar em diversos lugares, a convite de amigos que conhecia um pouco de nosso trabalho, e o Trem entrou nos trilhos e nunca mais saiu.

O grupo tem uma grande influência do congado. Adolfo diz que quando era garoto fugia da escola para acompanhar os ternos. Alguns de seus colegas eram filhos de congadeiros. Teve menos contato com as folias de reis, apesar de ser neto de portugueses e seu avô materno ter sido folião, mas acha que por ser mineiro do interior essa manifestação influenciou todo o universo que vive, de alguma forma. A religiosidade, os batidos, “até hoje sinto uma coisa no peito que não sei explicar direito quando vejo as folias” (ver música 6 – em anexo). Adolfo é maquinista de café e a profissão de música gera apenas uma renda complementar para o orçamento da família.

Nos últimos anos, três grupos importantes surgiram na Universidade Federal de Uberlândia, utilizando essa linguagem da cultura popular: o quarteto Vagamundo, o grupo cênico Baiadô e o grupo de pífanos Pifarinha, formado por alunos das artes cênicas. O grupo Baiadô foi idealizado pela professora Renata Meira, das artes cênicas da UFU. Em épocas de *Dancy Days*, Renata, paulistana, quando jovem preferia puxar escola de samba na cidadizinha de Arujá (SP) ao invés de dançar em boates, como suas amigas. Graduada em dança pela Unicamp, teve diversos professores que lhe influenciaram e mostraram inúmeras danças populares. O surgimento do grupo cênico ocorreu muito por causa dessas influências da cultura popular ou cultura tradicional, termo que ela gosta de utilizar.

A história do nome do grupo é muito interessante. Ocorreu primeiramente devido à sua bonita sonoridade, mas depois foram surgindo revelações. Em janeiro de 2003, na posse do presidente Lula, Renata foi até Brasília e no meio daquela festa, cheio de maracatus, escolas de samba e movimentos sociais ela escutou um tambor conhecido.

Ao se aproximar do som do tambor, que batia um carço – ritmo maranhense – ela se aproximou e escutou uma versadeira cantar “*Baila Bonito Baiadô, Baila Bonito Baiadô*”. A versadeira abriu a roda para outras pessoas colocarem seus versos e Renata, como também é versadeira, entrou na roda e cantou: “*Me desculpe o pé quebrado, é que eu tô muito contente, eu vim lá de Uberlândia só pra ver o presidente*”. No fim dos versos e das danças ela conversou com a versadeira, chamada Daraína, que é ex-mulher de um professor seu da Unicamp. Ao explicar o verso, Daraína disse que essa canção é da dona Elza de Tutóia. Três anos depois do surgimento do grupo, ao dançar pela segunda vez num terreiro de umbanda, terreiro da mãe Irene em Uberlândia, a professora encontrou-se com um pesquisador mineiro radicado em São Paulo, o DJ Tudo, que mistura música regional com música eletrônica e que estava gravando as músicas da festa de São João. Quando o DJ Tudo e a “capitôa” Renata se encontraram na festa, eles conversaram sobre o verso de carço “*Baila Bonito Baiadô*” e o músico, com o CD que havia gravado de Dona Elza de Tutóia no bolso, disse a ela que esse verso serve para abrir a gira da roda. Por coincidência, na hora que a mãe Irene abriu a gira, ela chamou o Baiadô para dançar na roda, fato que nunca havia ocorrido com o grupo.

Com uma ligação muito forte com os negros e com os ternos de congado da festa de N.S. do Rosário e São Benedito, o grupo Baiadô também já dançou num quartel de congado do grupo Sainha, um dos grupos mais antigos ternos de Uberlândia. Para a idealizadora do grupo é importante saber o momento certo para criar essa troca no espaço ritual dos grupos tradicionais. O grupo até havia pensado em dançar na praça em que acontece a festa do congado, mas consideraram essa estratégia um pouco abusiva. Poderia ser interpretada por algumas pessoas, inclusive pelos capitães, como uma invasão de espaço dos negros, afinal o grupo também não possui ligações diretas com os santos de louvor da festa. Tal receio não se verifica sobre cantar ou não, por exemplo, numa visita de pêsames, como ocorreu em certa ocasião no quartel do terno Sainha, espaço propício para o grupo dançar e realizar uma interação maior com o terno e com a festa como um todo, segundo a intelectual.

Como o Baiadô nasceu dentro da universidade, como um trabalho de pesquisa, Renata acha importante conversar sobre essas referências para conhecer melhor os ritmos e danças que utilizam na formação do repertório. Na verdade, a grande idéia do

Baiadô é não ser um grupo tradicional ou de resgate, mas um grupo que utiliza essas referências da cultura tradicional popular brasileira para a formação de um repertório artístico, que possibilite misturar e articular ritmos de regiões diferentes como um cacuriá, dança maranhense, com o congado de Uberlândia, mas sempre guardando as referências dos versos que recebem e informando as pessoas sobre a função ritual deles. Segundo a “capitosa”: *“eu não sei até onde a gente tá acertando nisso, não sei se alguém sabe. A gente é um ritual meio vira-lata que abre com um caxambu pra varrê um terrero de cacuriá e pra instaurá um Baiadô. Com isso a gente se apresenta”*¹¹⁵. Dessa maneira, o grupo Baiadô tenta ritualizar ao máximo possível suas apresentações, sem cair em um purismo de refazer os rituais da maneira que são feitos pelos “portadores de tradição”, termo também muito utilizado pela pesquisadora.

O grupo começou a ser composto basicamente por alunos universitários dos blocos vizinhos das artes cênicas. Estudantes de história, artes plásticas e música, até que, depois de algum tempo, alunos de outras áreas, incluindo biomédicas e exatas, profissionais liberais e pessoas das comunidades de periferias portadoras de tradição também foram se incorporando no grupo ao longo do tempo. Atualmente, vários integrantes oriundos desses diversos cursos universitários fazem pesquisas relacionando temas da cultura popular, caso de Cecília estudante de biologia que pretende estudar em etnobotânica as plantas medicinais utilizadas em rituais de umbanda, e Aline estudante de ciências sociais que quer iniciar uma discussão metodológica sobre o pesquisador dançante. Além disso, o Baiadô também faz oficinas em escolas, capacitação de professores e intervenções na cidade, visitando bairros ou praças sem a realização de um evento prévio formal.

Renata também produziu, junto com seu marido Túlio, um registro por meio de CD dos ternos de congado de Uberlândia. Os dois se reuniram com os ternos e com a irmandade e idealizaram o projeto do disco. Na época, instituíram uma equipe de produção composta pelos dois e o tesoureiro da Irmandade. Na reunião, decidiram não comercializar o CD quando pronto e dividir um tempo igual de mais ou menos cinco minutos para cada terno. Convidaram o percussionista de Belo Horizonte, Carlinhos Ferreira para fazer a gravação, transformando o salão do bloco das cênicas num estúdio.

¹¹⁵Entrevista realizada no dia 26/01/2006.

*Fica complicado desconstruir a formação do congado para eles tocarem. Então não dá para eles gravarem separados. Então a gente fez uma equalização geográfica. A patangoma mais longe, põe mais microfone na voz. Põe um microfone de coral em cima do coro. Sempre as meninas do coro têm que tá de cara com o capitão. É muito difícil tecnicamente a percussão e a voz, porque a percussão é muito pesada, mas eu acho que o resultado ficou legal.*¹¹⁶

A secretaria de cultura disponibilizou três veículos para transportarem os ternos. A gravação contou também com uma equipe de estudantes colhendo informações sobre a função ritual das canções, copiando a letra das músicas e fazendo um questionário sobre os grupos. Foram dois dias de gravação, sete ternos por dia. Ao todo eles recolheram quarenta minutos de gravação de cada um dos quatorze ternos. Apenas um terno de catupê não se interessou em participar.

Depois da gravação, que aconteceu em 2000, eles só conseguiram finalizar o CD em 2003, com a ajuda de alguns políticos ligados ao movimento negro de Uberlândia. Esses políticos tinham uma verba destinada pela Petrobrás para um projeto chamado *Memórias do Congado* e a procuraram para realizar a tiragem material. Depois de negociada a autonomia da edição das músicas e na produção dos textos no encarte, eles realizaram a reprodução do CD. Para Renata, o aspecto da distribuição foi um pouco frustrante, porque não houve cópia suficiente para todo mundo. Foram realizadas quinhentas cópias e apenas vinte e cinco destinadas para a irmandade. No fim das contas, destinou-se praticamente dois CDs para cada terno.

Outro grupo importante na música regional de Uberlândia é o quarteto Vagamundo, que surgiu em 1997 nos corredores do curso de música da UFU, por meio de um trote cultural promovido pelos veteranos do curso. Um pouco diferente dos outros grupos aqui identificados, que reiteram suas influências da cultura popular regional referidas principalmente no congado e nas folias de reis, esse grupo tem um trabalho voltado mais para um som regional universalista, inspirado principalmente no Clube da Esquina, Luiz Gonzaga, João do Vale e na MPB de uma maneira geral, como relata Juliana, uma das integrantes. Todos seus integrantes são formados em Música pela Universidade Federal de Uberlândia e recentemente lançaram um CD, com quinhentas cópias, produzido no *homestudio* de Carlinhos Menezes, integrante e arranjador do grupo. O quarteto se sustenta com a ação individual de cada um em outras

¹¹⁶Entrevista realizada no dia 26/01/2006.

atuações que não a do grupo, isto é o grupo ainda não se sustenta por meio de apresentações, shows, projetos ou comercialização de produtos.

Sobre a diferença entre a música regional e a sertaneja, o discurso da cantora e dançarina Juliana é bastante parecido com os discursos dos outros grupos regionais, mas possui um tom um pouco mais relativista sobre a atual música sertaneja:

Todas as duas estão carregadas de significados: uma, a regional, está mais próxima (ou ao menos deseja) do tempo e da história de quem escreve ou compõe, ao passo que a segunda, a sertaneja atual, está mais distante da própria história, da origem e do real destino de quem escreve ou compõe. Por que está nela o poder maior de mercado, ou seja, o poder de instigar a fantasia mais estreita do amor romântico, o que a meu ver define, como as próprias pessoas das classes mais desfavorecidas classificam, de “música romântica” e não mais sertaneja. Então em uma vejo a tentativa de identificar um mundo “antigo” ao qual se pertenceu e que se carrega ou que se admira e que, portanto tem uma identidade mais clara e definida, e a outra diria que vejo uma identidade diluída no poder de mercado, mas que revela uma identidade ainda que se construída a partir do valor de mercado e por isso menos original, no sentido de estar distante de sua origem que não precisa ser necessariamente rural, e que por isso, não considero como totalmente esvaziada de identidade acho que no fundo revela alguma...¹¹⁷

Apesar de ela ter uma visão semelhante a de outros músicos – a música caipira baseada em uma originalidade e a sertaneja no valor comercial – ela sugere, diferentemente de outros artistas, que até a música sertaneja romântica pode dar um sentido e revelar alguma identidade para as pessoas que as consomem: “*não considero como totalmente esvaziada de identidade, acho que no fundo revela alguma...*”. Sua concepção é muito próxima das concepções de muitos foliões. Entre eles também há uma separação conceitual do que é música caipira e sertaneja e também de identificação entre os estilos, mas suas opiniões também são mais relativizadas do que as dos músicos intermediários culturais. Apesar de muitos também compreenderem que essa nova música sertaneja é voltada mais para o mercado e que “as mais antigas têm uma poesia mais bonita” ou “os mais antigos tocam melhor que os mais novos”, muitos gostam de escutá-las ou pelo menos tem preferência por algumas dessas novas duplas ou cantores que tratam a música com mais seriedade.

Na contramão desses artistas citados acima, outros inúmeros grupos formados por foliões como o Trio Taí (ver música 7 – em anexo), o sanfoneiro Tostão¹¹⁸, o capitão de

¹¹⁷ Entrevista realizada pela internet dia 10/10/2005.

¹¹⁸ Apesar de não ter incorporado esse músico ao corpo do texto, por não ter tempo de entrevistá-lo de maneira satisfatória, Tostão é um sanfoneiro capitão de folia de reis e que tem uma banda baile (que toca os estilos hegemônicos da indústria fonográfica, apesar de ele também tocar muitos temas de Sivuca e Luiz Gonzaga mais desconhecidos) muito famosa em Uberlândia e região.

folia João Clemente¹¹⁹, que faz dupla com Clementinho, o grupo Karnina Muranga (ver música 8 – em anexo) e inúmeros outros foliões que possuem duplas, trios e grupos buscam o caminho do sucesso tocando estilos musicais mais aceitos pela grande mídia, “apesar” de serem capitães de folias e gostarem muito de música de raiz.¹²⁰

Como vimos, a mágoa contra a nova música sertaneja é, na maioria dos casos, explícita para esses intermediários culturais da música regional. A diferença de estilos é muito mais ressaltada do que as semelhanças. Eles querem se identificar muito mais com uma origem mais rural ou uma “identidade brasileira” ou “mineira” das manifestações da cultura popular, como as folias e os congados, do que com as novas duplas sertanejas criticadas como envoltas do valor comercial.

Outro aspecto notório na produção desses trabalhos é a parceria que os músicos regionais estão fazendo com o setor privado, através das leis de incentivos municipais, estaduais e federais. Isso se tornou nos últimos anos a principal alternativa para produções e reproduções das músicas que estão fora do circuito da grande mídia e das grandes gravadoras. Alguns problemas surgiram com essa nova forma de produção de produtos musicais, como grupos que se tornaram dependentes de grandes organizações empresariais, como o caso citado acima, do grupo Tabinha, que se desestabilizou com o fim da parceria e do patrocínio com o Instituto Algar. É nítido que a lei de incentivo à cultura surgiu como uma alternativa interessante ao monopólio das gravadoras, mas nem todos os agentes conseguem se inserir nessa produção cultural. A burocracia para escrever um projeto é muito grande: há planilhas de custos detalhadas, inúmeros itens a serem escritos academicamente. Quando aprovados, a maioria deles são levados para os empresários patrocinarem, através do abatimento dos impostos devidos pelas empresas patrocinadoras ao poder público. Na maioria dos casos, apenas grupos ou agências de criação específicas conseguem obter os recursos, criando *lobbies* junto às empresas privadas ou estatais para a captação de recursos. É dessa maneira que a maioria dos músicos regionais capta recursos para gravarem seus discos ou desenvolverem projetos sociais ligados à música. Às vezes sem a vocação de

¹¹⁹Hoje em dia, há uma grande oferta de estúdios e reprodutoras “caseiras” que possibilitam a gravação de um CD por um preço acessível (se comparado há cinco anos atrás) e a tiragem de poucas cópias.

¹²⁰ Os únicos foliões que conseguiram gravar um CD através dessas leis foram os foliões do grupo Karnina Muranga, que, diferentemente das outras folias da região, são também grupo musical profissional. Esse grupo tem foliões que trabalham em banco e outras ocupações de classe média, diferente dos padrões profissionais de foliões, que são pessoas das classes populares.

trabalharem como produtores culturais dependem de grupos especializados nesses serviços.

Se pensarmos no cenário macro da música brasileira, sem dúvida a indústria fonográfica perdeu e muito o seu monopólio das produções e reproduções dos CDs para essas leis culturais. Isso para não mencionar a pirataria, o aumento de estúdios caseiros e o maior acesso aos estúdios semiprofissionais, que possibilitou o barateamento da produção e reprodução dos CDs. Apesar disso, a indústria fonográfica e seus grandes monopólios não perderam a hegemonia na distribuição dos discos e no conluio com outros meios de comunicação de massa, principalmente a televisão. Esse é ainda um grande problema para artistas que estão fora do circuito das grandes gravadoras, apesar de poucos se interessarem em se apresentar em grandes programas de auditório. A questão é que pelo menos desejam sobreviver com mínimo de condições através de suas músicas. Mas, como vimos, pouquíssimos grupos musicais estabelecidos na região do Triângulo Mineiro conseguem sobreviver exclusivamente da sua arte.

O cenário alternativo é complicado para os agentes intermediários, que muitas vezes têm que adequar músicas para o gosto dos patrocinadores. Ou, como fez o grupo Karnina Muranga, que teve que “achar” foliões em Mato Grosso para conseguir a captação via lei estadual. Negociações sobre o tamanho do logotipo da empresa na contracapa do CD também são comuns. Escolha no repertório, números de cortesias para patrocinadores e uma série de detalhes mal combinados geram pequenos e grandes atritos entre esses parceiros do setor privado e o músico. Luiz Salgado, por exemplo, teve que interromper a produção de seu CD várias vezes por causa da falta de verba. A saída foi captar recursos com outras empresas que não as previstas inicialmente. O grupo Baiadô só conseguiu as reproduções do CD do congado depois de três anos de produção.

Portanto, a distribuição desigual de chances e espaços para esses agentes ainda é um entrave para muitos músicos brasileiros. Identificando foliões, agentes intermediários e músicos sertanejos da grande mídia, percebe-se que os últimos possuem maiores oportunidades que os demais agentes. Mas mais difícil ainda é para os foliões, congadeiros e artistas populares que desejam gravar um CD ou viver de música. O acesso aos meios alternativos da grande indústria fonográfica, como as leis de incentivo à cultura, não chegaram até eles ou, quando chegou, caso do Tabinha, não

foram sustentados. A folia Pena Branca, por exemplo, é outro grupo que, mesmo tendo o nome e o respaldo de uma figura importante da Música Popular Brasileira, ainda não conseguiu realizar o sonho de gravar um disco próprio. Dessa maneira, um dos pontos-chaves para um maior acesso, principalmente para as classes populares (foliões, congadeiros, sambistas, etc...) à produção desses bens culturais via leis culturais é uma maior descentralização do perfil de produtores culturais.



Figura 47 - Capa do CD do Grupo Trem das Gerais.

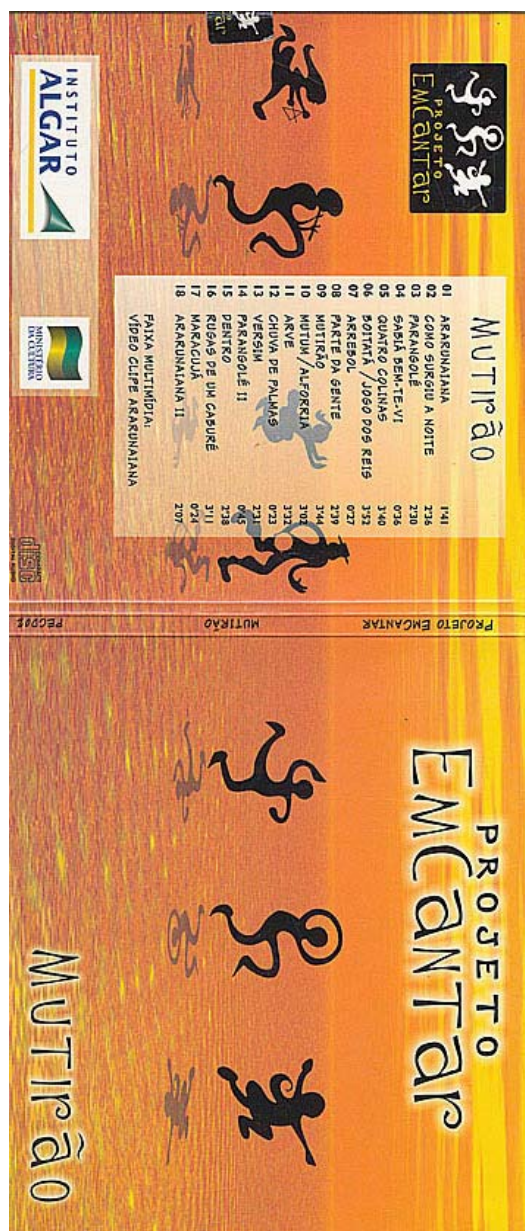


Figura 48 - Capa do CD do Projeto EmCantar



Figura 51 - Capa do CD Zé Renato e João Clemente.



Figuras 52 e 53 - Músicos regionais Luiz Salgado e Grupo Trem das Gerais.

Bibliografia

ABREU, Mauro W. *Folia de Reis: Fé e Resistência das Tradições Religiosas Populares Estranhadas nas Ondas do Progresso e da Modernidade de Uberlândia (1980/1997)*, Uberlândia, 1999. (Dissertação de Mestrado do curso de História, UFU).

ADORNO, T & HORKHEIMER, M. *Dialética do Esclarecimento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

ALEM, João Marcos. *Representações Coletivas e História Política em Uberlândia*. Revista História e Perspectivas, Uberlândia, 1991.

ALVARENGA, Nízia Maria. *Movimento Popular, Democracia Participativa e Poder Político Local: Uberlândia 1983/88*. Revista História e Perspectivas, Uberlândia, 1991.

AMARAL, Rita de Cássia. *Festa à Brasileira: Sentidos do Festejar no País que “não é sério”*. São Paulo: e-Books Brasil, 1998. (Tese de doutorado em antropologia, USP).

BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas: Magia e Técnica, Arte e Política*. São Paulo: Brasiliense, 1996.

BERGER, Peter. L. *O Dossel Sagrado: Elementos para uma Teoria Sociológica da Religião*. São Paulo: Paulus, 1995.

BONESSO, Márcio. *Romeiros da Água Suja: Os Caminhantes das Culturas Populares em Romaria-MG*. Uberlândia: Departamento de Ciências Sociais/UFU, 2000 (Monografia em Ciências Sociais, UFU).

BOURDIEU, Pierre. *A Economia das Trocas Simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1974.

_____ *A Economia das Trocas Lingüísticas*. São Paulo: Edusp, 1986.

_____ *Esboço de uma Teoria da Prática*. In: ORTIZ, R. (org.) *Pierre Bourdieu*. São Paulo: Ática, 1994.

BOSCHI, Caio César. *Os Leigos e o Poder: Irmandades Leigas e Política Colonizadora em Minas Gerais*. São Paulo: Ática, 1986.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *A Cultura na Rua*. Campinas: Ed Papyrus, 1989.

_____ *As Folias de Reis de Mossâmedes*. Cadernos de Folclore: FUNARTE, 1977.

_____ *As Cavalhadas de Pirenópolis*. Goiânia: Ed. Oriente, 1974.

_____ *Os Deuses do Povo: um Estudo Sobre a Religião Popular*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

_____ *O Divino, O Santo e A Senhora*. Rio de Janeiro: Fundação Nacional de Arte, 1978.

_____ *A Festa do Santo de Preto*. Goiânia: Ed UFG, 1985.

_____ *O que é Folclore*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

BRUYNE & HERMAN & SCHOUTHEETE. *Dinâmica da Pesquisa em Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

CAILLÉ, A. *Antropologia do Dom*. Petrópolis: Vozes, 2002.

_____ *Nem Holismo nem individualismo Metodológicos: Marcel Mauss e o Paradigma da Dádiva*. Revista Brasileira de Ciências Sociais, 13 (38):5-37, 1998.

CANCLINI, Nestor Garcia. *As Culturas Populares no Capitalismo*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1983.

CARDOSO, Ruth. *A Aventura Antropológica: Teoria e Pesquisa*. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

CASCUDO, Luiz da Camara. *Dicionário de Folclore Brasileiro*. Ministério da Educação e Cultura, 1972.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. *Os Sentidos do Espetáculo*. Revista de Antropologia. São Paulo, USP, vol. 45 no 1, 2002.

CHAUÍ, Marilena. *Conformismo e Resistência: Aspectos da Cultura Popular no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1996.

DA MATA, Roberto. *Carnavais, Malandros e Heróis: Para uma Sociologia do Dilema Brasileiro*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan S.A, 1990.

_____ *O que faz o Brasil, Brasil?* Rio de Janeiro: Rocco, 1984.

_____ *Individualidade e Liminalidade: Considerações sobre os Ritos de Passagem e a Modernidade*. 2000.

DA SILVA, José Carlos Gomes. *Negros em Uberlândia e a Construção da Congada: um Estudo sobre Ritual e Segregação Urbana (1940 – 1970)*. Uberlândia, 1996. (Relatório da FAPEMIG).

- DUARTE, A. H. S. D. *Ex-votos e Poesis: Olhar Estético sobre a Religiosidade Popular em Minas Gerais*. Uberlândia, 2003. (Dissertação de mestrado em história, UFU).
- DURKHEIM, E. *As Formas Elementares da Vida Religiosa*. São Paulo: Paulus, 1989.
- FEATHERSTONE, Mike. *Cultura de Consumo e Pós-Modernismo*. São Paulo: Studio Nobel, 1995.
- FERRETI, J.L. *Capitão Furtado: Viola Caipira ou Sertaneja?*. Rio de Janeiro: Funarte, 1985.
- FONTOURA S. M. & CELLULARE L.H. & CANASSA F. A. *Em Nome de Santos Reis : um Estudo sobre Folia de Reis de Uberaba*. Uberaba: Ed. Pinti, 1997.
- _____. *Em Nome de Santos Reis: Os Números das Folias Vol 2*. Uberaba: Ed Pinti, 1997a.
- GOVERNO DO ESTADO DE MINAS GERAIS, SECRETÁRIA DO ESTADO DA CULTURA *Primeiro Censo Cultural de Minas Gerais*. Belo Horizonte, 1995.
- GEERTZ, Clifford. *As Interpretações das Culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- GODBOUT, J.T. *O Espírito da Dádiva*. Rio de Janeiro: Ed FGV, 1999.
- _____. *Introdução á Dádiva*. Revista Brasileira de Ciências Sociais, 13(38):39-51, 1998.
- GRAMSCI, Antônio. *Cadernos de Cárcere. Vol.6*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- GUIDDENS, A & BECK U. & LASH S. *Modernização Reflexiva: Política, Tradição e Estética na Ordem Social Moderna*. São Paulo: Unesp, 1995.
- GUIMARÃES, Bernardo. *O Ermitão do Muquém*. Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1972.
- JANCSÓ, István & KANTOR, Iris (org.) *FESTA: Cultura e Sociabilidade na América Portuguesa Vol. 1 e 2*. São Paulo: Hucitec e Edusp, 2001.
- LUPI, João. *Moçambique, Moçambiques: Itinerários de um Povo*. Santa Maria: EdUFMSM, 1988.
- MACHADO, M.C.T. *Cultura Popular e Desenvolvimento em MG: Caminhos Cruzados de um mesmo Tempo*. São Paulo, 1998. (Tese de doutorado em história, USP).
- MAGNANI, José Guilherme C. *De perto e de Dentro: notas para uma Antropologia Urbana*. Revista Brasileira de Ciências Sociais – Vol. 17 número 49, 2002.
- _____. *Festa no Pedaco: Cultura Popular e Lazer na Cidade*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

_____ e Torres, L.L. (orgs.) *Na Metrópole: Textos de Antropologia Urbana*. São Paulo. Edusp, 2000.

MALINOWSKI, Bronislaw. *Introdução: O Assunto, o Método e o Objetivo dessa Investigação*. In: Durhan, E.R. *Malinowski*. São Paulo: Ática, 1986.

MARCOLINO, Aline de Andrade. *O Grupo de Folia de Reis Estrela do Oriente da Cidade de Uberlândia e a Circularidade Cultural*. Uberlândia, 2001. (Monografia do curso de música, UFU).

MARTINS, J.S. *Capitalismo e Tradicionalismo: Estudos sobre as Contradições da Sociedade Agrária no Brasil*. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1973.

MARTINS, P.H. (org.) *A Dádiva entre os Modernos*. Petrópolis: Vozes, 2002.

MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia Vol. 2*. São Paulo, Cosac & Naify, 2003.

MARRA, Fabíola Benfica. *Práticas do Catolicismo Popular em Romaria*. Uberlândia, 2002. (Monografia do curso de ciências sociais, UFU).

MICHELOTO, Antônio Ricardo - *Catolicismo e Libertação dos Setores Subalternos*. São Paulo, 1991 (Tese de doutorado, PUC).

MONTES, Maria Lúcia. *O Erudito e o que é Popular ou Escolas de Samba: a Estética Negra de um Espetáculo de Massa*. Revista USP. Dezembro/Feveireiro 1996/97.

_____ *As Figuras do Sagrado: entre o Público e o Privado*. In: História da vida Privada no Brasil, Vol. 4. São Paulo: Companhia da Letras, 1998.

MORAES, M.O. *Os Reis Magos no Espaço Urbano. Um estudo da Cultura Popular Religiosa: Cidade de São Paulo e Cidade do México*. São Paulo, 1999. (Dissertação de mestrado em Integração da América Latina, USP).

MOREYRA, Yara. *De Folias, de Reis e de Folias de Reis*. Goiânia: Revista Goiana de Artes, 1983.

_____ *Música nas Folias de Reis "Mineiras" de Goiás*. Goiânia: Revista Goiana de Artes, 1983.

MOTA, L.A. *A Dádiva da Sobriedade*. São Paulo: Paulus, 2004.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso. *O Trabalho do Antropólogo*. São Paulo: Unesp, 1998.

_____ *Introdução a uma Leitura de Mauss*. In: Mauss. Coleção Grandes Cientistas Sociais. São Paulo: Ática, 1985.

ORTIZ, Renato (org.) *Pierre Bourdieu*. Coleção Grandes Cientistas Sociais. São Paulo: Ática, 1994.

_____ *A Consciência Fragmentada: Ensaios de Cultura Popular e Religião*. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1980.

- _____ *Cultura Brasileira & Identidade Nacional*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1995.
- PEDROSO, Carlos. *Folia de Reis: Folclore Encantado*. Uberaba. Poligráfica, 2003.
- PEIRANO, Mariza. *A Favor da Etnografia*. Série antropologia 130. Brasília: UNB, 1992.
- PIERUCCI, Antônio F. & PRANDI, Reginaldo *A Realidade Social das Religiões no Brasil: Religião, Sociedade e Política*. São Paulo: Hucitec, 1996.
- RAMOS, Artur. *As Culturas Negras no Novo Mundo*. São Paulo: Editora Nacional, 1979.
- REIS, João José. *A Morte é uma Festa: Ritos Fúnebres e Revolta Popular no Brasil do Século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- RUSSEL-WOOD, A.J.R. *Fidalgos e Filantropos: A Santa Casa de Misericórdia da Bahia, 1550 – 1755*. Brasília: UNB, 1968.
- SANTOS, Boaventura. *Pela Mão de Alice. O Social e o Político na Pós-Modernidade*. São Paulo. Cortez Editora, 1997.
- SILVA E SOUZA, Geovane. *Religião e Organização do Espaço em um Centro de Peregrinação: O Caso de Romaria (MG)*. Uberlândia, 2002. (Tese de mestrado em Geografia, UFU).
- SOUZA, Laura de Mello E. *O Diabo e a Terra de Santa Cruz: Feitiçaria e Religiosidade Popular no Brasil Colonial*. São Paulo: Companhia da Letras, 2002.
- SEGALIN, Martine. *Ritos e Rituais Contemporâneos*. Rio de Janeiro: FGV, 2002.
- SOIHET, Rachel. *A Subversão pelo Riso*. Rio de Janeiro: FGV, 1998.
- STEIL, Carlos Alberto. *O Sertão das Romarias*. Petrópolis: Ed.Vozes, 1996.
- _____ *Peregrinação, Romaria e Turismo Religioso: Raízes etimológicas e Interpretações Antropológicas*. In: ABUMANSUR, E.S. (org.) *Turismo Religioso: Ensaios de Antropológicos sobre Religião e Turismo*. Campinas: Papirus, 2003.
- TINHORÃO, José Ramos. *As Festas no Brasil Colonial*. São Paulo: Editora 34, 2000.
- TURNER, Victor. *O Processo Ritual: Estrutura e Antiestrutura*. Petrópolis: Vozes, 1974.
- ULHÔA, Martha Tupinambá. *Música Sertaneja em Uberlândia na Década de 1990*. Revista ArtCultura. Dossiê História e Música, no 9, Uberlândia, 2004.
- VIEIRA, Padre Primo Maria. *Nossa Senhora d' Abadia de Água Suja*. Romaria: Academia N.S. da Abadia, 2001.

VIEIRA, Monsenhor Primo. *Nossa Senhora d'Abadia: A História de uma Devoção*. Romaria: Academia N.S. da Abadia, 2001.

VIEIRA, Sônia Maria. *Folia de Reis*. Rio de Janeiro: EdUFRJ, 1989.

VAINFAS, Ronaldo & SOUZA Juliana Beatriz. *Brasil de Todos os Santos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

WEBER, Max. *Economia & Sociedade*. Brasília: Ed.UNB, 1991.

WISNIK, J. Miguel. *O Som e o Sentido: Uma outra História das Músicas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

ANEXOS

Anexo 1:

Voto de Seu Alair.

A : Um voto que eu fiz, eu não gostaria de contar isso pra qualquer um, mas foi negócio muito lindo e maravilhoso ! Eu estava deitado na minha cama, assim que eu vim do hospital com a crise de derrame que eu tive, o médico falou assim “Se vai deitar na sua cama!” E eu vim deitar, mais nem virava sozinho, num chegava ninguém, vinha gente todo dia num tinha nada, foi aquela luta de um doente na cama. Eu fiquei seis meses, seis meses certinho na cama. Isso vinha muita gente, eu num dava bola pra ninguém, tava inconsciente para falar e não estava enxergando nada. Mais como eu sô devoto de Santos Reis, eu tenho o meu lá no quarto, né ? Ele fica lá no canto e é um Santo Reis que é benzido, num é um santo qualquer, é um santo que já foi benzido. Aí deixei lá. O dia que interou seis meses que eu estava operado eu acordei, na tarde de seis meses. Eu acordei e levantei a primeira vez, para eu ir ao banheiro, ou qualquer coisa, eles tinha que ir lá e me levantar, duas pessoas, né. Um só num dava não. Aí eu levantei e vi “Quem pois isso aqui ? É Santos Reis!”, mais não falei, só falei pra mim, né ? Eu não estava falando neim. Eu olhei pra eles assim... e falei “Será que eles vieram me curá?”. Fiquei na dúvida, eu num sabia se eu tinha posto ele lá, ou se era alguém que tinha... . Eu queria ter a certeza de quem colocou ele lá, quem que foi ? Mais seis meses que eu tava desacordado... . Aí eu deitei de novo “ Deve sê alguém que pois lá.”, mais deitei com aquilo na cabeça. Nisso eu olhei pra lá tava os Três Reis descendo do quadro, descendo do quadro, os Três. Ficou José, Maria, o menino Jesus e a Estrela. O resto das coisas ficaram todos lá, no quadro. E o Rei Beichior, Rei Gaspar, Rei Baltazar tava

descendo. Descendo, assim, quando saíram do quadro, virava uma pessoa, sabe! O outro saía do quadro virava uma pessoa. Aí vieram os Três, um sentou na minha frente, outro sentou assim de lado, nas minhas pernas e outro mais nos pés. Aí um deles, eu num lembro o qual, me perguntou assim “Você está achando que nós viemos pra ti curar?”, eu falei sô. Já comecei a falar, meio embaraçado, mais falei, né ?

“Nós já fizemos tanta coisa pra você e você num sabia que nós viemos para ti curar ? Nós fizemos tudo isso pra você e você num sabe de nada até hoje ? Estamos aqui ! Nós todos Três estamos aqui !

Eu olhei neles, uma vontade de pegar na mão deles, mais eu pensei “Deixa mais tarde antes deles embora eu pego na mão deles.” E fiquei. E eles conversando, conversando. Aí eu falei assim, deitado na cama, “Então, vocês poderiam fazer um negócio para mim !”. Falei muito mau, né ? Bem mau. “Eu queria dá um salto dessa cama e pular no chão ! E do chão ir lá na cozinha, onde está minha esposa, que eu desejo contar isso pra ela ! E seis me espera aí !

Ele falou “Você pode.”. Eu vi aquelas, aquele vestuário, aquela coisa, tudo parecido demais com eles. Eu olhava no quadro estava o lugar branco lá deles, né ? Aí eu falei assim “Eu quero ir lá na cozinha ! E preciso dá um pulo aqui no chão, e quero ir lá, quero ir sozinho ! Para provar para vocês não, porque vocês sabe. Mais para provar para mim que eu estou curado.

Aí sim, vim na cozinha e quando a Mariinha viu eu chegar, ela ficou, embaraçoso assim... viu uma coisa, né ? E a mulher tremia... e eu comecei falar pra ela que os Santos Reis, eles estavam de viagem, eles tava no meu quarto, e que eu vim falar pra ela de um voto que eu tinha feito pra eles... . Eu fiz voto, eu deitado na camas e eles do lado. Eu falei “Se vocês me curá mesmo, eu quero fazer um negócio. Eu quero tirar uma Folia três dias, eu não vou comer, não vou conversar, não vou falar com ninguém... e só depois de rezar o terço aqui na minha casa, tudo arrumadinho é que eu vou dá meu grito de alarme, né ? (risos)

Aí eu contei o caso pra ela, ela falô assim “Uai faz, eu te ajudo. Mais quem te trouxe lá do quarto aqui?”. Eu falei “Foi Deus.”, aí eu falei assim “Vai na minha frente e vai lá vê se os Mago inda tão sentado na cama ! Es tava sentado!”. Ela saiu doida, né, pra ir , né ? Foi, eles estavam lá no lugar deles, no mesmo lugarzinho. Eu cheguei também, olhei pra cima, eles estavam lá no lugar deles. Aí eu falei assim “De certo eles já fizeram o possível e o impossível, agora tão ao lado do menino Jesus, porque tanto

tempo eles fizeram uma adoração pra eles e recebeu esses milagres, né ? Foi isso que me aconteceu no sonho.

M : Aí o senhor levantou e depois desse dia o senhor começou a andar, a...

A : Comecei andar, num deitei mais essa hora, porque era pra mim voltar e deitar, né ? Eu comecei andar, fui no portão devagarzinho e eu falei “Ó Mariinha, você convida os folião assim, daqui uns dia, espera eu melhorar mais um pouquinho a voz, pra você falar pra eles vim pra gente cumprir o voto, né ?”. Aí eu saí pra cumprir o voto, quando chegou a data eu saí e expliquei pra eles como era o meu voto e tal, só depois que eu chegasse na minha casa eu ia conversar. Eu só cantava os verso, né ? Mais conversar não. E num comi nada também, eles comeram muita coisa e eu fiquei por fora olhando. E graças a Deus é esse o meu voto. Pra mim, pra meu gosto, é o voto que mais me levou uma certa influência tão positiva. Foi muito bom esse voto! Foi algo que eu não poderia desejar nada melhor.

Anexo II:

Partituras

Transcrições Aline Marcolino.

"Estrela do Oriente"
Perseguição do Rei Herodes

This musical score is for the song "Estrela do Oriente" (The Star of the East), specifically the "Perseguição do Rei Herodes" (Persecution of King Herod) section. It is arranged for a band. The instruments listed are Violão (Guitar), Capitão (Trumpet), 1a. voz (1st Voice), 2a. voz (2nd Voice), 3a. voz (3rd Voice), 4a. voz (4th Voice), 5a. voz (5th Voice), pandeiro (Tambourine), and caixa (Drum). The score shows the beginning of the piece with a key signature of one sharp (F#) and a 2/4 time signature. The guitar part has a series of chords: G, D7, G, D7, G, D7, G, D7, G, D7, G. The vocal parts are currently blank, and the percussion parts show a rhythmic pattern.

8

This section of the musical score contains the lyrics for the song. The lyrics are: "po do rei He - rodes Cru - di - men - te go - ver - nava". The score shows the vocal lines for the 1st, 2nd, 3rd, 4th, and 5th voices. The guitar part has chords: G, C, D7, D7. The percussion parts show a rhythmic pattern. The lyrics are: "No tem - po do rei He - rodes Cru - di - men - te go - ver - nava".

15

rodes oi ai Cru-el-men-te go-ver nava

rodes oi ai Cru-el-men-te go-ver nava

rodes oi ai Cru-el-men-te go-ver nava

Ah

Ah

23

rodes oi ai Cru-el-men-te go-ver nava

rodes oi ai Cru-el-men-te go-ver nava

Ah

Ah

Nascimento de Jesus (Cardeira)
Letra: João Pires / Arr.: Pires Jr.

This musical score is for the piece 'Nascimento de Jesus (Cardeira)'. It is arranged for a variety of instruments and voices. The instruments listed are Acordcon (Acordion), Capitão (Capitão), 1a. voz (1st voice), 2a. voz (2nd voice), 3a. voz (3rd voice), 4a. voz (4th voice), 5a. voz (5th voice), 6a. voz (6th voice), contra 6a. voz (contra 6th voice), pandeiro (pandeiro), and caixa (caixa). The score is written in a key signature of three sharps (F#, C#, G#) and a 4/4 time signature. The Acordcon part has a melodic line with some grace notes. The voice parts are currently blank. The pandeiro and caixa parts have a rhythmic accompaniment consisting of eighth and sixteenth notes.

This section of the musical score includes the vocal lines and lyrics. The lyrics are: oi mei - a noi - te já é da-da ni ai pra - zer San - to res - pi - re (e) - mos Pra - zer. The score shows the vocal parts (1a. voz to 6a. voz) and the instrumental parts (pandeiro and caixa) for this section. The lyrics are written below the vocal staves. The instrumental parts continue with their rhythmic accompaniment.

San - to res - pi - re e mos
oi mei - a noi - te já é da-da ai ai ai Pra - zer
oi mei - a noi - te já é da-da ai ai ai Pra - zer
oi mei - a noi - te já é da-da ai ai ai Pra - zer
oi mei - a noi - te já é da-da ai ai ai Pra - zer

San - to res - pi - re - mos pra - zer San - to res - pi - re - mos
San - to res - pi - re - mos pra - zer San - to res - pi - re - mos
San - to res - pi - re - mos pra - zer San - to res - pi - re - mos
San - to res - pi - re - mos pra - zer San - to res - pi - re - mos
ai ô lê ah ah ah ah la la lai ah ah ah ah ah
ah ah la lai ah la ah ah ah ah ah
ah ah la lai ah la ah ah ah ah ah

Saudação de Prezépio
Zé Retnato & João Clemente

Acordeon
Capitão
1a. voz
2a. voz
3a. voz
4a. voz
5a. voz
pandeiro
caixa

ai Pai e Fi - lho Es - píri - to

Detailed description: This is a musical score for a piece titled 'Saudação de Prezépio' by Zé Retnato & João Clemente. The score is arranged for a band consisting of an Acordeon, a Capitão (likely a vocal soloist), five voices (1a. voz to 5a. voz), a pandeiro (snare drum), and a caixa (bass drum). The music is written in a key with one sharp (F#) and a 4/4 time signature. A vertical bar line is placed after the first measure of each staff. The lyrics 'ai Pai e Fi - lho Es - píri - to' are written under the Capitão staff.

San - to na ho - ra de co - me - ça (a) na ho - ra de co - me - ça ah (a a a ai a)

Detailed description: This is the second system of the musical score. It continues the arrangement with the same instruments as the first system. The lyrics 'San - to na ho - ra de co - me - ça (a) na ho - ra de co - me - ça ah (a a a ai a)' are written under the first vocal staff. The score continues with musical notation for all instruments.

ai Pai e Fi - lho Es - piri - to San - to ai na ho - ra de co - me - ça (a ai na ho -
ai Pai e Fi - lho Es - piri - to San - to ai na ho - ra de co - me - ça (a ai na ho -
ai Pai e Fi - lho Es - piri - to San - to ai na ho - ra de co - me - ça (a ai na ho -
ai Pai e Fi - lho Es - piri - to San - to ai na ho - ra de co - me - ça (a ai na ho -
ai na ho -

- ra de co - me - ça (a) ai ah
- ra de co - me - ça (a) ai ah
- ra de co - me - ça (a) ai ah
- ra de co - me - ça (a) ai ah
- ra de co - me - ça (a) ai ah

II - Eu peço a Deus e os Três Reis Santos
 Para nos abençoar, para nos abençoar
 a a a ai ah

III - Eu vou saudar o Santo Prezépio
 Como manda a Escritura, como manda a
 Escritura
 a a a ai ah

IV - Eu saúdo o menino Jesus
 O filho da Virgem pura, o filho da Virgem pura
 a a a ai ah

V - Eu também saúdo a Virgem Maria
 Escolhida em Nazaré, escolhida em Nazaré
 a a a ai ah

VI - Para que fosse a Mãe de Jesus
 A esposa de São José, a esposa de São José
 a a a ai ah

